SEM RESTRIÇÕES

Restrições não existem quando você ama...

DUOLOGIA *IRMÃOS THOMPSON*

HEAVEN RACE
LAURA QUEREN

SEM RESTRIÇÕES

Restrições não existem quando você ama...

DUOLOGIA *IRMÃOS THOMPSON*

HEAVEN RACE
LAURA QUEREN

Copyright © 2022 HEAVEN RACE

SEM RESTRIÇÕES

VOLUME 2

1ª Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Imagens da capa: Depositphotos
Capa: Heaven Race
Revisão: Bianca de Oliveira, Heaven Race e Laura Queren
Revisão final: Heaven Race
Diagramação Digital: Heaven Race

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

SUMÁRIO

Sinopse
Nota
Avisos
Prólogo
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

25
26
27
28
29
30
31
Epílogo

SINOPSE

MADISON

Ter colocado sobre mim tantas responsabilidades pra tentar salvar minha família foi a decisão mais altruísta e autodestrutiva que um dia eu já tomei, mas, se foi essa a decisão que me levou até ele, eu a tomaria de novo, de novo e de novo.

MATTEW

Colocar meus olhos sobre ela e não poder tocá-la foi a maior tortura por qual já passei. Eu a teria. Em algum momento, em alguma hora. Só não consegui prever aquilo. Agora eu só consigo querê-la mais e mais. Só para mim. Mesmo que seja por meio de um maldito contrato.

Madison Johnson carrega uma bagagem muito pesada desde a adolescência e, pela primeira vez na vida, ela encontrou alguém, por acaso, que estivesse disposto a dividir com ela esse fardo.

Mattew Thompson se vê atraído pela jovem à primeira vista, mas, o que ele não esperava, é que a sua realidade fosse um pouco mais sombria do que aparentava ser.

Ainda assim, ele não pensa duas vezes antes de lhe oferecer ajuda: *um contrato*.

De empregada doméstica da sua irmã caçula a sua mais nova assistente pessoal, Mattew Thompson faz a vida de Madison virar de ponta cabeça quando lhe propõe um “simples acordo”.

Para Madison, dividir o mesmo teto que ele é nada mais, nada menos, que pisar em campo minado com a expectativa de que a qualquer momento tudo entre em colapso e vire cinzas.

Ele está salvando não só a vida dela, mas de toda sua família.

Ela quer manter as coisas tais como estão redigidas no contrato.

Mas, tudo se complica quando eles não conseguem esconder a atração que sempre insiste em os unir sem restrições.

A convivência deles em meio a tanto desejo se complica dia após dia.

Madison e Mattew brigam e sentem raiva um do outro o tempo todo, mas, basta só um olhar, que de mais nada servem as suas defesas.

NOTA

SEM RESTRIÇÕES *é o segundo livro da Duologia "Irmãos Thompson", que se inicia em* ***SEM AMARRAS parte I e II****.*

Escrever esse livro e desvendar Madison e Mattew foi uma viagem muito mais louca e intensa do que a que tivemos quando nos deparamos com Katherine e Christopher.

Esperamos do fundo do coração que vocês possam entender e mergulhar nesse livro dispostos a abraçarem esses dois problematicoszinhos com quem vocês estão prestes a dar de cara.

Que vocês possam aproveitar mais um livro da nossa parceria e se preparem porque ainda vem muita coisa por aí.

Um beijo recheado de carinho e agradecimento.

Boa leitura e divirtam-se,

Laura e Heaven.

AVISOS

Este livro contém gatilhos para assédio sexual.

Caso seja sensível ao tema, sugiro que não leia ou pule as cenas.

“Ela tem percorrido as estradas mais escuras.
Ela está sozinha, sim.
(...)
Ela colocou um preço naquele corpo.
Você quer, você paga, né.
(...)
Ela está cansada deste lugar.
Ela quer uma nova vida pra viver.
Ela quer se sentir segura.”

ESCORT — *Chase Atlantic*

MADISON JOHNSON

— passado —

Foco.

Era disso que eu estava precisando no momento: colocar a cabeça no lugar e focar no que realmente importa.

Por que diabos eu não consigo parar de pensar nele?

O irmão da minha mais *nova chefe* estava fazendo um bom trabalho — *de um jeito nada agradável* — em não deixar a minha cabeça e os meus pensamentos em paz nem mesmo aqui, *no inferno*.

Desastre definiria perfeitamente o que o meu sexto sentido diz que vai acontecer entre nós dois. Não que eu estivesse esperando que algo acontecesse... não, não é bem assim... é só que não conseguir tirá-lo da minha cabeça deve significar algo, certo?

Quanto mais penso em Mattew, mais me perco em mim mesma.

Isso por si só já não basta como uma boa desculpa em minha defesa?

Engulo o bolo que começa a se formar no topo da minha garganta, completamente sozinha entre aquelas quatro pavorosas e familiares paredes.

Estou finalmente pisando de volta nesse lugar após um mês inteiro longe e estava sendo pior do que a primeira vez que, de fato, entrei aqui.

Depois que comecei a trabalhar na casa de Katherine — *o que ainda não faz sequer duas semanas* —, quase me deixei esquecer dessa grande responsabilidade sobre minhas costas... desse outro lado da minha vida.

A essa altura, é meio que impossível não me sentir mais suja do que o normal. Isso me incomoda mais do que eu poderia esperar que

incomodasse, o que *quase* me surpreende.

Sim, é errado.

Sei que o que eu faço é errado de tantas formas — *principalmente no que diz respeito a mim mesma* —, mas é o que precisa ser feito, errado ou não, em nome da minha família.

Aperto as pálpebras com força, buscando fugir daquela insuportável realidade por alguns instantes antes de ser obrigada a mergulhar nela, mas acabo encontrando os orbes azuis no fundo da minha mente com tanta nitidez que abro os olhos desesperada, assustada, checando ao redor com medo de ele estar aqui.

Talvez o motivo desse sentimento exagerado de sujeira que eu não encarava frente a frente a algum tempo venha da constante sensação que tenho do seu olhar sobre mim.

Por que eu simplesmente não paro de andar em círculos e o esqueço?

Inspiro. Expiro.

Isso.

Esquecer.

Esquecer ele.

Isso.

É só esquecer.

"Está tudo bem", penso, tentando me acalmar gradualmente.

Apanho o pincel de maquiagem em cima da pequena penteadeira à minha frente, encarando meu rosto pálido e aplicando mais uma camada generosa de maquiagem sobre as minhas pálpebras, me dedicando logo em seguida às minhas bochechas e lábios.

A verdade é que, por mais que eu tente fingir, não está tudo bem. As coisas estão bem longe de estarem bem.

No final de tudo, não importa o caminho que estou tentando tomar numa parte do dia, não importa o quão correta eu tento ser para me convencer de que ainda resta um pedaço que seja dentro de mim bom o suficiente para qualquer coisa. Eu sempre acabo ali, no mesmo lugar, precisando desesperadamente de mais. E é óbvio que eu me humilho por mais.

Com uma vida como a minha, já tive o prazer — *e, na maior parte do tempo, o desprazer* — de experienciar todo tipo de situação e sentimento.

Quando era pequena, o que eu mais sentia era felicidade. Afinal, o que mais uma criança sem preocupações e obrigações poderia sentir? Eu gostava de ser feliz e sempre dei muito valor a isso, independente da minha maturidade ou falta dela.

Pensando e olhando para trás, sinto falta de ser feliz mais do que qualquer outra coisa.

Há um ano, quando conheci esse lugar após atingir o ponto mais fundo dentro do meu poço particular, a dona do clube onde danço às madrugadas, senhora Maggie, me disse algo que foi o suficiente para me fazer seguir em frente naquele momento.

Secretamente, me faz seguir em frente até mesmo nos dias de hoje.

O sentimento é apenas um momento.

Você pode estar *feliz* num segundo e no outro estar *triste*.

Você pode estar *triste* num segundo e no outro estar *feliz*.

A minha maior questão, depois de entender isso, é: *quanto tempo um momento pode durar?*

Eu não queria fazer o que estava fazendo.

Eu só queria ser alguém normal, com anseios normais, com necessidades normais, com objetivos normais. Mas eu não era nada disso. Por isso, foi inevitável não me sentir a pessoa mais repugnante do mundo naquele primeiro dia.

Por *um momento*, cogitei acabar com tudo.

A sensação de nojo, culpa, confusão e insegurança me fizeram acreditar que talvez eu pudesse morrer naquela mesma noite e tudo estaria bem.

A verdade é que não, não estaria, nem ficaria.

Mas, as palavras da senhora Maggie me fizeram seguir em frente mais uma vez.

O meu nojo era apenas *um momento*.

A minha culpa, confusão e insegurança, eram apenas *um momento*.

Isso passaria, certo?

Aprendi a sufocar muito bem esses sentimentos dentro de mim, então é inacreditável como um simples olhar *dele* traz à tona tudo que tenho me esforçado para deixar morto dentro de mim por mil e um motivos óbvios.

Eu ainda estou agarrada à ideia de que logo não vou sentir mais tudo isso, mas ter que voltar a velha rotina de dar as caras nesse trabalho três dias na semana não me ajuda em nada, principalmente quando tenho que lidar com um homem — *no mínimo* — desafiador demais na outra parte do dia.

Inspiro o ar com força, finalmente dando-me por satisfeita com minha produção.

Talvez todo meu drama seja só mais da minha velha e conhecida frustração aflorando outra vez.

A verdade que ninguém me disse quando deixei minha família para trás e abandonei todos os meus sonhos só para trabalhar, é que é cansativo ir longe demais para salvar a vida de uma pessoa amada.

No caminho, estou me perdendo por inteira e sequer consigo visualizar a rota de volta. *“Talvez eu nem tenha mais forças para voltar”*, é o que consigo concluir, ficando de pé e encarando a minha figura no espelho.

O *body* de renda que cobre o meu corpo é quase pornográfico. Desconfortável é muito pouco para descrever o que sinto usando isso, mas é justamente por *isso* que fui paga essa noite.

Tento ajustar o tecido sobre a minha pele, mas o fato de eu não vestir nada por baixo me deixa ansiosa e nervosa.

Em parte — *uma grande parte* —, com medo também.

Senhor Ford me fez uma proposta da última vez em que esteve aqui e eu aceitei.

O que eu faço?

Eu danço.

Danço em clube de elite privativo e muito requisitado por quem realmente tem dinheiro. De figuras políticas até as celebridades mais quentes do momento; qualquer pessoa que tenha um bom nome, posição social e dinheiro, pode entrar aqui e pagar pelo serviço que quiser receber.

Mas eu só danço.

Isso tem sido um grande problema para os meus *clientes fiéis*.

Eles não estão acostumados a receber um não, principalmente de alguém que trabalhe aqui e não aceite ganhar dinheiro para algo mais.

Dançar — *o que tanto amo fazer desde que tenho alguma lembrança nítida do meu passado* — já estava sendo suficiente para me fazer duvidar do meu próprio caráter.

Na minha cabeça, o que me protege de ultrapassar a linha aceitável e decente para tudo que faço, é o meu medo de enlouquecer após isso.

Eu vejo de perto o que acontece com quem ultrapassa sem pensar direito.

Oito em cada dez meninas que aparecem nesse clube para dançar e passar por períodos experimentais, acabam não resistindo às propostas desses malditos homens ricos.

Eu não queria aceitar e, por Deus, nunca aceitei, mas estava cada dia mais desesperada por mais e mais dinheiro. Foi isso que me fez aceitar a irrecusável proposta do senhor Ford e, se eu soubesse que meu caminho cruzaria com o de Katherine, talvez eu tivesse pedido um pouco de tempo para pensar.

O dinheiro que estou ganhando com ela é bom.

Não é suficiente, claro, e nem chega perto de ser, mas talvez eu pudesse apertar um pouco mais as coisas e realmente pensar direito antes de aceitar outra proposta como a última.

Mas agora já foi.

Eu já recebi e gastei o cinquenta por cento pago antecipadamente e precisava muito do restante.

As humilhações que você precisa passar por causa de um estúpido pedaço de papel valioso são aterrorizantes.

Encaro o pequeno relógio grudado na parede, fugindo da imagem perturbadora que tenho de mim mesma, e apanho meu roupão do encosto da cadeira. Por fim, pego a máscara que protege minimamente a minha identidade e amarro a fita na parte de trás da minha cabeça.

Está na hora.

Estou pronta.

Saio do meu camarim, o único lugar que tenho paz dentro desse inferno, e aceno para o segurança que está parado ao lado da minha porta. Não trocamos nenhuma palavra. Ele só me acompanha por todo caminho até a área privada das cabines de luxo, um caminho muito bem conhecido por mim.

Minhas pernas tremem durante o percurso inteiro.

Meu pulso acelera, espancando cada pedaço meu.

Minha respiração fica difícil e eu preciso segurá-la para não me descontrolar.

Meu corpo inteiro sofre com aquela onda de ansiedade que eu preciso ignorar a todo custo.

— O roupão — o segurança pede, no procedimento de sempre.

Entrego a peça para o homem com as mãos tremendo. Diferente de todas as outras vezes, ele passa cinco segundos a mais parado ali, me encarando, antes de pigarrear e me dar as costas.

Engulo em seco a sensação podre que cresce por debaixo da minha pele fria e fito a porta vermelha. Uma placa de *"Não perturbe!"* balança de um lado para o outro na maçaneta. Dou duas batidas na porta antes de digitar a senha no painel digital e escutar um *click*.

"Você vai sobreviver, Madison. Seja forte", penso, tentando me consolar por um último instante.

Entro na cabine espaçosa de cabeça baixa, mas não deixando de esticar um sorriso forçado que faz os cantos da minha boca começarem a doer num piscar de olhos. O cheiro nojento que eu nunca soube como definir ao certo me acerta em cheio, fazendo minha cabeça doer imediatamente.

É o cheiro do senhor Ford.

Forço-me a empurrar o queixo para cima quando a porta atrás de mim se fecha em mais um *click*.

Estamos oficialmente sozinhos.

Seu olhar me deixa amedrontada.

Ele não sabe nem para onde olhar primeiro, enquanto eu me obrigo a não usar os braços para me proteger daquela maldita violação. O sorriso que o velho Ford dá é o mesmo de sempre, fazendo com que calafrios lentos se arrastem por toda a minha espinha.

Eu sei o que ele quer comigo e de mim. Toda vez, antes de nos despedirmos, ele faz a mesma proposta: *uma noite juntos, só uma*.

Não.

Isso não.

Nem com ele, nem com qualquer outro.

Seu olhar animado desce do meu novamente para seguir revelando cada pedaço íntimo à sua vista.

Depois de mais uma negativa ao final do nosso último encontro, senhor Ford fez a proposta: dance para mim com um *body* de renda transparente e eu pago quinze mil.

Tudo que sinto debaixo do seu olhar nojento é que talvez, tecnicamente falando, a partir desse momento, não faz muita diferença se me deito com ele ou não, afinal... ele consegue ver *tudo*.

Estou completamente impotente diante da situação humilhante e vergonhosa.

Dando alguns passos em minha direção, ele diz:

— Você não faz ideia do quanto eu quero te tocar agora, número 73.

Entramos com nomes e permanecemos como números.

Por mais que pareça uma grande quantidade de mulheres, fui a última a entrar oficialmente desde algum tempo. Pra dez anos de funcionamento, ser a número 73 é algo até consideravelmente decente — *como se alguma coisa pudesse ser decente nesse negócio*. Somente vinte mulheres estão trabalhando ativamente e cinco de nós somos reservadas especificamente para esse serviço mais seleto, se assim posso dizer.

Eu sou uma delas.

Feliz ou infelizmente... bom, eu nem sei qual das opções se adequa mais a minha situação.

— *Faço sim, senhor Ford* — sussurro, mas, ainda assim, é alto o suficiente para ele escutar por cima da música abafada em nossa cabine.

Engulo em seco, entrando no personagem.

Passo por ele, subindo os três degraus que me colocam em cima do pequeno palco que fica ali no meio, e me seguro na barra do *pole dance*, como se ela pudesse evitar a minha queda.

— Você tem tentado me tocar há meses, não é?

Rodopio em cima dos saltos finos, sorrindo abertamente ao parar de frente para o velho homem inclinado na minha direção. Ele pagou para me ver e, ainda que eu não quisesse, tinha que me mostrar a ele.

Era como era, justo em sua injustiça.

Senhor Ford está muito perto, mas ele não ousa me tocar.

Ele sabe que não pode até que eu diga que sim. *E eu nunca diria*.

— Você está satisfeito com o que vê, senhor Ford? — continuo provocando, sentindo sua respiração quente bater no decote frágil da peça de renda. Ele concorda prontamente com um aceno. — É exatamente como imaginou?

Poderia me matar nesse exato momento por alimentar aquele flerte ridículo por causa da porra do dinheiro.

Por que um pedaço de papel vale tanto?

Por que números em conta são tão importantes?

Por que a merda do governo não ajuda quem realmente precisa?

— Está ainda melhor do que tudo que eu imaginei, número 73.

Ele lambe os lábios e toma seu lugar no banco grudado às paredes vermelhas em formato de meia lua. Assisto seus punhos cerrarem com força, como se ele realmente estivesse se controlando para não colocar as mãos asquerosas sobre mim. Senhor Ford pega sua bebida sobre a mesinha lateral, mas nunca afasta os olhos de cima de mim.

Engulo a bile amarga que sobe por minha garganta, balançando o meu quadril com a batida suave da música lenta que está toda ao nosso redor.

Duas horas.

São só duas horas vestindo isso, dançando e fazendo companhia para ele e outro homem que ainda está por chegar.

Negócios, eu presumo.

Já acompanhei meia dúzia desses homens aqui, mas ultimamente o senhor Ford é o único que tem desembolsado uma quantia considerável por mim, por isso lhe dou total preferência.

Quem paga pelo nosso tempo, geralmente espera que nós deixemos os seus convidados com o pau tão duro, que eles vão parar de pensar com a cabeça de cima para pensar com a de baixo, e, assim, tomar vantagem em seus negócios.

Isso que Ford quer de mim — *além de todo o resto* — e é isso que pretendo dar a ele.

— Vamos fazer um negócio essa noite — diz, recostando o corpo no acolchoado.

— Isso tudo já não é um negócio? — Sorrio. — Não é por isso que estamos aqui?

— Você sabe do que estou falando, 73.

Ele fala de... *mais?*

Os quinze mil são suficientes para dar continuidade ao tratamento do meu pai por mais algumas semanas e cuidar das despesas da minha mãe e da minha irmãzinha.

Esse é o negócio.

Ele já está feito.

— Não entendo — retruco, me fazendo de idiota, mas não perdendo o ritmo da música que retumba no fundo da minha cabeça.

Essas serão as duas horas mais longas de toda minha vida.

O homem me deixa dançar um pouco antes de continuar falando. Tento lançar a minha atenção e pensamentos para longe, mas eu não consigo. Fico me torturando em torno de suas palavras, tentando ignorar aquele calafrio rastejante que sobe por minha espinha como de costume.

— Estou falando de... além disso, número 73. — Leva o copo de uísque até os lábios pálidos e finos, sorrindo depois de tomar um gole. — Estou falando dos *nossos negócios*.

Finjo que não lhe escuto, virando-me de costas e fechando os olhos com força ao me esforçar até o limite para manter meu corpo se movendo de acordo com a música.

— Já fizemos um bom negócio da última vez, é por isso que estamos aqui.

— Mas você não precisa de mais?

Eu posso até imaginar o sorriso em sua boca crescendo perversamente.

“Sim, eu preciso”, pondero.

Mas não desse jeito.

— Se eu precisar de mais, com certeza trabalharei para ganhar mais.

Puxo o ar, prendendo-o em meus pulmões, como se soubesse que algo de importante viria a seguir.

— Cento e cinquenta mil dólares?

Ele acabou de dizer cento e cinquenta mil dólares como se fosse... nada?

Paro de dançar.

Giro meu corpo com dificuldade, sentindo os músculos em minha panturrilha arderem, repuxando até onde aguentam. Pra falar a verdade, tudo arde. Aquela menção... aquele tanto absurdo de dinheiro.

Deus... quando foi que eu ouvi falar assim tão fácil de tanto dinheiro?

Quando eu estive tão perto de alcançar isso?

— Cento e cinquenta mil dólares mudariam a sua vida, não é, número 73? — Ele fica de pé, a centímetros de mim. — Uma noite, cento e cinquenta. — O hálito de álcool é podre. Como ele. Como o que ele quer. — Então, depois disso, se você quiser, podemos ter outras noites juntos. — Os dedos pairam sobre a minha pele. Por um momento, meu coração quase para de bater. — Quanto mais deixar eu tocar você e provar dessa bocetinha, 73, mais dinheiro você vai ter. Estou obcecado por você desde que te vi no andar de baixo...

Não consigo mover nenhum dos meus músculos.

Suas palavras ecoam dentro da minha cabeça, enquanto uma parte minha realmente avalia a sua proposta e a outra simplesmente me condena como a pessoa mais imunda do mundo.

Você não pode morrer se já estiver morto.

Eu já não estava morta há muito tempo?

Um *click* chama minha atenção, mas eu continuo petrificada, estarrecida.

Cento e cinquenta mil dólares.

— Não sabia que você também negociava sexo, Ford. — Um tom rouco e com certo ceticismo nos ataca. — Pensei que sua mania de querer comprar as pessoas e as coisas a qualquer custo só acontecesse nos *negócios de verdade*.

Não sei se sinto alívio ou desespero ao notar que o seu convidado chegou.

Quinze mil já era muito.

Cento e cinquenta era...

Quão egoísta eu seria se não aceit...

Não, não. Eu não estou sendo egoísta, certo?

Eu... eu...

— Algumas bocetas valem à pena todo dinheiro — senhor Ford revida, aparentemente divertido, passando por mim como se eu nem estivesse mais ali.

— Espero que sua mulher nunca fique sabendo disso. Seria uma decepção, não acha?

O velho homem ri.

— Quando chegar na minha idade, você vai conseguir entender essa *necessidade* — explica, como se aquilo realmente fizesse sentido em sua cabeça.

Lembrar que ele tem uma mulher me deixa ainda mais culpada.

Eu ainda ponderei a ideia...

— Se isso faz você se sentir melhor, diga o que quiser.

— Número 73, esse é o nosso convidado. — Viro-me em câmera lenta. Desnorteada, atordoada e parcialmente sem rumo. — Por favor, o cumprimente.

Inclino a cabeça pra cima, dando um passo incerto para frente pra soltar a barra do *pole* enquanto fito a figura larga e musculosa com calma, pedaço por pedaço, até alcançar o seu rosto... *impecável*.

De um jeito incomum e diferente, meu coração bate forte.

Muito, muito forte.

É um ritmo que, nem quando nos conhecemos na cozinha de sua irmã, senti.

Meio que fiquei atraída por ele à primeira vista, é por esse motivo que não consigo tirá-lo da minha cabeça. Não tenho o menor orgulho de admitir isso, nem de longe, nem de perto, principalmente sendo como sou..., mas é a verdade.

Mattew Thompson é, no mínimo, muito, muito bonito.

Se você olha para ele uma vez, você vai querer olhar mais umas vinte.

Mas, mesmo com a sua beleza inegável, o meu coração não bateu tão forte como agora.

Para isso eu tenho uma explicação óbvia: *são situações diferentes*.

O seu olhar cortante examina cada polegada minha.

Ele visivelmente não se envergonha, mas... eu?

Eu só quero sair correndo o mais rápido que minhas pernas deixarem.

O contato navega dos meus olhos até a minha boca — *os únicos dois lugares visíveis em meu rosto por causa da máscara* —, então escorregam pelo meu pescoço até pousarem sobre os meus seios pesados.

Como nunca aconteceu antes, meu corpo acorda.

Sinto minhas pernas bambearem, mas não é de medo.

Sinto o ponto entre as minhas pernas apertar, mas não é por reflexo.

Sinto meus mamilos empurrarem com força contra o tecido áspero de renda, mas não é de frio.

Estou quente.

Inteira.

Fervendo.

Dos pés a cabeça.

Involuntariamente.

Só com o seu olhar.

É o mesmo olhar..., *mas diferente*.

Ele sobe o mesmo outra vez até o meu e só precisa de mais um segundo me encarando para ele perceber quem eu sou.

Um lampejo de surpresa perpassa por seu rosto junto com curiosidade, susto e... raiva.

É perturbador e intenso.

Eu sinceramente só queria sair correndo desse lugar.

Só queria sumir e tentar entender o que Mattew está fazendo comigo.

— Seja bem-vindo, senhor...?

— Thompson — responde, voltando à falta de emoção de antes.

— Seja bem-vindo, senhor Thompson — repito, orgulhosa de mim mesma por não gaguejar, enquanto todo resto começa a me enlouquecer vagarosamente.

— Negócios, então? — Mattew comenta sem tirar os olhos de mim por mais alguns instante e, logo após, praticamente se obriga a encarar o senhor Ford. — Vamos acabar logo com isso — sentencia sem demonstrar um pingo de paciência.

— Claro — senhor Ford responde prontamente, animado com a presença do outro. — Número 73, você sabe o que fazer — comanda e eu só aceno com a cabeça, encarando os meus pés e torcendo para não tropeçar sobre eles.

Endireito-me em cima do pequeno palco novamente e fecho os meus olhos.

O toque familiar do celular do mais velho se sobressai entre nós três.

— *Só um instante* — pede quase num sussurro.

Sinto a movimentação ao meu redor, mas ainda não me atrevo a abrir os meus olhos.

O silêncio é preenchido pela música.

Só pela música.

Engolindo meu orgulho e me enchendo de bravura, forço as pálpebras para cima até que eu consiga focar nele.

Mattew está a poucos passos de distância de mim.

— Você não vai dançar pra mim?

Então é isso que você sente antes de pular de um prédio sem paraquedas?

01

“Eu estou aguentando tudo isso por nós.
Fazendo tudo isso por amor.”

ALL FOR US — *Labrinth feat. Zendaya*

MADISON JOHNSON

— presente —

Eu vou matar Mattew Thompson e essa é uma questão inegociável pra mim.

Estava usando com ele toda paciência que tinha desde que os laços entre nós dois se estreitaram o suficiente para haver um pouco de intimidade.

Quando nos conhecemos na cozinha da sua irmã, não foi difícil conseguir manter uma boa impressão a seu respeito. Ainda que ele tenha me confundido com uma das amigas de Katherine — *alguém com quem ele provavelmente já ficou antes a julgar pela forma que me abraçou pela cintura sem pensar duas vezes* —, isso realmente não foi algo que me fez duvidar do seu caráter.

Claro, eu fiquei *beeem* assustada.

Toda situação foi chocante, principalmente por ter sido pega de surpresa.

Lembro perfeitamente da sensação de ter meu coração praticamente saindo pela boca quando nossos olhares se cruzaram pela primeira vez ao me virar em sua direção.

Foi diferente.

Eu me senti diferente.

Mas, apesar de tudo, me recompus enquanto Mattew tentava me dar uma rápida explicação e desculpa para a sua atitude. De fato, não foi difícil manter uma boa impressão de Mattew, mas isso só durou até *aquele dia*.

Não...

Não estou falando do dia em que, por puro azar, ele foi fazer negócios com meu antigo fiel cliente, senhor Ford.

As coisas ficaram estranhas, é claro, mas isso não foi o que me fez mudar de opinião em relação a Mattew.

Também não foi o contrato.

Embora algumas cláusulas sejam discutíveis, eu sei que ele só estava tentando me ajudar... e Mattew tentou fazer isso de várias formas.

Por causa dele, parei de me submeter àquela vida infernal nas madrugadas em que tinha que dançar seminua para figurões da alta sociedade. Também parei de trabalhar como se não houvesse amanhã. As minhas piores e mais dolorosas preocupações também sumiram. Dinheiro era uma coisa engraçada e, depois do contrato que assinamos, ficou cada vez mais claro como, ainda que falem que dinheiro não compra felicidade, eu poderia muito bem listar por horas os motivos pelos quais penso o contrário.

O tratamento de câncer do meu pai agora estava sendo seguido à risca, sem atrasos por falta de grana e sem preocupação com os medicamentos caríssimos dos quais ele precisa fazer uso contínuo, mesmo durante o tratamento.

A situação da minha mãe e da minha irmãzinha também estava mais tranquila.

Toda aquela carga de ter que sustentar minha família tinha saído dos meus ombros. Não totalmente, é óbvio, porque ainda tenho um contrato a

seguir, mas, de tudo que já fiz, isso é moleza.

Pelo menos foi o que pensei até o momento em que pisamos em Washington.

Mattew Thompson é um homem difícil e eu nunca tentei florear isso.

Ainda na casa de Katherine, quando ainda estava sob os comandos de sua irmã, a sua personalidade impetuosa já era bastante incisiva. Mas, aqui? Na sua casa? Ele é simplesmente insuportável. No trabalho? Jesus, eu queria poder colocar veneno na sua comida, pra ver se assim ele me deixa em paz.

Tento ponderar as coisas como sempre, mas Mattew realmente não tem jeito.

Metódico e ranzinza.

O cara é um verdadeiro dominador em tudo que faz e em tudo que deseja.

Até mesmo a sua forma de pedir um favor grita a dominância que exala naturalmente dos seus malditos poros.

Ele controla cada passo que eu dou, e, quem dera isso tivesse a ver com nosso contrato..., porque, não... não tinha.

Apesar dos meus deveres em certos momentos, de algumas cláusulas discutíveis e desnecessárias, não é como se eu tivesse feito um acordo e vendido meu corpo em consequência para alcançar os meus objetivos.

Na verdade, existe uma seção inteira naqueles papéis que enumera todos os motivos pelos quais *nenhuma das partes deve ter qualquer tipo de relação emocional ou física uma com a outra*. Ele deixa explícito o quão intolerável isso é... mas, ainda assim, anda pra cima e pra baixo como se fosse meu dono.

Reviro os olhos.

Dono...

Como se eu tivesse um dono.

Como se eu *quisesse* um dono.

Cada vez que Mattew diz que eu sou sua e que só deixarei de ser sua quando nosso contrato acabar, eu tenho vontade de matá-lo.

Ele fez isso antes de sairmos de casa, como de costume, em carros separados.

Minha parada no *Starbucks* me deixou um pouco mais calma, mas é só pisar no andar em que trabalhamos, que toda minha tranquilidade vai embora.

Marcho até minha sala, acenando para a secretária geral de Mattew durante o caminho, enquanto imagino como vai ser ter que encará-lo sem poder colocar minhas mãos ao redor do seu pescoço para fazê-lo sufocar.

Abro e fecho a porta atrás de mim, bebericando um pouco da minha bebida e deixando nossos copos sobre a mesa.

Com um suspiro, desabo na minha confortável cadeira.

Os minutos começam a correr ao meu redor — *é sempre assim quando estamos perto um do outro* — e, enquanto checo a agenda de Mattew para o dia no *iPad* do escritório, sinto seu olhar sobre mim.

Suspiro, irritada com sua atenção.

Ergo o meu rosto, sem conseguir me concentrar apropriadamente, e o acho ali. Poucos metros e uma simples parede de vidro nos separam. O telefone já está grudado em sua orelha e só demora dois segundos até que o meu comece a tocar.

É claro que é esse cretino.

Apesar de não ter como negar a beleza óbvia estampada em cada pedaço maldito do seu corpo, eu o odeio tanto nesse momento que nem isso me distrai da raiva que Mattew me fez passar nos últimos dias.

Me tirar do casamento da sua irmã praticamente arrastada com a promessa de que nós dois... *nós dois*...

Esquece, Maddie.

Esquece.

— Sim, senhor Thompson? — Atendo à contragosto, sentindo meus dentes rangerem uns contra os outros.

— *Na minha sala, senhorita Johnson*.

— Por favor? — retruco exasperada, arqueando uma das sobrancelhas.

Mattew desliga na minha cara.

Meu sangue ferve.

Me sinto tão quente, que tenho vontade de... de...

Deixa pra lá.

Fico de pé, segurando o *iPad* num dos braços e seu copo de café que preparei no primeiro andar antes de subir pra cá. Andando em passos largos até a porta conjugada dentro de nossas salas, entro na sua, batendo sem muita paciência.

Ele pediu que fizessem isso.

Ainda lembro do dia em que pisei pela primeira vez em sua sala e vi homens derrubando essa parede para instalarem uma separação de vidro no lugar.

Um pouco depois, descobri que eu seria quem ficaria ali do outro lado.

Entender Mattew é impossível, mas o julgando por sua veia controladora, talvez ele quisesse se certificar com os próprios olhos de que eu estaria fazendo meu trabalho corretamente — *e sem corpo mole* — como sua secretária pessoal.

As tarefas têm aumentado com o tempo, mas não é nada tão complicado assim, afinal, geralmente só preciso lidar com a sua agenda pessoal e, em ocasiões especiais, estar ao seu lado para grandes eventos como *sua namorada*.

Bufo.

Namorada.

Essa é a cláusula e detalhe mais irritante em nosso contrato.

Depois de passar a maior parte da minha vida vivendo de aparências, sempre forçando sorrisos e dizendo mais “está tudo bem” do que deveria, ter que fingir em jantares importantes que Mattew e eu estamos juntos é insuportável.

Odeio isso.

Odeio mesmo.

Mas, acima de tudo, odeio como nós dois estamos quebrando detalhe por detalhe de tudo que está marcado naquelas folhas.

— A secretária de Dylan está doente e a senhora Williams vai acompanhá-lo numa reunião daqui a pouco. Você está bem em atender a reunião comigo?

Essa é a primeira coisa que sai da sua boca quando paro em frente a sua mesa.

Deixo ali seu copo de café que preparo religiosamente da mesma forma nas manhãs em que venho trabalhar aqui — *o que não são todas, por conta das aulas na faculdade*. Seiscentos *ml* do líquido escuro com uma pedrinha de açúcar e um dedo de leite. Da primeira vez que preparei a sua bebida, seguindo o rigoroso passo a passo em que a senhora Williams me guiou, me perguntei se o açúcar e o idiota dedo de leite faziam alguma diferença no resultado.

Resumo da ópera: *não*.

Pelo menos não para mim, que naquele mesmo dia testei a receita antes de voltar para a minha sala e achei ridiculamente ruim, me forçando a beber tudo só para não estragar o que já tinha feito.

Daquele dia em diante, nunca mais fiz a loucura de trocar meu, recém-descoberto, *vanilla latte* cheio de calda de caramelo do *Starbucks* por sua bebida amarga e sem graça.

— Isso é decisão sua, senhor Thompson — respondo à pergunta, dando de ombros.

Tecnicamente, eu não deveria acompanhá-lo, senhora Williams é quem faz isso, mas imprevistos acontecem. Não tenho para onde correr e não posso me dar ao luxo de não exercer minha função. Além disso, Mattew e eu estamos em pé de guerra, o que significa só uma coisa: nenhum dos dois vai dar o braço a torcer.

Eu vou e está tudo bem.

É só uma reunião.

Corro os olhos por sua agenda, agora com mais atenção nos tópicos que a senhora Williams é responsável e entendo o motivo da sua indagação.

Reunião às oito e meia com Isaiah Ford.

— *Madison* — grunhe, claramente irritado, porque ele só usa meu nome nesse estado.

Nada de Madison ou muito menos Maddie.

É sempre senhorita Johnson.

Mas Mattew quer mesmo falar sobre irritação?

Porque eu posso passar o resto do dia elencando todos os motivos pelos quais ele me irrita. É só pensar nisso que a sua cena no casamento de sua irmã volta a minha cabeça novamente.

Nós saímos às pressas e não fizemos nada.

Não que eu estivesse esperando algo, para início de conversa, mas ele fez uma cena para *nada*.

É frustrante em todos os sentidos.

— Sim? — retruco, tentando manter minha calma.

— Estou tentando perguntar como se sente.

— Então use as palavras certas.

— *Eu estou tentando* — repete compassadamente, os dentes rangendo costumeiramente.

Respiro fundo.

Um de nós precisa ser racional aqui.

— Está tudo bem, senhor Thompson. Farei o meu trabalho e ponto. Sempre usei máscara, então você não precisa se preocupar com qualquer inconveniente.

— Eu te reconheci — argumenta.

— Você é inteligente.

— Agradeço o elogio — rebate —, mas, se isso é tudo que tem para dizer, posso alegar que Ford também é um homem inteligente.

— Mas ele é velho.

Uma sombra de diversão perpassa o rosto de Mattew.

É raro vê-lo se divertindo.

Tão raro que assusta.

— Senhorita Johnson, você está me dizendo que ele não vai te reconhecer só porque está velho?

— Sim.

Dou de ombros.

— Então você é inocente pra caralho. — Bufa em resposta. Ele toma um longo gole do seu café, fechando os olhos por um instante e abrindo-os

de um jeito mais afiado, me encarando duro como sempre. — Bom, se essa é a sua decisão final, fique pronta para sairmos em meia hora.

— Sim, senhor. Eu estarei pronta.

Giro em meus calcanhares, sentindo os músculos em minhas panturrilhas repuxarem enquanto caminho até a porta conjugada.

Antes de conseguir sair ilesa, ele me chama uma última vez:

— Senhorita Johnson.

Olho em sua direção sobre o ombro.

— *Sim?*

— Você ainda está chateada comigo?

— Discutir em casa já não é o suficiente? — retruco, tirando a capa profissional por um instante.

— Já faz quase duas semanas.

— Chateada não chega nem perto do que eu estou sentindo por você desde então.

Mattew fica de pé.

Um dos cantos de sua boca se levanta também.

— Isso é maldade da sua parte.

— *Maldade* — ironizo, quase perdendo minha paciência. — Isso é tudo, senhor Thompson?

Ele concorda.

— Nos vemos daqui a pouco.

Daqui a pouco o cacete!

Mattew vai ficar me encarando através da maldita parede de vidro pela próxima meia hora. Eu sei muito bem disso. É o que ele tem feito desde que nós voltamos ao trabalho após mais um desentendimento, e é o que ele sempre faz quando me tira do sério.

A gente se entende dessa forma.

Ou pelo menos tentamos.

Talvez eu seja a única que ainda tenta.

02

“Eu acho que entendi a mensagem por um tempo,
Eu vou desconectar e manter o coração seguro.
(...)
É mais fácil dizer que somos apenas amigos.”
LOVE IS (NOT) EASY — *Chase Atlantic*

MADISON JOHNSON

Pensei que seria capaz de aguentar.

Sinto meus batimentos cardíacos acelerarem pela trigésima vez em menos de meia hora e é só então que eu percebo que subestimei demais os meus próprios gatilhos.

Pensei que aguentaria ficar cara a cara com o senhor Ford sem me sentir mal.

Ele sempre me causou náusea, nojo e muita, muita ansiedade.

Era como se eu fosse nocauteada por uma onda dupla de ansiedade e adrenalina toda vez tínhamos um encontro marcado.

Controlei bem meus sentimentos quando vi seu nome ali na agenda de reuniões de Mattew, mas foi só colocar os pés na sala e encará-lo que tudo dentro de mim começou a entrar em colapso.

A voz do senhor Ford me causa arrepios.

Arrepios *ruins*.

As lembranças que ele joga sobre mim só com a sua maldita voz tem me deixado completamente aérea desde que nos encaramos pela primeira vez em meses sem qualquer contato.

A máscara me protegia, sem dúvidas.

Enfrentá-lo sem nada — *nem ninguém* — para me proteger, faz com que eu me sinta tão frágil, mas tão frágil, que começo a me odiar por isso.

Eu não sou frágil.

Eu não *posso* ser frágil.

Preciso me proteger, *sozinha*.

Exatamente como tem sido desde que deixei o Arizona.

É isso e nada mais.

Mas, por que não consigo me controlar mesmo ciente da minha situação?

Minhas pernas balançam debaixo da mesa e o meu único alívio no momento é que o tampo do móvel não é de vidro, caso contrário, como eu explicaria a minha inquietude?

Sinto como se estivesse tentando engolir meio quilo de farinha de trigo sem água. A minha garganta está completamente fechada, obstruída. Cada palavra que sai da sua boca vai me deixando mais e mais desesperada para que a reunião acabe logo.

— Não vamos chegar em acordo nenhum desse jeito, Ford — Mattew sentencia, sério, fazendo-me voltar a focar na conversa só por sua causa. — Falamos sobre isso anteriormente e eu já disse que não vou sujar o nome da minha família para defender uma causa perdida, principalmente quando você sequer pretende se declarar culpado.

— Não tem como me declarar culpado, Thompson. Tenho dinheiro e *status*. — Engulo em seco, ficando cada vez mais nervosa. — Comprar uma mulher não é tão difícil.

Sinto seu olhar sobre mim.

Meu estômago afunda num embrulho apertado.

— Se não é tão difícil, por que se passaram meses e você ainda não resolveu seu problema sozinho?

— Ela quer mais, Thompson, e você sabe como elas são. — *"O que ele quer dizer?"*, penso. — Apesar de ser vice-governador de Nova Iorque,

não tenho mais como fazer grandes retiradas de dinheiro sem parecer suspeito por isso. Minha esposa pode começar a desconfiar e tudo pode complicar se aquela mulher vier a público.

Eu não prestei atenção na conversa que eles tiveram naquela noite no clube. A presença de Mattew me fez voar para longe, ainda muito surpresa e chocada, enquanto eles faziam negócios... ou pelo menos Ford tentava fazer.

Hoje, quem está me fazendo voar para longe é o velho homem.

Do que ele está falando?

Uma mão alcança minha coxa esquerda discretamente por debaixo da mesa. Quase pulo de susto, mas relaxo assim que percebo que é *ele*. Mattew me fita brevemente, pigarreando antes de dar uma resposta ao outro. De alguma forma estranha e inexplicável, ele me passa uma grande porção de segurança só com aquele mísero olhar e toque.

Seus dedos massageiam por cima do tecido grosso da peça agarrada a mim e eu engulo um suspiro que quase escapou automático.

Puxo a caneta do *iPad*, começando a rabiscar a tela cegamente e me segurando ao máximo para não ir longe demais em meus pensamentos.

Preciso me distrair.

— Não vou pegar o caso — Mattew declara. — Mas te desejo sorte se ela realmente fizer o que está ameaçando há meses. Você vai precisar.

A palma de sua mão se espalha e toma um espaço considerável sobre mim. É grande. Do jeito que eu o senti em nossa primeira e última vez juntos.

Por um instante, penso em como seria sentir o seu toque novamente.

Sua pele na minha, sem restrições.

Mesmo que eu me pegue desejando isso, volto para a Terra e me lembro de que não podemos.

Nada mais do que desastre poderia sair de nós dois.

— Você está cometendo um erro — Ford replica, aparentemente irritado. — Eu não fiz nada, Thompson, só preciso de alguém bom como um de vocês para me ajudar nessa luta.

— *Luta?* — Mattew ri, apertando minha perna num segundo e suavizando no outro. — Quem não deve, não teme, Ford. Pare de dar dinheiro para ela e espere a mulher entrar na justiça. Se tiver provas concretas o suficiente para atestar sua inocência, voltarei atrás e pegarei o caso. Mas, se suas provas forem aquelas merdas que já me mostrou, não me procure novamente. — Pausa. — Defender pessoas do seu tipo vai contra o que acredito e defendo.

— Do meu tipo? — grunhe, ficando de pé e empurrando a cadeira para trás num estrondo. — O que está tentando insinuar?

— Não preciso insinuar nada. — Mattew fica de pé ao meu lado e se move tranquilamente até a porta. Abaixo minha cabeça, espremendo os meus olhos e prendendo a respiração. — Se isso é tudo, você já pode ir..., e, por favor, não incomode mais a minha secretária para marcar outra reunião. Eu realmente não tenho interesse em ter o nome da minha família envolvido com o seu.

O ar ao nosso redor pesa.

A passada pesada e arrastada do senhor Ford é tudo que escutamos pelos próximos dez segundos.

— Não foi isso que a minha sobrinha me disse.

Hã?

Do que ele está falando?

Sobrinha?

— Isso é tudo, Ford? — Mattew retruca.

— Existem advogados melhores do que você por aí.

O homem cospe as palavras com desprezo.

— Então por que está demorando aqui? Vá atrás deles.

Mais um encontro sem sucesso.

Um, dois, três... cinco, seis... dez, onze... quinze.

Escuto a porta fechar e só então abro os olhos, sentindo meus ombros mais leves e a minha postura menos tensa.

O olhar de Mattew queima sobre mim.

— Você disse que estava bem — atira, agora dedicando toda sua impaciência para mim.

Fico de pé, arrumando as minhas coisas sem dizer nada, pronta para ignorar sua existência.

Eu não quero discutir. Não de novo.

Estamos discutindo incansavelmente há dias.

E, além disso, estou completamente desestabilizada.

Mattew sabe disso.

— Estou falando com você, Madison.

Segunda vez no dia que ele me chama pelo meu nome.

Parece que as coisas estão realmente ficando complicadas entre a gente.

— Eu estou bem — respondo, sem querer.

— Você estava tremendo.

— Eu estou bem — repito. — Podemos simplesmente não começar com isso de novo?

— Você não vai mais me acompanhar em nenhuma reunião, independente da circunstância — sentencia, se inclinando perto de mim para pegar seu celular e endireitando a postura. — A senhora Williams vai

continuar ocupada com Dylan, então arrume uma substituta para o resto do dia.

Franzo o cenho, sentindo raiva borbulhar dentro de mim aos pouquinhos. É sempre assim: um grão de arroz para, em seguida, virar um saco inteiro sobre nós dois.

— Qual a parte do “eu estou bem” que você não consegue entender?

Mattew não liga para o que eu falo.

— Talvez eu te escute quando começar a ser sincera comigo, o que acha? Podemos conversar de novo assim que isso acontecer. — Ele segura a maçaneta e me encara novamente. Assustador. — Arrume a substituta, senhorita Johnson, e sem gracinhas. Tenho mais duas reuniões até o final do dia e eu não quero você do meu lado em mais nenhuma delas.

— É o meu trabalho, Mattew! — exclamo de volta, marchando até ele. O idiota sai na minha frente sem se importar, mas eu não recuo. — Estou falando com você — chamo, andando cada vez mais rápido para acompanhar os seus passos. — *Imbec*…

— Parece que os ânimos estão bastante alterados essa manhã — Dylan me interrompe, aparecendo do nada.

— E não é sempre assim? — Agora é David.

Tento me acalmar, focando na minha respiração ainda sem tirar os olhos dele.

Mattew finalmente volta a se virar para mim, mas seus olhos estão focados estritamente em seu irmão e no seu amigo... ou melhor dizendo, *nosso amigo*.

— O que vocês querem? — inquiri, simples e direto.

— *KitKat* voltou de viagem com o maridinho e eles estão na cidade. Nossa mãe marcou um jantar e, como sempre, fiquei encarregado de dar o recado. — Dylan me encara. — Aconteceu alguma coisa com o seu celular? Ela disse que tentou te ligar, mas não conseguiu contato.

Viro para Mattew, arqueando uma das sobrancelhas.

— Você quer contar?

— E a culpa foi minha? — rebate, como se já estivesse esperando pela acusação. — Ela quebra o próprio celular tentando me agredir com ele e a culpa é minha? — pergunta para Dylan.

— *Claro que é!* — grito, irada.

— Não é melhor vocês dois se acalmarem um pouco? — David pergunta e eu o encaro.

Bufo.

História engraçada: estou sem o meu celular pessoal, e o que geralmente recebo as ligações e avisos da família Thompson, desde o casamento de Katherine e Christopher. Sim, eu realmente tentei acertá-lo com o aparelho, mas a culpa continua sendo toda sua.

Idiota dos infernos.

Passos pelos três em passos largos e sigo até a minha sala. Deixo minhas coisas em cima da mesa e me jogo na cadeira, girando e respirando fundo para me acalmar.

Algum dia ainda vou ter uma taquicardia.

Conviver com Mattew está ficando cada vez mais difícil e eu não sei dizer se é só porque ele tem me irritado em cada oportunidade que surge ou se eu estou só... *sei lá*... criando muita expectativa para o que somos?

Como se a gente fosse alguma coisa.

Bufo novamente.

Uma batida ressoa através da minha porta enquanto, do outro lado da parede de vidro, vejo Mattew entrar com o seu irmão em sua própria sala. Dylan acena para mim, sorrindo em provocação, mas o outro não ousa nem olhar na minha direção.

— Pode entrar! — grito, entredentes.

Ele me tira do sério.

— Você vai acabar tendo uma taquicardia algum dia desses...

E não era isso que eu estava pensando?

Encaro David, que já está ali, sentado na minha frente me fitando com um sorriso acolhedor.

Ele cutuca a minha testa e eu sorrio, mesmo a contragosto.

— Para de fazer careta ou você vai ficar com rugas rapidinho — brinca, me fazendo suspirar e sorrir um pouco mais abertamente.

— A culpa é de Mattew.

— A culpa é sempre dele, não é?

— É claro. — Cruzo os braços, fazendo um bico. — Ele é o culpado de todas as minhas rugas precoces.

David gargalha, me divertindo com a sua agradável imagem.

Desde que ele veio trabalhar aqui no escritório, nos aproximamos muito. E, claro, não só por isso. David, na verdade, é a única pessoa próxima que sabe sobre o meu verdadeiro “sonho”, e isso aconteceu por mera coincidência.

Tenho aulas de dança contemporânea numa academia onde seu irmão mais velho dá aula. Foi engraçado no dia em que, três meses atrás, nos esbarramos na saída do prédio. É claro que eu implorei para ele não contar nada a Mattew... e assim David tem feito, guardando meu segredo melhor do que qualquer outra pessoa poderia fazer.

— Vou pedir para Eric te fazer suar na próxima aula, quem sabe assim você consegue extravasar um pouco de toda essa raiva.

— Isso é golpe baixo — retruco. — Seu irmão já está me fazendo suar o suficiente. Ele é realmente malvado. Uma versão muito, muito perversa sua.

Nós rimos.

É brincadeira, David sabe disso.

Eric é bom pra caramba no que faz.

Espero ser boa como ele algum dia.

De relance, vejo Dylan se aproximar da porta conjugada com um embrulho pequeno na mão. Pigarreio, perdendo meu sorriso e encarando o Thompson do meio sem paciência. Ele para ao lado de David e deixa um embrulho ali em cima.

— O que é isso? — Arqueio uma sobrancelha em sua direção.

— Não me pergunte, porque eu realmente não sei. Só estou seguindo ordens. — Ele pisca para mim, sorrindo de lado enquanto dá uns tapinhas no ombro do seu amigo. Isso é mais do que suficiente para me deixar saber que é algo de Mattew. — Vamos resolver aquele caso ou não? — pergunta para David.

— Vamos lá — o outro responde, mas eu já não dou a mesma atenção.

Só consigo encarar o embrulho.

— Bom dia, senhorita Johnson — Dylan cantarola, saindo de fininho.

— Até depois, Maddie — David também diz.

Resmungo em resposta.

Pego o pacote e deixo o bilhete grudado em cima dele de lado. Rasgo o papel de presente e dou de cara com uma caixa. Uma caixa de celular. Lacrado, novo.

Puxo o bilhete e leio, de repente muito ansiosa:

“Não vou aturar mais uma tentativa de agressão como da última vez. Se quebrar esse, vai ter que comprar outro com o seu próprio dinheiro. Tente se acalmar um pouco ou você vai infartar antes de chegar nos trinta.

P.s.: Se precisar de ajuda, tudo que precisa fazer é pedir.

M. Thompson.”

Levanto o rosto e o acho ali, de olhos grudados em mim.

Vejo o canto direito da sua boca repuxar num sorriso sacana.

Isso me esquenta em lugares que não deveria esquentar.

Ele tira o telefone do gancho e aperta em alguns botões. Dois segundos depois, o telefone em minha mesa toca.

Atendo a sua ligação.

— *Vá pra casa depois de achar a substituta, não vou precisar de mais nada de você até a noite, então não demore* — joga suas exigências deliberadamente. — *E não esqueça de configurar o seu novo celular. Fique a par de tudo que perdi nos últimos dias*.

— Só? — retruco.

— *Você vai me acompanhar no jantar de família.*

— Como namorada?

Ele fica em silêncio por uns cinco segundos.

— *Se eu achar necessário, sim.*

— Nosso relacionamento de mentirinha não era só para negócios? Por que precisamos fazer isso na frente da sua família?

Seu olhar estreita e eu sei que nada de agradável vai sair da sua boca nos próximos instantes.

— *Senhorita Johnson, é tão difícil assim fazer o seu trabalho sem questionar os meus motivos?* — Engulo em seco. — *Temos um contrato. Se eu quiser te apresentar como minha namorada até pra puta que pariu o Papa, eu vou apresentar.*

Filho de uma...

— Estarei pronta, senhor Thompson. Não se preocupe.

— *Perfeito* — retruca, usando o mesmo tom que eu. Sua respiração pesada chia através do aparelho. — *O que estava falando com David?*

— Isso não é da sua conta.

— *Tudo que diz respeito a você, é da minha conta*.

— Não seja ridículo.

— *Madison*.

— Pare de me chamar pelo nome — rosno, sentindo meus dentes baterem uns contra os outros.

Cruzo as minhas pernas, apertando-as juntas.

— *Madison* — repete, em desafio. — *Eu já não disse que você é minha?*

Minha respiração trava.

Eu quero responder.

Eu sei o que responder.

Eu só não consigo responder.

Bato o telefone no gancho, desviando nossos olhares e tentando, pela centésima vez no dia, me acalmar.

Eu já não disse que você é minha?

Ele é o quê?

Louco?

03

“É uma linda mentira.
É uma perfeita negação.”

BEAUTIFUL LIE — *30 Seconds to Mars*

MADISON JOHNSON

Eu estou *muito* atrasada.

O motorista que Mattew contratou para mim mal estaciona o carro quando eu simplesmente pulo dele, finalmente em frente a mansão dos Thompson. Eu estou atrasada quase uma hora inteira e não poderia estar mais envergonhada por isso. Odeio me atrasar, seja para o que for, *mas*...

Depois que, contra minha vontade, arrumei uma substituta para acompanhar Mattew nas reuniões que ele ainda teria durante o dia, voltei

pra casa e descansei o resto da manhã. Perto das três, assisti algumas aulas atrasadas da faculdade e, às cinco e meia, segui pra melhor parte dos meus dias: *academia de dança*.

Peguei tão pesado com Eric que mal vi o tempo passar.

Pelo menos valeu à pena de alguma forma.

Toco a campainha duas vezes seguidas, recuperando meu fôlego perdido na corrida que fiz até a porta. Corro as mãos pelo meu vestido bege, sentindo meu coração acelerar em antecipação. Segundos me separam de Mattew. É isso que me deixa subitamente nervosa.

Vir para Washington tem sido uma montanha-russa desde o princípio.

Viver ao lado de Mattew por causa de um contrato é... complicado. Ele é um homem complicado por si só. A personalidade dominadora é diferente de tudo com que já lidei, e, não me entenda mal, eu já tive que aguentar uma grande quantidade de homens que achavam que poderiam mandar em mim, mas... Mattew? Ele é diferente.

O filho da puta não manda explicitamente.

Ele só... fala. Fala de um jeito que pode até parecer que ele não está mandando, mas ele está. Ele sempre está.

— Você chegou!

Quem abre a porta é Katherine.

Uma Katherine deslumbrante com uma barriga surpreendentemente ainda maior do que a última vez que nos vimos em seu casamento, ou talvez seja só o vestido que esteja causando essa impressão.

Ela está realmente linda.

A gravidez a deixou ainda mais brilhante e bonita.

É bonito de ver.

— Desculpa pelo atraso — me desculpo prontamente.

Katherine me puxa para dentro num abraço desengonçado e nós rimos.

— Está tudo bem — afirma, me olhando de baixo para cima. — Você está mais bonita do que nunca. O que anda fazendo?

— Além de estar perdendo toda minha expectativa de vida com seu irmão?

Ela gargalha, jogando a cabeça para trás num movimento engraçado.

— *Oh, isso* — aponta, ainda rindo —, eu sabia que isso ia acontecer. — Dá de ombros. — Mattew Thompson é *chaaato*. Eu deveria ter te alertado um pouco mais — ralha, divertida.

— É — concordo, irônica. — Se você tivesse falado mais um *pouquinho*, talvez eu não tivesse vindo pra cá.

Nós rimos juntas outra vez e de relance, vejo David se aproximar.

— Estão todos esperando no jardim — ele avisa, me encarando diretamente.

Sorrio em sua direção e ele sorri de volta.

— Os amigos de Chris e Mattew estão todos aqui. Sophie também veio só pra me ver — comenta com um sorriso satisfeito. — Vamos lá? A gente estava só te esperando chegar pra servirmos o jantar.

— Você fala isso como se já não tivesse comido — David provoca, enquanto caminhamos nós três, juntos, até os fundos.

A gente ri, enquanto Katherine começa a reclamar do outro que a entregou, alegando que ela está grávida e quase tendo bebê, então ela pode tudo.

Não contrariamos, é claro.

Uma vez me disseram que uma mulher grávida é capaz de fazer qualquer coisa por sua comida. Nunca estive e não pretendo estar grávida por um longo tempo, então não posso afirmar ou negar, mas é melhor não contar com a sorte.

O jardim tem mais gente do que eu esperava.

Uma mesa longa, com pelo menos vinte cadeiras, é o ponto principal do local.

Já vim aqui algumas vezes, mas esse lugar em específico está diferente e sem dúvidas mais bonito.

— Madison, querida! — Senhora Thompson me cumprimenta, vindo apressada para me dar um abraço acolhedor. — A gente estava só te esperando — diz, sorrindo doce e me olhando com aquele olhar suave de sempre.

— Sinto muito pelo atraso — desculpo-me, olhando primeiramente para ela, mas depois para todos os outros.

Quase travo quando localizo Mattew, mas é muito rápido.

Encaro sua mãe novamente.

— Está tudo bem, querida. Pelo menos a gente já conversou muito, mas você fez falta.

— Vamos conversar muito até o final da noite, senhora Thompson — garanto, tentando compensar de alguma forma e ela concorda com um aceno.

— Mas nada de senhora, só Diane já está bom.

— Desculpa... de novo. — Rimos. — É o costume.

— Costume de quê? — pergunta, entrelaçando o braço no meu e me fazendo dar os primeiros passos sobre a grama baixa, mas fofinha. — Mattew continua te fazendo chamá-lo de senhor Thompson? — Dou de ombros, mas... sim? É meu trabalho. — Esse moleque não aprende nada mesmo.

Senhora Thompson olha sobre meu ombro de um jeito afiado, fazendo-me acompanhá-la.

É Mattew.

Ele está nos encarando de longe, numa roda com seus amigos enquanto segura uma taça e leva até os lábios num piscar de olhos. Na verdade... ele está *me* encarando.

— Ele é meu chefe, então é justo que eu o chame assim, certo?

— Vocês dividem um apartamento. No mínimo deveriam ser amigos a essa altura, não acha? — retruca, sabiamente, me deixando sem resposta. — Bom — ri, vendo minha falta de reação —, talvez seja assim que as pessoas fazem amizade hoje em dia.

Acabo rindo também, morrendo de vergonha.

— A gente se dá bem — minto, mas só em partes. Desvio meu olhar de cima dele, perturbada com a sensação que me incomoda lá no fundo e continuo falando: — Ele é bom para mim e eu sou muito grata por isso.

— Eu vejo isso, minha querida — concorda de pronto. — Não vou tirar os créditos de Mattew, mas, ainda assim, ele deveria ser menos formal com você... a vida não é só trabalho.

Ele realmente deveria ser, um lado meu gostaria muito disso.

Mas você não pode ter tudo que quer.

Temos um contrato e precisamos agir de acordo com ele.

— Isso...

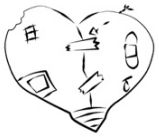
— Maddie! — Sophie nos interrompe, surgindo do nada como um furacão. Bom, normal. Ela é sempre um furacão. — Oi, tia. Me deixa roubar ela só um pouquinho? *Por favor*...

— Tudo bem, menina, mas o jantar já vai ser servido — avisa, soltando meu braço, enquanto Sophie toma seu lugar. — Nada de discutir com Dylan, ok?

— Eu faço esse sacrifício por você, tia. Pode deixar.

Solto uma risada e seguro a vontade de revirar os olhos.

Eu te entendo, Sophie.



Mesmo que eu saiba que deveria estar sentada ao lado de Mattew nesse exato momento, não tive como dizer não a Sophie. Ela me fez grudar do seu lado, enquanto conversava com um dos amigos de Christopher que sequer conheço. Do meu outro lado, está David.

Bom, pelo menos isso para que eu me sinta um pouco menos desconfortável.

Mattew está na minha frente, os olhos vidrados em cima de mim, como se ele não tivesse Dylan falando de um lado seu e Katherine do outro. Ele realmente não faz o mínimo de esforço para se controlar, quase me fazendo sucumbir de vergonha, porque todo mundo está notando a sua atitude.

— Eric comentou comigo sobre uma inauguração que vem aí. A academia vai expandir? — David pergunta, tirando minha atenção de Mattew mais uma vez e levando-a até si.

— Oh, sim. Ele me contou sobre isso hoje e eu estou muito animada. — Sorrio, realmente contente. — Vai ter uma apresentação e talvez eu dance. *Talvez*.

— Sério? — Seus olhos brilham. — Então eu vou estar nessa inauguração.

— *Ah, não...* — retruco, desviando nossos olhares e sentindo meu rosto esquentar. — Isso não, sério. Eu não gosto muito do público, fora que não é uma certeza e...

Uma tosse alta me interrompe e chama a atenção de todo mundo.

Encaro Mattew, que para de tossir assim que nossos olhares se encontram.

— Senhorita Johnson — chama, ficando de pé sem se importar com a cena que está começando a causar.

Tranco a respiração imediatamente.

— Sim? — Solto num suspiro.

— Podemos conversar um instante? — pergunta. — *À sós* — completa.

Ele não espera que eu responda com palavras.

Mattew dá a volta, enquanto concordo com um aceno e também fico de pé. Ele me oferece sua mão, mas eu ignoro, passando na sua frente sem sequer olhar para os lados.

Eu estou mortificada.

Sigo pelo corredor lateral da casa até que estejamos longe o suficiente de tudo e todos.

— Certo — digo, virando para ele. — O que houve?

— Onde esteve?

Franzo o cenho.

— Como assim onde eu estive?

— É uma pergunta simples e sem armadilhas — retruca, impaciente como sempre. — Onde esteve e por que se atrasou tanto?

— *Sério?* — Cruzo os braços, um tanto nervosa. Não quero mentir. Não tenho motivos para mentir. Mas... e se ele... sei lá? Não deixar mais eu fazer as aulas? — Em casa, como você *ordenou*.

— Eu não ordenei — diz, irritado. — E você não estava em casa. Por que se atrasou, Madison? Onde você estava?

— Você está me vigiando?

Ele revira os olhos.

— Tenho motivos?

— Responde a minha pergunta primeiro.

— Perguntei antes.

Rosno, frustrada.

Ele parece uma criança.

E o pior de tudo, é que eu me deixo levar.

— Fui resolver algumas coisas pessoais e acabei me atrasando. Eu sinto muito se isso te incomodou de alguma forma, senhor Thompson, mas pode deixar que da próxima vez que eu tiver algo para resolver, eu aviso e repasso para você, já que parece tão preocupado comigo. — Sorrio, sarcasticamente. — Quem sabe eu te promova para meu secretário pessoal também.

— Você está tentando me fazer de idiota? Porque eu não tenho a menor vocação pra isso.

Ele dá um passo em minha direção.

— Idiota? — Faço um bico. — Pensei que estivesse ciente de que essa é a sua maior habilidade. Deveria se orgulhar dela, já que não consegue

mudar.

Outro passo.

— Quer que eu te faça lembrar qual é a minha verdadeira habilidade?

Recuo e ele avança.

— Não chega perto ou eu vou te bater — ameaço, recuando mais um passo.

Mattew sorri de lado.

Mas que... porra...

Ele está sorrindo. Pra mim.

— Me bater, senhorita Johnson? Então é disso que você gosta?

— D-Do que você está falando?

Mattew estende o braço do meu lado.

Ele me toca.

Eu quase perco tudo só com isso.

— De bater — repete, olhando dentro dos meus olhos. — Você gosta disso?

— *Não?!*

Sai como uma pergunta, exasperada, mas eu só estou nervosa.

— *Senhorita Johnson...*

— Cala a boca — cuspo. — O que você quer comigo, Mattew? Qual o intuito dessa conversa? Por que você me chamou no meio do jantar?

— Era pra você estar sentada ao meu lado.

— *Oh* — sorrio —, estamos brincando de namorado falso aqui também? Eu pensei que...

— Você não precisa pensar nada — seus dedos apertam a minha cintura —, você tem que fazer o que eu digo. E ponto.

— *Idiota*.

— *Provocadora*.

— *Ridículo narcisista*.

— *Insuportável abusada*.

— *Babaca estúpido.*

— *Maldita* — sorri — ... *gostosa*.

Minha respiração trava novamente.

— Eu te odeio, Mattew.

— E você acha que eu gosto de você?

— Fico aliviada que não goste de mim.

— E eu fico aliviado que me odeie, assim não vai se apegar quando estivermos fodendo de novo.

— N-Não vamos foder de novo. Temos um contrato.

— Um contrato que você não se esforça para cumprir.

— Você é o culpado.

— Eu digo o mesmo, senhorita Johnson.

A eletricidade do seu aperto na minha cintura se espalha violentamente por cada parte minha, causando um arrepio impetuoso que viaja e me bate em todos os cantos.

Eu odeio como o meu corpo responde ao seu toque.

Eu odeio como Mattew sabe exatamente o que fazer comigo para me dissolver da raiva que sinto por ele.

Maldito seja você, Mattew Thompson.

Maldito seja você.

04

“Você pode comprar tudo,
Mas você não pode comprar o amor.”

YOU CAN BUY EVERYTHING — *SoMo*

MATTEW THOMPSON

Madison Johnson é um problema.

Não, não. Ela é o *meu* grande problema.

Nunca fui o melhor exemplo em coisas essenciais e necessárias para boa convivência em grupo. Dylan costuma dizer que, se eu fosse pobre e com esse mesmo temperamento, estava completamente fodido na vida. Admito, ele meio que tem razão.

Me falta calma, paciência, altruísmo, compreensão, equilíbrio...

Poderia passar o resto da vida elencando todas as boas características que me faltam, mesmo que nunca tenha encarado isso como empecilho ou defeito. *Até agora*.

Ultimamente, piorei, e com ultimamente quero dizer desde que meu caminho cruzou com o *dela*.

Madison é diferente em tudo e isso me irrita.

O fato dessa mulher passar mais tempo dentro da minha cabeça do que em qualquer outro lugar, me irrita também. É frustrante. Muito mais frustrante do que as ereções aleatórias que ela me faz ter por conta de todo seu atrevimento.

Eu estou enlouquecendo cada vez mais, dia após dia.

Não sei o que fazer com a porra do desejo que sinto por ela, tudo que sei é que não deveria fazer nada. Mas é *impossível*.

Deveria saber que isso não daria certo: a aproximação, o contrato... *nada*.

Essa espécie de encanto amaldiçoado surgiu desde o nosso primeiro encontro na cozinha de Katherine. Foi ali que soube que, independente de nossas posições, eu a teria embaixo de mim em algum momento, mas tive que me controlar — *o que, apesar de tudo, não foi uma tarefa difícil*.

Para mim, era realmente uma questão de tempo e não de destino, mas foi o destino que agiu para nos aproximar tão subitamente.

Não conseguiria descrever o que senti ao vê-la naquela noite, naquela roupa, dentro da cabine com aquele homem. Não sabia se ficava com raiva, surpreso ou curioso. Não sabia se deveria continuar nutrindo a maldita atração que estava sentindo por ela. Mas, foi fácil decidir dias depois, quando percebi que não era aquilo que Madison queria para a própria vida.

Nunca fui o tipo de cara que gosta de se meter na vida dos outros — *pelo menos não com gente que não conheço* —, então levou tudo de mim para conversar com Madison à sós e lhe oferecer um contrato..., o *nosso* contrato.

Talvez eu estivesse tentando me convencer de que só queria me aproximar dela para ajudar.

Por um lado, sim, eu queria — *e quero* — ajudar.

Por outro, porra... *sim*, eu também queria me aproximar por algo a mais, mas, para mim, é muito difícil admitir coisas desse tipo.

Digamos que eu não tenha uma boa relação com relacionamentos.

Não que eu esteja classificando minha relação com Madison como um “relacionamento” daquele tipo, porque não é. Ela é uma contratada minha — ~~que estou seriamente atraído~~ — e eu sou apenas o seu chefe. Esse é o nosso tipo de relacionamento.

Contudo, por algum motivo, quando estou ciente da sua presença ao meu redor, minha cabeça some com todo juízo que ainda tenho e me

transforma em um cara completamente obcecado.

Da última vez em que estive tão obcecado assim por uma mulher, as coisas não acabaram bem. Como eu poderia explicar isso? Bom, digamos que eu ainda tenha dores de cabeça até hoje pela porra do chifre que levei.

Isso foi quando jurei que permaneceria solteiro para sempre.

Eu sei que para sempre é muito, muito tempo, mas isso nunca me incomodou até conhecer ela: Madison Johnson.

Toda vez que olho dentro dos seus olhos castanhos, exatamente como estou fazendo agora, ela faz eu me sentir diferente e eu não gosto disso.

Não quero ter ciúmes dessa peste.

Não quero estar obcecado por essa maldita.

Não quero nutrir esse sentimento de pertencimento.

Simplesmente não quero, não quero nada com Madison.

Mas, por que eu não entendo isso?

Por que ela não simplifica as coisas para nós dois?

Por que Madison precisa sempre se apresentar como um desafio?

Eu gosto de desafios de um jeito autodestrutivo. Não importa quantas barreiras eu tenha que cruzar, não importa o quanto eu me machuque, eu sempre vou gostar de ir até o final, cumprir e conseguir o que está me desafiando.

E o desafio é ela.

Todos os santos e malditos dias, Madison é um desafio para mim.

É o que ela gosta de ser.

O que mais eu preciso fazer para tirá-la do meu sistema?

Não conseguindo resistir, termino de fechar a distância entre nós dois, correndo a minha mão direita por suas costas, enquanto a esquerda permanece imóvel em seu quadril. Meu sangue começa a bombear de um jeito torturante por cada pedaço meu, deixando a minha respiração difícil e, por consequência, minha mente mais impulsiva.

— Quando é que você vai virar essa página? — indago, olhando-a de cima para baixo e sentindo a sua respiração bater em minha camisa. — Já se passou tempo o suficiente para superar, senhorita Johnson.

Assisto Madison morder o lábio inferior suavemente.

Eu queria muito poder fazer isso por ela, mas, para isso, ela precisa pedir... ou *deixar*.

— Não importa quanto tempo passe — retruca, sempre pronta para me responder à altura —, você continua não me dando motivo nenhum para *superar*.

Meus dedos automaticamente apertam um pouco mais no abrigo seguro que encontro em seu quadril. Assisto arrepios correrem pelos seus braços nus, me lançando uma doce lembrança de tudo que fizemos naquele dia, de como ela reagiu a mim.

Não posso ficar duro, não posso ficar duro, não posso ficar duro.

Porra.

A gente precisa se resolver. Só não sei como.

— Você fica linda desse jeito, senhorita Johnson.

— C-Como? — gagueja.

Levo uma das mãos até o seu rosto, inclinando-o para que ela me encare.

— Tentando se convencer de que não me quer.

— Eu não te quero, Mattew. Não sei o que seu ego megalomaníaco anda te dizendo, mas eu *não* te quero.

Há chamas em seus olhos e isso provoca um incêndio em mim.

Estou a um passo de jogar tudo para o alto e...

— Você pode repetir isso mais vezes, talvez assim acredite nas próprias palavras.

Madison está perdendo a paciência.

Eu também estou.

Às vezes é irônico como conseguimos ser parecidos.

— *Sério?* — Ri, tentando me empurrar pelo peitoral para passar por mim, mas eu não a deixo ir. — Você acha que pode comprar tudo com o seu dinheiro, é? Até o meu afeto? Quero dizer... o que você quer? O meu amor?

— Franze o cenho, cínica. — Você nunca vai conseguir comprar isso, Mattew.

— Quem falou sobre amor? — replico no mesmo tom que ela usa pra tentar me diminuir. — Comprei o seu tempo, senhorita Johnson, o resto você me dá porque quer.

— *Eu não te dou nada* — grunhe, irritada.

— Mas você *deu*.

— Você comprou o meu tempo, não o meu corpo...

— Nisso você está completamente certa, agora podemos virar essa página junto com as outras? — revido, interrompendo-a.

— Tira as mãos de cima de mim e me deixa voltar para o jantar.

Bufo, mas faço.

Solto Madison, que parece ofegante demais quando eu dou um passo para trás para olhá-la de uma distância segura.

O vestido que ela está usando é bonito e eu sei que não fui o único a notar isso essa noite, o que automaticamente volta a me tirar do sério. O jeito que a peça aperta cada pedaço certo do seu corpo curvilíneo e impecável, me faz começar a pedir para o diabo não me deixar ficar duro outra vez, porque isso só pode ser obra do cão.

Pigarreio, desviando nossos olhares por um instante para tentar voltar a minha sanidade mental.

— Aí está, senhorita Johnson. Pode voltar para o jantar.

De relance, percebo que ela continua parada.

— Essa conversa acabou com toda paciência que eu tinha reservado para lidar com você essa noite.

Porra, é irresistível.

Eu a encaro outra vez.

— Essa conversa acabou com todos os planos que eu tinha feito para nós dois essa noite.

— *Planos?* — rebate, como se eu estivesse falando alguma loucura.

Inspiro o ar frio e solto com um sorriso.

As lembranças...

Acho que é o momento de compartilhar com Madison.

— É, eu estava pensando em te fazer um agrado, já que ultimamente você tem soado tão... *necessitada*.

Seus olhos bonitos arregalam e isso faz meu sorriso se abrir um pouco mais.

— *O q-quê?*

— Já tem um tempo que eu escuto alguns ruídos estranhos pelo apartamento, sabe? — Sua expressão muda completamente. — São gemidos? — Junto minhas sobrancelhas, me fazendo de desentendido. — Bom, eu acho que sim...

— Você está louco? — Ela avança em minha direção, mas eu recuo, juntando as mãos atrás do meu corpo e rindo. — *Pare de falar besteiras!* — exclama, batendo em meu peitoral, exasperada.

— Besteiras, senhorita Johnson? É a *ver-da-de* — me defendo. Sim, é realmente verdade, e um problema. — Eu estava pronto para levantar a bandeira branca entre nós dois e oferecer meu pau para você sentar o quanto quisesse, tendo em vista que é o meu nome que você geme incansavelmente quase todas as noites. Estava tentando ser gentil e generoso, preparado para te ajudar a me tirar do seu sistema de uma vez por todas, *mas*...

— *Mas o quê, idiota?* — rosna.

— Mas agora eu prefiro que você definhe lembrando o quão bom é sentir meu pau dentro dessa sua bocetinha pequena e apertada.

— *E-Eu*...

— Boa sorte, senhorita Johnson.

Passo por ela, mas não consigo ir longe demais.

— Eu não fico gemendo o seu nome enquanto durmo, seu pervertido!

Olho sobre meu ombro.

— Você que geme o nome do seu chefe e o pervertido sou eu? Isso é um tanto injusto, não acha?

Ela está visivelmente frustrada.

Eu gosto disso.

Tomara que se sinta exatamente como eu me sinto.

— Injusto? Você quer mesmo falar de injustiça, Mattew? — Madison se coloca na minha frente mais uma vez. Ela respira fundo, fechando os olhos e depois solta, abrindo-os e me fitando de um jeito *diferente*. — Quer saber? Você está certo — afirma, sorrindo de um jeito que eu não aprovo nem um pouco. — Preciso mesmo te tirar do meu sistema. É isso que eu vou fazer.

— *Como?* — pergunto, tentando ver se entendi direito. — Agora você quer transar comigo, é?

— Com você? — Ri, alto. — Eu vou te tirar do meu sistema e vai ser hoje, mas não com você. — Seu sorriso é diabólico. — Seus amigos, sabe... que bom que eles estão aqui, eles são...

— Não ouse terminar essa frase — eu a corto, sentindo minha nuca arder. Na verdade, tudo incendeia dentro de mim e a culpa, como sempre, é dela. — Se qualquer um deles tocar em você...

— Vai fazer o quê, Mattew? Vai espernear e chorar?

Seu bico de provocação me deixa ainda mais louco.

Louco de raiva.

Louco de irritação.

Louco de...

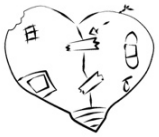
— Se você está disposta a jogar esse jogo, faça o seu movimento e espere pelo meu, Madison.

— *Oh*... está me chamando de Madison? — Seu lábio cheio se contorce ainda mais no maldito bico. — Parece que agora as coisas realmente ficaram sérias.

Deixo Madison para trás antes que ignore o seu pedido anterior.

Ela me deu um recado. Eu lhe dei outro.

Quem de nós dois vai ser o mais louco para dar o primeiro passo?



***Não é ciúmes*.**

Não, não é ciúmes, eu garanto.

Eu sei o que é sentir ciúmes, e o que eu sinto por Madison não é ciúmes.

— Você sabe que não vai conseguir espantar nenhum deles daqui de longe, não sabe? — Dylan pergunta ao meu lado, enquanto viro o uísque em meu copo de uma só vez.

— Pensei que estivessem juntos — Katherine fala do outro lado, cruzando os braços em cima da sua barriga enorme.

Encaro minha irmã, semicerrando o olhar em sua direção.

— Você não deveria estar com seu marido? — retruco, arqueando uma das sobrancelhas ironicamente.

Ela ri, não se afetando com minha indagação irritada.

— Você não vai pedir ela em namoro?

— Mattew faz mais o tipo de relacionamento aberto.

— Eu não quero um namoro, sequer um relacionamento. — Divido minha atenção entre os dois e Madison, que está longe, ainda na companhia de Sophie e de alguns dos meus amigos. — Conseguem entender isso?

— E por que você está com ciúmes, então? — Katherine continua e eu bufo.

— Eu não estou com ciúmes — rosno, incomodado com a sua insistência. — Dá pra parar?

— Lembra quando você se meteu no meu relacionamento?

Ela sorri.

Mas que peste...

— Caralho, *KitKat* — Dylan gargalha —, agora você foi longe e pegou pesado.

Eles ficam rindo da minha cara, me tirando cada vez mais do sério.

— Eu não me meti — cuspo. — Eu só tentei *proteger* você.

— *Superproteger*, você quis dizer, não é? — continua, cínica. — Bom, eu só estou tentando te proteger também, Matt.

— Acho que você está tentando proteger a pessoa errada — meu irmão cantarola.

Eu o encaro, indignado.

— Você está do lado de quem, afinal?

— Do seu, é claro — afirma. — Mas todo mundo vê que você não dá tempo bom pra Madison, então estou tentando ser justo com as coisas. Não é isso que a gente faz? Justiça?

Puta que pariu, que insuportável.

— Você acha que ela me dá tempo bom?

— Então é sobre isso? Vingança? — Katherine questiona.

Respiro fundo.

É sobre o que eu quiser.

É sobre o que Madison quiser.

Isso não é da conta de nenhum deles.

Por um momento, me vejo extremamente arrependido de ter reagido a mais da conta quando descobri sobre o relacionamento de Katherine e Christopher. Minha irmã não vai me deixar em paz e agora, tudo que eu mais quero, é paz, senão eu vou cometer uma grande loucura.

— Vou pegar outra bebida.

Saio de perto dos dois antes que eles consigam me prender ali por mais tempo.

Sigo pelo corredor lateral até chegar na cozinha.

Vasculho os armários superiores, buscando por algo mais forte, já que eu já avisei o senhor Jackson — *motorista de Madison* —, que é para ele vir nos buscar porque não vou ter condições de dirigir.

Faz algum tempo desde que bebi dessa forma, mas essa foi a única saída que encontrei para não enlouquecer assistindo aquela peste me provocar a noite toda.

Madison deu o primeiro passo.

É isso que está me tirando do sério.

Ela realmente deu o primeiro passo.

Mas o que eu poderia esperar, já que eu sei que ela é do tipo que nunca recua?

Bufo.

— *Ele deve te dar tempos ruins, não é? Mattew sempre foi assim... ele é meio metódico com o trabalho e...*

Alguém está falando de mim.

Não reconheço a voz de primeira, já que estou ocupado demais abrindo outra garrafa de uísque, mas quando olho para o lado e vejo

Madison e Phil entrarem na cozinha, paro tudo que estou fazendo para encará-los.

Por que todo mundo fala sobre eu dar tempo ruim para Madison?

Por que ninguém vê como ela também me dá tempo ruim?

Isso que ganho por ser abertamente um filho da puta e ela ser essa santinha por fora.

Ninguém conhece Madison como eu.

Essa mulher é o próprio diabo de saia.

Seu olhar brilhante me acha. Ela encara a garrafa na minha mão e semicerra os olhos imediatamente. Phil, por outro lado, parece engolir em seco, sabendo que eu o ouvi falando de mim.

Não dá pra confiar nem nos próprios amigos quando eles têm uma boceta na cabeça.

Ruim demais que a boceta que Phil está pensando agora, é *minha*. Ele não tem chance nenhuma, e, mesmo se tivesse, eu destruiria todas.

— Matt, n-não sabia que estava aqui... — ele diz, gaguejando como um idiota.

Sorrio de lado, tomando um gole do uísque direto da garrafa.

— Mudaria as palavras se soubesse? — pergunto, sem rodeios.

Ele sorri de volta, sem graça.

— Não é como se eu tivesse mentido, de qualquer forma. Todo mundo sabe como você é, não é, cara?

Concordo com um aceno.

Desencosto do balcão e avanço até onde os dois estão parados.

Meu olhar não deixa o de Madison. Ela parece incomodada e eu sei muito bem que não é comigo. Por mais que estivesse lá fora dando atenção para todos os meus amigos, ao lado de Sophie; sua postura se manteve o tempo todo inquieta e perturbada.

É agonia e incômodo, eu sei.

Madison não gosta disso, da atenção.

Pelo menos não de quem ela não quer receber.

Conheço mais da sua linguagem corporal do que eu gostaria.

— Minha namorada conhece muito bem o meu jeito, você não precisa ficar lembrando-a do óbvio — sentencio, arqueando uma das sobrancelhas para Madison, mas me dirigindo a Phil. — Não é mesmo, querida?

Estendo a minha mão livre em sua direção.

Espero. Espero. E espero.

Quatro... cinco... oito segundos.

— Namorada? — Phil pergunta.

Madison segura a minha mão.

Puxo a morena em minha direção, fazendo nossos corpos se chocarem com força. Solto sua palma, deslizando a minha por sua lateral até agarrar sua cintura pela segunda vez na noite com ainda mais força. Seu corpo treme contra o meu e eu gosto disso. Não é medo, eu sei que não é. Se fosse, eu pararia. *Mas não é.* É a maldita sensação que nós sempre compartilhamos, mas nenhum dos dois têm coragem de admitir.

— Não mencionei isso? — Madison pergunta, como se estivesse envergonhada.

Fingida do caralho.

— Ela é minha namorada, mas nós somos discretos demais para sairmos por aí contando para todo mundo — digo, tentando soar tranquilo. — O que ninguém sabe, ninguém estraga.

Só Deus sabe o quanto estou me segurando pra não arrastar Madison até o segundo andar e fodê-la até escutar seus gritos e deixar que todos saibam a quem ela pertence.

— Se você fosse minha namorada, nunca deixaria que se esquecesse de mencionar para outros homens que namora — Phil me provoca.

Engulo um pouco mais do líquido amarelado, tentando não ceder aos meus pensamentos erráticos e loucos.

— Confio na *minha* namorada, não se preocupe. Mas, claro, você pode tratar a sua, quando conseguir uma, do jeito que quiser — provoco de

volta, piscando um dos olhos para ele. — Agora que você já veio entregá-la para mim, pode nos dar um pouco de privacidade?

Phil praticamente definha.

Satisfação enche o meu peito.

Não estava planejando fazer isso aqui ou em nenhum lugar próximo da minha família. Só reivindico Madison e agimos como namorados em ocasiões especiais, ambos sabemos bem disso. Não é como se eu quisesse agir dessa forma na frente da minha família, já que eles nunca mais me deixariam em paz se testemunhassem algo do tipo.

Mas, porra... eu deveria assistir tudo de braços cruzados?

Não é ciúmes. Eu repito.

Se ela vier para cima de mim, posso colocar a culpa na bebida.

— Claro — Phil diz, simples, e sai sem olhar para trás.

Madison e eu ficamos sozinhos na cozinha.

Um, dois, três, quatro, cinco.

Cinco segundos e ela se afasta de mim.

— O que você acha que está fazendo? — começa e eu reviro os olhos.

Eu disse que ela viria para cima de mim.

— O que disse? — retruco, me fingindo de idiota.

Tomo mais uísque, engolindo também minha vontade de rir.

— Você não disse que não era pra gente fazer isso perto da sua família, porque evitaria problemas?

— O único problema que eu consigo pensar agora, senhorita Johnson, é você.

— Eu? Problema?

Madison revira os olhos.

Dou um passo em sua direção e ela já volta a me encarar, atenta.

— Situações extremas pedem por atitudes extremas — digo.

Outro passo.

— O que você quer dizer?

— A gente falou disso antes, você prosseguiu com a sua parte do plano e eu tive que executar a minha.

— Plano. — Ela ri. — Você está bêbado?

Um último passo.

— Não... — Sorrio de volta. — Eu só estou falando a verdade.

— A sua verdade bêbada.

— Sejamos justos, senhorita Johnson, e por favor, sejamos sinceros também. — Toco a ponta do seu queixo macio, deslizando o dedão por sua pele sem pressa. — Não vou deixar ninguém tocar em você.

— Essa é a sua sinceridade? — Sua fala é arrastada. Ela está fazendo coisas com a minha cabeça. — Isso parece mais com possessividade.

Possessividade sem cabimento e direito.

— Eu posso não ter direito, mas você vai continuar sendo minha.

— D-Deixa de falar loucura.

— *Minha Madison* — murmuro, vendo seus olhos fecharem e os seus dentes puxarem o lábio inferior. Prendo minha respiração. Mais um pouco e eu realmente perco tudo. — Você gosta, não gosta?

Ela engole em seco.

Sequer abre a boca para me responder.

Madison chupa o próprio lábio, fazendo-me sentir todo meu sangue concentrado diretamente no meu pau.

— E-Eu...

— *Ei, vocês d...* — É o meu irmão.

Filho de uma puta.

Caralho.

Madison parece acordar, se afastando imediatamente de mim.

Olho sobre o meu ombro, desejando que só esse simples olhar dê um fim em Dylan e o faça sumir da minha frente.

— *A m...*

— Eu vou voltar para o jardim. Se precisar de alguma coisa, é só me chamar de novo — Madison corta meu irmão, saindo da cozinha tão rápido quanto o diabo foge da cruz.

Viro para Dylan, realmente tentado em matá-lo agora que estamos sozinhos.

Posso esconder seu corpo em algum lugar da casa sem que ninguém saiba.

Ele ri da minha cara.

— A mamãe está chamando.

— Eu vou te matar, seu filho da p...

— Vai me xingar mesmo? Ela é sua mãe também.

Sorrio, deixando a garrafa de uísque na ilha da cozinha.

— Você é adotado, filho da puta.

— É o teu cu que é adotado.

— Filho da puta — repito num rosnado uma última vez.

— Eu vou falar pra nossa mãe que você já está indo. — Bufo. — Agora, não tem motivo pra você voltar armado pro jantar — aponta pra mim, rindo um pouco mais —, vai dar um jeito nisso aí, seu nojento.

Cerro os punhos com força.

Quando eu disse que Madison me deixa duro em momentos aleatórios — *ainda que esse não tenha sido aleatório* —, não estava brincando.

05

“Ela precisa de muito mais que amor.
Ela precisa de comprometimento.
Eu vou te levar embora, amor.
Vamos foder este lugar e podemos continuar à deriva.
À deriva.”

ESCORT — *Chase Atlantic*

MADISON JOHNSON

— passado —

Estamos a um passo da *inevitável colisão*.

Enquanto fico de pé com o embrulho bege em mãos e avanço até a porta conjugada que separa nossas salas, a palavra *colisão* é tudo em que

consigo pensar ao examinar a figura concentrada de Mattew dedicada a uma pilha enorme de papéis.

Estamos conseguindo nos entender, *eu acho.* Não é nada de um jeito íntimo, como muitos poderiam supor. Nada como amigos ou melhores amigos. É só que, entender o funcionamento da pessoa com quem você divide o mesmo teto, é imprescindível para a boa convivência.

Quando viemos para Washington, deixei claro para Mattew que eu não tinha nenhum problema em morar sozinha — *afinal, venho "curtindo" minha própria companhia sozinha há anos* —, mas, *pelo contrato,* ele disse que não, isso não estava em questão.

Então, eu concordei: *pelo contrato*.

Se dividir o teto de sua irmã com ele já era desafiador, dividir um teto com Mattew, completamente sozinhos, era o inferno e o céu na terra ao mesmo tempo.

Desde o dia no clube, a tensão entre nós dois que já estava em seus cinquenta e poucos por cento, voou para muito mais que cem por cento na velocidade da luz.

Uma parte da minha cabeça concorda com o fato de que os sinais de que Mattew me dá, demonstram que eu não estou sozinha nesse barco; mas a outra parte não consegue admitir que alguém como *ele* vai querer algo com alguém como *eu*.

É por isso que eu não consigo dizer com certeza se ele se sente como eu me sinto.

Cada vez que estamos perto um do outro, eu fraquejo. Às vezes isso é perceptível, às vezes não. Me controlar perto de Mattew é desafiador, mas, o que tanto me irrita nesse exato momento é que eu sinto que a colisão está chegando e eu não consigo dizer o que isso vai significar para nós dois, já que estamos debaixo de muitas cláusulas de um contrato que não está salvando só a minha vida, mas principalmente da minha família.

Dou dois toques na porta antes de abrir e fechar rapidamente, colocando-me dentro do seu espaço.

A sala tem o cheiro dele.

É insuportável e delicioso.

Essa é uma boa definição não só para o cheiro de Mattew, mas para sua personalidade também.

Pisco repetidamente, caminhando com as pernas bambas até parar na frente da sua mesa. Seu cabelo escuro está penteado para trás sem um fio fora do lugar, como sempre. Minhas mãos apertam o embrulho, enquanto tento conter a minha vontade constante de correr os dedos pelos seus fios brilhantes e aparentemente macios.

Será que um dia eu vou poder fazer isso?

Merda.

Por que eu continuo sonhando acordada?

Limpo minha garganta com um pigarro, tentando chamar sua atenção com isso.

Mattew sabe que eu estou aqui, ele só não me olha. Mas, claro, depois do meu pigarro, isso dura pouco. Seu olhar sobe do meu quadril até a minha cabeça. Vagarosamente, num martírio que praticamente não tem fim, exatamente como ele tem feito todos os outros dias, o que também é exatamente o que quase tem me levado à beira da loucura.

Não consigo ter noção de mais quanto tempo vou aguentar.

— Sim, senhorita Johnson? — murmura, recostando-se na cadeira preguiçosamente enquanto me encara com uma expressão neutra demais.

Eu odeio o jeito de Mattew.

Eu odeio como ele parece estar nem aí pra nada, nem ninguém, enquanto eu estou aqui, sendo completamente sensível e fiel aos meus sentimentos, demonstrando cada sensação que eu não deveria sentir por ele.

Desvio nossos olhares, pigarreando novamente.

Estar debaixo do seu olhar me deixa nervosa.

Essa é uma das coisas que ele nunca falha em causar em mim.

— A recepcionista me entregou isso quando estava subindo — explico, encarando o embrulho chique por um instante antes de focar em Mattew outra vez. — Está em seu nome.

— E o que é?

— Eu não sei — retruco, sincera.

Deixo a caixa em cima de sua mesa e junto as mãos atrás do meu corpo.

Fico ali, parada, e só então me dou conta de que eu deveria estar saindo para lhe dar privacidade — *mesmo que a parede de vidro que separa nossas salas indique o contrário*.

— Eu vou deixar você abrir, qualquer coisa é só me cham...

— Você pode ficar, senhorita Johnson — me corta. — Pode ver o que é e quem mandou?

Mattew continua com o mesmo ar de preguiça, e eu diria que até mesmo de arrogância, fitando-me como quem não quer nada e assistindo eu me embaraçar toda em sua frente.

— Claro — concordo.

Começo a me desfazer do embrulho com cuidado.

É realmente algo de muito bom gosto e, sem dúvidas, é de alguém que tem tanto dinheiro quanto os Thompson. Puxo o pequeno laço que segura a caixa bege, quase branca, e abro, deixando-a em cima da mesa para não acabar derrubando.

Puxo o envelope que está no meio, abrindo-o e começando a ler em voz alta o que está escrito no que percebo ser um convite:

— *Você está convidado para celebrar o casamento de Elliot Mackenzie e Julia Jones no dia vinte e cinco de outubro.*

Silêncio.

Sua expressão não me dá pista nenhuma até Mattew cuspir numa reflexão enquanto solta uma risada divertida:

— Ela ainda tem coragem de me chamar pra essa merda de casamento? *Como se eu me importasse*. — Bufa, jogando a cabeça pra trás e rindo ainda mais. Meio estranho e meio bonito. — Que se foda, eu não me importo se fomos amigos na universidade ou qualquer merda do tipo...

Mordisco os cantos da minha boca, encarando a sua fixamente sem entender do que ele está falando.

Nada chama mais minha atenção além do seu sorriso.

É lindo. Lindo mesmo.

Praticamente irreal de tão lindo.

Mattew deveria sorrir mais.

Ninguém nunca lhe disse isso antes?

— Isso é daqui alguns muitos meses.

— *Parece que sim* — resmungo.

Pisco, dando-me conta do que estou fazendo, e desloco meu olhar outra vez para longe dele. Inquietação começa a me furar por dentro,

incomodando cada pedaço meu por cada pensamento que eu me permito ter acerca de Mattew.

Ele é meu chefe.

Ele é a pessoa que me salvou de ir mais longe por mais dinheiro.

Ele não quer nada comigo, ainda que *às vezes* pareça que sim.

— O que mais tem aí dentro? — questiona.

Vasculho a caixa, sentindo aquela pilha de nervos cair com mais força sobre mim. Puxo um saco de cetim, franzindo o cenho ao perceber que parece ter algo de tamanho considerável ali dentro... e pesado. Puxo a fita e abro, enfiando a minha mão dentro e puxando objeto frio para que possamos dar uma olhada juntos.

Meus olhos se arregalam assim que escaneiam o que está agora em minha trêmula mão direita.

É uma... algema?

Encaro Mattew, vendo como ele não parece nada assustado, diferente de como eu estou.

— *I-Isso... é uma... uma...*

— Algema?

Começo a tossir, dando três passos para trás antes de fatidicamente deixar o objeto escapar das minhas mãos, ainda estremecendo.

Quem manda uma algema no convite de casamento?

Que tipo de gente é o amigo ou amiga de Mattew?

E se fosse uma criança abrindo isso?

Me curvo para pegar aquela maldita coisa ao mesmo tempo em que vejo o homem afastar sua cadeira e se colocar de pé. Fico encarando suas passadas, esquecendo-me completamente do que estava fazendo e sentindo meu peito cheio de ar que simplesmente não consegue sair, o que me deixa cada vez mais apreensiva e, por consequência, ansiosa.

Endireito-me apressadamente quando percebo que Mattew já está próximo demais. Ao contrário do que eu imagino, ele não recua. E eu? Eu não me movo. Petrifico bem ali, tentando não demonstrar o quão afetada nossa proximidade sempre me deixa e puxo uma respiração profunda quando ele não para na minha frente como de costume, mas sim dá a volta em meu corpo e estanca atrás de mim.

Fecho meus olhos, sendo tomada por uma onda nada discreta de arrepios que sobe dos meus braços até a minha nuca. Seu peitoral resvala em minhas costas. É tão sutil que talvez uma pessoa desinteressada nem sentiria, mas eu não. Eu sinto como se ele estivesse me espremendo contra si, com força e sem nenhuma pena.

O ritmo da minha respiração muda com aquele inconsequente pensamento, como se de uma hora para outra o dia ensolarado do lado de fora tivesse afundado numa escuridão assustadoramente tentadora.

É essa a sensação de estar próxima demais a ele, é disso que eu não gostaria de provar, porque existe algo em Mattew que é diferente de tudo e todos com quem já tive contato antes, e isso faz dele uma incógnita convidativa demais aos meus olhos.

Não consigo entendê-lo.

Não consigo entender sua dinâmica.

Não consigo entender a *nossa* dinâmica.

O que nós somos, afinal?

— Você está nervosa, senhorita Johnson?

Sua pergunta mexe mais um pouco comigo.

— *N-Não*.

Ele agora pressiona, de fato, o peitoral em mim, empurrando-me para frente e me forçando a andar outra vez até a mesa. Minhas coxas batem na beirada do móvel de vidro. Mordo meu lábio inferior, apertando meus dedos ao redor do metal frio da algema que estava causando tudo isso entre nós dois.

Era essa a gota d'água para nossa colisão?

Uma algema?

— Então por que você está tremendo?

Fecho os olhos, apertando as minhas pálpebras com força.

— Eu não estou, senhor Thompson.

Sinto sua respiração bater no meu pescoço.

Esse é um ótimo dia para vir com o cabelo preso num rabo de cavalo.

— *Ah* — resmunga. — Sinto muito — continua. — Só estava tentando te ajudar, mas, já que não precisa, eu vou voltar ao trabalho.

Mattew começa a se afastar e eu me sinto sozinha.

Não, não, eu me sinto solitária.

É como se aquilo estivesse me acertando bem no fundo, onde dói.

Como ele faz isso?

— Não! — exclamo, abrindo os meus olhos e virando em direção a Mattew. Ele ainda não foi longe demais. Está a dois ou três passos de distância. Mas... — *Não* — sussurro, sentindo meu rosto enrubescer por completo. — *Não volta* — engulo meu orgulho e toda minha noção —, *eu estou realmente nervosa. Você pode me ajudar?*

Sua expressão vazia muda.

Seus olhos azuis semicerram em minha direção, aguçados e confiantes.

Mas, então, Mattew franze o cenho.

Ele vem até mim. Um, dois, três passos e estamos nos tocando mais uma vez. Seu peitoral amplo, debaixo do terno preto bem cortado e perfeito, toca o meu busto, que vai e vem rápido. Nada aconteceu e eu estou ofegante como se tivesse corrido uma maratona.

— Está brincando comigo?

Seu tom sério é intimidante.

Balanço a cabeça negativamente, apressada.

Não conseguiria brincar com ele no estado em que eu estou. Estamos há meses assim. Nenhum dos dois sabe o que o outro quer, nenhum dos dois dá o primeiro passo, mas eu? Eu simplesmente não aguento mais, não depois da porra do vazio que senti com Mattew longe de mim. Preciso de mais um pouco dele... só mais um pouco e... talvez..., talvez eu consiga lidar com o vazio depois disso, mas não agora.

— Não conseguiria brincar com você nesse momento. — Desvio nossos olhares, inspirando fundo para engolir também toda minha timidez. Nunca fui tão direta com alguém. Nunca me senti tão necessitada de uma pessoa como me sinto por Mattew. — *É sério, mas eu posso... a gente pode... parar e voltar.... o trabalho... se você não quiser... eu sinto muito...*

Porra.

É o meu chefe.

O que diabos eu estou fazendo?

Implorando para o meu chefe me foder no nosso local de trabalho?

Eu...

Tento passar por Mattew, mas ele me puxa, não me deixando dar sequer dois passos para longe. O homem pega a algema das minhas mãos e

manuseia o objeto com maestria na sua, enquanto a outra serpenteia minha cintura e pressiona nossos corpos juntos.

Não existe vazio. De novo.

Existe Mattew e eu.

Juntos.

Tão juntos que dói.

Física e emocionalmente.

— Pra onde você pensa que está indo depois de pedir por minha ajuda, Madison?

Madison?

Merda.

Ele nunca fala meu nome.

Mattew quer me matar?

— Eu pensei que...

— Agora você só sai daqui quando eu mandar. — O ponto entre as minhas pernas aperta. Dói, mas é bom. Consigo me lembrar perfeitamente e posso dizer com certeza que nunca me senti assim, nem mesmo uma vez. — Estamos entendidos?

Assinto tão rápido que isso tira uma risada sua.

Mattew me coloca sentada na beirada de sua mesa, afastando as minhas pernas e instalando-se no meio delas. Não quebramos o contato

visual por nada. Isso me deixa mais sensível do que imaginei que poderia ficar, principalmente quando ele começa a inclinar o corpo sobre o meu, deixando seu peso me tirar todo o fôlego.

— Pensei que nunca chegaria o dia de você pedir por isso — declara, a voz grave fazendo cócegas em meus ouvidos e o hálito de menta me fazendo encarar seus lábios com fome, mas dificuldade pela proximidade. — Não esperava que fosse aqui, mas ninguém consegue prever o futuro, não é?

Seu sorriso sacana me esquenta.

Ele é bom nisso..., nas coisas que diz pra me provocar.

— *V-Você também... queria?*

Mattew se diverte mais a cada coisa que sai da minha boca, a cada reação que consegue do meu corpo.

— Eu não deixei claro o suficiente, Madison?

— Pare — peço. — Você nunca me chama pelo nome. Por que isso agora?

Ele arqueia uma das sobrancelhas, tocando a base da minha coluna e puxando meu quadril contra o seu. Minha saia sobe pela posição, enrolando pedaço por pedaço até o topo das minhas coxas, onde um bocado da minha calcinha já deve estar aparecendo.

— Eu estou proibido agora, *Madison*?

Merda.

Mordo meu lábio inferior com força.

Devo dizer que isso me excita ou fico quieta?

— *N-Não, mas...*

— Você gosta, não é? — me corta, provocando ao mesmo tempo em que começa a friccionar sua ereção no meu centro, lenta e suavemente. É uma tortura, mas é tão bom, que tento pensar em qualquer outra coisa que não seja Mattew para não derreter tão rápido. — Você tem cara de quem fica muito excitada com pouco, do jeitinho que eu gosto.

Desvio nossos olhares sentindo um familiar ardor em minhas orelhas.

— *Eu não fic...*

— Ah, Madison. *Sério? — Filho da...* — Quer dizer que se eu enfiar agora os meus dedos em você eles não vão entrar bem fácil?

— Eles não vão.

É mentira.

Me sinto molhada, principalmente com o atrito cada vez mais certeiro diretamente em meu clitóris.

É claro que eu ficaria molhada.

E, a verdade, no final de tudo, é que eu já estava molhada desde o instante em que ele se colocou atrás de mim.

— Me diz: você fica molhada sendo chamada de quê? Só o nome já serve ou precisa de algo mais? — inquiri, fitando-me tão intimamente que eu poderia morrer ali mesmo. — Mãos pra frente — ordena, calmo, suave e direto.

Faço o que ele manda.

Mattew endireita a postura só o suficiente para prender minhas mãos com a algema — *o que eu não questiono* — na frente do meu corpo, enquanto deito-me sobre os papéis que ele estava concentrado minutos antes.

Um sorriso involuntário repuxa meus lábios.

Todas as duas experiências sexuais que tive antes foram... normais. Digo, realmente normais. Não teve emoção, não teve provocação, não teve absolutamente nada do que Mattew está fazendo comigo. Foi mais como se eu já estivesse nos meus sessenta anos transando com meu marido de setenta.

Isso aqui é diferente de tantas formas que não consigo sequer descrever apropriadamente, eu só consigo sorrir, satisfeita pelo que estamos fazendo.

Mattew puxa minhas mãos, segurando-as acima da minha cabeça. Acho a outra extremidade do tampo da mesa e me agarro ali. Ele sorri comigo, esfregando o nariz no meu e lambendo a minha boca num

movimento tão rápido quanto um piscar de olhos. Meus lábios se partem imediatamente, mas o moreno não vai longe, me fazendo gemer em frustração.

— Você tem gosto de baunilha e morango — divaga. — Eu poderia nunca me cansar de te provar.

Nunca?

Suspiro baixinho, observando como sua atenção vai deslizando por cada fração minha. Meus olhos, minha boca, meu pescoço. Ele para no topo do meu busto, encarando os botões apertados e o tecido de seda que me cobre perfeitamente.

— É o meu café preferido e a minha torta de sempre.

— Então esse é o gosto que a sua boca tem todas as manhãs?

— *S-Sim.*

Mattew solta um som rouco, voltando a me olhar nos olhos em busca de algo.

É permissão?

— Se você não aguentar, fala que eu paro.

Concordo.

Não é permissão.

Quero dizer, permissão ele tem. Eu já dei.

Mas Mattew só queria deixar o aviso.

— *Tudo bem...* — sussurro.

Seus dedos habilidosos começam a puxar botão por botão da minha blusa, fazendo meu coração descompassar violentamente dentro do meu peito. Engulo a saliva que se forma em minha boca ao ver seus olhos tão brilhantes a cada pedaço de pele meu que Mattew literalmente descobre.

Naquela noite ele me viu com aquele maldito *body* de renda que mostrava muita, muita coisa, então não consigo entender o que significa o brilho em seus olhos nesse momento, mas eu meio que gosto disso.

— Conta pra mim, Madison — pede, se livrando do último botão. Lambo meus lábios, sustentando meu olhar para baixo com dificuldade pela posição. — Do que eu te chamo?

— *N-Não... sei...*

Fraca? Não.

Além disso.

Os dedos de Mattew engancham na taça do meu sutiã preto, puxando-o para baixo e me expondo quase que completamente para o seu próprio agrado. A ponta fria dos seus indicadores toca meus mamilos endurecidos e sensíveis, sugando-me da órbita por alguns instantes e me fazendo sentir como se eu estivesse dentro de um vácuo sufocante. Reviro meus olhos, juntando as pálpebras com força como se isso fosse me ajudar a aguentar a

sensação dilacerante de prazer que começa a me agoniar. E ele mal começou.

— Se quiser, posso ser mais tranquilo com você — sugere, roçando firmemente os lábios macios sobre o meu seio direito. Sua língua faz um redemoinho sobre a auréola rígida, circulando em volta do pontinho que mais dói em mim no momento e sugando. A última parte me alivia. É bom. Me faz querer mais. — Gostosa é bom, não é? — A vibração da sua voz me faz tremer e sorrir ao mesmo tempo, nervosa. — Posso te chamar de gostosa — suspiro —, mas isso é tão básico pra você, Madison.

Básico?

Ele acha isso básico?

É... bom. Não é básico.

— *N-Não é básico*.

Solto o tampo da mesa, levando minhas mãos presas até a sua cabeça e agarrando seus fios grossos de cabelo. Meus dedos enrolam ali, enquanto empurro mais do meu corpo em sua direção e ele me morde.

Um grito escapa dos meus lábios. Automaticamente.

Abro os olhos, confusa e ofegante.

Encaro Mattew, que sorri com a boca ainda em mim antes de segurar a corrente da algema e puxar minhas mãos outra vez para cima. Seguro o tampo da mesa novamente, esfregando nossos narizes.

Inclino o rosto na direção do seu.

Quero o seu beijo.

Por que ele não me beija?

Mattew recua antes que eu possa completar minha ação.

— Básico demais para uma putinha tão desobediente como você. — Seus dedos alcançam meu pescoço, segurando-me com rigor. Eles são longos e ásperos... eu diria que *perfeitos*. Minha respiração estanca dentro do peito enquanto o seu olhar não vacila, mas o meu sim. — Deixei você me tocar? — Balanço a minha cabeça negativamente. — Então, fica quietinha, Madison.

Concordo repetidamente com um aceno.

Ele se endireita e se afasta completamente de mim. Fico sozinha e sensível. Esfrego minhas pernas uma na outra, arfando e arqueando as costas em cima de sua mesa com suas palavras ecoando através de mim.

Num movimento abrupto, mas que não me machuca, Mattew me gira sobre os papéis. Vejo seu computador quase cair da mesa, o que me faz levantar o tronco por impulso, mas logo depois eu o encaro. Mattew puxa a gravata do pescoço e tira o seu paletó, jogando as peças deliberadamente para qualquer canto. Ele cai sobre sua cadeira, como de costume, e me encara.

— *O que você está fazendo?* — indago, minha voz soando tão fraca que me envergonho.

Me sinto febril.

O primeiro toque vem em minhas panturrilhas. Seus dedos me agarram ali, fazendo-lhe tomar um impulso para frente e parar com a cabeça entre minhas pernas.

Nunca imaginei que veria essa cena.

— Deite-se, Madison.

— *Os seus papéis...*

— Você gosta de desobedecer pra caralho, não é? — grunhe, deslizando o toque até tocar a barra enrolada da minha saia. — Quer ver de perto?

— *V-Ver?*

— Eu comendo a sua boceta na mesa que trabalho há anos todos os dias?

Minhas entranhas apertam, enrolam, esticam e comprimem. O calor no ponto entre as minhas pernas se dissolve e avança por todos os lados, fazendo arrepios correrem por debaixo da minha pele. Suas palmas empurram minhas pernas amplamente e eu tento achar equilíbrio para os meus saltos no braço da sua cadeira, ficando-os no couro acolchoado.

— Não vai deitar? — questiona. Eu quero fazer isso, mas não consigo porque a vontade de vê-lo nessa posição, abaixo de mim e pronto para me fazer implorar, é muito maior do que qualquer outra fraqueza minha. — Agora você não deita mais — sentencia. — Entendeu?

Engulo em seco, assentindo.

Mattew empurra minha calcinha para o lado, os olhos nunca deixando os meus, enquanto percebo suas pupilas dilatarem no mesmo instante em que ele me toca *lá*. Seus dedos longos espalham a carne macia e molhada entre minhas pernas, deslizando tão suave que nem parece ser o mesmo Mattew que me algemou e está mandando e desmandando em mim.

Isso não é uma reclamação.

Não mesmo.

Aproveito cada sensação, ficando ciente de tudo que ele está fazendo comigo e com meu corpo.

Sinto o meu coração achar um ritmo mais confortável para bater, mesmo que a minha respiração continue completamente desregulada. Meu estômago afunda por inteiro e o sangue de todo meu corpo se concentra em minhas bochechas quando dois de seus dedos deslizam para dentro sem aviso. Deixo um chiado escapar, afundando os dentes em meus lábios para conter meus choramingados. A acústica da sala de Mattew é boa, mas eu não quero contar com o azar nesse momento... e eu já dei um grito antes.

Entrelaço minhas mãos, engolindo à força outro gemido quando ele pressiona a base da minha coluna para eu me inclinar para frente, enterrando os dedos mais fundo e abocanhando meu seio esquerdo.

Seu indicador remexe dentro de mim, correndo por minhas paredes internas, e, naturalmente, meu quadril balança na sua direção, querendo mais. Uma camada fina de suor começa a se formar sobre minha pele ao passo em que puro calor me consome.

— *E você disse que eles não entrariam fácil...* — resmunga, sugando e lambendo o mamilo duro feito pedra. Um tremor me faz balançar de novo. — Você sempre fica molhada desse jeito quando te chamo pelo nome? É isso que esconde de mim? — pergunta, mas eu não consigo soltar meu lábio inferior para respondê-lo. Tenho medo de acabar gemendo muito alto se fizer isso. Deixo minha cabeça tombar para trás e meus olhos fecharem. — Madison, eu estou falando com você...

Tento fechar as minhas pernas, esquecendo-me de que ele está inteiro ali no meio. É impossível. Mattew é grande, largo. Ele com certeza percebe meu desespero, porque enquanto sua boca me prova, ele ri, visivelmente divertido com o jeito que reajo.

Não ligo pra isso.

Desmorono sobre as minhas costas, fazendo sua boca se afastar do montinho de supetão. Eu não deveria, não é? Mas não consegui evitar.

Minha cabeça está atordoada com o que os dedos de Mattew estão fazendo dentro de mim. Nunca imaginei que ser tocada por alguém, do jeito que ele me toca, poderia ser tão bom.

Ao mesmo tempo em que quero mais, mais forte e mais intenso, quero tentar controlar o que está acontecendo, mesmo ciente de que sou completamente incapaz disso.

— Temos um problema.

Seu tom é áspero e repressivo.

Eu sei do que ele está falando: o desobedeci novamente.

— *Sinto muito* — ronrono, soltando o ar numa lufada só pela boca.

— Você ainda vai sentir muito, mas não agora — replica mais como um aviso. — Domar você está sendo mais difícil do que pensei, e olha que está presa a uma algema.

Sorrio, mas meu sorriso se desfaz quando ele retira os dedos de mim.

Aperto meus lábios numa linha só, estrangulando outro gemido no fundo da minha garganta e sacudindo por inteira.

— *Por que você... parou?*

Eu não o encaro, mas posso sentir seu olhar em cada polegada minha.

Mattew ainda está perto, me engolindo viva só com os olhos.

Suas mãos correm por minhas pernas novamente. Ele enrola minha saia na cintura e puxa minha calcinha para fora do caminho. Estou exposta

ao máximo.

— Acha que eu vou ser bom com uma putinha que não sabe obedecer?

Mas, que...

— *Por favor, seja* — imploro.

Ergo minha cabeça e forço meus olhos a se abrirem.

— O que você quer de mim, Madison? — pergunta. A ponta dos seus dedos pincelam a parte interna das minhas coxas, como se eu fosse um quadro em branco e ele fosse o artista a me dar vida. O olhar afiado encara a minha boceta. Nem tento fechar as pernas dessa vez, porque sei que não vou conseguir. — Você está escorrendo — alerta, soando inocente, como se estivesse preocupado comigo. — Não vai me dizer o que quer?

Mattew junta dois dedos, correndo-os superficialmente em minha abertura molhada e recolhendo o meu líquido dali. Ele o leva até a boca e chupa. Na minha frente. Sem vergonha, sem pudor..., sem qualquer restrição.

Sinto minha boceta apertar e escorrer ainda mais.

— *Continua o que estava fazendo* — peço, minha voz ridiculamente frágil.

— Com os dedos?

Arqueia uma das sobrancelhas.

— *Com a boca*.

— Só isso?

— *Por favor* — sopro. — *Por favor, Mattew, eu preciso...*

— Espero que sempre que me olhe trabalhando aqui, lembre de como implorou para eu te chupar em cima da minha mesa.

Eu tenho certeza de que nunca mais vou conseguir olhar para sua sala de outro jeito.

Ele agarra as minhas pernas com força, enlaçando-as com os braços fortes e sopra sobre minha intimidade. A antecipação me mata, mas eu dissolvo inteira quando sinto o músculo molhado e macio deslizar por minha fenda encharcada com facilidade.

Um grunhido sobe até mim e eu reviro os meus olhos, à flor da pele, sem saber exatamente o que devo fazer. Meus quadris começam a se movimentar sem que eu consiga evitar, mas, debaixo do domínio de Mattew, sou forçada a parar.

— Você vai receber só o que *eu* quiser te dar — rosna, sugando um lado entre os lábios quentes e soltando em seguida.

Eu quero tudo.

Mattew está me dando tudo.

Ele não percebe isso?

A pressão da sua língua, se espalhando e deslizando por cada pedaço íntimo meu me lança numa espiral de prazer que eu sei que não tem mais volta. Ele está me arruinando a cada movimento, me marcando enquanto afunda a língua em mim e me chupa como se estivesse a ponto de me consumir.

Engasgo, sentindo-o diminuir a velocidade para se dedicar unicamente ao meu clitóris. Oscilo na linha tênue que estamos dividindo, bambeando de um lado para o outro. Do ligeiro ao arrastado, devagar, ameno. É praticamente uma adoração, como se Mattew estivesse aproveitando cada instante depois de uma vida inteira esperando por aquilo.

O telefone em sua mesa toca.

Arregalo meus olhos.

A realidade começa a cair em nossas cabeças, mas ele não se afasta, como se não se importasse com nada além de nós dois.

Tento sentar, mas não consigo.

Meu corpo está completamente mole e sem força.

Encaro a figura de Mattew com a cabeça enterrada entre minhas pernas e os dedos ainda firmes, apertando-me sem nenhuma preocupação.

Ele levanta o rosto para me encarar de volta.

Sua boca não sorri, mas os seus olhos *sim*.

— Atende — ordena, fitando-me com as pupilas dilatadas.

— *Eu não vou... eu não consigo fal... Ahhh... Mattew, Mattew, Mattew...* — Tento afastar seu rosto dali, mas ele não recua por nada. — *Eu não vou conseguir...*

— Então eu atendo.

Arregalo os olhos.

Ele chupa o meu clitóris, cobrindo os lábios sobre os meus e me engolindo por inteira diante dos meus próprios olhos.

Mattew solta uma das minhas pernas e puxa o telefone do gancho com um pouco de dificuldade. Mordo a minha mão num impulso, sentindo as veias em meu pescoço saltarem com o que ele está fazendo, com o que *nós* estamos fazendo.

— Mattew Thompson — diz, sem vacilar.

Ele esfrega os lábios com mais avidez sem provocar nenhum ruído, enquanto me encara como um verdadeiro demônio pervertido.

— Senhora Williams, essa reunião não está marcada só para a semana que vem?

Sua língua afunda e se estende em minha abertura, empurrando retesada num movimento que sinto que posso praticamente tocar o céu. Mattew afasta o telefone para o mais longe possível, grunhindo, indo e vindo e literalmente me fodendo só a língua.

Um gemido apertado escapa de mim sem querer.

— *Porra, caralho...* — grunhe.

Ele puxa o telefone de volta, me bebendo antes de recuar os lábios outra vez.

— Remarque para daqui uma hora e meia — lambe meu clitóris num toque e eu tremo —, eu estou ocupado revisando alguns processos com a senhorita Johnson, e, inclusive, não quero nenhuma interrupção. Se alguém entrar na minha sala ou na dela, principalmente o meu irmão, sem qualquer aviso, pessoas sairão desempregadas desse escritório ainda hoje.

Ele não faria is...

Ah, porra.

Agarro os seus cabelos, vendo suas pupilas dilatarem cada vez mais.

Agora sim Mattew sorri.

— Perfeito, que bom que entendeu.

As portas não estão trancadas.

Caralho.

Eu não estava me lembrando disso.

— A senhorita Johnson? — pergunta e sorri mais largo, como se estivesse gostando da ideia que está se passando por sua cabeça. — Claro, senhora Williams. Vou passar pra ela.

Pra mim?

Ele vai passar pra mim?

Sua mão fica suspensa no ar, segurando telefone em minha direção enquanto os lábios molhados e vermelhos voltam ao trabalho incessante. Reviro meus olhos, soluçando sem mais um pingo de razão em minha cabeça. Tudo volta a ficar em branco e sem rumo.

Pego o telefone, tentando colocá-lo grudado em minha orelha e achando dificuldade para executar essa simples ação.

Vejo estrelas enquanto o zumbido longe da ligação tenta me puxar de volta.

— Sim, senhora Williams?

Minha voz é uma piada.

Impotente e quebrada.

Dominada, eu diria.

— *Senhorita Johnson, você...*

Tento prestar atenção, mas eu não consigo..., não com Mattew me provocando tão duramente e me reduzindo por inteira. Restabeleço nosso contato visual e o assisto se afastar enquanto a senhora Williams continua falando no telefone.

— *... pode fazer isso por mim?*

— Claro, senhora Williams. Eu posso, eu posso fazer. Sem dúvidas eu posso fazer.

Mattew afasta minhas dobras, espalhando meus lábios de um jeito bagunçado. Ele me fita, fazendo quase que um bico, e deixa sua saliva escorrer num filete que cai diretamente no meu clítoris, babando sobre mim. Literalmente.

Porra, porra, porra, porra, porra.

Isso é tudo que se passa em minha cabeça.

Em câmera lenta, ele se aproxima.

— *Está tudo no email* — senhora Williams diz.

— *Per*... — Ele suga. Meu clítoris. Sufocando o nervo no vácuo. E eu. Eu travo. — Perfeito — digo, agora com mais firmeza. — Preciso voltar ao... ao trabalho. Até depois, senhora Williams.

— *Até dep*...

Mattew pega o telefone da minha mão e bate no gancho com força, mas eu não consigo ver nada além de estrelas.

As malditas estrelas.

O seu rosto no meio das minhas pernas e estrelas ao redor.

— Agora sim você está preparada — sentencia.

Seus braços finalmente me liberam do aperto e eu sou lançada outra vez para o vazio quando ele se afasta de mim.

Mattew começa a desabotoar a própria camisa, sem pressa, os olhos me examinando como se ele ainda não tivesse cansado disso. Ele passeia

pelos meus seios, pela parte da minha barriga que está descoberta, por minhas pernas e, para, no final de tudo, na minha boceta.

Do jeito que ele me analisa, eu também levo meu tempo para analisá-lo. É a primeira vez que o vejo sem estar todo vestido. Isso me deixa animada.

Cada pedaço que meus olhos começam a ter acesso é uma descoberta nova. Cada polegada da sua pele bronzeada e lisa que eu encaro, minha intimidade se comprime mais.

Seu torso é largo e completamente definido. Algumas pessoas têm sorte e Mattew com certeza é uma delas. Ele não faz atividade física com muita frequência, então ter a certeza de que ele é um maldito gostoso com quase nada de esforço é... excitante, mas excitante de uma maneira que me deixa envergonhada.

As laterais do seu quadril um pouco mais estreito, formam o famoso e irresistível “V”, apontando para onde agora os meus olhos estão grudados. Sua ereção é tão grande, marcando debaixo do tecido escuro, que parece estar a ponto de rasgar a calça.

Minhas mãos coçam.

Eu quero tocá-lo também.

Eu quero dar prazer para Mattew do jeito que ele está me dando.

— Não me olhe assim — repreende.

Volto a encarar os seus olhos azuis, sorrindo de lado ao ver que as suas pupilas seguem dilatadas. Agora, seu peito também sobe e desce, rápido, exatamente como eu estou há longos minutos.

— Assim como? — retruco, franzindo meu cenho inocentemente.

— Você sabe o que está fazendo, Madison — aperto minhas pernas —, então não me olhe assim a não ser que queira sofrer com as consequências por dias.

— *Dias?* — Agora eu estou realmente confusa... e curiosa.

Minha atenção desce para a braguilha de sua calça.

Ele começa a abrir.

Eu quero ver.

Eu *posso* ver.

— Dias — repete. — Continue me olhando assim e eu te garanto que vou te comer tão duro, que sua boceta vai conseguir sentir meu pau por dias.

Eu fito seu rosto.

Ele não pisca, nem vacila. Ele sequer sorri.

Não é uma brincadeira, Mattew está falando sério comigo.

— Você consegue? — pergunto, mordendo meu lábio inferior logo em seguida.

— Está realmente curiosa quanto a isso?

— Só quero saber se realmente consegue.

Ele sorri um pouco mais.

Merda.

É tão lindo.

Eu nunca me cansaria do seu sorriso.

— Te foder tanto a ponto de você chorar e me sentir por dias? — De relance, o assisto empurrar sua calça e sua boxer para baixo, juntas. — *Ah, eu consigo sim*.

Ele está mentindo.

Ele não consegue.

Isso não é possível, ou é?

— Chorar de quê? — questiono. Isso não é possível, mas e se realmente for? — *De pena?*

Seus olhos escurecem.

Vejo sua mandíbula travar numa linha perfeitamente reta.

Mattew segura meu quadril e me puxa em sua direção, abrupto, agindo cegamente. Minha respiração prende em meus pulmões novamente, de um jeito involuntário. Sinto três dos seus dedos passearem entre os meus grandes lábios. *Ele esfrega, esfrega, esfrega*... Meus olhos reviram para a parte de trás da cabeça. Estou quase perdendo os sentidos quando ele os

afasta. Atordoada, encaro a sua mão, vendo como ele agora esfrega a própria... *a própria ereção*.

E puta merda...

Eu não sabia que homens desse tipo realmente existiam.

Talvez eu não devesse ter provocado Mattew.

Ele vai mesmo me fazer chorar, mas eu não retiro minhas palavras.

Eu não quero retirá-las. Nesse momento, quero tudo que Mattew puder me dar — *inclusive as lágrimas*.

— Vou te mostrar como é ser fodida de verdade, então quem sabe assim você possa ter pena de si mesma, não de mim.

Sua pele entra em contato com a minha.

Seu quadril encontra um abrigo na parte traseira das minhas coxas.

Num segundo eu ainda estou viva, mas no outro? Quando o seu pau finalmente descansa sobre a mim? Eu realmente não consigo mais raciocinar. Eu não consigo pensar em nada além do calor dele e de como sua textura contra a minha é algo... perfeito. É a sensação perfeita, é a junção perfeita, é o contraste perfeito; e eu nunca imaginei que a perfeição realmente existisse.

Seguro-me na corrente fria que liga os dois lados da algema, empurrando meu quadril em sua direção.

Mattew pressiona o seu membro e desliza.

Para cima e para baixo.

— *Porra... merda...* — Soluço.

— É bom não é? — pergunta e eu concordo. — Mas eu não quero que seja só bom — resmunga. — Eu quero te deixar pensando nisso por meses — afirma —, pensando em como eu te comi no meio do nosso horário de trabalho — agarro meu lábio inferior, mordendo a carne com avidez —, e quero lembrar de você gozando em cima da minha mesa, melando o meu pau e chorando pra mim toda vez que eu sentar nessa cadeira.

— *Você não v-vai me fazer chorar* — provoco de volta, mais uma vez.

— Você gagueja com tão pouco, *amor*. Tem certeza de que eu não vou te fazer chorar?

Amor?

Ele...?

Não, eu não vou pensar sobre isso.

— Esfrega a boceta em mim.

Balanço o meu quadril, obedecendo-o prontamente.

Os movimentos que eu faço não são tão certeiros porque meu corpo inteiro treme ao sentir a grossura de sua ereção deslizando para cima e para baixo, como se estivesse se preparando. Meu olhar nublado acha Mattew e

eu suspiro baixinho com o jeito que ele está tão focado no lugar em que nossas carnes se tocam, molhadas.

— *Você não vai me f...*

Perco as palavras.

Ele me faz calar a boca sem dizer nada.

Mattew apenas grunhe, apertando minha cintura com mais força e finalmente afundando dentro em mim. Arqueio as costas por reflexo, choramingando com a dor que praticamente me parte no meio.

Não é minha primeira vez, mas sinto como se fosse.

Nossas respirações ficam suspensas no ar, enquanto o tempo para de correr por alguns instantes.

— *Caralho, Madison. Como consegue ser tão apertada?*

Sua pergunta me pega de surpresa, mas é o que nos faz respirar de novo.

Eu sorrio, sentindo os meus olhos se encherem de lágrimas. Automaticamente. Do jeito que ele praticamente prometeu para mim que faria.

A maldita ardência em meu ventre me deixa sensível e dolorida, enquanto o comprimento de Mattew começa a se ajustar dentro de mim. Não é totalmente confortável, mas também não é tão desconfortável. A

ponta de dor que eu sinto me faz gostar ainda mais, para ser sincera... e também me faz derramar a primeira lágrima.

— *Porra* — xinga, os dentes raspando uns nos outros.

Suas mãos correm por minhas coxas, então pelas laterais da minha bunda, apertando cada polegada, para só então acharem a base da minha coluna. Mattew me puxa para cima, fazendo-me sentar no meio dos papéis mais uma vez e levantando uma das mãos até a corrente da algema até que meus braços estejam ao redor de seu pescoço.

Nossos torsos nus se tocam.

Ele ainda não se atreveu a se mover dentro de mim.

Ele descansa a testa na minha e eu o fito com os olhos marejados, tão, mas tão intensamente, que eu não consigo pensar em nada além de beijá-lo, beijá-lo e beijá-lo.

— Você me fez mesmo chorar — murmuro, rindo e tirando uma risada sua.

Podemos ficar assim para sempre?

Podemos ser desse jeito para sempre?

— Você deveria se preocupar.

Esfrego meu nariz no seu.

— Me preocupar? — Franzo o cenho, mesmo que ele não possa ver.

— Assim você vai acabar se tornando um vício para mim, Madison.

Eu não ligo.

Eu não me importaria em me tornar o seu vício.

Nesse momento eu não me importo com nada.

Mas eu não falo isso.

Impulsiono o meu rosto para frente, rente ao seu, e corro a minha língua pelo seu lábio inferior como se ele fosse algum tipo de doce, passeando com calma e chupando o lábio só pra provocar. Escorrego o beijo por seu queixo, correndo para o seu maxilar e provando o gosto salgado da sua pele suada.

Solto um gemido abafado quando ele finalmente se move.

Eu não vou ter outra chance de realizar meu desejo.

— *Porra, caralho...* — pragueja novamente, me tirando o fôlego quando volto minha atenção novamente aos seus lábios, notando-os entreabertos, como se estivesse com dificuldade para manter o controle. — *A vontade que eu tenho é de te foder tanto até que fique mais fácil de entrar e sair dessa sua bocetinha apertada do caralho*.

Seus lábios esmagam os meus de uma só vez, engolindo meu gemido para si quando recua o quadril e estoca inteiro dentro de mim... pela segunda vez. Nós permanecemos de olhos abertos pelos próximos cinco segundos subsequentes. Tento acompanhar a euforia em seu olhar frenético, mas não consigo. Ofegamos um contra o outro, gemendo num chiado

excitante, e é com essa imagem que eu fecho os olhos, me rendendo por completa em seus braços.

Mattew e eu partimos. Juntos.

É como se eu tivesse vivido a vida inteira esperando esse momento.

Por mais carnal que estivesse sendo até agora, do nada, as coisas mudaram de rumo. Tudo isso só com um beijo. Só um, que é o suficiente para abafar cada pensamento ruim que já tive e cada vez que duvidei de mim mesma.

Mattew pode mesmo querer alguém como eu, não pode?

Sua língua finalmente empurra para dentro. O primeiro gosto que eu sinto é de menta. Depois vem o café. Seu café amargo de todos os dias, mas, na sua boca, é muito gostoso. Eu me embebedaria de Mattew sem reclamar. O músculo molhado invade a minha boca, massageando contra a minha língua deliciosamente.

Mattew começa a me reivindicar, pouco a pouco.

Esse é o beijo que eu estive esperando por meses, e ele é perfeito.

Um som arrastado escapa de mim e parte entre nossos lábios quando uma de suas mãos me segura pelo cabelo, e a outra afunda na minha cintura, dedilhando vagarosamente todo seu caminho até capturar um dos meus mamilos entre o dedão e o indicador.

Ele não espera mais nem um pouco, não deixa que eu me acostume... ele só... *vai*.

Ninguém me preparou para esse tipo de pressão. É irreal. Mesmo. É completamente fora da realidade, algo que eu nunca imaginei que poderia existir dentro de alguém — *mas existe dentro de Mattew*.

O ritmo das suas estocadas é controlado e cadenciado.

A parte interna das minhas coxas arde por dentro, os músculos repuxam e eu simplesmente laço o seu quadril com elas, tentando levar Mattew mais fundo, como se fosse humanamente possível. O som do seu pau entrando e saindo da minha boceta, bombeando num ritmo só; da sua língua fodendo a minha boca e dos seus dedos beliscando os meus mamilos, me deixando a cada segundo mais molhada, é alucinante.

Meus dedos enrolam nas pontas não muito longas do seu cabelo e eu puxo com força, escutando seu grunhido e me divertindo com ele.

Lágrimas escapam dos meus olhos.

É simplesmente incontrolável.

Mattew morde meu lábio inferior, meu queixo, meu maxilar, me deixando respirar por alguns instantes. Ele lambe o meu pescoço, morde, chupa e depois lambe de novo a pele sensível. Eu sei que as marcas vão começar a aparecer daqui poucas horas, talvez até minutos, mas eu não me importo com elas.

Ser marcada por Mattew mexe comigo de um jeito mais profundo do que eu poderia imaginar que mexeria... principalmente, quando, no caso, eu gosto dessa ideia.

Ele puxa a algema para cima, me fazendo soltar o seu pescoço e choramingar por isso.

Mattew sai de dentro de mim abruptamente e me puxa para fora da mesa, segurando meu rosto de cada lado enquanto minhas mãos dedilham o seu peitoral liso. Tento firmar meus pés no chão, mas as minhas pernas não ajudam muito. O calor da sua pele é algo tão bom que por um instante sinto vontade de imprimir aquela sensação debaixo dos meus dedos para nunca mais deixar de senti-lo.

Eu queria eternizar esse momento.

Ele traceja meu lábio inferior com o dedão, esfregando muito suavemente.

— *Vira e se empina pra mim* — grunhe, comandando num sopro.

Eu obedeço.

Contragosto, afasto minhas mãos do seu peitoral e inclino meu corpo sobre a mesa bagunçada. Papéis amassados, pilhas reviradas, computador na beirada. Sorrio, esticando minhas mãos para segurar na borda do outro lado e deitando-me o mais confortável possível ali. Afasto minhas pernas,

torcendo pra que elas continuem firmes, e tremo quando sinto seus dedos me invadirem sem aviso prévio.

Ele bombeia duas vezes e tira.

Sinto a cabeça inchada do seu pau deslizar só a pontinha pra dentro.

— Rebola pra mim, Madison. Rebola no meu pau e toma o que é seu.

Meu?

Mordo meu lábio inferior pra não gritar como uma completa louca.

Faço exatamente como Mattew pede, rebolando para ele... só para ele... sacudindo meu quadril em movimentos lentos, mas que eu sei que causam um bom efeito. Tento empurrar meu quadril para trás para levá-lo de volta para onde não queria que tivesse saído, mas o homem segura forte em minha cintura, parando os meus movimentos.

Não o sinto pelos próximos segundos.

Olho para trás, tentando entender o que está acontecendo agora e viro rápido o suficiente para ver Mattew se sentando em sua cadeira de trabalho e me fitando como a porra de um rei.

— Vem cá, *amor*.

Seu pedido é doce.

Meu estômago se revira por inteiro e eu tenho quase certeza de que são as malditas borboletas fazendo festa quando não deviam. Solto a mesa, inspirando o ar com força e endireitando a minha postura.

Mattew me toca sem restrições.

— Quica bem gostoso em mim.

Caralho.

Merda.

Porra.

Ele... está falando... sério?

— *Você*... — soluço, perdendo as palavras, sensível e necessitada.

Estou formigando por inteira.

É simplesmente incontrolável.

Por que ele tem que ser tão... tão...

— Vem — pede.

Assisto a sua língua correr entre os lábios e tudo que eu faço é obedecer, hipnotizada pela vontade que ele provoca em mim.

Empurro o meu quadril para trás, agachando o suficiente para senti-lo posicionar a ereção na minha entrada. Sento de uma só vez, nós dois gemendo em uníssono, baixo e grave.

— É tão bom, caralho. Você é tão gostosa — xinga, o domínio das suas mãos de volta em minha cintura. — Isso... *porra*... isso, Madison. Desse jeito. Faz desse jeito e você vai me ter enchendo essa boceta de porra em segundos.

Sorrio com seu elogio, gemendo de volta e continuando do jeito que Mattew gosta.

Meu quadril vai e vem, sobe e desce.

Nada de lentidão.

Sinto meu clitóris pulsar, precisando daquela liberação o quanto antes.

O ritmo agora é meu, eu que comando, embora suas mãos firmes tentem me dominar. Eu faço isso rápido. Não consigo mais prolongar o meu clímax. Eu corro em busca disso, sacudindo para cima e para baixo, tirando-o e colocando-o para dentro de mim, escutando o som molhado cada vez que o pau de Mattew me empala todinha.

Reviro os olhos, guiando as minhas mãos até o ponto pulsante entre minhas pernas. Mattew percebe isso e toma meu lugar, me fazendo quase gritar com sua rispidez ao me tocar dessa vez.

Ele está tão desesperado quanto eu.

Essa é a melhor posição do mundo.

Quicar no seu pau é a melhor coisa que eu já fiz na vida.

Um ardor me atinge antes que eu possa processar em minha cabeça.

A mão enorme de Mattew me acerta mais uma vez, estapeando minha bunda com força.

Um grito me escapa. Involuntário. A outra mão de Mattew solta minha cintura para pressionar sobre meus lábios e isso quase me faz rir.

Nós estamos uma bagunça.

— Você precisa ficar quietinha, *amor*. Não vai ter como disfarçar se continuar gritando assim.

E ele me acerta de novo. Mais um tapa seco que me faz gemer, me deixando tão, tão escorregadia.

Não há mais saída.

Mattew se levanta. Nós dois colados. Ele me empurra contra a mesa e mete, espalhando minhas pernas e socando cada vez mais forte. Meu quadril dói, mas isso aparentemente só intensifica a onda maldita de tesão que me consome.

Um aperto no peito estranho me faz prender a respiração. Dois segundos depois, ele se desembola e libera.

Meu corpo treme, dos pés a cabeça.

Mordo a minha mão, tentando abafar meus gemidos e conter as palavras desconexas que querem encontrar caminho para fora da minha boca.

Sinto Mattew endurecer atrás de mim e cessar os movimentos num golpe duro, seguido de um gemido rouco e baixo.

Ele também gozou.

Não consigo parar de tremer.

Lágrimas descem por minhas bochechas enquanto eu finalmente consigo abrir um sorriso bêbado e satisfeito.

Esse é um dos meus conceitos favoritos de “chorar de felicidade”.

A primeira coisa que sai de sua boca quando ele começa a se mover em cima de mim, é:

— Porra.

Suspiro, ofegante, suada e completamente desconsertada de um jeito que ninguém nunca conseguiu me deixar antes.

Mattew me levanta gentilmente, diferente da nossa troca de dois minutos atrás. Mole, ele me deixa sentada na sua mesa, parando no meio das minhas pernas e me fitando com os olhos brilhantes. Não falamos nada, só nos encaramos pelo que eu acho que é um minuto inteiro.

Ele há de ser o homem mais bonito que já coloquei os olhos. Não tem como ser ninguém além dele.

Mattew arruma sua roupa, recuando e dando a volta na mesa. Fecho os meus olhos, sorrindo sozinha e só abrindo-os novamente quando sua presença já está perto o suficiente de mim mais uma vez.

— Estende as mãos para mim — pede, ainda gentil.

Eu o faço, em silêncio, e vejo Mattew abrir as algemas.

— Obrigada — agradeço, livre, vendo meus pulsos marcados e sentindo um estúpido contentamento em meu peito só com aquilo.

Mattew se aproxima mais.

Ele toca meu rosto, segurando-o de cada lado, os dedões esfregando minhas bochechas suavemente.

Seus lábios caem sobre os meus em um beijo superficial e estalado.

— Você é minha — sentencia.

Eu o encaro, querendo rir, mas resistindo, franzindo o cenho naturalmente.

— *Sua?*

— É, Madison — concorda. — Você é minha. A partir de hoje, você é minha e de mais ninguém.

— Nós não devíamos... o contrato...

— *Foda-se o contrato* — rosna.

Ok, então foda-se o contrato.

Suspiro.

Mas não antes de uma coisa...

— Você precisa pedir — aponto, arqueando uma das sobrancelhas em desafio.

Mattew ri, fazendo o que eu não tive coragem de fazer.

— Eu não vou.

— *Como?* — Coloco minhas mãos sobre as suas no mais puro reflexo.

Ele está falando sério?

— Você é minha e ponto.

— Você só pode estar de brincadeira comigo. — O empurro, pulando de cima da mesa e começando a arrumar a minha roupa amassada. Eu estou o verdadeiro caos. — As coisas não funcionam assim, Mattew — digo, torcendo que minhas palavras entrem em sua cabeça e façam sentido. — Se você não pedir, não tem como eu aceitar, e se nada disso rolar, pode ter certeza de que eu nunca vou ser sua.

É uma guerra?

Essa é nossa primeira briga?

Então vai ser assim?

— Você está mesmo fazendo caso?

— Caso?

Babaca. Babaca. Babaca.

— A gente vai brigar por causa disso?

Eu sou tão, tão burra.

— É, Mattew. A gente vai brigar por causa disso, ou você achou que poderia simplesmente falar que eu sou sua e ser do jeito que deseja?

— Nós não precisamos brigar.

— E você precisa pedir.

— Pedir o que já é óbvio?

— Essa conversa acaba por aqui.

Apanho minha calcinha, vestindo-a tão rápido que quase caio. Mattew me segura. Suas mãos cravam em meu quadril, exatamente como cravaram durante todo o momento que nós compartilhamos. Mas, não...

Não mais.

Se ele não pedir, eu não vou ceder.

Ele acha que eu sou o quê? Uma propriedade? Alguém que ele comprou e pode levar por aí como uma cachorrinha adestrada?

Imbecil.

Talvez eu tenha colocado fé demais em Mattew.

No fim das contas, ele é só um homem rico como todos os outros que já tentaram algo comigo, a diferença é que... *é que*...

Foda-se a diferença também.

Foda-se ele.

06

“Mas como eu posso escapar de você
se você está na minha cabeça?”

UNCOMFORTABLE — *Chase Atlantic*

MATTEW THOMPSON

— presente —

Minha cabeça está uma bagunça desde o jantar de ontem à noite.

Ter bebido a mais da conta para *tentar* permanecer longe de Madison não saiu exatamente como eu esperava. Na verdade, ontem foi um verdadeiro desastre, para ser honesto comigo mesmo.

De muitas coisas que imaginei para o meu futuro, me tornar um completo louco por um belo par de pernas não foi uma delas. Já tive essa

experiência antes e não gosto nem mesmo de lembrar. Entretanto, tudo com Madison é sempre mais intenso.

Os olhares sobre a mulher que perturba a minha mente dia e noite, *e que pertence a mim*, não é algo que me deixe feliz. Não por nada em específico, mas é só que... eu sei que não tenho e nunca vou ter nenhum direito sobre ela, mas, caralho, como eu consigo explicar isso para a parte da minha cabeça que é completamente viciada em Madison?

Respiro lentamente, terminando de arrumar a minha gravata e parando um instante para tentar colocar minha merda no lugar. Termino de recolher minhas coisas, enfiando o celular no bolso da calça enquanto saio do meu quarto em passos largos até a cozinha, na minha rotina de sempre.

É isso que eu tenho que fazer: *focar na minha rotina e esquecer Madison*.

— *Mãe!*

Merda.

Parece que toda vez que estou decidido a seguir um caminho, ela vem e fode com tudo.

Escuto a voz sonolenta de Madison forçar animação antes que eu consiga terminar minha rota para entrar no outro cômodo.

Obviamente, paro de andar, encostando-me contra a parede de ouvidos afiados.

Nunca escutei muito de suas interações com sua família. Vindo de sua própria boca, sei apenas o mínimo sobre eles, já que foi isso que, de certa forma, a levou a concordar e assinar o contrato. Mas é claro que eu fiz o meu dever de casa e me informei muito bem sobre cada um dos seus familiares próximos.

— Tudo bem, mamãe, eu já disse que estou bem. Não é comigo com quem você precisa se preocupar.

Madison suspira.

Uma grande pausa vem.

Batuco os dedos na parede, ainda quieto, esperando que ela volte a falar.

— Mas ele está bem?

Posso imaginá-la franzindo o cenho.

— Mãe, você deveria ter me ligado antes. Eu teria dado um jeito de viajar, de ir ver vocês, nem que por algumas horas. Tenho certeza de que o meu chefe não se oporia.

Aconteceu algo sério?

— Eu sei, mãe, eu sei que está estável, mas se ele piorar em qualquer outro momento que seja, eu preciso ficar sabendo imediatamente. Você não pode esconder as coisas de mim. Por favor.

Madison solta um suspiro ainda mais alto.

Silêncio. Silêncio. E silêncio.

Isso me incomoda.

— *Tudo bem. Eu vou tentar organizar uma viagem o mais rápido possível para vê-los, mas continue me atualizando. Sim, sim. Eu vou falar com o meu chefe e...*

Silêncio.

— *Mãe, eu já disse que ele é só o meu chefe, por favor.*

Ela com certeza revirou os olhos.

— *Não, não tem como vocês conhecerem ele. Senhor Thompson é muito ocupado, mas pode deixar que eu vou avisá-lo de que você está grata. Certo. Manda um beijo para Mabel e para o papai. Hoje a noite eu vou ligar no FaceTime pra vê-lo, tudo bem? Ok, mamãe. Beijo. Até mais tarde.*

Madison solta um gemido arrastado, pesado.

Limpo minha garganta e conto até dez antes de mover minhas pernas novamente.

Entro na cozinha em passos largos, tentando não dar importância para a sua presença ali, embora seja difícil ignorar o fato de que a mulher está usando apenas um blusão e parece muito, muito bagunçada... e... e... *perfeita*.

— Bom dia, senhor Thompson.

Bufo e respiro fundo.

— Não precisa me chamar de senhor Thompson em casa. — Fito Madison brevemente para não fraquejar. — Vestida desse jeito não tem como te levar a sério — completo, tentando explicar meu ponto.

— *Ah... merda...* — sussurra. — Desculpa, eu v-vou me trocar, eu... eu só saí do quarto, estava com muita sede e...

— Tudo bem, Madison — retruco, obrigando-me a encarar sua maldita figura com firmeza. — Essa também é sua casa.

— *Não!* — exclama, nervosa. — É *sua* casa, é *seu* apartamento. Sinto muito. Não vai se repetir.

Reviro os olhos, decidindo não continuar com a discussão inútil.

É disso que a gente se enche: discussões inúteis.

— Que seja. — Pego uma garrafa de água na geladeira e volto-me em sua direção, encontrando-a ainda ali, me encarando. — Aconteceu algo?

Será que ela pode parar de me olhar desse jeito?

Assim fica difícil manter a guarda alta e segura para nós dois.

— Posso viajar?

Arqueio uma das sobrancelhas.

Eu sei do que ela está falando, mas Madison não sabe o que eu sei.

O que seria o certo a ser feito em nossa situação?

— Presumo que não — afirmo, abrindo a garrafa e tomando um longo gole.

— *M-Mattew*... — Ela fecha os olhos e enche os pulmões. — Senhor Thompson.

— Já disse que não precisa falar comigo desse jeito aqui dentro.

— Por que não? Você está agindo como meu chefe — ralha de volta, ainda sem me olhar.

— Isso é porque eu sou o seu chefe.

— Quando é a minha próxima folga? — pergunta, finalmente dedicando as pequenas orbes marrons a mim. — Eu tenho direito a folgas, não tenho?

— Claro. — Sorrio, cinicamente. — No próximo mês você terá uma folga.

— PRÓXIMO MÊS?!

Faço uma careta diante do seu grito.

Porra.

— Precisa mesmo de tudo isso? — reclamo.

— Como só no próximo mês?! — continua, mais contida.

— Isso é por você ter ultrapassado certos limites na noite passada.

— Eu não acredito que está me... punindo? E ainda mais por causa daquilo? — Madison avança em minha direção. — Qual é a porra do seu

problema?

— Você. — Sua respiração quente bate no meu queixo. — Pensei que as coisas já estivessem claras entre nós dois. — Dou de ombros. — Te ofereci bandeira branca e você preferiu agir de acordo com a própria vontade.

— Você me ofereceu bandeira branca pra gente transar, seu idiota!

— Ei, você está sendo radical! — retruco, imitando o seu tom com ironia.

A mulher tenta se acalmar diante dos meus olhos.

Vejo que ela está se esforçando, o que me faz admitir que eu sou realmente um idiota por não tentar ser um pouco mais... gentil. Mas, veja bem, Madison também não é a pessoa mais fácil para se lidar.

— Por favor, Mattew. Eu preciso viajar.

— O que aconteceu? — indago, querendo saber o motivo da ligação da sua mãe.

— Nada — joga, rápido. — Sinto falta de casa. É só isso.

— Algo com seu pai?

— Não — mente.

Que pena.

Não posso ajudá-la desse jeito se continuar mentindo.

— Bom, então minha resposta segue sendo: *não*.

Passo por Madison sem olhar para trás.

— Quando é a minha folga? — pergunta, seguindo meus passos.

— Já disse que é no próximo mês. — Olho para ela sobre meu ombro. — Você tem perca de memória recente?

— O que eu posso fazer para conseguir uma folga ainda nesse mês?

Solto uma risada, balançando a cabeça de um lado para o outro quando paro em frente a porta.

— Está esperando que eu peça o quê? Sexo?

Viro-me totalmente para ela.

— Não é o que você quer?

Meu peito sacode. Diferente.

É tipo uma... ofensa.

Respiro fundo.

— Não, senhorita Johnson. É o que *a gente* quer e só vai acontecer quando *você* pedir. Por isso, não se incomode. Não tem nada que você possa fazer para conseguir uma folga ainda esse mês — atiro, sentindo minha irritação viajar em segundos por cada canto do meu corpo. — Quero dizer — sorrio de lado —, que tal você começar com a verdade? Talvez se começar a me dizer a verdade, quem sabe eu me comova com o que quer que seja que está te fazendo querer viajar.

— Não preciso da sua pena — cospe, orgulhosa.

Certo.

— E eu não preciso de você, senhorita Johnson. No geral.

— Não foi isso que pareceu ontem.

— Nem tudo é o que parece ser. — Destranco a porta e abro, mas não quebro nosso contato visual. — Vá para sua aula. Te espero no escritório à tarde. Sem atrasos, por favor, ou sua viagem vai ficar só para daqui dois meses.

— Você é um ser humano desprezível.

Sorrio de lado.

— É uma honra receber um elogio logo tão cedo, senhorita Johnson. — Dou o primeiro passo para fora do apartamento e paro, achando Madison ainda ali, me encarando com tanta raiva e ódio que é meio palpável entre nós dois. — Sua mãe mandou lembranças para mim?

A expressão em seu rosto se perde rapidamente.

Madison abre a boca, mas nada sai, e eu não espero.

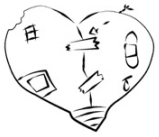
Deixo a porta entreaberta para que ela feche e sigo meu caminho até o elevador, tranquilamente.

Madison consegue me odiar com uma facilidade gigantesca, mas eu?

Não... eu não consigo odiá-la.

Infelizmente, tudo que eu odeio nela, é o jeito que a maldita me faz desejar estar por debaixo de sua pele mais e mais, dia após dia.

Eu espero que Madison Johnson se intoxique de mim.



Meu irmão se joga na cadeira em frente a minha mesa, enquanto sento-me atrás dela, do outro lado. Estico meu pescoço, de um lado para o outro, em busca de algum alívio para aquela tensão que está me deixando todo travado.

Nós dois acabamos de almoçar depois de uma manhã inteira de reuniões.

O cliente quer isso, o cliente quer aquilo... o juiz decidiu isso, o juiz decidiu aquilo... nós temos que entrar com um recurso nisso, entrar com um recurso naquilo.

Não me permitir ter folgas ou férias está começando a cobrar o seu preço.

Depois dessa manhã, tudo que eu mais quero é voltar pra casa e ter a porra de um descanso merecido — mas eu sei que ainda está longe disso acontecer, então eu só aceito.

Ainda assim, mesmo depois de uma manhã infernal e de tanto trabalho, minha cabeça teima em voltar para a perturbação inicial: *Madison*.

— A que pé estamos no processo do cliente do Arizona? — pergunto a Dylan. — Está com você, certo?

Da última vez que conversamos a respeito, pedi que o meu irmão cuidasse de tudo pessoalmente, já que o homem é um tanto complicado.

O processo que ele está movendo é bilionário, coisa de gente grande.

Por isso, pedi que Dylan se encarregasse do mesmo com o restante de nossa equipe, dando suporte total ao cliente e focando todas as forças no processo do homem.

— Estágios iniciais e, sim, está comigo, do jeito que você pediu — informa, tranquilamente.

— Já sentou com ele para alguma reunião? — Remexo na minha pilha principal de papéis. — Resumo breve, por favor.

Dylan ri baixo, mas pigarreia e começa:

— Até agora só fizemos alguns encontros virtuais. A reunião presencial está marcada para o fim desse mês. Isso é tudo. Por quê?

Acho os papéis do homem com todos os relatórios feitos até o presente momento.

— Entre em contato com ele e avise que desembarco em Phoenix na sexta para uma reunião.

— *Como...?* — Ergo o rosto para encarar Dylan. Ele está genuinamente confuso. — Assim? Do nada?

— *Do nada?* — Franzo o cenho, me fazendo de desentendido. — É um cliente grande, então eu quero ter certeza de que as coisas estão indo bem e de que ele está satisfeito com você e com nossa equipe.

— *Você... você...* — Dylan solta o ar, alto e com força. — Está com os papéis, certo? — Concordo. — Se precisar de alguma informação, é só falar. — Fica de pé, balançando a cabeça negativamente. — Não entendi que porra está acontecendo com você, mas vou tentar organizar as coisas o mais rápido possível.

— Organize.

Isso é tudo que digo antes de começar a duvidar da minha própria sanidade mental.

Puxo o telefone do gancho, apertando o número da mesa da senhora Williams e esperando pacientemente até que ela atenda.

— Senhor Thompson, posso ajudar?

— Na minha sala, por favor — peço.

Empurro o aparelho de volta no gancho e poucos segundos se passam até que eu escute duas batidas na porta.

Senhora Williams entra com seu *tablet* em mãos, pronta para escutar meus mandos e desmandos. Madison é quem geralmente fica encarregada do que vou pedir para a minha secretária geral, mas isso... bom... eu não quero pedir isso para Madison... assim estraga toda a graça do negócio.

— Prepare duas passagens e duas reservas no melhor hotel de Phoenix para essa sexta.

A mulher nem titubeia, já começando a anotar tudo.

— Em nome de quem, senhor?

— Em meu nome e no nome da senhorita Johnson.

Observo que ela trava um instante e parece engolir um sorriso, mas isso é tão rápido que no próximo segundo eu começo a achar que talvez seja coisa da minha cabeça.

— Melhor horário para o voo? — questiona.

— Pela manhã. Quero chegar em Phoenix o mais cedo possível. — Ela concorda com um aceno. — Prepare as passagens de volta para domingo à noite. — Relaxo na minha cadeira. — Entendido?

— Sim, senhor. Vou providenciar tudo ainda hoje.

— Perfeito, senhora Williams.

— Isso é tudo?

— Sim, obrigado.

Ela sai sem falar mais nada.

Fecho os meus olhos com força, cerrando os punhos de cada lado do meu corpo e respirando profundamente para tentar organizar meus pensamentos mais uma vez.

Fui impulsivo, eu sei.

Tudo que consigo pensar agora é em que merda eu acabei de fazer?

De qualquer forma, não vou recuar. Nunca faço isso, ainda que eu mesmo me encurrale numa situação, exatamente como acabei de fazer.

Abro os olhos e encaro o relógio em cima da minha mesa.

Uma hora e Madison estará aqui.

Como conto para ela o que eu fiz?

07

“Espero que eu seja capaz de ser
tudo o que você precisa.
Se você acha que sou alguém
que irá desistir e ir embora,
essa nunca vai ser eu.”

NEVER BE ME — *Miley Cyrus*

MADISON JOHNSON

Esfrego os meus olhos pela trigésima vez depois de mais um bocejo.

Meu corpo está completamente exausto e o meu sono exagerado não me deixa mentir. Estava me esforçando ao máximo pra gostar de

administração, mas era tudo tão teórico e exato que estava a ponto de me enlouquecer.

Não, eu não odeio o curso totalmente. É interessante nos momentos em que partimos para o abstrato, para o que não é explicado somente com teorias exatas, mas, infelizmente, essa parte abstrata da administração não é muito explorada.

Droga, como eu odeio números.

Eu odeio mesmo.

É com esse pensamento em mente que a minha última aula do dia chega ao fim, fazendo cada célula do meu corpo agradecer em puro alívio.

Os alunos ainda mais entediados e cansados do que eu, são os primeiros a saírem.

Arrumo meu material com calma, tentando criar coragem nesse meio tempo para o que — *ou melhor,* ***quem*** — vou ter que encarar pelo resto do dia: Mattew Thompson, mais conhecido como meu inferno particular. Depois dessa manhã, ele se colocou em um novo patamar de *pessoa irritante* para mim, mas eu nem quero mais pensar nisso. Minha única preocupação é em como vou contar para minha mãe que só posso viajar no mês que vem.

Estúpido. Idiota.

Mattew é um...

Giro em meus calcanhares, sentindo algo estranho ao meu redor. É uma sensação. Algo como um olhar pesado, como se eu estivesse sendo observada. Mas, não há ninguém em lugar nenhum.

Endireito-me, arrumando minhas coisas com mais pressa.

Um cutucão no meu ombro me tira dos meus pensamentos incertos e eu volto-me para trás rapidamente, olhando aquela figura familiar ali, com o seu sorriso bonito de sempre e áurea tranquilizadora.

Relaxo imediatamente.

— Maddie — David me cumprimenta, acenando com a cabeça todo educado.

— Ei — sorrio, franzindo o cenho um pouco confusa —, aconteceu alguma coisa?

Ele ri, coçando a ponta do nariz meio envergonhado.

— Tentei falar com você, mas não consegui — explica —, então decidi vir te encontrar pessoalmente.

— E você me encontrou — brinco, ainda confusa. — Aconteceu algo? — repito.

— Eric teve um contratempo com a dona do estúdio e não vai conseguir dar as aulas dessa tarde. Ele tentou te ligar, mas também não conseguiu resposta, então pediu que eu fizesse esse favor para ele. — David

pigarreia e eu só espero. — Ele me pediu pra vir perguntar se você pode dar as aulas dessa tarde no lugar dele, mas só se não for um problema, é claro.

— *M-Mas*... eu tenho que ir para o escritório.

David sorri em compreensão.

— Eu tentei explicar isso para ele — afirma, tranquilo.

Ele puxa o celular do paletó e no mesmo instante eu me vejo dividida entre a cruz e a espada. Eu sei que aulas são essas. O grupo sub-12 de Eric está se preparando há alguns meses para um espetáculo que está marcado para esse fim de semana.

Sei de tudo isso nos mínimos detalhes porque ele me pediu ajuda assim que comecei a frequentar as suas aulas. Segundo Eric, eu tenho muito potencial para a dança no geral. Não, não é só para os movimentos — *que eu sei que sou boa* —, mas para ensinar também, já que consigo memorizar sequências coreográficas com uma facilidade absurda.

É por isso que eu memorizei em menos de uma semana a coreografia do espetáculo.

Já ajudei Eric algumas vezes, mas não é nada certo, e ele sabe disso. O motivo principal é o meu trabalho. Meus horários já estão atrapalhados e apertados o suficiente por causa do trabalho com Mattew, então não dá pra firmar um compromisso com a dança se eu sei que não vou ter meios de cumpri-los.

— Calma — digo, antes que David consiga completar sua chamada. — Está tudo bem — concordo. — Eu posso assumir a turma essa tarde, mas é só por hoje, certo?

David concorda prontamente, pelo menos até onde ele sabe, é só por hoje.

Eu e Mattew já estamos putos o suficiente um com o outro, então, faltar o trabalho um diazinho só não vai deixá-lo ainda mais puto comigo. Ou vai?

Bom, quer saber?

Que se foda.

Mattew merece por todo estresse que me causa.

E, ainda que eu esteja sendo nada profissional com ele e com o contrato que está salvando a minha vida, não vou me martirizar por causa disso.

Foda-se, Mattew.

Foda-se o trabalho e o estresse.

Eu posso ter uma folga sim, independente do que ele fale.

— Você tem certeza, Maddie? — questiona, querendo se certificar da minha decisão.

— *Claro!* — concordo novamente, agora com mais veemência. — Mattew vai entender.

O sorriso que eu dou é sem graça.

Ele *vai ter* que entender.

— Então — David coça a nuca —, quer comer alguma coisa comigo antes de ir pra academia? — convida.

Mordo meu lábio inferior, engolindo um suspiro.

Somos amigos.

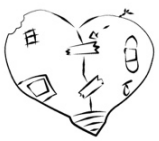
Amigos saem juntos para comer, não é?

— Pode ser — digo. — Só preciso avisar o senhor Jackson antes de sairmos.

David assente.

Deixamos juntos a sala já vazia, conversando sobre a apresentação do sub-12 e sobre as minhas aulas com Eric. Falar sobre isso me deixa tão confortável e faz eu me sentir tão bem, que é como se a minha amizade e de David fosse da vida toda.

Ele é realmente alguém muito especial para mim e ninguém nunca vai conseguir mudar isso.



Termino de arrumar minhas coisas na cadeira livre da mesa que David e eu escolhemos no canto mais afastado da *Starbucks*. Encaro meu amigo na bancada do estabelecimento, pronto para receber os nossos pedidos depois de termos gastado mais de meia hora só encarando o cardápio e conversando sobre coisas aleatórias.

Meu celular toca, me tirando daquele transe de vida comum e me lançando de volta na minha vida real. Fito o visor brevemente, encarando o nome de Mattew ali e meio que já sabendo o que está por vir.

— Sim, senhor Thompson?

Eu o atendo.

— *Onde você está?*

Aparentemente ele está irritado.

Seguro o riso.

Será que ele sentiu tanto assim a minha falta?

— Estava pronta pra te ligar — comento, esmagando dentro de mim a vontade de fazer a piadinha que passou por minha cabeça segundos atrás. Mattew é capaz de me matar se eu o provocar, principalmente estando tão longe. — Infelizmente não vou conseguir ir para o trabalho, senhor. Eu sinto muito.

— *Como?*

Quase consigo ver ele se levantando de sua cadeira e andando de um lado para o outro em sua sala, impaciente e irritado como de costume.

— Surgiu um imprevisto na faculdade e eu não vou conseguir sair daqui tão cedo. Eu sinto muito, de verdade. — Olho pela vidraça da cafeteria as pessoas indo e vindo. — Você pode descontar do meu salário ou pode cortar algum benefício, eu não sei... eu só...

— *Você acha que eu sou que tipo de pessoa para fazer isso?* — retruca, aparentemente indignado pelo que eu acabei de cogitar.

O tipo de pessoa que não gosta que os funcionários faltem?

— Senhor Thompson, eu...

— *O que aconteceu na faculdade, Madison?*

— Foi um imprevisto, eu juro que vou tentar resolver o quanto antes para chegar em casa o mais cedo possível e...

— Aqui está o nosso pedido.

Olho para o lado, achando David ali.

Arregalo os meus olhos e tento não surtar.

Mattew ouviu?

Ele vai me chamar de mentirosa de novo e, de fato, eu realmente sou uma mentirosa.

Eu sei que estou errada. Eu sei disso.

Mas o que eu devo fazer, afinal?

— *Imprevisto na faculdade, não é?* — alfineta, a ironia escorrendo do telefone para se infiltrar em meu ouvido.

Levanto a mão para David, pedindo com esse gesto que ele espere só um minuto.

— Mattew.

— *Você acha que eu sou que tipo de pessoa?* — repete.

Como eu posso explicar para ele que não tem nada a ver especificamente com ele?

— *Não vai me responder, Madison?*

— Eu não acho nada.

— *Então pare de mentir para mim como se eu fosse a porra de um imbecil que te machuca pelo que você faz ou deixa de fazer.*

— V-Você... eu nunca disse... você não me machuca, eu nunca falei isso.

— *Mas você age como se eu te machucasse o tempo todo.*

— A gente conversa à n...

Mattew desliga a chamada sem me deixar terminar de falar e sem nem me dar outra palavra.

Merda.

Merda. Merda.

Mas que grande merda.

— Aconteceu algo? — David pergunta, preocupado.

Meu humor some do mesmo jeito que surgiu: do nada.

— *Não* — sussurro, sentindo um aperto doloroso no peito.

Detesto agir com injustiça.

Apesar do jeito irritante e mandão de Mattew, ele nunca me machucou.

Ele me chateia, é claro. Ele me provoca o tempo todo e me tira do sério mais vezes do que eu consigo contar, mas ele *nunca* me machucou.

É isso que sempre fez Mattew se sobressair. É isso que fez eu ceder para ele naquele dia, é isso que fez eu derreter debaixo do seu toque. É isso que faz eu alimentar a coisa que acontece entre a gente com a esperança de que possa vir a dar certo algum dia.

É isso que me faz secretamente querê-lo.

E eu estou sendo uma burra, estúpida.

A dor em meu peito se intensifica conforme admito a minha parcela de culpa.

Não sei como limpar as coisas entre nós dois.

Agora que já menti tanto, não sei se Mattew vai acreditar em mim.

— Está tudo bem — afirmo, tentando afastar os pensamentos da minha cabeça e focar em David, que ainda parece bem preocupado comigo. — Era só Mattew sendo Mattew.

Ele acena de um jeito simples.

— Vocês dois são complicados — afirma de volta e eu sorrio, sem graça.

Pego minha torta de morango e o meu café, suspirando baixinho pelo cheiro e cara deliciosa da comida.

— A gente vai melhorar, eu prometo.

David ri.

— Não precisa prometer nada pra mim, mas o escritório agradeceria. — Mordo meu lábio inferior. — A última discussão deve ter sido escutada até no térreo.

— Eu não falei tão alto — tento me defender, mortificada.

— Não, não mesmo — morde um pedaço do seu *croissant* —, você *gritou*.

— David! — exclamo, sentindo minhas bochechas queimarem, enquanto ele só ri de mim. — Você está sendo malvado.

— É a verdade, Maddie. — Termina de mastigar, pigarreando suavemente. — Vocês dois precisam encontrar um denominador comum nessas brigas ou isso pode acabar saindo do controle em algum momento, ainda que eu conheça Mattew suficientemente bem para ter certeza de que ele não vai tocar em nenhum fio de cabelo seu.

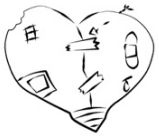
Faço uma careta, não gostando daquela ideia.

Tal como pensei: ele nunca me machucou e eu tenho certeza de que nunca me machucaria, não importa o que eu faça ou deixe de fazer, não importa o quão alto eu grite ou o quanto nós dois nos embolemos naquele emaranhado de confusão que nós mesmos criamos.

Confio em Mattew.

Do meu jeito, mas confio.

Só espero que ele ainda confie em mim.



Sete horas.

Sete horas se passaram desde que cheguei na academia e dei início a minha primeira aula *solo*. Meu contato com as meninas do sub-12 foi incrível — *já que já nos conhecíamos* —, e eu tive pouquíssimo trabalho em corrigir alguns de seus movimentos. O trabalho duro de Eric e delas estava refletindo perfeitamente na prática que tivemos, porque, sinceramente, elas estão perfeitas e eu mal posso esperar para esse fim de semana.

Fecho minha bolsa depois da ducha mais relaxante de toda a minha vida.

Eric chegou no finalzinho da aula e nós dois logo emendamos para minha aula particular. Passamos três horas juntos no estúdio treinando como se não houvesse amanhã, mas eu sei muito bem que esse amanhã existe e eu vou estar morrendo de dores musculares sem nenhuma dúvida.

Deixo o vestiário, encontrando Eric já me esperando para sairmos juntos.

— Você me salvou hoje — agradece, empurrando-me pelo ombro e tirando uma risada minha.

— Foi um prazer, Eric, de verdade. — Meu corpo esquenta só de satisfação. — Queria poder me dedicar só a isso, você sabe, mas, como ainda não é possível, sempre que eu conseguir fugir um pouco do escritório, vou tentar te ajudar.

— E eu agradeço, Maddie. — Entramos no elevador e nos encostamos no corrimão, em silêncio. Um segundo depois, rimos, esgotados. — Sabe, Maddie — Eric tomba a cabeça para o lado, me encarando —, por que você não deixa o escritório e a administração e tenta uma graduação em dança? Sei que brinco muito na maior parte do tempo, mas eu não estou mentindo quando digo que você é a melhor aluna que tive em muitos anos.

Dou de ombros.

Não tem como eu lhe dizer a verdade, é claro.

Não posso dizer que tenho um contrato em jogo custando tudo isso e que, mesmo que a dança seja um dos meus maiores sonhos, eu não posso largar tudo para vivê-lo.

— *Acho que... sei lá...* — resmungo. — Eu amo a dança, mas, por agora, as coisas estão acontecendo como podem acontecer na minha vida, então... talvez no futuro?

Eric e eu ficamos em silêncio até as portas se abrirem novamente e ele me abraçar pelos ombros.

— Caso precise de um amigo, pode contar comigo, ok? E com o chato do David também. — Rimos, e eu sinto minhas bochechas esquentarem de um jeito muito fácil. — Ele só sabe falar de você... — Eric revira os olhos. — Meu Deus, eu juro, Maddie. Meu irmão está... obcecado???

Mordo meu lábio inferior, ainda rindo muito mais envergonhada que antes.

— Nós somos amigos.

Eric ri, como se soubesse muito mais do que pode dizer.

Bom, no fundo eu sei também, mas não quero lidar com esse tipo de coisa. Eu não pedi por isso e não dei falsas esperanças para ninguém... principalmente quando...

Meus pensamentos somem e eu congelo no meio da passada quando nossos olhares se encontram. Ele está ali, encostado no seu carro preto que reluz tanto quanto o brilho em seus olhos azuis, aparentemente esperando por mim de braços cruzados.

É Mattew Thompson, em carne, osso e carranca, e, sendo muito justa, com toda razão dessa vez.

A voz de Eric está em algum lugar perto de mim que eu não consigo reconhecer. É preciso ele tirar o braço dos meus ombros e me cutucar para eu acordar da cena que está se passando ali na minha frente, o típico momento de tensão que acontece entre os protagonistas dos meus filmes de romance favoritos.

— Quem é o gostosão de preto que está te olhando como se fosse te comer viva?

Merda.

Ele está mesmo... para ambos.

Eu não queria admitir, mas...

Mattew está ali, gostoso pra caramba, usando uma blusa preta de manga longa e gola alta, jeans e sapatos da mesma cor. Seu cabelo molhado está penteado para trás, enquanto ele sustenta a carranca mais irresistível do mundo nos seus traços bonitos e marcados. Os olhos azuis afiados estão estudando cada pedaço meu, cada pequeno movimento, como se ele

estivesse analisando toda situação em sua cabeça para ligar as peças que estão na sua frente.

Ele parece quente, apesar da frieza ultrajante.

Ele parece estar pronto para pular em cima dos meus ossos, mesmo que eu saiba que nunca me machucaria. E, bom... eu não digo isso no sentido de *machucar*. Essa é uma coisa que só eu e Mattew sabemos desvendar: a maldita tensão sexual entre nós dois que bate no teto sempre que estamos irritados um com o outro.

Não faz sentido, mas é o que é.

Num movimento rápido, ele desencosta do carro e caminha em nossa direção em passos certos.

— *Ele é meu...*

Não consigo formular nada corretamente.

É tudo tão... confuso?

Não sei o que dizer ou fazer.

— Namorado — Mattew finaliza por mim, mas isso não é nada que eu estivesse planejando dizer.

Namorado.

Namorado?

Tudo bem, eu continuo errada.

Eu não vou brigar com ele.

Além do mais, ele tem direito de dizer para quem quiser que nós somos namorados.

Está no contrato.

— *Namorado?* — Eric pergunta ao meu lado, parecendo surpreso, e ri. Nós estávamos acabando de falar do seu irmão e... — Então você estava escondendo o ouro esse tempo todo? — continua e eu sinto meu corpo inteiro esquentar, o que não deveria acontecer, porque a noite está fria aqui fora e eu estou apenas de *collant* e calça de moletom, já que essas foram as únicas peças limpas que sobraram depois da ducha que tomei. — Eu sou Eric, professor de Maddie.

— Professor?

— É — sinto o olhar de Eric vir de Mattew para mim e seguir para o outro novamente —, professor de dança. Dança contemporânea. — Pausa. Engulo em seco. — A propósito, sua namorada, que é a minha melhor aluna, hoje foi professora também. — Eu o encaro, mordendo meu lábio inferior para conter o sorriso que quer se formar em meu rosto por mais um elogio seu. Talvez eu nunca me acostume com isso. — Obrigado de novo, Maddie. A gente vai compensar com uma aula extra, fechado?

Concordo.

— Não precisa me agradecer — repito o que tenho falado para ele desde que chegou mais cedo e começou com as ondas de agradecimento —,

você pode sempre contar comigo. Hoje foi incrível. Mas, não, eu não vou negar. Quero essa aula extra e vou cobrar.

Meu amigo e professor, ri.

— Fechado, gatinha.

Eric pisca para mim e vira para Mattew outra vez.

— Foi bom te conhecer, namorado da Maddie — diz, bem-humorado. — Como é seu nome mesmo?

— Mattew Thompson.

— *Thompson?!* — exclama. — Você... ele...?

Ah, claro.

É óbvio que David já deve ter falado de Mattew para o seu irmão.

Eric me encara e eu concordo, fazendo uma careta e torcendo para que ele não fale mais nada.

— Não sei o que isso quer dizer, mas...

— Sim, é ele. — Dou três tapinhas no ombro de Eric, chamando sua atenção e cortando Mattew. — Você não tinha que correr para o outro estúdio?

— *Merda, sim* — pragueja. — Preciso ir agora, a gente conversa depois. E, de novo, foi legal te conhecer, Mattew. Até a próxima!

O outro não diz nada, só fica parado ali.

Eric corre até o próprio carro e em segundos desaparece da rua.

Mattew e eu ficamos calados.

Tento evitar o seu olhar, mas não consigo.

A culpa dentro de mim me corrói lentamente.

Mesmo que ele não pareça tão chateado, ainda assim, me sinto horrível por ter escondido tanta coisa e mentido tanto.

— Como você me achou?

— Ele me conhece? — retruca com outra pergunta.

— Sim — afirmo, encolhendo os ombros.

— Como?

— Eric é irmão de David.

Vejo a mandíbula de Mattew travar.

— Vamos pro carro — comanda, dando-me as costas e caminhando até o veículo preto.

Mattew entra atrás do volante e eu no banco do passageiro.

Deixo minha bolsa escorregar das minhas pernas para o chão do carro quando prendo o cinto de segurança ao lado. Ele começa a dirigir aparentemente calmo, mas a sua mandíbula, pelo que percebo de soslaio, ainda está travada.

— Como você me achou? — repito a pergunta que ele ainda não respondeu.

Na minha cabeça estava tudo certo: como Mattew costuma demorar no trabalho e eu sempre chego antes em casa, estava esperando que tudo ocorresse como de costume; chegaria antes dele e o esperaria para o jantar. A julgar pelo que ele está vestindo, posso dizer com certeza que Mattew já até mesmo passou em casa antes de vir até mim.

E eu?

Bom, eu estou ferrada.

— Não é como se fosse tão difícil assim — retruca e a ficha cai.

Claro que não.

Ele perguntou para Jackson, meu motorista e a pessoa que deveria estar me esperando do lado de fora da academia.

— *Certo*... — resmungo. — Sinto muito.

Mattew ri ironicamente, puto da vida, mas não diz nada.

O homem permanece quieto por todo caminho até o seu apartamento.

O percurso não é longo, mas com a tensão que está entre nós dois, parece durar horas. Meus músculos endurecidos não me deixam mentir. A ansiedade está a ponto de me consumir quando ele finalmente estaciona em sua vaga e nós saímos, andando em passos largos até estarmos dentro do elevador que começa a nos levar até o nosso andar.

Evito seu olhar a todo e qualquer custo.

Troco o peso de uma perna para a outra inquietamente por pelo menos cinco vezes até as portas da caixa de metal se abrirem.

Mattew sai na minha frente sem dizer nada, liderando todo caminho até o seu apartamento. Ele abre e me espera, enquanto eu tento pensar em formas diferentes e indolores de sumir do nada, só pra evitar a conversa que vai se iniciar em três... dois... um...

Ah...

Nada?

Ele não vai dizer nada?

Jogo minha bolsa no sofá, virando-me a tempo de vê-lo trancar a porta, como se eu nem estivesse ali. Espero, espero e espero, mas Mattew está fazendo tudo menos olhando para mim ou me dando o mínimo de atenção.

— Você não vai falar nada? — Planto as mãos de cada lado da minha cintura. — Estou aqui, esperando você dizer tudo que está entalado aí desde cedo — cutuco. — Vamos lá, senhor Thompson, eu estou pronta, eu aguento.

Mattew para de andar perto da bancada principal da cozinha e se vira pra mim.

Seu olhar não me diz nada e isso me deixa nervosa.

Ele geralmente me diz muita coisa só com os olhos, isso é o normal entre nós dois, assim como eu sei que sempre lhe deixo saber o que estou sentindo só com um olhar. Após todos esses meses de convívio, nos entendemos assim.

Mas, por que ele não fala nada?

— Depois de entender que você prefere esconder tudo de mim e que acha mesmo que eu sou o pior tipo de gente para se compartilhar o ar que respira, achei que minha opinião não fizesse diferença nenhuma na sua vida.

— Fala qualquer coisa, menos isso, por favor.

— Eu estou falando, Madison. Não estou?

Ótimo.

Madison.

Ele vai começar com essa merda.

— Sinto muito por todas as mentiras, eu não sei te dizer onde a minha cabeça estava quando eu comecei com isso. — Respiro profundamente, sendo sincera e deixando a minha guarda completamente no chão pela primeira vez desde que nos conhecemos. Eu nunca me senti tão vulnerável. — Foi só... medo.

— Quando foi que eu fiz algo que te deu medo, Madison? — Nunca. Ele nunca fez nada que me desse medo. — Responde, por favor.

Ele disse por favor?

— V-Você nunca fez — gaguejo miseravelmente.

— Então por que diabos você ficou com medo?

Inspiro o ar com força.

Ele vem em minha direção e, por mais que eu não tenha medo, vou andando pra trás cegamente, sem quebrar nosso contato visual. Não quero a proximidade porque eu sei que não vou conseguir ficar tão próxima dele sem cometer nenhum deslize.

— Não foi de você — digo, tentando explicar o meu lado. — Foi... foi do nosso contrato. — Mattew franze o cenho. — Você poderia pensar que talvez eu tivesse voltado a ser aquela pessoa de antes, que... que...

— Que dança por dinheiro?

Minha respiração trava.

Bato com as costas na parede.

Não tenho pra onde fugir e ele já está a dois passos de mim.

— Aquilo não era *só dança* — sussurro, desviando nossos olhares com urgência.

Eu não suporto essa sensação nojenta que me atinge sempre que penso sobre antes.

Eu sou a pessoa mais suja do mundo, eu realmente sou.

— Não é o que os dançarinos fazem, dançam por dinheiro? — continua, empurrando toda sujeira merecidamente pra cima de mim. — Não é o que todo mundo que trabalha faz? Ninguém trabalha de graça pra ninguém, Madison, eu não esperaria o mesmo de você. — Aperto as pálpebras com força. Isso não é o que eu estava esperando e sequer é o que eu acredito. — Você se julga e acha que eu estou fazendo o mesmo, por isso esconde as coisas de mim. É isso, Madison?

Sim.

É isso.

— Por que você não me julga também? É fácil me julgar, então faça isso. — Abro os olhos, buscando-o e encarando-o diretamente. Lágrimas começam a se formar como num passe de mágica. — Por que você quis tanto me ajudar? Você sequer me conhecia, Mattew. Por que eu, no meio de tanta gente?

Ele se inclina sobre mim, cobrindo-me com seu tamanho e ficando a pouquíssimos centímetros do primeiro toque. Meus batimentos cardíacos se tornam erráticos à medida que meu corpo reconhece que Mattew invadiu meu espaço pessoal.

Sua presença é desconcertante de longe, mas, de perto?

Eu não sei o que fazer, não sei como agir ou simplesmente reagir.

— Não tenho certeza de qual tipo de resposta você quer, com ou sem palavras, então, Madison, eu vou falar isso só uma vez: *pede o que você realmente quer*.

— N-Não... nós não podemos, isso é... — Puxo o ar com força, me sentindo sufocada com tudo que está acontecendo. — Eu só quero me desculpar com você, eu só quero que as coisas entre nós dois fiquem esclarecidas.

— *Porra* — grunhe. — Você é forte, não é? — Mordo meu lábio inferior sabendo exatamente do que ele está falando. Mattew toca meu queixo, empurrando meu rosto um pouco mais para cima. — Com quem esteve essa tarde, Madison?

Demorou pra ele perguntar.

Eu sabia que Mattew tinha escutado.

Só fico surpresa por ele não ter reconhecido a voz do seu amigo.

— D-David — gaguejo outra vez.

Até mesmo agora, com sua expressão fechando completamente, seu rosto parece tão mais bonito de perto.

Talvez eu pudesse me acostumar a vê-lo assim tão próximo.

Mas eu não posso.

Nós não podemos.

Eu tenho responsabilidades *reais* para lidar.

— Você gosta dele?

Franzo o cenho, querendo saber de que lugar, dentro de Mattew, vem essa pergunta.

É sério?

Não está óbvio?

— Essa é sua forma de questionar por que estávamos juntos essa tarde?

— Não — retruca. — Essa é minha forma de ter uma resposta para o que perguntei e só. Não me importo se você estava com ele ou não. Não me importo com quem você sai. Eu só quero saber isso, Madison. — Mattew respira fundo. — Você gosta de David?

Ele é inacreditável.

Pensei que fosse óbvio que não.

— Ele é só um amigo.

— Ele não quer ser *só* um amigo.

— Mas é o que *eu* quero — retruco, séria. — David nunca me desrespeitou, ele sabe que eu não tenho sentimentos por ele e respeita isso.

Mattew fica em silêncio por uns cinco segundos antes de soltar uma risada cínica.

— É melhor que ele te respeite assim como você está me dizendo.

Seu dedão começa um carinho em meu queixo, lugar que ele ainda não soltou, e arrepios percorrem cada polegada minha. Sinto os meus mamilos intumescidos empurrarem contra o tecido macio do *collant* e eu aperto meu lábio com força, segurando a vontade de revirar os olhos pelo prazer repentino que me atinge em cheio só com a porcaria de um toque, um afago.

— Enquanto você mentia para mim, se encontrava com meu amigo e dançava em sua academia, eu estive resolvendo negócios.

Solto meu lábio e mordo minha língua, me impedindo assim de falar qualquer besteira.

— Preciso me preocupar com alguma coisa?

— Precisa se preparar — responde, decidido. — Viajaremos para Phoenix na sexta, então prepare nossas coisas até lá.

Phoenix?

— *Arizona?*

Mattew finalmente me solta e dá um passo para trás.

Sinto o vazio esmagador me domar.

— É a única cidade que conheço com esse nome — farpa. — Existe outra, senhorita Johnson?

Merda, merda.

Ele está falando sério?

Eu realmente quero beijá-lo agora.

Eu não me importaria em pedir, não me importaria em permitir.

Mattew fez isso por...

— Você fez isso por... por mim? — questiono, andando em sua direção sem saber o que pensar ao certo.

Meu coração está cada vez mais acelerado.

Por que ele foi idiota comigo se pretendia fazer isso?

Mattew gosta que eu pense coisas ruins sobre ele?

Que tipo de jogo estamos jogando agora?

— Fiz isso pelos negócios, senhorita Johnson. — Ele arqueia uma das sobrancelhas como se não fizesse ideia do que eu estou falando. — O que você está pensando?

Idiota.

É por isso que eu não consigo alimentar esperanças a seu respeito.

— *Negócios* — murmuro. — Tudo bem, eu não pensei nada. Pode deixar que vou preparar nossas coisas para a ocasião.

Passo por Mattew, mas não consigo ir longe.

Ele segura firme o meu braço, fazendo-me encará-lo outra vez, agora mais como nós sempre somos um com outro: *irritados*.

— Você não vai dançar pra mim?

— *O q-quê?*

Meus olhos arregalam... naturalmente.

O que ele disse?

— Você não vai dançar pra mim, Madison?

Porra.

Merda.

Caralho.

Essa é a terceira vez que ele me pergunta isso.

Duas agora e uma naquela noite.

— Ficou louco?

Ele ri.

Suave, quase doce.

É diferente.

Ele não está zombado de mim, está claro.

Ele está realmente... perguntando.

Isso faz sentido?

Mas é claro que não!

Eu não vou dançar para Mattew.

— Você nunca dança *só* pra mim, Madison. Por que isso?

E eu preciso responder?

Não é óbvio?

Será que só eu consigo ver as coisas óbvias entre nós?

— Eu só não quero.

— Você tem medo, não é?

Sua cabeça tomba para o lado.

— Do que você acha que eu tenho medo?

Silêncio.

Então mais um sorriso.

Para mim.

Todo meu.

— Do que nós viraríamos depois disso.

Escorrego minha língua entre os meus lábios, curiosa e ao mesmo tempo consciente.

Mattew está certo.

Ele tem razão.

Eu tenho medo disso e de muitas outras coisas quando se trata de nós dois.

— O que você acha que nós viraríamos?

— Não é óbvio?

Agora ele quer falar sobre obviedades?

Mattew me puxa para perto, fazendo nossos corpos colidirem.

— Me diz você — peço.

Num sopro, ele solta:

— *Maldito caos*.

É isso, Mattew.

É exatamente isso e por isso que não podemos ficar juntos.

Somos caos. Intensos e desmedidos.

Nós ainda não nos machucamos, mas isso pode acontecer com uma facilidade tão tentadora que eu tenho a imagem nítida de mim mesma implorando para que Mattew me machuque.

Colidimos uma vez.

Nos reduzimos a nada, mas... agora?

É como se tudo ao nosso ao redor estivesse implorando pelo caos que nós dois somos, mas ambos resistimos bravamente. Só não consigo dizer por mais quanto tempo conseguiremos resistir agora que todas as cartas estão na mesa.

Outra colisão e viraremos isso, esse maldito caos.

08

“Nossas diferenças nos ensinam muito
a como usar as ferramentas e os dons que temos.
Sim, temos muita coisa em jogo.”

I WON’T GIVE UP — *Jason Mraz*

MADISON JOHNSON

Esperar por Mattew é entediante.

Estou sentada na sala de estar há pelo menos meia hora depois do horário que combinamos na noite passada, pensando em como vamos acabar perdendo o voo por conta do seu atraso. Sei que Mattew detesta se atrasar e é por isso que o fato de ele estar demorando tanto em seu escritório parece uma piada para mim.

Apesar de estar muito — *e secretamente* — animada, até agora ainda não entendi o motivo real da nossa viagem para o Arizona.

Depois que Dylan me contou em segredo sobre quem estamos indo ver, nada mais fez sentido na minha cabeça, afinal, era Dylan que estava encarregado de lidar com o cliente com quem vamos nos reunir. Obviamente não cobrei nenhum outro tipo de resposta de Mattew, já que naquela noite ele deixou bem claro que nossa viagem é a trabalho e nada além disso.

Mas... por que essas peças simplesmente não conseguem se encaixar em minha cabeça?

E se não for *só* pelo trabalho?

É perceptível como ele se importa comigo, ainda que na maioria das vezes tente mostrar e dizer que não. Ninguém contrata uma pessoa com um salário satisfatório, se responsabiliza por uma conta enorme de hospital do seu pai, te coloca para estudar e paga sua faculdade e ainda te dá um teto luxuoso e confortável a troco de... *nada*. Sim, nós temos um contrato, mas a usabilidade desse contrato é quase inútil para Mattew.

Eu trabalho meio períodos alguns dias, lhe acompanho em eventos e festas e... só.

É um acordo onde só uma das partes se beneficia, porque, não, não é como se eu tivesse assinado aqueles papéis para vender meu corpo ou pra

gente foder sempre que Mattew desejar, muito pelo contrário.

Envolvimento sentimental e sexual é estritamente proibido — *ainda que tenhamos deslizado uma vez por completo e batermos na trave em tantas outras*.

Mas, então... *por quê?*

Por que Mattew não assume as suas intenções?

Por que ele sempre se faz parecer tão mau quando é o contrário disso?

Por que ele não me deixa entender quais os seus reais sentimentos a meu respeito?

Nós não podemos, mas e se... eu... eu não sei... e se a gente passar a poder?

Estou cansada dessa burrice compartilhada de ambos os lados ao mesmo tempo em que sei que não posso me cansar porque nunca vamos ser nada além do que somos.

— Vamos?

A pergunta de Mattew me faz dar um pulo do sofá.

Ele se aproximou de mim e eu sequer percebi.

— Claro. — Pego o meu celular de cima da mesinha de centro, me apressando em digitar uma mensagem rápida para o senhor Jackson e lhe avisar que já estamos descendo. Sua resposta vem quase que instantaneamente. — O motorista já está no estacionamento nos esperando

— informo, subindo meu olhar para longe do aparelho e o encarando. — Espero que a gente não perca o voo.

— Não vamos — garante.

Tomando a frente, Mattew caminha até as nossas malas e as puxa consigo, enquanto eu franzo o cenho discretamente com a sua atitude.

Não digo nada, só sigo o seu passo, quieta, e abro a porta para nós dois sairmos, fechando em seguida e guardando a chave em minha bolsa.

Não trocamos olhares e nem palavras.

É um pouco diferente das guerras implícitas que sempre travamos. Mas, a verdade talvez esteja no fato que desde aquela noite, a nossa tempestade se aquietou um pouco, transformando-se numa simples e inofensiva garoa.

E é assim que ficamos por todo caminho até o estacionamento e, em seguida, já acomodados no banco de trás, até o aeroporto.

Chegamos no local em menos de trinta minutos, para a nossa grande sorte.

Fazemos *check-in*, despachamos as malas no limite do tempo e seguimos até a sala VIP de espera. Nunca me imaginei num lugar como esse, vivendo como se eu pertencesse a esse mundo estranho de gente rica, mas, a contar do momento em que comecei a trabalhar para Mattew, já tive que dar de cara com esses lugares mais vezes do que gostaria.

Afinal, eu tinha que me adaptar, mesmo não gostando cem por cento do ambiente.

Minha necessidade constante por dinheiro acabou me deixando um pouco desiludida desse tipo de vida luxuosa. Sei que não é como o capitalismo funciona — *e, que pena que seja assim* —, mas eu gostaria tanto que essa gente rica olhasse de verdade para os que não tem tanto e ajudassem. É um sonho? Sim. Vai acontecer? Não. Mas eu não deixo de sonhar só porque é impossível. É disso que se tratam os sonhos.

Um dia, se eu tiver chance e condição, espero conseguir ajudar pelo menos uma pessoa que precise muito de alguém como quem Mattew é para mim.

— Vamos ter o resto do dia livre, caso queira fazer alguma coisa.

A declaração do homem sentado ao meu lado faz meu coração acelerar, me arrancando de uma vez dos meus devaneios com uma informação que eu não estava esperançosa em receber.

Estamos amistosos, estamos numa garoa, mas isso não quer dizer que o não pode jogo pode virar a qualquer momento e nossa relação não possa se transformar numa grande tempestade.

— *Vamos? Eu posso mesmo?*

A parte fodida da minha cabeça sente que a qualquer momento Mattew vai me cutucar, rir da minha cara e dizer que tudo foi só um teste,

uma brincadeira, e então vamos voltar direto para o trabalho “de verdade”.

Não estou pensando pouco dele propositalmente, mas depois da forma como Mattew falou sobre a motivação da nossa viagem, tentei sufocar todas as minhas esperanças de ir ver a minha família.

Ouvi-lo dizer que teremos o resto do dia livre e que eu posso fazer basicamente o que quiser é como um sonho.

E essa é outra coisa da qual os sonhos se tratam: mesmo impossíveis, eles ainda têm aquele 0,1% de chance de se tornarem reais.

Essa é a minha chance.

— Sim, senhorita Johnson — afirma, despreocupado. — Não é como se eu pudesse te prender e proibir de fazer o que bem desejar em seu tempo livre. — Dá de ombros. — Então, caso queira, podemos fazer alguma coisa juntos quando chegarmos lá.

— *J-Juntos?*

Mattew me dá um olhar torto, de soslaio.

Vejo seu maxilar travar suavemente.

Então ele solta, como se relaxasse.

— É, *juntos* — repete. — Nós só teremos um carro lá em Phoenix e como eu também tenho coisas para fazer, teremos que sair juntos se isso não for um problema para você.

É claro que seria isso.

Idiota. O que eu estava querendo pensar?

Murcho um pouquinho por dentro, mas pigarreio rapidamente, querendo não vacilar e gaguejar dessa vez.

— Tudo bem, senhor Thompson. Está ótimo desse jeito. Eu aceito da forma que você quiser.

Ele só resmunga uma última vez antes de voltarmos ao completo silêncio.

Preciso me controlar.

Isso é só trabalho, não diversão.

Isso são apenas deveres, não direitos.

Ainda somos contratante e contratada.

Eu continuo sendo apenas a sua empregada e ele o meu chefe.

Fato engraçado — *ou não* — sobre mim: *eu odeio aviões*.

Não que eu entre em pânico ou algo parecido, mas eu preciso de um pouco de tempo para me acostumar com o fato de que estou dentro de uma máquina gigante que voa.

Isso soa de um jeito louco, não é?

Sentir os meus músculos endurecerem me lembra exatamente disso, enquanto aperto as pálpebras para tentar me lançar para longe da minha realidade atual.

Geralmente me controlo melhor do que estou conseguindo fazer dessa vez. Talvez a minha ansiedade em poder pisar logo em Phoenix e ir atrás da minha família tenha me deixado mais sensível e engatilhada do que o normal.

Qualquer desculpa é uma boa desculpa para a minha aversão a aviões estar um pouco mais à flor da pele.

Mas é só controlar.

Inspira.

Expira.

Inspira.

Expira.

Insp...

— Madison, está tudo bem?

A voz de Mattew consegue se infiltrar em meus pensamentos e na minha tentativa inútil de me acalmar. Sinto as veias em meu pescoço repuxarem pela força que faço para estar sob controle de tudo, então, só concordo com um aceno, juntando meus lábios numa fina linha e puxando o ar um pouco mais fundo.

— Você não parece bem.

Mattew não quer fazer isso agora, certo?

Tipo... discutir?

Por mais que eu não tenha pânico, eu realmente não quero dedicar minhas forças em uma maldita discussão nesse exato momento.

— Você n-não precisa se preocupar comigo — rebato, sentindo a minha língua um tanto pesada.

Nossa sorte, caso acabemos discutindo, é que estamos numa cabine de casal privada na primeira classe como de costume.

Eu não deveria ter me apressado.

Eu não deveria ter me apressado e tomado a frente para ficar do lado da janela.

Um toque em meu punho me faz finalmente abrir os olhos e suavizar o agarre no braço da poltrona. O aviso do piloto de que vamos finalmente decolar quase tira minha atenção do que está acontecendo entre nós dois.

Os dedos longos e ásperos de Mattew deslizam perfeitamente entre os meus, entrelaçando de um jeito que me aquece.

O avião começa a taxiar na pista.

— Por que eu não me preocuparia com você, senhorita Johnson? — O dedão massageia a parte que consegue alcançar do dorso da minha mão. Reviro meus olhos e a sombra de um sorriso aparece em seus próprios

lábios quando volto a focar em sua figura pacífica. — O gato comeu a sua língua?

— Você está mesmo disposto a me irritar logo agora?

— *Irritar?* — Franze o cenho, mas sei que não é exatamente sincero. — Eu não quero te irritar, senhorita Johnson.

— Então pare de me chamar de *senhorita Johnson*.

— Tem certeza? — A pressão dos seus dedos entre os meus se intensifica só o suficiente para me fazer lamber meus lábios enquanto encaro os seus. *"Foco, Maddie. Foco"*, penso. — O que você prefere então?

O tom rouco.

A pergunta.

Isso me envia para aquele dia... *a vez em que nós... na sua sala... e...*

— Me chamar pelo meu primeiro nome é um bom começo, já que sequer estamos trabalhando agora — retruco, tentando soar firme.

Mattew finalmente sorri.

Um sorriso completo como eu já o vi dar pouquíssimas vezes.

Minha atenção é só sua. Nosso corpo recosta na poltrona, mas nossas cabeças, viradas na direção um do outro, continuam o curso perfeito para que nosso contato visual não se quebre. Estamos decolando e eu nem ligo mais, para ser sincera.

— Você realmente não gosta do *"senhorita Johnson"*?

— Nem um pouco — resmungo, hipnotizada pelo seu sorriso.

Meus ouvidos doem pela pressão da decolagem, mas eu também não ligo.

— Mas é necessário, não acha?

Carinho na mão.

Sorriso largo.

— Não como você usa... o tempo todo...

— *Senhorita Johnson*.

O tom é de repreensão, mas o sorriso é de diversão.

— Madison, por favor — eu peço.

A pressão ao redor suaviza aos poucos.

Então, Mattew concorda.

— Quer trocar de lugar comigo, Madison?

Finalmente desvio nossos olhares, mesmo que a contragosto. Olho pela janela, constatando que nós já estamos no ar, voando, a muitos pés do chão. Concordo com a cabeça antes mesmo de encará-lo de novo, o que acontece dois segundos depois.

O azul vivo dos olhos de Mattew me acalma.

— Então eu vou te soltar, tudo bem? — Assinto, absorta mais uma vez do que está acontecendo fora da nossa bolha. A mão livre de Mattew

briga com o encaixe do cinto de segurança, soltando-o com um pouco de dificuldade, enquanto eu aperto nossas palmas juntas com mais força. — Vou soltar o meu e nós trocamos sem pressa, fechado?

Não digo nada, nem assinto, nem discordo.

Só... fico ali.

Parada.

Petrificada.

Encarando o homem soltar o próprio cinto de segurança enquanto o avião sacode um pouco.

Nós só podemos soltar os cintos, tecnicamente falando, depois que o piloto “libera” no alto-falante. Isso ainda não aconteceu, mas, aparentemente, não vai ser esse pequeno fato que vai parar Mattew. E, além disso, nós estamos seguros.

O homem se levanta, oferecendo a sua outra mão para mim e me puxando de uma só vez para cima. Nossos corpos ficam a centímetros um do outro pelo puxão.

Ele não disse que era sem pressa?

Tento não me desestabilizar com isso, mas, quando vou dar o primeiro passo para entrar no seu espaço pessoal e tomar seu antigo lugar, o avião sacode com mais força. A turbulência faz Mattew cair de volta em sua poltrona e, talvez por reflexo, ele acaba me puxando em sua direção.

Nossas testas batem com força e eu aperto os meus olhos pela dor.

Eu simplesmente caí em seu colo.

A minha respiração trava no topo da garganta.

Abro os olhos rapidamente, tentando notar algum traço de insatisfação, dor ou chateação em seu rosto, mas nada aparece nitidamente ali. Enquanto isso, eu estou morrendo de vergonha, e definho ainda mais quando uma de suas mãos aperta ao redor da minha cintura e a outra segue entrelaçada na minha.

— Eu sinto muito. — O tom rouco está começando a me tirar do sério. O que eu devo falar ou fazer quando ele está falando assim comigo, tão, tão perto? — Você está bem? Se machucou? — questiona, sério, *o rosto a centímetros do meu*, quando vê que eu nem ameaço abrir a boca para respondê-lo. — *Madison*.

— E-Estou bem, eu não me m-machuquei — gaguejo.

Sua respiração pesada me atinge numa longa e forte corrente.

Ele suspirou aliviado ou foi só impressão minha?

Nossos olhares tão encaixados um no outro me fazem quase esquecer de quem nós somos.

Como as pessoas costumam dizer: o silêncio é ensurdecedor.

— Por mais que eu não me oponha a essa posição, acho que é mais seguro se nos sentarmos separadamente. — A provocação está ali. Droga,

droga, droga. — O que você acha?

Me desvencilho de Mattew e fico de pé.

Tudo isso em menos de cinco segundos.

— Tudo bem, pode ir para a outra poltrona.

As palavras saem da minha boca como foguete.

Eu só quero me sentar e me enterrar ali na minha vergonha.

O moreno se levanta, tranquilo, mas não se afasta antes de me lançar um sorrisinho de lado. Fodido. E bonito.

Mattew se senta no meu lugar e eu no seu, já prendendo o cinto de segurança e voltando a me agarrar com força nos braços do assento. Sua palma quente desliza do meu punho até meus dedos novamente. Ele volta a entrelaçá-los, em silêncio e quieto, sem nenhuma resistência minha, como se... como se... fosse para ser *assim*.

Eu simplesmente deixo que seja assim, nem que só por um momento.

Eu não estaria mentindo se disse que Mattew e eu passamos a viagem inteira de mãos dadas, até mesmo quando — *felizmente* — caí no sono. Abrir meus olhos e ver nossos dedos confortavelmente

entrançados foi uma das coisas mais reconfortantes que senti nos últimos tempos, mas ele nunca poderia saber disso.

O resto da viagem foi muito tranquilo.

Nós não conversamos, mas o clima estava ótimo. Eu consegui descansar um pouco e só acordei quando o piloto já estava avisando que pousaríamos em alguns minutos. E... *ta-daaa!*, chegamos em Phoenix, Arizona, minha cidade natal e meu lar.

Assim que colocamos os pés na fervente Phoenix, senti minha cabeça girar e quase dei de cara no chão. Por sorte, Mattew estava logo atrás de mim e me segurou rapidamente, perguntando e tentando se certificar se eu estava bem.

Bem, bem eu estou. Mas, na mesma medida, me sinto enjoada pelo calor escaldante do começo de tarde em Phoenix e um tanto ansiosa e estressada para ir logo até os meus pais e irmãzinha.

Assisto Mattew se aproximar de mim puxando nossas malas.

Depois de me ver passando mal, ele me fez ficar sentada e foi resolver tudo para que pudéssemos sair logo do aeroporto.

Tenho muita sorte por ele ter sido rápido.

— Podemos ir? — pergunta assim que já está perto o suficiente.

Nem nos meus melhores sonhos imaginei que nossa viagem começaria assim: com um Mattew tão atencioso e diferente daquele chefe

irritante e durão que sempre se mostra para mim. É como se eu estivesse olhando para uma pessoa totalmente diferente, o que me faz perguntar para mim mesma se esse é o seu “eu” de verdade.

Talvez seja, talvez não seja.

Em qualquer uma das opções, acredito que não seja da minha conta.

— Claro — concordo, já me sentindo melhor da tontura e ficando de pé.

Dou um passo para frente para tentar pegar minha mala, mas ele recua, desviando de mim.

— Eu levo — informa, simples, como se não fosse *nada*. — Você pode pegar a chave do carro no meu bolso de trás?

— *Carro?*

Franzo o cenho.

— *Claro?* — repete, no mesmo tom que eu usei. — Como você acha que vamos nos locomover pela cidade?

Reviro os olhos.

— Eu sei que seria com um carro, só não sabia que tudo já estava arrumado para nós dois...

— Eu sei que sou eficiente, Madison. Você não precisa rasgar elogios para mim.

Ele pisca para mim.

Pisca.

Para mim.

Sinto a minha pele esquentar. *Muito*.

E eu só não passo mal de novo porque estamos dentro do aeroporto climatizado.

Viro de costas para Mattew, querendo me poupar da vergonha de ser vista nesse estado, mas eu tomo ciência de que ele percebe como fiquei quando a sua risada baixa e contida ressoa atrás de mim.

Respirando fundo, o ignoro e lidero o caminho pelo aeroporto até o estacionamento. Mattew fala só umas duas vezes durante nosso percurso, o que me deixa um tanto insatisfeita. Sua versão desconhecida é... adorável. É uma pena tê-lo sempre escondido atrás de uma carranca e atitudes irritantes.

— O carro está logo ali. — Aponta com o queixo para um SUV preto, parecidíssimo com os que ele e toda sua família têm. — A chave, Madison.

Me aproximo e enfio a mão em seu bolso, puxando a chave apressadamente.

Destravo as portas e aperto o botão para abrir a mala também.

Meu Deus, eu tinha esquecido de como Phoenix faz calor.

Puta merda.

Desse jeito eu vou passar mal mais uma vez.

Mattew coloca nossas bagagens no porta-malas e para na minha frente depois de fechá-lo. Ele toma a chave do veículo da minha mão e abre a porta para mim, ficando parado como um poste enquanto me espera entrar.

— Dessa vez eu dirijo — diz, divertido, enquanto passo por ele e sento no passageiro —, mas só porque você está praticamente passando mal de novo.

Como ele consegue perceber as coisas tão fácil em mim?

— É muito cavalheirismo da sua parte, senhor Thompson.

Mattew bate a porta, mas não antes de me deixar ver mais um sorriso seu.

Ele entra atrás do volante e me encara.

— O cavalheirismo ainda não morreu, senhorita Johnson.

Sorrio de volta, relaxando contra o banco.

Quero dizer... praticamente derretendo.

— Você há de ser o último romântico a pisar na Terra.

O moreno arqueia uma das sobrancelhas e só depois de dois segundos a minha cabeça entende o que eu acabei de falar.

Resultado?

Vermelha de novo.

— Estamos sendo românticos agora? — provoca, desviando nossos olhares para o meu alívio e começando a dirigir.

— Não foi isso que eu quis dizer — rebato, tentando me explicar ou corrigir de alguma forma.

— Relaxa, senhorita Johnson. — Sua mão encontra seu curso natural até a minha. — Consigo ser romântico, se é isso que você quer.

Puxo a minha mão para longe.

— N-Não quero.

Mattew gargalha.

— Me dê a sua mão, senhorita Johnson.

— Madison — corrijo.

— Me dê a sua mão, *Madison*.

— Não também — sussurro, cruzando os braços para me proteger dos seus ataques.

Eu não quero romance.

Eu não posso ter romance.

Mattew não pode me dar romance.

— *Madison* — grunhe.

— Já disse que não.

Seu suspiro é longo.

— Certo — concorda. — Eu não vou insistir, mas quando voarmos de volta para Washington, não fique fazendo cara de cachorrinho arrependido do meu lado porque eu não vou segurar sua mão nem se implorar.

— *Eu nem pedi mesmo* — resmungo.

— O que disse?

— Eu não vou implorar, foi isso que eu disse.

— Ótimo então.

— Ótimo — repito.

Eu... estraguei o clima?

Foi isso?

Nem olho para Mattew pelo resto da viagem até o hotel de nossas reservas para não ter a certeza de que estraguei mesmo o clima.

É seguro assim.

Dói ter que admitir que as tempestades são mais seguras para nós dois do que as garoas.

“Eu poderia ser aquele de quem
você fala em todas as suas histórias?
Eu posso ser ele?”

CAN I BE HIM — *James Arthur*

MATTEW THOMPSON

Não consigo tirar os olhos de cima dela e isso é um problema.

Limpo minha garganta com um pigarro, inspirando o ar seco de Phoenix, nem um pouco satisfeito com o calor que faz nessa cidade.

Encarando o semblante focado de Madison, que está atrás do volante dirigindo para nós dois enquanto muda a sua atenção a cada instante da

pista para o GPS e do GPS para a pista, eu não consigo parar de pensar em que merda eu fiz.

Nunca fui tão impulsivo como nos últimos dias, e é por isso que ainda estou tentando entender o que se passou por minha cabeça quando decidi que seria uma boa ideia ir me encontrar com o cliente do caso que meu irmão está a frente e tudo isso por causa de... de... de uma peste de mulher. Mas, o que esperar de mim mesmo quando se trata dela? Desde o primeiro momento, desde o primeiro olhar, Madison me desestabilizou por completo. É uma coisa que jamais contaria a ninguém — *muito menos para ela* —, mas, a essa altura, estava difícil de negar isso para mim mesmo.

As coisas estavam ficando cada vez mais bagunçadas entre nós dois.

Pouco a pouco, mas esse pouco a pouco logo viraria uma daquelas bolas de neve que desce do topo de uma montanha, desgovernada, e leva consigo tudo que vê pela frente.

Honestamente, viver e conviver com Madison sem poder tocá-la quando for bom para nós dois é perturbador. A vontade mais crua e primitiva dentro de mim me machuca com aquela maldita e recorrente vontade de me apossar do seu corpo, dos seus pensamentos, dos seus maiores desejos.

Costumo me perguntar se ela também se sente assim em relação a mim.

Lá no fundo, gostaria de receber uma resposta positiva, porque eu não me importaria de ser alguém a quem Madison possa chamar de seu, porém esse tipo de situação implica muitas consequências e é quase certo de que nenhum de nós dois está disposto ou preparado para lidar com elas.

Não sei o que fazer comigo mesmo.

Estou perdendo o controle da situação e me deixando levar por sentimentos em sua forma mais fiel e natural. Isso está me fazendo definhar em mim mesmo; cada dia uma parte de mim é reduzida mais um pouco.

Quando se trata de Madison, controle não é uma alternativa, mas sim uma utopia que fica só para ser contemplada de longe.

Desvio meu olhar de cima da morena quando percebo que ela está ciente de que é dona de toda a minha atenção, mexendo-se de um jeito estranho em cima do banco. Contenho o meu sorriso, olhando pela janela um dos bairros mais calmos e arborizados pelo qual já passei. Espio o GPS, notando que já estamos na rua do nosso destino.

Então é aqui que, provavelmente, fica o lar de Madison.

Ela encosta o carro em frente a uma casa toda branca.

A área de construção não é muito ampla, mas o lado de dentro dever ser bem aconchegante, isso eu aposto.

Esse não é um bairro como os que costumo frequentar. Não é luxuoso, nem cheio de construções gigantescas, mas, é definitivamente um

lugar que imprime uma paz e pureza como nunca vi antes. Olhar para Madison, nesse exato instante, é vê-la como uma garotinha pequena que finalmente achou o caminho de volta para casa.

Isso machuca algum lugar dentro do meu peito que eu não consigo sequer saber onde fica.

Os seus olhos castanhos brilham de um jeito exagerado. Os lábios cheios estão franzidos, cerrados numa linha fina, enquanto ela parece estar se segurando para... sei lá... não chorar? Suas mãos ainda estão fechadas em punhos ao redor do volante e isso me enche de um instinto de proteção que eu não faço ideia de onde vem, mas eu tento empurrá-lo para o fundo da minha mente com toda força que tenho.

— Nós chegamos — Madison sussurra.

Por que ela está agindo assim?

Ela não pode estar só... feliz?

Prefiro que ela fique feliz, porque sei que a agonia no meu peito vai se acalmar.

— O jardim é bonito — digo, tentando soar o mais calmo possível.

É verdade.

O jardim que fica de cada lado do caminho até a porta da casa, é muito bonito e bem cuidado. As flores estão brilhantes, as pequenas plantas e as duas árvores, de cada lado, parecem reluzir junto da grama verdinha.

— É mesmo — ela concorda, fazendo-me voltar a encarar sua figura estranhamente quieta. — Parece exatamente como da última vez em que estive aqui.

— E quando foi a última vez?

Madison respira fundo e solta o ar bem devagar.

— Já faz alguns anos.

Aceno positivamente, concordando com o que ela diz.

Alguns anos...

No próximo segundo, vejo Madison abrir o maior e mais doce sorriso de todos. Suas bochechas ficam vermelhas de um jeito que eu nunca vi antes. Ela geralmente enrubesce quando eu falo qualquer besteira sobre sexo, mas agora é totalmente diferente. Fico mais calmo com essa imagem sua, estranhamente mais calmo.

— Aqui você é meu chefe, tudo bem? — diz cautelosamente, ainda com o mesmo sorriso enquanto me olha nos olhos.

Eu quase não consigo levá-la a sério desse jeito.

Encaro sua boca, não conseguindo resistir.

Porra...

— Você quis dizer o seu namorado? — retruco, segurando o riso quando seus lábios comprimem, perdendo o sorriso enquanto apertam entre si. A assisto revirar os olhos, satisfeito por deixá-la na borda como eu estou.

— Meio estranho você trazer o chefe para uma visita de família, então vamos facilitar as coisas?

— *Mas...*

— Prefere que eu te chame de senhorita Johnson? — retruco.

Ela parece estar a ponto de explodir.

— Tudo bem, Mattew. — Seu tom é de desdém. Bom, pelo menos voltamos ao normal, não é? — Você quem manda.

Perfeito.

Sorrio para Madison e solto meu cinto, sendo o primeiro entre nós dois a sair do carro. Espero que ela se aproxime de mim para que possamos prosseguir pelo caminho de pedras até a entrada da casa.

Andamos lado a lado, em silêncio, e eu espero Madison colocar o primeiro pé na rampa para segurar a sua mão de uma só vez.

Se somos namorados, precisamos agir de acordo.

Ela olha para baixo, onde nossas mãos estão juntas, e depois para mim.

Assisto a morena lamber os lábios e desvio rapidamente da imagem, porque, sinceramente, essa não seria uma boa hora para ter uma ereção.

— Você pode ficar quieto? — pede bem baixinho.

Madison fica adorável toda nervosinha.

— Sim senhora, madame.

Ela aperta a minha mão com força e eu quase engasgo com minha risada.

Com a outra mão, Madison alcança a maçaneta, mas quem quer que esteja do lado de dentro, é mais rápido do que ela, porque a porta se abre de uma vez. A imagem de uma senhora de cabelos escuros, com mechas grisalhas, se faz logo ali, a centímetros de nós dois, e eu não preciso pensar nem duas vezes para constatar que essa é a mãe de Madison.

A mulher de olhos afiados me encara firme.

Jesus, elas são idênticas.

Quando sua atenção se volta para a sua filha, ela suaviza.

Os dedos de Madison soltam os meus gradativamente. Ela dá mais dois passos para frente, me deixando completamente para trás quando se derrama em um abraço apertado com a sua mãe. Fico quieto, paradinho na minha, só assistindo o reencontro das duas depois de anos, pelo que ela me contou.

Elas sussurram coisas que eu mal consigo compreender.

— Você está tão magra, minha filha.

Essa é a primeira frase que eu entendo saindo da boca da mãe de Madison assim que elas se afastam um pouco.

— Mamãe, eu estou bem — a morena, como sempre, se defende rapidamente.

O pior é que eu percebi que nas últimas semanas Madison realmente emagreceu mais do que provavelmente é o aconselhável. Ainda não conversamos sobre suas aulas de dança, mas eu posso apostar que ela está perdendo peso por causa da rotina.

Madison precisa trabalhar, estudar e depois ainda vai para essa tal aula.

Não acho que esteja sendo nem um pouco saudável para ela.

— E você dever ser o...?

Eu a encaro, esperando que ela responda.

— É o meu... meu chefe.

Sorrio de lado.

Ela ficou nervosa ou em pânico?

— Então você é o mandão? — a senhora pergunta, um pouco mais suave e bem-humorada.

— Aparentemente, sim, senhora.

Estendo minha mão para um cumprimento, mas ela segura e me puxa para um abraço, que me pega completamente desprevenido.

— Obrigada por tudo que tem feito por minha filha e por minha família.

Sua voz sai como um murmuro, muito abafada por causa do abraço inesperado.

Fico um pouco sem jeito e me sinto um completo idiota. Lá no fundo, minhas motivações parecem uma grande merda diante das palavras da mãe de Madison.

— Você não tem o que me agradecer — digo assim que nos afastamos. — Sua filha — encaro Madison — é quem tem feito muito por mim.

Seus olhos brilham um pouco mais, mas nada acontece além disso.

— Ainda assim, é um prazer imenso conhecê-lo, fico muito feliz que tenha vindo com a minha Maddie. — Sorrio para a senhora. — A propósito, eu sou Maise, Maise Johnson.

— Mattew Thompson — retruco.

Maise.

Madison e Maise.

Os nomes são todos com “M” na família?

— Vamos entrar, senhor Thompson — pede, abrindo espaço para mim e para sua filha. Deixo Madison passar na minha frente, seguindo seu passo logo atrás. — Você deveria ter avisado, minha filha, assim eu teria preparado alguma coisa para o seu chefe comer.

— Eu queria fazer uma surpresa... — Madison encolhe os ombros.

Foda-se.

Ela é mesmo adorável.

— Não se preocupe comigo, senhora Johnson, eu não estou com fome.

— Só Maise, por favor — pede, as bochechas ficando vermelhas, igual acontece com alguém que conheço. — Meus cabelos grisalhos já estão me fazendo sentir muito velha, você não precisa vir com essa coisa de senhora.

— Mamãe! — Madison exclama, reclamando. — Você não está velha.

— Diz isso porque os cabelos brancos não são seus.

Nós rimos juntos.

A minha risada perdura até eu sentir um puxão na barra da minha camisa, quase me fazendo dar um pulo pelo susto.

— *Jesus...* — resmungo, vendo uma pequena cabeça de cabelos bagunçados e tão escuros quanto os de Madison. A menina olha para cima, em minha direção, e eu arregalo os olhos ao me deparar com uma Madison Johnson compacta, edição limitadíssima. — *Oi?*

A menina é a cópia da morena que está a alguns passos distante de mim.

Essa descoberta me deixa espantado e maravilhado. Tudo ao mesmo tempo.

Esse é o metaverso de Madison?

— Oi! — Ela sorri, me fazendo querer gargalhar pela falta de alguns dentes em sua boca. — Você é mesmo bonitão — afirma. — É igualzinho minha irmã sempre diz.

Arqueio uma das sobrancelhas, mudando minha atenção da pequena para a outra, a que perturba meus pensamentos dia e noite.

— Mabel! — Madison desvia o olhar de cima de mim, se aproximando e tirando a menina do chão em um abraço. Maise ri, enquanto eu só encaro as duas agora juntas. — O que eu te falei sobre os nossos segredos?

— Que a gente não conta...

— E...? — Madison continua. — Se a gente não conta os segredos, por que você está falando essa besteira?

— Mas você não disse que isso era segredo quando falou dele, Maddie — a pequena faz um bico —, e ele é bonitão mesmo.

A confusão no rosto de Madison é impagável.

Eu não consigo não sorrir diante da cena.

Esse, talvez, seja um dos momentos mais memoráveis de toda minha vida.

— É bom saber que vocês duas andam falando sobre mim — comento, inserindo-me no meio do diálogo das duas, mas também tentando

aplacar um pouco da vergonha de Madison. Depois eu posso usar isso ao meu favor. — Eu sou Mattew, mas você pode me chamar de Matt.

Estendo uma das mãos para a pequena e ela sorri para mim, agarrando minha palma no mesmo instante, ainda nos braços de sua irmã. A mão é pequena e muito delicada. A coisa mais fofa em que já coloquei os olhos.

Em que tipo de homem eu estou me transformando, afinal?

— Oi, Matt. Eu sou Mabel, mas você pode me chamar de princesa Mabel.

Sacudimos nossas mãos enquanto a porra do sorriso em meus lábios não consegue dar um tempo e sumir.

— Princesa? — pergunto e ela concorda. Sua espontaneidade é impagável. — Seu fiel súdito, princesa Mabel.

Me curvo um pouco, tirando a risada de todas elas.

— Se sentem um pouco — Maise intervém docemente, sugerindo enquanto alisa a saia do seu vestido florido bonito. — Eu vou buscar suco e alguns biscoitos que fiz com a princesa Mabel um pouco mais cedo.

— Nós estamos mesmo com muita fome, mamãe... — Mabel comenta em tom de satisfação. — Matt vai querer aqueles cookies com gotas de chocolate, mamãe. Traz pra ele, traz.

Sento-me no sofá, rindo.

— É mesmo o Matt que vai querer? — Maise pergunta, arqueando uma das sobrancelhas.

— Eu aposto que é a Mabel — Madison responde, sentando-se no outro sofá com a pequena no seu colo.

— É o Matt. Não é, Matt?

Os grandes olhos castanhos me encaram em expectativa.

— Claro — concordo. — Eu amo cookies com gotas de chocolate, eles são os meus preferidos.

— ‘Tá vendo, Maddie? — ralha contra a sua irmã. — Eles são meus favoritos também — completa, sorrindo mais largo a cada segundo.

Encaro Madison, sentindo algo completamente diferente mexer dentro de mim. Seus olhos brilhantes e expressivos me encaram de uma forma diferente também. A atmosfera entre nós dois, em especial, não é nada como tudo que já tivemos.

Ela desvia para fitar sua irmã.

— Vou ajudar a mamãe e ver o papai enquanto você faz companhia para o seu súdito Mattew, tudo bem?

— Tudo bem, eu faço companhia pra ele — a menina concorda.

Madison deixa a menina no sofá e fica de pé, seguindo até a sua mãe. Elas se abraçam e começam a se afastar lentamente de nós.

— O seu pai está dormindo agora, querida, mas pode ir lá de qualquer forma.

Essa é a última coisa que escuto vindo das duas antes da minha atenção mudar completamente e mais uma vez para dar conta do pequeno furacão que agora está só comigo.

Mabel pigarreia e eu cruzo os braços, encarando-a um pouco mais sério. Ela se levanta e vem até mim, tomando um lugar ao meu lado e cruzando os braços como quem está me imitando de propósito.

— Como posso ajudar você, Matt? — pergunta, atenciosa.

Como?

Me ajudar?

— Não seria o contrário, princesa Mabel? — retruco. — Afinal, o súdito aqui sou eu — um vinco vai se formando em sua testa —, então me diga o que posso fazer para lhe agradar?

— Mas, Matt, o que é súdito?

Ah, é claro.

Onde eu estava com a cabeça?

É óbvio que uma criança não vai saber o que isso significa.

— Resumindo, princesa Mabel, eu sou aquele que simplesmente obedece e faz tudo que você quiser.

Seus olhos expandem, arregalando-se com a informação.

Leva tudo de mim para não cair na gargalhada.

Não consigo lembrar a última vez que me diverti tanto.

— Tudo que eu quiser? Tudo mesmo?

Seu sorriso surge com aquela ideia, o que me faz imaginar o que está se passando em sua cabecinha.

A minha conversa com a pequena princesa Mabel transcorre tranquilamente. Ela me enche de perguntas aleatórias, do tipo “qual o nome dos seus pais?”, “onde você mora?”, “o que você faz?”, “você é mesmo chefe da minha irmã?”, “pode comprar sorvete se eu pedir?”, e coisas do tipo. Mabel é uma tagarela de primeira classe, o que a deixa extremamente adorável aos meus olhos, exatamente como a sua irmã mais velha.

— Você pode me mostrar onde fica o banheiro? — peço depois de finalmente terminar de responder todas as suas perguntas e lhe prometer que vou comprar todos os potes de sorvete do mundo para ela.

Mabel fica de pé num pulo, estendendo a mão pra mim.

— Vamos, eu te mostro, mas você não pode demorar porque a mamãe já vai trazer os *cookies* e às vezes eles somem tipo mágica.

Ah, claro.

Mágica. Eu sei bem essa mágica.

Seguro sua mão e sou guiado pela menina enquanto seguro o riso.

Essa foi a sua forma de dizer que ela vai comer todos se eu demorar, o que é muito inteligente da sua parte.

Depois de ser deixado no banheiro por Mabel, fico alguns minutos ali, encostado na bancada da pia e passando um pouco de água no rosto para relaxar. Não percebi que estava nervoso até esse exato momento, o que me pega desprevenido.

Eu não fico nervoso.

Nunca.

Então por que diabos eu me sinto tão nervoso agora?

Inspiro e expiro.

Vai ficar tudo bem.

Vai dar tudo certo.

Mas o que vai ficar tudo bem e o que vai dar certo?

Não consigo compreender os meus próprios pensamentos.

Lavo minhas mãos uma última vez e saio do banheiro, pronto para fugir dos meus próprios pensamentos e daquele nervosismo estranho súbito. Assim que fecho a porta atrás de mim, vejo Madison sair de um dos quartos do corredor.

Eu a assisto em silêncio.

A mulher pressiona as mãos em sua boca, encolhendo até o chão em silêncio. O seu rosto, pelo que consigo ver, está banhado de lágrimas. A

forma como o seu corpo contrai naquela posição frágil faz o meu coração quase parar de bater.

Eu nunca vi Madison desse jeito.

Eu nunca a vi tão, tão... inconstante.

Tudo que eu conheço é a Madison Johnson inquebrável, que dançava na noite para custear o tratamento de câncer do próprio pai e em anos não soube o que era ser cuidada. Tudo que eu conheço é essa mulher forte, que mesmo passando pela porra do inferno, sempre tratou até quem não merecia — *como eu* —, com a maior educação do mundo.

É impossível não quebrar com Madison tão pequena na minha frente — *o que, sem dúvida nenhuma, é a pior imagem que eu já tive dela*.

Aproximo-me cegamente da morena, me agachando ao seu lado e finalmente chamando a sua atenção. Os olhos castanhos que tanto me perseguem, se voltam para mim, avermelhados e cheios de lágrimas. O brilho que sempre reconheço em sua figura está totalmente ofuscado pela onda de emoções que está claramente lhe engolindo.

A dor é transparente.

Sem pensar muito, sento-me no chão e a puxo sobre mim, abraçando o seu corpo pequeno como se eu pudesse ou tivesse a capacidade de ser o seu abrigo nem que por um mísero minuto.

Ela se esconde nos meus braços, agarrando minha camisa com força e apertando-se contra mim. Fico em silêncio, esperando que Madison se acalme em seu próprio tempo. Nada que eu fale agora para ela vai fazer qualquer diferença. Às vezes tudo que você pode dar para uma pessoa no seu maior momento de dor, é o silêncio.

Corro minha mão direita por suas costas, enquanto laço seu corpo com mais força com meu braço esquerdo.

Seu balançar se acalma aos poucos, mas tudo que consigo pensar é em como a coisa que mais odeio no mundo, a partir de agora, é o choro de dor de Madison.

— *O que você está fazendo?* — Madison sussurra contra a pele do meu pescoço, sua voz ainda muito embargada pela crise de choro.

Arrepios sobem por minha espinha pelo contato dos seus lábios naquele ponto sensível, mas eu os ignoro.

— O que *você* está fazendo? — retruco no mesmo tom. — Porque nós estamos fazendo a mesma coisa, Madison.

Ela balança a cabeça negativamente.

A morena se afasta o suficiente para me encarar.

— *Ele está tão...* — Sua voz soa de um jeito assustadoramente pequeno. — *Ele está tão debilitado* — confessa, apertando as pálpebras com força como se quisesse fugir da realidade.

“Se eu pudesse, Madison, fugiria dessa realidade junto com você”, esse é o primeiro pensamento que cruza a minha cabeça.

— Agora ele está se tratando rigorosamente, Madison, sem mais pausas por falta de dinheiro pra continuar com o tratamento. Infelizmente os remédios são agressivos, a quimioterapia é uma merda. — Subo minhas mãos até o seu rosto perfeito, tentando enxugar as lágrimas que seguem deslizando por suas bochechas vermelhas. — Mas ele vai ficar bem.

Madison me deixa ver os orbes castanhos mais uma vez.

Eu quero sorrir porque ela é tão linda.

Caralho. Porra de inferno.

Mas eu não sorrio. Não é momento. E... bom... a gente ainda está meio assim...

— Você tem certeza, Matt?

Mesmo se eu não tivesse até dois segundos atrás, agora tudo que posso lhe dizer é que sim, eu tenho.

— Toda certeza do mundo, minha dançarina de ouro.

— *S-Sua o quê?*

Eu sei que não podemos ficar juntos.

Eu sei que não sabemos como ficar juntos.

Nós temos uma coisa física, mas depois desse momento espero que não reste mais dúvidas para Madison de que não é só a coisa física.

Ela não consegue perceber o quanto eu me importo?

Por que eu não consigo simplesmente falar tudo de uma vez?

Por que a gente se irrita tanto um com o outro?

Por que somos tão cabeças-duras?

— *Minha dançarina de ouro* — repito, encostando a testa na sua e afagando cada lado do seu rosto. — Não é isso que você quer, Madison? — indago soando calmo, mas queimando por dentro. — Você não quer dançar?

— *Matt...*

— É, não é?

Ela não concorda com palavras, mas sim com um aceno.

— Então você vai ser a minha dançarina, a minha dançarina de ouro.

10

“Ainda tentando chegar até você
na esperança de que você esteja do outro lado
conversando comigo também.”

TALKING THE MOON — *Bruno Mars*

MATTEW THOMPSON

As coisas não ficaram estranhas depois do momento no corredor de sua casa.

Mesmo que não estejamos nada familiarizados com esse tipo de tratamento emocional um com o outro, nada mudou depois de ter tido a chance de consolar Madison e chamá-la de minha mais uma vez.

Foda-se.

Isso nunca mudaria.

Eu nunca mudaria.

Minha maior satisfação, no meio de tudo, é ter certeza de que, mesmo que Madison *ainda* não seja minha, uma hora ela vai ser.

Madison e eu passamos o resto do dia conversando com sua mãe e, perto do final da tarde, saí com Mabel para comprar o sorvete que lhe prometi em algum momento. Sim, eu e Mabel. Sozinhos. Sem sua mãe ou sua irmã. Completamente sozinhos.

Posso dizer agora ou depois que essa menina é uma pequena chantagista?

Finalmente, depois de quase meia hora rodando pela cidade e entrando nas mais diferentes sorveterias, estaciono o carro em frente a casa dos Johnson e paro um instante para fitar o céu nublado.

Está tudo cinza; cinza chumbo.

Escuro e carregado.

Abro a porta para Mabel e a ajudo a sair do carro.

A pequena está agarrada em um copinho de soverte, que já está em seu fim, enquanto seguro na minha outra mão três sacolas com uns sete potes de sorvete.

— Vai chover é muito, Matt. — Bato a porta do carro e ativo o alarme, enfiando a chave no meu bolso antes de estender a mão para

Mabel. — Você vai ficar aqui com a minha irmã? — Segura minha mão enquanto caminhamos até a entrada de sua casa.

— Ficar? — Franzo o cenho, porque isso sequer passou por minha cabeça. Temos dois quartos de hotel a nossa espera. — Vamos ter que deixar isso para uma próxima vez, princesa Mabel. — Ela me encara. — Nós temos que voltar para o hotel, amanhã temos um trabalho muito importante, sabe? Aí não dá pra perder...

— *Ah*... — resmunga, desviando nossos olhares, mas concordando. — Tudo bem, a gente pode marcar pra outro dia.

Para uma menina de... sete, oito anos, eu não sei... ela é muito compreensiva.

— Mas a gente pode provar todos esses sorvetes até a hora de sua irmã e eu irmos embora. — Sacudo minha mão com as sacolas pra chamar sua atenção e Mabel sorri, como se gostasse da ideia. Toco a campainha. — O que você acha?

— Se você conseguir convencer a mamãe, eu te desculpo por ir embora com a Maddie.

Eu disse, não disse?

Chantagista.

A porta se abre e a figura de Madison aparece ali, na nossa frente. Ela nos encara de cima a baixo e para, focada na minha mão cheia de sacolas.

Madison volta seu olhar até o meu, enquanto Mabel me solta e entra em sua casa saltitante.

— O que é isso? — pergunta, se afastando um pouco para que eu possa entrar.

— Sorvete. — Dou de ombros, passando pela mulher e escutando-a fechar a porta. — Você quer um pouco?

Viro-me em sua direção, encontrando Madison de braços cruzados e sobrancelha arqueada.

— Pra quê tudo isso de sorvete?

Hm...

Ela está irritada comigo?

— Mabel pediu, eu comprei.

— Se você for na onda da minha irmã, vai acabar endividado.

Sua colocação me tira uma risada genuína.

Endividado?

Madison tem alguma noção de que eu sou milionário?

Ando em sua direção, fechando um pouco da distância entre nós, e pigarreio.

— Vai precisar de todo sorvete do mundo pra me deixar endividado, minha dançarina de ouro. — Vejo a morena engolir em seco, gostando da sensação que me causa saber que estou mexendo com ela. Mas isso não é

hora e muito menos lugar. — Que tal você não se preocupar muito com isso e colocar esses potes no congelador antes que eles virem água?

— Tudo bem — concorda, puxando as sacolas da minha mão e se afastando. Antes de ir longe demais e me deixar sozinho na sala de estar, Madison se vira para mim, achando-me de olhos vidrados em si mesma. — Meu pai acordou há alguns minutos e ficou animado em me ver aqui. Ele disse que vai jantar fora do quarto, como nos velhos tempos, então eu pensei se... se... a... a gente pode ficar só mais um pouco?

Seus olhos parecem estrelas de tão brilhantes.

Não tenho como lhe dizer que *não*, nem se eu quisesse muito ou não me importasse.

— Como você desejar.

Se eu disser que os seus olhos brilham mais intensamente depois das minhas únicas três palavras, eu não estaria mentindo. Talvez delirando um pouco, mas mentindo não. Porque eles brilham. Eu só não sei se é real ou coisa da minha cabeça.

Eu estou bastante ansioso para conhecer o pai de Madison.

Depois de conseguir convencer a senhora Johnson de me deixar provar os sorvetes com Mabel, *“mas só um pouquinho de cada”*, de acordo com as suas palavras, nós escolhemos o nosso favorito e fomos para sala, assistir televisão enquanto eu definhava naquela espera**.**

Mabel e eu ficamos sob a supervisão rigorosa de Madison, enquanto Maise se retirou para ir até o seu marido por alguns minutos antes de continuar com a preparação para o jantar que já tinha começado cozinhar com a morena enquanto eu estava fora com sua irmã.

É pensando na minha ansiedade que o homem finalmente aparece.

Sua mulher empurra tranquilamente a cadeira de rodas, o revelando mais e mais a cada instante. Entendo o motivo pelo qual Madison ficou tão abalada depois de vê-lo mais cedo. Seu pai parece mesmo muito abatido, para dizer só o mínimo.

É nesse momento que eu visto a minha capa mais impessoal, tentando não demonstrar nenhum tipo de emoção que o incomode.

Geralmente, a última coisa que pessoas que estão passando por momentos difíceis precisam é de pena.

Posso lhe dar qualquer coisa, menos pena.

Fico de pé, enquanto as duas, de cada lado meu, se levantam também.

— Papai! — Mabel exclama, aproximando-se do homem numa corrida rápida. Ela para também muito, muito rápido. É perceptível como a

menina parece se privar de tocá-lo. — Você vai mesmo comer com a gente na mesa? — pergunta, como se não acreditasse naquilo.

Ele tenta forçar um sorriso.

— Claro, minha princesa. — Sua mão vai lentamente até a cabeça de Mabel, bagunçando em câmera lenta seu cabelo. Ou pelo menos tentando. A atenção do mais velho finalmente se volta para mim. — Você é o rapaz de quem minha mulher e minha filha falaram?

Fito a senhora Johnson por um segundo, depois Mabel e então Madison, que permanece ao meu lado.

Ela parece uma pilha de nervos, diferente das outras duas.

Avanço alguns passos, assentindo com a cabeça educadamente.

— Mattew Thompson, senhor — informo, estendendo minha mão em sua direção.

— Melvin Johnson — responde, firme, aceitando o cumprimento e apertando minha mão só o suficiente para fazer uma leve pressão.

Então eles são mesmo uma família com nomes que se iniciam com “M”.

Melvin, Maise, Madison e Mabel. E, então, a ironia... eu… Mattew.

Não que eu faça parte da família, é claro, mas só de estar aqui já é engraçado o suficiente.

— Chefe da minha menina, não é? — continua com as perguntas e eu só assinto. — Ela fala muito de você nas ligações — comenta. — É um prazer poder finalmente conhecer o homem bom que tem ajudado a minha Madison.

Homem bom?

Eu...?

Viro o rosto, encarando a morena sobre o meu ombro, totalmente interessado em sua reação. As bochechas já estão vermelhas quando eu a localizo, o olhar está baixo, como se estivesse envergonhada pra caralho.

Mas e se eu...

— Eu nunca conseguiria assistir o sofrimento da minha namorada de braços cruzados, senhor Johnson. — Ela pisca e levanta o rosto de vez, me encarando de olhos arregalados. Os dois orbes castanhos cintilando em confusão e a outra coisa eu não sei como definir. — Mas é claro que Madison também é uma das melhores no quadro de funcionários do escritório da minha família. — Viro para os outros três, que me encaram como se eu fosse um fantasma. — Foi uma sorte ter conhecido a filha de vocês... em todos os sentidos.

Silêncio.

Talvez em outra dimensão eu tenha ficado apreensivo com o silêncio, mas não nessa. Meu coração bate forte dentro do peito, só que não é de

ansiedade ou de ânsia pela reação dos pais de Madison. Eu só me sinto bem depois de ter falado aquilo. Extremamente bem — *de um jeito assustador* —, como se eu pertencesse a... *ela*.

— *Vocês dois estão...?* — Maise tenta perguntar, mas se perde nas palavras enquanto seu olhar se divide entre nós dois.

Assim como avancei, recuo, parando ao lado de Madison que parece tão perdida quanto todos os outros. Eu disse para ela no carro que era estranho me apresentar cem por cento como seu chefe. Isso é uma coisa de família, e, mesmo que eu não tenha planejado sair dizendo que nós namoramos sem termos nada, agora me pareceu o momento perfeito.

Não me arrependo de nada.

— *A gente...* — Passo o braço por trás do seu corpo, segurando a sua cintura do outro lado. — A gente queria isso dizer em outro momento, mas o Mattew — ela me encara — é tipo peru, ele morre de véspera.

Peru?

O quê...?

Sorrio de lado com a sua colocação, sentindo que Madison claramente quer me matar e talvez só não faça isso agora porque estamos na frente da sua família.

— Agora você é meu irmão também? — Mabel pergunta, aparentemente animada com a minha declaração.

— Se é disso que você quer me chamar, princesa Mabel... então, sim.

Ela sorri bem largo.

Uma fofa.

— Isso é... *uau*... — senhora Johnson sopra.

— Então parece que temos que ter uma conversa um pouco mais séria, meu rapaz — senhor Johnson afirma, bem-humorado, e eu só consigo sorrir.

Eu sei que é tudo mentira.

Esse é um relacionamento que não existe de verdade.

Mas... por que diabos eu estou me sentindo tão bem com isso?

Por que tudo que diz respeito a Madison me traz toda essa merda de pertencimento?

— Quantas conversas o senhor desejar — retruco, tão firme quanto ele.

— Comigo também — senhora Johnson ralha, tirando uma risada de todos nós.

— Nunca deixaria você de fora, senhora J...

— Só Maise, querido, eu já disse.

— Nunca deixaria você de fora, Maise.

— Então agora faça companhia para o meu marido enquanto nós três vamos terminar de aprontar o jantar e colocar a mesa, tudo bem?

Concordo.

Madison se move, mas eu aperto a sua cintura, atraindo seu olhar para mim.

Há quanto tempo eu não a beijo?

— *Você não está esquecendo de nada?* — murmuro baixo o suficiente para que só ela escute.

— *Eu quero te matar, senhor T...*

— *É só Mattew,* ***amor****.*

Madison fica na ponta dos pés, segurando-se em meus ombros e selando nossos lábios. Não me permito esquecer de que estamos sendo vistos, mas, se por algum acaso estivéssemos sozinhos, eu não a deixaria sair dos meus braços tão cedo.

O pequeno e breve toque dura três segundos. Contados. Então ela se afasta com o rosto tomado pela vermelhidão, evitando não só o meu olhar, mas o de todo mundo.

— *Maddie 'tá namorando, Maddie 'tá namorando...* — Mabel sai no encalço de sua irmã, puxando a barra da roupa da mais velha, enquanto sua mãe vai um pouco mais atrás, rindo da pequena.

Sozinho com Melvin, pigarreio antes de abrir a boca.

— O senhor quer vir um pouco mais pra cá?

— Até que não é uma péssima ideia se você puder me ajudar.

Sigo até o pai de Madison e empurro sua cadeira tranquilamente até o ponto entre os dois sofás. Parece que um lugar reservado especialmente para ele e não algo por acaso.

Sento-me nem tão longe e nem tão perto de Melvin.

Encaro a ampla janela lateral, percebendo que a chuva está começando a cair do lado de fora, o que me faz torcer automaticamente para que a situação não piore até daqui a pouco.

— Então além de chefe, você também é namorado da minha filha — senhor Johnson diz, como se refletisse sobre aquilo. — Sabia que ela te chama muito de mandão nas ligações que fazemos? — questiona, divertindo-se com a própria declaração. — Mandão, entre outras coisas...

É a cara de Madison falar esse tipo de coisa.

Não me ofendo.

Eu realmente mando demais. Até quando não devo.

— Meu trabalho requer um pouco disso — explico, sorrindo com ele. — Mas a sua filha e eu nos damos muito bem, ela é eficiente ao extremo em tudo que faz.

Melvin assente, como se entendesse perfeitamente do que estou falando. E ele deve entender mesmo, afinal, é sua filha. Talvez ninguém conheça Madison melhor do que os próprios pais.

— Como a coisa do namoro aconteceu? — Arqueia uma das sobrancelhas ralas, indagando-me e indo direto ao ponto.

Como inventar uma boa história de amor sendo que eu nunca tive uma?

Bom, talvez eu só deva ser sincero.

— Minha irmã mais nova contratou Madison e em uma das minhas viagens rotineiras de visita, nós nos conhecemos. Fiquei encantado por ela à primeira vista, mas é claro que não fiz nada. — Porra, foi assim mesmo. Eu nem estou mentindo. — Eventualmente, as coisas simplesmente aconteceram entre nós dois. — Isso já não é bem verdade. As coisas estão acontecendo por conta de um contrato, e o pior de tudo é que nem sabemos o que está rolando de verdade. — Desde então, estamos juntos.

— Ela sabe como guardar um segredo, nunca soltou nadinha sobre estar namorando alguém — senhor Johnson alfineta e meu sorriso agora sai meio torto, todo sem graça. — Você está feliz com a minha Madison?

Feliz?

Se eu estou... feliz?

Com Madison?

Recosto no sofá, pensando sobre a sua pergunta um instante antes de tentar respondê-lo.

— A felicidade pode ser muito relativa às vezes — retruco, encarando-o sem desviar.

— Isso é fato — dá de ombros —, eu, por exemplo: em anos, esse é o dia mais feliz da minha vida. Tenho minha mulher e minhas duas filhas comigo. Nada, absolutamente nada no mundo me faria mais feliz nesse momento, nem mesmo vencer o câncer. Se eu morresse hoje, morreria feliz. — É por isso que a felicidade é muito relativa. — Mas, ela, Madison... ela não te faz feliz, mesmo com toda a relatividade das coisas e da vida de um homem bem-sucedido e rico como você?

Se eu pensar em como eu era antes de conhecê-la e em como eu sou hoje, talvez a resposta seja um tanto duvidável, mesmo que eu goste mais da minha nova versão.

— Antes de Madison a minha concepção de felicidade era bastante genérica. Pra alguém que nunca passou por dificuldades na vida, as coisas perdem a graça muito cedo e com uma facilidade enorme. — Ele concorda com um aceno. — A última vez que me senti motivado e ansioso pra fazer qualquer coisa, eu tinha dezesseis anos. — Melvin sabe onde eu quero chegar e, de tudo que eu poderia falar, essa é a resposta mais sincera que acho dentro de mim. — Essa motivação e ansiedade só retornaram para a minha vida depois que eu a conheci. Instantaneamente. Desde o primeiro olhar. — Engulo em seco, tentando me situar na minha resposta, mas eu não

consigo fazer nada além de vomitar tudo aquilo para o seu pai. — Vivi muito bem metade da minha vida, mas a outra metade eu passei morto, vagando por aí... e, agora, eu estou aprendendo a andar de novo, tudo graças a Madison.

Senhor Johnson fica em silêncio.

O bolo em minha garganta me faz encontrar dificuldade para respirar corretamente.

Falar sobre Madison me deixa instável, me faz vacilar.

O silêncio do seu pai me faz pensar que talvez eu tenha falado mais do que deveria, mas ele não queria uma resposta?

— Então ela te faz mesmo feliz. — Ele sorri. Finalmente. Largo e claro como o dia, diferente da noite que está caindo chuvosa do lado de fora. — Você já se apaixonou antes?

Apaixonar?

— Eu nunca me apaixonei, senhor — retruco, sentindo meu maxilar travar.

— Então é a sua primeira vez?

Primeira vez?

O quê?

— *E-Eu...*

Nunca gaguejo ou fico sem palavras, mas escutar isso de Melvin causa exatamente esse efeito em mim.

Primeira vez apaixonado?

Por... por... ela?

Não sei se é isso que sinto por Madison, não sei se isso seria possível e...

— Maise também foi a minha primeira. Eu nunca tinha me apaixonado antes de conhecê-la. — Meu maxilar começa a doer e eu não consigo fazer nada para aliviar o choque que me toma. — Foi impossível não me apaixonar por essa mulher, e olha que eu ainda tentei lutar contra o sentimento. — Melvin inclina o corpo um pouco para frente. São curtos centímetros, mas eles fazem toda a diferença para que suas palavras me atinjam de um jeito mais certeiro. — Quanto mais você tenta negar e escapar de um amor, mais ele te segura e prende. Então, te sobram apenas duas opções para lidar pelo resto da vida...

— Duas opções?

Se eu estiver apaixonado, eu só tenho duas opções?

Que opções?

Que merda de opções são essas?

— Você pode ter a sua aventura e fugir, mas você nunca vai saber se o que sentia era verdadeiro ou não e, talvez, mais tarde, quando tiver a sua

resposta, ela pode acabar te envenenando. — Ele para de falar por alguns segundos. — As pessoas dizem que pra tudo se tem um jeito, só não pra morte, mas eu discordo... *em partes*. Pra tudo se tem um jeito, só não pra morte e para um amor perdido, porque, depois que você quebra o coração de alguém, aquele amor, aquele sentimento, ele nunca mais vai voltar a ser o mesmo... e, rapaz, acredite quando eu digo que nada fede tão podre quanto um amor corrompido.

Como vou saber se o que eu sinto por Madison, por algum acaso do destino, é amor, sem machucar nós dois no meio do caminho?

— E a outra opção é...?

Senhor Johnson sorri, sabendo que alugou um *triplex* na minha cabeça com suas palavras.

— Você pode fazer como eu. Encare os sentimentos o mais cedo possível, tente entender o que está sentindo e simplesmente sinta com tudo que tem dentro de si. — O homem respira fundo, fecha os olhos e dá um sorriso caloroso. — Você não vai demorar muito para entender que está apaixonado e que, se viver isso significa lutar contra o mundo para fazer a sua pessoa feliz, então você lutaria, mesmo fadado ao fracasso, só para fazer a sua amada feliz. — Melvin abre os olhos, marejados e cheios de emoção. — Olhe para mim, rapaz. Eu estou lutando contra uma doença infernal, mesmo estando praticamente fadado ao fracasso, só para fazer as

três pessoas que mais amo no mundo felizes. — Fecho os meus punhos, sentindo muito pelo homem sentado ao meu lado e desejando ter o poder de livrá-lo dessa doença. — Quantas vezes você não acha que eu já pensei em desistir nos últimos anos, desde que descobrimos tudo e que a minha própria filha teve que nos deixar para tentar me salvar? — Não consigo respondê-lo. — Muitas, senhor Thompson. Mais do que eu possa contar, mas, ainda assim, eu estou aqui, porque eu sei que nada faria nenhuma daquelas três mulheres mais felizes do que me ver *exatamente aqui*. — *Porra, porra, porra*... — É por isso que eu vou te dizer isso só uma vez: se você não tem certeza do que sente por Madison, procure a sua certeza o quanto antes e nunca, em hipótese alguma, quebre o coração da minha garota... senão, senhor Thompson, eu não me importo com o tanto de dinheiro você tem, eu não me importo se eu preciso estar em cima dessa cadeira de rodas para me locomover ou se estou fraco demais para pegar um avião... ainda assim, senhor Thompson, eu vou atrás de você e vou fazer você se arrepender de um dia ter cruzado seu caminho com o da minha filha.

Porra?

Porra mesmo.

Mas que merda?

Eu quero falar alguma coisa para ele, qualquer coisa, mas as suas palavras me travam e me deixam sem saber como agir.

Não sei o que tenho com sua filha, mas não é uma brincadeira ou um jogo. Quando eu chamo Madison de minha é porque é desse jeito que me sinto em relação a ela.

Ela me deixa louco.

Ela me faz duvidar de mim mesmo.

Mas também é ela que me traz de volta a minha própria sanidade.

O que isso significa?

Quando finalmente abro a boca para tentar lhe dar uma resposta, para tentar lhe garantir que eu não estou brincando com a sua filha, somos interrompidos pela dita-cuja.

— A mamãe está chamando pra gente jantar antes que a chuva acabe se transformando num temporal — Madison anuncia, entrando na sala com Mabel em seu encalço, igual uma sombra. — Vamos?

Seu olhar vagueia entre nós dois, como se tentasse entender o motivo das nossas expressões faciais estarem tão... estranhas. Pelo menos é assim que eu presumo que estou depois da breve conversa que tive com o seu pai.

Ninguém nunca foi tão duro e direto comigo ao mesmo tempo.

Ele acabou de conseguir todo meu respeito.

— No quarto ela disse que prepararia um banquete pra gente — senhor Johnson comenta, seu tom completamente diferente de antes. — Pode me ajudar, minha princesa?

— Claro, papai — Mabel assente, se aproximando de nós dois bem rápido. A menina começa a empurrar a cadeira do próprio pai com muito cuidado. — Papai, quando é que eu vou ter a minha cadeira de rodas também?

Senhor Johnson gargalha, fraco, recostando no assento e se divertindo com a pequena.

— Se Deus quiser, minha princesa, *nunca*.

— Mas papai, eu quero uma igual a sua...

Suas vozes se distanciam enquanto eles somem pelo corredor, gradativamente.

Minha atenção se desvia como sempre até a figura esguia da morena parada a alguns passos de mim. Madison caminha em minha direção e para a uma distância segura para nós dois. Quero acabar com o espaço que insiste em sempre nos separar, mas não acredito, pela vigésima vez no dia, que esse seja o melhor momento para fazer isso.

— Sobre o que vocês tanto conversavam? — indaga, aparentando estar mais curiosa do que quer demonstrar na minha frente.

— Sobre a vida. — Dou de ombros, evasivo.

— Mattew, é sério.

— Eu também estou falando sério. — Encaro os seus lábios, lembrando da sensação de tê-los contra os meus. — Seu pai é um homem bastante agradável. Toda sua família é. — Me inclino, pegando uma de suas mãos com a minha e levando a boca até a mesma só para depositar um beijo no dorso. — Quando não está com raiva ou estressada comigo, você é igualzinha a eles.

Madison revira os olhos e isso aquece meu peito.

Eu amo quando ela faz isso.

Eu amo provocá-la.

— Você não deveria ter falado aquela besteira... agora nós temos que ficar fingindo e, sinceramente, eu não tenho nenhum certificado de... sei lá, *teatro?*, pra entrar nessa peça com você.

— Eu te disse que eu falaria, *amor*.

— Não me chama disso — rosna de volta.

— Nós podemos ir comer e deixar essa discussão pra mais tarde? Não que eu não queira discutir com você, mas eu realmente estou com fome agora e não vou conseguir raciocinar e pensar em nenhum bom argumento pra rebater suas acusações.

— Você é o quê, afinal? Advogado de porta de cadeia?

Puxo Madison em minha direção pela mão que estou segurando, fazendo nossos corpos colidirem com força.

— Por que a pergunta? — Franzo o cenho, abraçando-a contra mim. — Você por algum acaso está com algum problema com a polícia e precisa da minha ajuda? Para a sua informação, advogados de porta de cadeia não deixam de ser úteis.

Ela revira os olhos de novo.

— Não seja idiota...

— Você foi primeiro.

— Você está me chamando de idiota?

— Não — zombo. — Eu *nunca* faria isso.

— Me solta e vamos logo, senão Mabel vai vir atrás de nós dois e eu não quero traumatizar a minha irmã de jeito nenhum.

Traumatizar?

— O que está passando por essa sua cabecinha, Madison?

— Volte para o senhorita Johnson, por favor.

— Ah, *amor*, agora não dá mais. Sou seu namorado aqui dentro, eu não posso te chamar de senhorita Johnson nem se você implorar... consegue me entender, Madison?

Ela me empurra para longe, se desvencilhando de mim e parando para respirar fundo.

Madison está ofegante e eu nem fiz nada.

O que realmente se passou por sua cabeça?

Tenho algumas opções em mente, mas não é nada certo e também não é como se eu pudesse pensar sobre isso agora. Talvez eu nunca tenha certeza, mas, ainda assim, vou tentar descobrir até o final dessa noite.

— Sem mais gracinhas, Mattew — ameaça, séria.

— Você está soando como um general.

— É porque aqui é a minha casa, então sou eu quem mando.

Pisco repetidamente enquanto Madison sai andando na minha frente.

Ela acabou de mandar em mim?

11

“Seus dedos traçam minha pele
para lugares que nunca estive.
Cegamente, eu sigo.
Quebre essas paredes e entre.”

WOLVES — *Selena Gomez*

MATTEW THOMPSON

Deus e todo o universo não estavam do nosso lado.

O jantar correu perfeitamente bem. Apesar da conversa intimidadora com o senhor Johnson, o tempo que passamos sentados à mesa foi tão divertido que eu tenho a impressão de que nem com a minha família eu já ri tanto quanto com os Johnson essa noite. Mas, ainda durante o jantar, a

chuva acabou piorando tanto a ponto de o jornal local transmitir um alerta para que os cidadãos tomem cuidado nas ruas.

É exatamente por isso que a senhora Johnson está batendo o pé na sala — *depois de ter levado seu marido cansado e sonolento de volta para o quarto depois de nos despedirmos* —, perguntando por que Madison e eu não dormimos em sua casa só por hoje.

— Por que vocês não ficam aqui? — Maise indaga e em seguida mais um trovão faz Madison e Mabel estremecerem de cada lado meu. — Eu não vou conseguir ficar tranquila sabendo que vocês estão na rua com um temporal desse caindo na cidade. Talvez seja um sinal para que não saiam de casa... *por favor, fiquem*...

— Mamãe, nossas coisas estão no hotel, que, inclusive, as reservas com certeza foram caríssimas... não dá pra jogar dinheiro no lixo de graça. E amanhã nós vamos trabalhar, a gente tem que tomar um bom banho e descansar bem. — Ela suspira. — Por mais que eu queira ficar, não tem como o sen... o Mattew ficar, a gente não tem um quarto de hóspedes.

— Vocês são namorados por alguma razão além do romance, não tente se fazer de desentendida, Madison Johnson. Eu não sou nenhuma velha que não sabe das coisas — sua mãe retruca em tom de repreensão e eu seguro a risada, porque sei do que ela está falando.

Relâmpago e, dois segundos depois, o estrondo alto do trovão.

Mabel grita, agarrando meu braço e se encolhendo. Eu olho a pequena e não aguento mais segurar o riso por tudo que está acontecendo ao meu redor.

Em minha defesa: *elas são todas engraçadas e adoráveis*.

Senhora Johnson tem todo meu respeito depois disso.

— *Mãe*... — Madison resmunga e eu viro para fitá-la, achando-a de olhar baixo.

— Vocês não vão sair daqui e ponto. — Senhora Johnson sentencia, batendo o martelo final e cruza os braços com uma carranca no rosto. — Não tem problema jogar o dinheiro de uma noite no lixo, certo, Mattew?

Dou de ombros.

— Não é um problema pra mim.

— Então está feito — retruca.

Madison suspira, não muito satisfeita.

— Mamãe, a cama do meu quarto é pequena, e eu não vou deixar o meu chefe dormir no chão ou no sofá.

— O seu chefe também é seu namorado — ralho de volta diante da sua colocação. — Mas, de qualquer forma, eu não tenho nenhum problema em dormir no sofá, Madison.

— Já viu o seu tamanho? Ele é minúsculo, você não vai caber nisso — aponta, irritada.

Trovão de novo.

O sofá é mesmo pequeno.

Já consigo imaginar as dores que vou sentir amanhã se eu dormir nele..., mas, ainda tem o chão. É só forrar direitinho que eu fico com menos dores do que ficaria se dormisse nesse sofá.

— Eu posso ficar no chão.

Ela revira os olhos.

— Se decidam enquanto eu vou pegar roupas limpas pra vocês tomarem um banho — senhora Johnson avisa, visivelmente satisfeita por ter conseguido o que queria. — Vem me ajudar, Mabel.

A pequena me solta e se levanta, correndo atrás de sua mãe e sumindo com a mesma pelo corredor.

Nosso silêncio é cortado por um trovão e, logo em seguida, pela voz de Madison.

— Você não deveria ter concordado com a minha mãe — reclama, claramente chateada com o rumo que a nossa noite está tomando.

— Se até no jornal passou um alerta e a chuva parece piorar cada vez mais, por que eu não concordaria? Só estou sendo sensato e pensando na nossa segurança. — Madison bufa. Qual seu problema? — A gente pode dividir a cama...

— Não! — exclama, mas sua voz é quase toda coberta por mais um trovão. — A gente não vai dividir a cama, você pode ficar com ela.

É por isso que a gente briga tanto.

Depois ela ainda tem a cara de agir como se não soubesse ou como se a culpa fosse só minha.

— Se está preocupada, relaxa... eu não vou te tocar se você não pedir.

— Vou dar um jeito e vou decidir onde vou dormir, *relaxa você também*.

Eu odeio a sua ironia.

Se Madison quer achar que vai dormir em qualquer lugar que seja longe de mim, tudo bem, nunca foi dito para as pessoas que elas não podem sonhar.

Nenhum de nós dois fala mais nada, o único som cortante e recorrente é o dos trovões, que, aparentemente, faz a mulher do meu lado tremer mais e mais.

Não sabia que ela tinha medo disso.

Senhora Johnson e Mabel voltam com duas trouxinhas de roupa.

— O seu quarto está limpinho — Maise informa para Madison, que se levanta, concordando com um aceno. — Eu sempre entro lá uma vez por semana para manter as coisas organizadas e sem poeira, então não se preocupem. — Ela olha para mim também, fazendo-me ficar de pé. — Aqui

está — entrega para mim as roupas que estão em sua mão —, o meu marido nunca usou essas. Elas estão um pouco velhas pelo tempo, porque compramos antes de ele adoecer, mas devem servir em você porque são grandes.

— Muito obrigado, Maise.

Lhe ofereço um sorriso de agradecimento, satisfeito com o que ela me deu para vestir.

— Tem toalhas limpas para vocês dois no banheiro principal.

— Mamãe, eu quero dormir com você — Mabel choraminga, abraçada na perna de sua mãe. — Eu não gosto dos trovões.

A mais velha ri, como se entendesse a sua filha.

Todas elas têm medo?

— Eu deixo, mas só hoje, está bem? — Se inclina, pegando a menina no colo. — Não demorem para se deitar, ok? — Se dirige a nós dois mais uma vez. — Dê boa noite para a sua irmã e o namorado dela, Mabel.

— Boa noite, Maddie — sopra um beijo para a morena do meu lado —, e boa noite, Matt — sopra um pra mim também —, amanhã a gente toma mais sorvete.

Seu sorriso banguela me faz rir.

— Pode apostar que sim, princesa Mabel.

— Boa noite, vocês dois — senhora Maise se despede. Ela se aproxima de Madison e dá um abraço desajeitado na filha. — Boa noite, meu amor — eu a escuto sussurrar de novo.

— Boa noite, mamãe — Madison responde.

A mulher acena para nós com a menor no seu colo e elas se retiram em menos de dez segundos, conversando baixinho e rindo.

— Vamos logo... — Madison chama ao meu lado, tomando a frente da situação e liderando nosso caminho.

Então é agora que eu vou conhecer o seu quarto de adolescente?

Aparentemente, minha noite só tende a melhorar.

Nós caminhamos pelo mesmo corredor que Mabel me trouxe mais cedo quando lhe pedi para me mostrar o banheiro. Seguimos até o fim e, só então, Madison abre a porta e entra, deixando espaço para que eu faça o mesmo.

Ligo a luz, tomando meu tempo para olhar ao redor e descobrir os detalhes de uma Madison mais nova que eu nunca tive ou vou ter a chance de conhecer.

— Eu vou tomar banho e volto logo — avisa, deixando-me sozinho em seu mundo.

Nem me importo em concordar ou discordar, porque estou curioso o suficiente para ficar ali, vidrado nos detalhes do quartinho pequeno de

Madison.

As paredes beges do quarto estão um pouco manchadas. A que fica especificamente em frente a cama, é cheia de pôsteres de *boybands* e artistas *pop* femininas. Não sabia que era esse o gosto musical de Madison... ou pelo menos que tenha sido um dia.

A decoração é toda colorida e fica muito evidente por causa das paredes de cor sem graça. Há um pequeno armário branco na parede da porta pela qual entramos, enquanto uma escrivaninha também branca está encostada na parede dos pôsteres.

Dois *puffs* estão encostados perto da cama de Madison, um deles colado a mesa de cabeceira que tem um abajur metálico em cima. É tudo engraçadinho, mas eu não consigo *linkar* essas coisas com a mulher séria que vive comigo.

Sento-me na beirada da cama, ainda escaneando cada detalhe com os meus olhos, mas eu não demoro muito para, mesmo sem permissão, ir mexer nas coisas de Madison.

O tempo passa tão rápido que eu tomo um susto quando a porta se abre e a morena entra de cabelos molhados e roupa limpa. Pisco uma, duas vezes, vendo Madison passar por mim de cara lavada e caminhar até a sua cama.

Ela fica de costas para mim, logo começando a mexer nas mantas que estão em cima do colchão.

— Enfim, à sós — comento, soltando um suspiro longo para tentar chamar sua atenção.

Deixo as roupas que a senhora Johnson me deu em cima da escrivaninha, cruzando os braços em frente ao meu corpo para ver a besteira que Madison está fazendo. Arqueio uma das sobrancelhas, observando-a puxar o cabelo molhado para cima e prender num coque nada firme, se inclinando cada vez mais sobre a pequena cama. Ela escolhe as mantas mais grossas, dobrando e começando a arrumar no chão, bem do lado da cama.

— O que você acha que está fazendo? — pergunto, nada confuso para ser sincero.

Ela vai insistir nisso?

Madison se vira em minha direção.

— Eu vou dormir *aqui* — explica, apontando para o chão com o queixo tão segura que começa a me irritar. — As janelas de vidro da sala vão me assombrar se eu ficar lá, principalmente com essa chuva, então... então eu vou ficar aqui, se você não se incomodar com isso.

— Aqui onde? — Ela não pode estar falando sério. — *No chão?*

Suas bochechas começam a ficar vermelhas... lentamente.

— *É?* — Sua resposta soa como uma pergunta. — Olha, Mattew, você fez muito por mim hoje, por isso eu não posso mandar você ir dormir no sofá ou no chão, e eu já disse que não quero dormir lá fora por causa da chuva... dos trovões. Eu os odeio. *Mesmo*. — Suspira. — Aqui é mais abafado, então eu vou ficar bem dormindo no chão.

Dou um passo em sua direção, então mais um e então outro.

Paro a um palmo de distância de Madison.

— Se você quer ficar aqui — inclino-me para tirar as mantas do chão e jogo de volta na cama, endireitando minha postura —, então você vai ficar na cama, *comigo*.

Chuto meus sapatos dos pés, empurrando as meias também e começo a desabotoar minha camisa sem pensar muito. Ela fica ali, parada, me encarando com os olhos arregalados e os lábios entreabertos.

— *O-O que...*

— Madison, eu tenho certeza de que você me ouviu muito bem. — Passeio meu olhar pelo seu corpo, fitando-a de cima a baixo. A calça de moletom e camiseta branca caem bem no seu corpo pequeno. Mas o que não cai bem nela, afinal? — Pode se deitar e ficar confortável, então eu vou dar meu jeito de caber nessa cama com você.

Assisto a sua língua correr entre os lábios.

Madison concorda com um aceno dez segundos mais tarde, como se ainda estivesse ponderando a minha sugestão.

Nunca dormimos juntos.

Nunca.

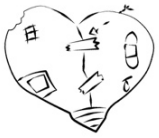
Em hipótese alguma.

Nem quando viajamos para o fim de ano, nem em qualquer outra situação que tivemos que dividir o mesmo quarto.

Eu sempre preferi ficar no sofá ou no chão.

Quando não, era Madison que insistia.

Mas nunca ficamos juntos em uma cama... e agora, bom... vamos dividir a sua minúscula cama de adolescente por uma noite inteira. Não sei se posso considerar isso um presente ou um castigo, mas a resposta vai vir, estou certo disso.



Entro no quarto em silêncio, esfregando a toalha no meu cabelo copiosamente.

O lugar já está todo no escuro, sendo iluminado apenas pelos relâmpagos que cortam o céu do lado de fora de minuto em minuto. Os

trovões aqui soam, de fato, mais abafados, mas nem isso parece relaxar Madison.

A mulher está encolhida na cama, parecendo menor e mais frágil do que realmente é. Madison está encostada na parede, de cara pra lá, quase como se quisesse se tornar parte dali. Ainda assim, ela parece bonita... mesmo que frágil, sua beleza não se apaga, o que acaba sendo injusto pra caralho com as outras pessoas, porque eu tenho certeza de que nunca mais vou encontrar ninguém com uma beleza superior à de Madison.

Jogo a toalha e a camisa que Maise me deu em cima da escrivaninha.

A calça de moletom já está o suficiente para me deixar confortável.

Sigo até a cama, coçando a nuca um instante antes de decidir o que vou fazer.

"É só deitar, Mattew. É só deitar", penso.

Finalmente me decido, deitando ao seu lado e encarando o teto de olhos vidrados.

O estrondo do trovão mais forte de toda noite invade o quarto, fazendo Madison tremer. Viro o rosto para fitá-la, sentindo meu maxilar travar e repuxar. Ergo a minha mão para tocá-la, mas me paro no meio do caminho.

Eu não deveria fazer isso.

Não mesmo.

Eu devo ficar quieto, na minha. Só isso.

Mas como é que eu vou conseguir dormir com essa mulher tremendo do meu lado a noite toda?

"Foda-se", penso antes de me virar por completo e passar meu braço por sua cintura, puxando seu corpo em direção ao meu e sentindo seu calor me aquecer.

A tensão do corpo de Madison se dissipa pouco a pouco, enquanto ela se esfacela contra mim. O cheiro doce do seu cabelo me deixa tonto de tão bom que é, sendo um pouco demais para suportar sem querer beijá-la por cheirar tão bem. Quero muito fazer isso, porque eu sei que cada pedaço de Madison cheira a morango, doce, mas também cítrico..., perfeito para tomar entre os lábios e devorar.

— Por mais que tenha me irritado com aquela coisa de namorados, hoje você realmente foi muito bom pra mim, Mattew.

Sua voz passeia entre nós uns dois tons mais baixa do que o normal.

Parece um sonho.

Pisco repetidamente para tentar entender se é um sonho ou realidade, mas, quando a morena se remexe suavemente, entendo que é mesmo real.

Estico meus dedos em sua barriga lisa, mas não me movo mais do que isso.

— Fico feliz que eu tenha sido bom pra você.

Ela suspira.

— *Fica mesmo?*

Enterro o rosto entre os fios grossos do seu cabelo escuro, empurrando até sentir meu nariz tocar a pele do seu pescoço. Em um movimento inesperado, Madison puxa todos os fios do caminho, me concedendo silenciosamente acesso completo ao local.

Porra.

Meu pau não consegue entender que isso não é um convite para transarmos, mas, mesmo assim, ele endurece, gradativamente, só com o seu cheiro e a textura da sua pele.

— Pode parecer que não, Madison, mas eu fico — resmungo, resvalando meus lábios ali, deixando a minha língua tocá-la despretensiosamente para sentir seu gosto depois de tantos malditos meses. — Você não é qualquer uma para mim.

— *Não?*

Por que ela soa tão surpresa?

Eu provavelmente nunca faria por qualquer outra pessoa tudo que fiz e estou fazendo por Madison.

— Então você realmente pensa pouco de mim? — questiono de volta, tentando entender o seu lado da moeda.

Porra, eu sei que sou difícil e eu também sei que sou um completo idiota.

Mas eu não sou esse tipo de gente que ela faz com que eu pareça ser.

— Não é isso, Matt. — Mais um suspiro. — É só que... você não tem motivos pra... pra ser tão bom assim, principalmente para mim, principalmente na relação que nós estamos metidos... — Deposito um beijo em seu pescoço, escutando um chiado confuso escapar de seus lábios. — Nunca sei o que esperar de você. A gente se odeia... e depois estamos... estamos bem. — Mais um beijo. — Nunca sei o que esperar de nós dois quando estamos juntos, porque ou estamos envoltos em muita raiva ou estamos envoltos em muito... muito...

Sua voz some.

— *Desejo?*

Madison concorda com um aceno, se aninhando mais em meus braços e empurrando o traseiro contra a minha virilha, esbarrando direto no meu pau. Não sei se ela fez isso de propósito ou não, mas o seu corpo congela quando sente minha ereção um tanto indesejada entre as bandas de sua bunda gostosa.

Ela vai ser a minha morte.

— *A g-gente não pode...*

Sorrio de lado.

— E eu disse alguma coisa, Madison? — resmungo perto da sua orelha, mordiscando as pontinhas do lóbulo. — Era isso que você estava pensando mais cedo quando me chamou de advogado de porta de cadeia? — Ela ri, contida e nervosa. — Aposto que lembrou de quando te algemei na minha mesa, não foi?

— *Não* — sussurra, arfando audivelmente.

Madison mexe o quadril para trás e um gemido escapa da minha boca, ali, no pé do seu ouvido. Ela geme de volta, em resposta, mexendo um pouco mais o quadril e literalmente rebolando contra a minha dureza.

— Eu sei que você se lembrou daquilo, Madison, porque, lá no fundo, a única imagem que veio até mim foi a de você algemada em cima da minha mesa, gemendo pra mim e implorando pelo meu pau. — Fico cada vez mais duro. Escorrego a minha mão da sua barriga até a lateral do seu quadril, agarrando com força e tentando fazê-la parar. — Se continuar fazendo assim, talvez eu goze em minhas calças, *porra*...

— *Mattew*...

Sua voz soa como se ela estivesse entorpecida pelo momento, exatamente como eu estou.

— Fale.

— *A gente não pode* — sentencia, fraca e mole.

— Eu sei que não, minha dançarina de ouro — mordo seu ombro, rolando minha língua sobre a sua pele e chupando em um vácuo só pra deixar uma marca ao sentir seu rebolado vir cada vez mais certeiro em mim —, mas eu não consigo parar de pensar em você nem por um segundo. Isso ‘tá me consumindo, me deixando louco... não sei mais o que fazer pra tirar você dos meus sentidos, da minha cabeça.

— *Talvez você não deva*.

Caralho?

Como ela pode me dizer uma coisa como essa com tamanha naturalidade?

Corro minha língua no lugar em que mordi, deixando minha cabeça tombar no travesseiro que estamos dividindo enquanto deslizo a mão de volta até a sua barriga, dessa vez por dentro da camiseta. Seus músculos contraem e Madison choraminga quando a minha palma gelada dedilha sua pele quente.

Ela é tão macia.

Parece um pecado, puta que pariu.

— Você não pode falar esse tipo de coisa, rebolar desse jeito e agir toda manhosa ao meu redor, Madison... principalmente quando continua dizendo que *nós não podemos*.

Alcanço o seu seio direito, apertando o bico num beliscão que faz ela ronronar e se contorcer, deitando-se de peito pra cima e virando a cabeça para me encarar. A expressão no rosto de Madison é a coisa mais erótica que já vi em toda minha vida.

As sobrancelhas grossas franzidas, a boca inchada e entreaberta, os olhos semicerrados, como quem tem dificuldade para focar nas coisas ao redor... e então, os gemidos, abafados pela tempestade que cai do lado de fora da casa.

— *Nós não podemos mesmo* — murmura, se remexendo na cama e se arrastando para mais perto de mim, como se já não estivéssemos compartilhando o ar um do outro. — Mas eu também não consigo parar de pensar em você, Mattew, e eu odeio isso, porque está me... está me intoxicando... lentamente.

Outro relâmpago ilumina todo o quarto pela pequena janela, me deixando ver o castanho dos seus olhos com clareza por dois segundos.

Então nós estamos na mesma página.

— O que você quer agora, Madison?

Puxo sua camiseta para cima, enrolado o tecido acima dos seus seios e expondo-os para mim. Existe uma infinidade de coisas que eu quero fazer com Madison. Desde a nossa primeira vez juntos eu tenho pensado a

respeito disso, mas, para que isso aconteça, eu preciso que ela peça para mim.

— *C-Como?* — balbucia, enquanto brinco com as pequenas pontas endurecidas e inchadas dos seios mais perfeitos que já vi, indo de um lado para outro com toques suaves.

— Eu te disse que teria que pedir — murmuro de volta. — Você pede e eu te dou o que e como quiser, Madison.

Ela fica em silêncio, como se não fosse capaz de dizer nada. Madison não quer pedir. Isso talvez seja uma questão de orgulho para si mesma, mas quanto ela conseguiria aguentar? Porque eu juro que estou a ponto de implorar.

Num movimento rápido e que me deixa surpreso, ela me empurra de costas na cama e sobe em cima do meu quadril. Madison se livra de sua camiseta, me dando, provavelmente, a visão mais privilegiada do mundo.

Deixo minhas mãos caídas, imóveis de cada lado de suas pernas, ainda que cocem para que eu continue provocando-a.

Madison inclina o corpo em cima do meu, me fazendo engolir em seco e chegar tão perto do meu limite, que consigo alcançá-lo se assim eu desejar.

Seu rosto paira sobre o meu.

Sinto seu hálito gostoso e lambo os meus lábios, ainda me esforçando para manter o controle da situação.

Porra.

Talvez eu possa pedir, então. Não me importo com nenhuma humilhação nesse momento. Até me ajoelho se for necessário.

— *Apenas... me toque*.

Mas Madison acaba cedendo mais rápido do que eu.

Não temos nenhuma esperança.

Estamos completamente perdidos.

Na minha cabeça, o instante em que a sua boca finalmente encaixa na minha, o mundo para ao nosso redor. Só existe Madison, eu e a tempestade, que é exatamente o que nós somos. E é por isso, por sermos três, dois e, em seguida, só um, que eu não consigo me demorar naquele primeiro contato.

Empurro a língua entre os seus lábios, encontrando a sua de primeira e rosnando pelo seu maldito e viciante gosto. Provo do meu veneno favorito, da droga mais letal que poderia existir feita exclusivamente para mim, sentindo tudo virar uma bagunça completa sem que eu possa nem mesmo tentar manter tudo organizado.

O fio no qual ainda nos segurávamos se parte e nós explodimos.

É honestamente degradante.

O jeito que Madison e eu avançamos um contra o outro, como dois animais famintos em um ritmo cego e alucinante, é degradante. Nos derramamos um no outro por toda abstinência que eu sei que compartilhamos por meses.

Meus dedos engatam no cabelo da sua nuca, enquanto a minha outra mão toca o seu rosto em formato de concha. Tento me firmar mesmo estando por baixo e, sinceramente, tento dominar Madison. Sorvo o seu gosto na minha língua, chupando o seu lábio inferior e mordicando antes de chupar o superior e lamber cada polegada da sua boca perfeita.

Nós nos fodemos com os lábios, línguas e dentes.

Eu não quero que ela esqueça de mim.

Eu quero que Madison esqueça o contrato e sempre venha até mim.

Isso que sempre quis muito antes de assinarmos aqueles estúpidos papéis.

O meu pau estica dentro da calça velha de moletom e, como se sentisse, o que ela provavelmente sente, Madison começa a rebolar em movimentos de vaivém sobre o meu comprimento. Ela morde meu lábio inferior, sugando entre os seus e correndo a língua de um lado para o outro da minha boca.

Desisto da dominação por ter noção de que estou subjugado ao desejo que palpita em cada pedaço meu e seu, descendo o meu toque do seu rosto

até cada lado de sua bunda redondinha. Empurro as minhas mãos para dentro de sua calça de moletom folgada, agarrando a carne e enchendo as minhas palmas num aperto que tira um gemido seu.

— *Se me apertar assim, você vai acabar me deixando marcada* — choraminga, abocanhando mais uma vez meu lábio inferior com o dobro de determinação, talvez querendo me deixar tão marcado quanto quero fazer com ela.

A verdade é que eu não me importo com isso.

Eu quero me lembrar de tudo quando acordar, nem que a lembrança seja causada por uma maldita marca.

— Então que sorte a sua que só quem vê sua bunda gostosa sou eu, não é, senhorita Johnson?

— Mattew... *é só Madison*. Não seja tão malvado.

Relâmpago.

Eu vejo seus olhos de perto. Brilhantes. Redondos. Cheios de vida e tesão.

Madison já está uma bagunça.

E eu tenho certeza de que não fico atrás.

A morena estremece em cima de mim com o trovão estrondoso do lado de fora.

— *Madison* — chamo, tentando comandar suas reboladas. — Eu realmente vou acabar gozando se você não me deixar ditar o ritmo — reclamo, sentindo meu corpo totalmente tenso e endurecido.

Tudo dói, principalmente o meu pau e minhas bolas inchadas com a vontade de encher a boceta de Madison com a minha porra.

— Você está tão sensível assim, Matt?

Porra.

Madison enfia o rosto em meu pescoço, toda esparramada em cima de mim enquanto morde, lambe e chupa cada polegada de pele que encontra pela frente, moendo a boceta coberta e protegida na protuberância crescente.

Filha da puta.

— Você não está? — retruco, tentando entender que besteira ela estava falando.

Puxo uma das minhas mãos de dentro da sua calça e desfiro um tapa no seu traseiro, pegando-a de surpresa pelo que faço. Madison recua o rosto para que nos encaremos e, dois segundos depois, sorri.

Safada pra caralho.

Por que ela sorri de um jeito que sabe que ainda vai ser a causa da minha morte?

— Deixa eu ver como você está pronto para mim? — pede, fazendo um bico que me tira do sério.

— Você pode fazer o que quiser comigo.

Seu sorriso se abre mais ainda com a minha resposta.

Ela, de repente, para de se mover.

Madison fica de pé, me deixando totalmente desnorteado e... vazio. A morena se inclina até estar de joelhos na beirada da sua cama, com as mãos em cima do colchão enquanto parece esperar que eu me mova e atenda o seu *pedido*.

Caralho.

Por que ela faz com que eu me sinta um virgem inexperiente que sofre com ejaculação precoce? Só com essa imagem, Madison já consegue me deixar sem ar.

— *O que você está fazendo?* — resmungo, sentando-me de pronto com os olhos vidrados em sua figura.

Endireito as minhas pernas de modo que Madison fique entre elas e toco o seu queixo com cuidado, afagando a sua pele macia com um encanto que nunca vai se perder.

Ela me hipnotiza.

Desde que a vi, nunca mais tive olhos para nenhuma outra mulher.

É Madison.

É sempre só Madison.

— *Eu... posso?*

Responde a minha pergunta com outra pergunta. Madison aponta para o mesmo local onde estava antes rebolando em cima. Tudo que consigo pensar é *“nem fodendo que ela se ajoelhou pra chupar o meu pau”*.

— *Por favor...*

Minha voz soa fraca e quebrada.

É irritante como a minha cabeça identifica e aponta todas essas novas sensações e primeiras-vezes que só estou vivenciando com Madison.

Sugo uma grande corrente de ar, me preparando mentalmente para aguentar seu próximo movimento.

Ela corre os dois indicadores por dentro da barra da calça de moletom e brinca por um instante, mas não demora para puxar vagarosamente pra baixo.

Madison não desvia nossos olhares nem por nada.

Tenho certeza de que ela está ansiosa e esperando por minhas reações. É impossível julgá-la, porque quando eu a toco, também fico ansioso para ver como ela vai reagir.

Essa é a melhor parte.

Em certo ponto, meu pau pula para fora, duro para um caralho.

A respiração engata no topo da minha garganta, formando um bolo de ar e saliva que me deixa petrificado, sem conseguir tirar os olhos de cima de Madison.

Vê-la entre as minhas pernas, ajoelhada, me olhando daquela maldita posição enquanto sorri de um jeito perverso para mim, como se soubesse tudo que causa no meu corpo, faz meu tesão viajar para o inferno e depois subir para o céu com tudo, de uma só vez.

É assim que me sinto quando ela me toca pela primeira vez, sem rodeios ou desculpas.

— *Porra, Madison* — praguejo, irritado com a sua lentidão.

Eu quero rápido.

A urgência em querer senti-la me deixa tão ansioso que parece que o meu coração vai sacar a qualquer instante de dentro do meu peito e pular entre nós dois.

— *O que foi, Matt?*

Ela, usando meu apelido com as mãos no meu pau...

Vai tomar na porra do cu.

Se eu gozar assim, só com isso, juro que me mato antes de ver o sol aparecer no horizonte.

— Você não tem direito de me torturar desse jeito — reclamo. Os músculos das minhas coxas repuxam e eu sinto as veias do meu pescoço

esticarem com toda força que faço. — Eu fui bom com você o dia inteiro...

— *Oh, sim* — zomba. — Você foi um bom garoto — concorda. — Sorte a sua, Mattew, porque só bons garotos ganham boas recompensas.

Seus lábios se partem ao redor do meu pau de uma vez e eu não seguro o grunhido que arranha minha garganta, sendo abafado por mais um trovão que cai muito bem no momento. Meu corpo inteiro relaxa instantaneamente da dolorosa tensão. Fica difícil de racionar e entender o que é essa sensação que rasga por debaixo da minha pele.

Madison recua um pouco, nunca quebrando o nosso contato visual.

Sua língua gira em torno da minha circunferência e eu assisto o exato momento em que seu olhar finalmente me deixa só para encarar minha ereção. A ponta do músculo molhado, e agora retesado, corre por cima de uma veia, seguindo caminho até a cabeça vermelha e inchada.

Levo uma das mãos até seus cabelos, enquanto me apoio e tento me firmar no outro braço. Escorrego os dedos até pegar um punhado de fios em sua nuca. A risada de Madison vibra através do meu pau.

Não tem como ela não estar ciente do que está fazendo comigo.

— Então a minha putinha gosta de provocar, é? — pergunto, os dentes rangendo, cerrados uns contra os outros. Para a minha surpresa, Madison concorda com um aceno, antes de me engolir até que eu possa

sentir meu pau bater em sua garganta. — *Puta merda, desse jeito... desse jeito, Madison...*

Ela fica parada.

Um, dois, três... cinco... seis, sete segundos.

Esse é o tempo que demora para Madison gemer e engasgar, se inclinando para frente no reflexo que a atinge. Sua cabeça recua e a imagem mais bonita do mundo se materializa diante de mim.

Saliva escorre pelos cantos de sua boca quando a mulher pende a cabeça para o lado e me chupa daquele jeito, indo de cima para baixo, lambendo cada pedaço de carne que vê pela frente e simplesmente escorrendo e babando sobre mim.

— Quantas vezes você pensou nisso? — pergunta, ofegante, fazendo um *"pop"* com a boca depois de sugar a cabeça do meu pau.

— Nisso?

Eu estou confuso.

Na verdade, eu não consigo mesmo raciocinar.

— Em mim, chupando você... desse jeito...

A língua macia de Madison escorrega lentamente, mais uma vez, pelas veias grossas, fazendo um arrepio subir por minha espinha. Aperto o agarre em seu cabelo, querendo foder a sua boca até gozar, mas não encontrando forças para isso.

— Mais do que você possa imaginar, minha dançarina — sorrio, porque para quem não queria e não podia, até que Madison está gostando muito de se exibir e me provocar —, mas eu não vou te contar nada a respeito disso.

Ela geme em reclamação, me abocanhando mais uma vez por completo e me levando até o fundo de sua boca. Seus movimentos são seguidos dessa vez. Suas mãos me masturbam na base, onde Madison não alcança, enquanto a sua boca sobe e desce com facilidade até a metade do comprimento.

Minha mão em seu cabelo é só de enfeite, porque quem está ditando o ritmo é ela.

— *Me conta, por favor*... — choraminga depois que se afasta pela segunda ou terceira vez, eu nem sei mais dizer nada com certeza. Madison força seu corpo para cima, me punhetando enquanto busca por minha boca com a sua. — Eu *exijo* saber o que você anda pensando sobre mim.

Curvo-me em sua direção, chupando seu lábio inferior, o superior, e só então a sua língua. Seu gemido me envia para o meu inferno particular, me deixando fraco e cada vez mais no limite. Nossas línguas balançam uma contra a outra e eu tomo esse beijo como se fosse uma promessa..., uma promessa de que as coisas ficarão bem entre nós, não importa o que aconteça, não importa o que custe.

— *Você não pode me pedir algo assim* — resmungo, encostando nossas testas. — Esses pensamentos me pertencem.

Caralho.

Ela toca o meu pau tão bem.

— Mas eles são sobre mim — atira, ofegando contra mim —, e você disse que eu poderia ter o que quisesse.

Sorrio por sua insistência, entendendo então o que está acontecendo. Madison está excitada com a sua fantasia quase que narcisista a respeito de como eu a vejo e desejo.

— Isso te deixa molhada, dançarina? É por isso que quer tanto saber? Que quer tanto me ouvir dizer?

O relâmpago do lado de fora ilumina o quarto o suficiente para que eu veja seu rosto enrubescer, mas ela não desvia.

— Sim — confessa, sem vacilar ou sequer gaguejar como de costume. — Isso me deixa muito excitada. — Seguro o seu rosto, meus dedos se esticando de um lado do maxilar para o outro. — É segredo, mas eu fico muito excitada pensando nas coisas que você deve imaginar comigo.

Aperto os dedos no seu rosto bonito, forçando-a para baixo até sua boca me levar para dentro mais uma vez.

— Você é mesmo só fachada, não é, Madison? — Ela ri contra mim, vibrando e me fazendo vibrar na mesma frequência. — No fundo, bem lá no

fundo, você está louca pra ser minha putinha todos os dias, não é?

Madison geme. Alto. E dessa vez não tem trovão pra abafar nada. Então, empurro meu quadril para cima, enchendo sua boca e estocando bem gostoso.

— Vou te dizer — concordo, finalmente. Tomo uma respiração profunda, retornando para minha posição inicial e vendo mais saliva escorrer pelos cantinhos. — Toda vez que a gente discute, Madison..., ou eu quero te calar com um beijo, ou eu quero te calar enterrando meu pau nessa sua boca gostosa.

Como quem responde a minha confissão, ela desliza para baixo, me deixando sentir sua garganta enquanto os olhos desesperados e nebulosos me encaram. Travo seus movimentos, apaixonado pelo seu marejar de olhos. Libero Madison, mas ela continua do mesmo jeito por mais uns três segundos.

— Agora que eu sei como você pode me chupar tão bem, vai ser difícil não imaginar tantas outras coisas com essa sua boca. — Corro meu dedão pelo seu lábio inferior e ela o chupa também. — *Posso?* — Um vinco se forma em sua testa, acentuando os seus traços. — Posso imaginar o que eu quiser com sua boca e com você inteira?

Seu sorriso me dá a resposta antes mesmo que ela consiga formular palavras.

— *O que você quiser* — murmura.

Madison faz menção de voltar os lábios até onde tem me deixado louco, mas eu a interrompo.

— Me dá a boceta, dançarina. — Puxo ela para cima, fazendo-a me soltar por completo, parecendo uma bagunça enorme e irresistível. — Eu quero meter em você até que goze comigo.

Seus olhos se perdem por um momento, por um mero piscar.

Madison começa a empurrar a calça, junto da calcinha, para baixo, ficando completamente nua na minha frente. Seguro em seu quadril, afundando meus dedos em sua pele e ficando de pé pra também terminar de me livrar da minha calça.

As mãos de Madison encontram caminho em meus braços. Ela me toca como se estivesse me descobrindo, e, de certa forma, é exatamente isso, já que naquele dia ela ficou algemada o tempo todo e não teve muito como corresponder aos meus toques.

— Você é tão bonito... — sussurra, provocando meu sorriso com suas palavras. — Você é mesmo muito bonito, Mattew... e gostoso... o que torna tudo tão injusto.

Passo um dos braços por sua cintura e nós começamos a andar lentamente no quarto, passo a passo, como uma valsa.

— O que é injusto, Madison?

— Você ser tão... isso tudo... e ser impossível de ter.

Ela quer me ter?

Pisco meio perdido.

Giro Madison em seus pés e empurro o seu corpo contra o vidro gelado da janela do seu quarto. Do lado de fora, a chuva parece cada vez mais forte, condizendo com a minha confusão de pensamentos.

Os galhos das árvores altas e robustas balançam violentamente por conta da ventania. A crueza da imagem à nossa frente torna tudo mais assustador e bonito ao mesmo tempo.

— E-Estou com medo — Madison confessa, baixo, na minha frente.

Eu a viro em minha direção no mesmo instante.

— Você não precisa olhar pra lá se não quiser.

Ela concorda com um aceno, ficando na ponta dos pés para tentar me alcançar. Dobro meu torso em sua direção, tocando deslizando minhas mãos do seu quadril até a bunda farta. Uma das mãos segue mais para baixo, até que eu esteja tocando a parte traseira da sua coxa direita.

— Não é da chuva que eu mais tenho medo agora.

Eu sei, Madison.

— Estamos no mesmo barco então, porque eu não sei o que você está fazendo comigo desde que nos conhecemos, mas eu não consigo te tirar da minha cabeça. — Suas mãos se abrigam em meus ombros. — O que eu faço

com isso? Com esse medo e essa vontade irrefreada de ter você o tempo todo?

— Eu não sei, Matt — beija o meu queixo —, mas se você descobrir — beija minha bochecha direita — o que fazer — agora a esquerda —, por favor, conta pra mim — esfrega o nariz no meu —, eu também preciso entender o que devo fazer a respeito do que sinto por você... o quanto antes.

O que ela sente por mim.

O que Madison sente por mim.

Então ela sente mesmo algo por mim?

Do tipo... de verdade?

Eu não posso pensar sobre isso agora.

Puxo a sua perna direita para cima, levando minha outra mão até o meu pau e deslizando entre os lábios melados da sua boceta. Não podemos dar o azar de fazer barulho em sua cama pequena e velha, então eu vou foder Madison de pé, com ela agarrada a mim e me dando tudo que pode de si mesma.

Encaixo a cabeça do meu pau na sua entrada, empurrando para dentro pedaço por pedaço, lento como nunca fiz antes. A sensação de ser apertado por sua boceta é indescritível. Espremo as minhas pálpebras, revirando os olhos enquanto enterro não só meu pau na sua boceta, mas o rosto em seu

pescoço, beijando e mordiscando seu ombro para tentar conter minhas reações e impulso.

Tenho a sensação de que nunca vou me cansar de Madison e isso é, no mínimo, assustador pra caralho para uma pessoa como eu que nunca se apegou a nenhuma mulher antes. A dependência que sinto crescer dentro de mim me deixa em estado de alerta e de mãos atadas, porque, nem se eu quiser muito, vou conseguir me desprender desse maldito sentimento.

Eu a...

Não. Não, eu não amo.

Não. Não, porra.

Relaxa.

Suas mãos caem para os meus braços, mas voltam para os meus ombros novamente até plantarem-se em meu pescoço.

Mais e mais arrepios.

E calafrios.

E muito tesão reprimido.

— Não me faça viciar em você — pede perto da minha orelha, beijando o lóbulo numa ação tão carinhosa que eu sinto urgência em sufocar. Empurro o quadril para trás e volto com força, espalhando meus lábios em seu pescoço e me lambuzando no seu suor, enquanto um gemido

esganiçado escapa da sua boca. — Eu não posso, Mattew... não me faça viciar, por favor...

O jeito que Madison implora.

— O que eu posso fazer, *amor?* Você já me fez viciar, presumo que esse seja um caminho sem volta para nós dois — murmuro contra a sua pele, erguendo meu rosto com dificuldade pra encará-la. Encontro um ritmo gostoso, entrando e saindo da sua boceta apertada, delirando com todos aqueles sentimentos emaranhados em meu peito. — Você não vai fugir de mim, dançarina.

Meto bem fundo, sentindo suas pernas tremerem debaixo do meu toque e agarre.

— *Ahhh*... — geme, arqueando as costas e juntando nossos corpos. — Me dobra na cama e faz isso mais forte.

Paro de respirar.

— Vai fazer barulho, dançarina.

— Eu não ligo — grunhe. — Eu quero mais forte e mais fundo.

Nem fodendo.

— Então você vai ter que assistir a tempestade. — Dou um passo para trás, sentindo-me irritado com a falta da sua boceta e faço Madison empinar a bunda pra mim, guiando suas mãos para que ela se segure no parapeito da janela. — Essa tempestade é como você e eu, dançarina.

Encaixo e empurro.

Fundo e forte, do jeito que ela pediu.

— É tão... lindo.

Ela fica tão miúda na minha frente.

— O que é lindo? — inquiro, lambendo meus lábios e engolindo um gemido pelo jeito que ela rebola, ondulando o quadril para tentar se ajustar melhor.

— A tempestade — sussurra —, ...e nós dois.

Nos encaramos pelo reflexo da janela de vidro.

É olhando nos seus olhos, que aumento o ritmo das estocadas.

Meus quadris batem a cada investida na carne macia da sua bunda, e o jeito que isso acontece é tão bom que faz minhas pernas fraquejarem por um instante. A boceta apertada de Madison, me engolindo tão gostoso a cada um ou dois segundos, deixa o ar mais difícil de ser tragado. Afundo, gemendo atrás de si e afogando meus dedos em seu quadril estreito e firme.

A cavidade quente e úmida me aceita tão bem.

Eu poderia passar o resto da vida enterrado na sua boceta doce e não reclamaria disso.

— *Mattew*... — chama, entre um soluço e outro.

A morena vira o rosto para mim e as minhas bolas doem com a porra da sua imagem.

É linda e selvagem. Caótica seria o termo certo.

— O que foi, dançarina? — retruco, inspirando uma longa respiração para tentar encher meus pulmões.

— *N-Nada* — gagueja, como se estivesse arrependida de ter me chamado.

Desvio nossos olhares, afastando as bandas da sua bunda e acalmando meus movimentos. Lento. Cada vez mais lento. Cada vez mais suave. Deixo um filete de saliva escapar entre nós dois e cair sobre meu pau. Empurro a carne devagarzinho, vendo cada centímetro meu sumir para dentro de Madison.

Seu corpo endurece e ela arqueia as costas.

Um segundo antes de quebrar, tenho consciência de que isso vai acontecer e tento evitar, mas é impossível.

Os espasmos tomam a mim primeiro.

A onda de pequenos tremores me faz ver tudo preto por alguns instantes antes de grunhir. Retorno de uma vez ao mesmo ritmo anterior, determinado, sem pena da mulher que faz meu coração acelerar e errar as batidas, mas que também pediu por isso, por cada pedaço meu que eu pudesse lhe dar.

Minhas investidas surram a sua carne sensível e macia e tudo que eu consigo desejar, diabolicamente, é que sua boceta fique doída e inchada por

dias depois de hoje.

Madison precisa lembrar, porque eu não vou conseguir esquecer.

Minha porra se derrama toda no fundo de Madison, facilitando meus escorregões em sua direção. Agarro seu cabelo úmido, puxando-a para mim enquanto levo minha outra mão até o nervo entre suas pernas, atiçando o pequeno ponto enquanto meu orgasmo se prolonga e Madison reivindica cada gota do líquido com sua boceta.

Suas costas batem duramente em meu torso, enquanto meto, ainda semiereto e quase duro de novo, buscando pelo seu alívio.

— Você... ainda vai querer... ser minha..., Madison... está me entendendo? — pergunto, sem ar, e ela confirma com um aceno. — Porra, minha dançarina..., você me recebe tão bem... — Suspiro. — Te enchi da minha porra..., mas estou quase pronto... pra gozar de novo com você... me levando tão bem dentro dessa boceta gulosa...

— *N-Não fala... assim...*

Madison está no próprio limite.

Aumento o movimento dos meus dedos e das minhas investidas, metendo duro e cada maldito centímetro até sentir seu corpo tremer pela primeira vez.

— Isso, dançarina... goza no meu pau... — rosno, soltando seu cabelo e apertando o braço ao seu redor para segurá-la, mexendo meus dedos mais

e mais e mais... Ela treme mais uma vez. — Você está se segurando, Madison?

— *E-Eu... Ah... Sim...* — afirma. — *Eu não sei quando a gente vai... vai fazer de novo... e... eu só não quero que acabe...*

Porra.

Mas que merda?

— Sempre que quiser, você pode pedir.

— *Mattew...* — soluça. — *Devagar...*

— Não, *amor*. Você vai gozar pra mim, vai me deixar sentir esse melado ao redor do meu pau...

— *M-Matt.*

— *Maddie*.

— *Merda...* — pragueja.

A próxima coisa que eu tenho é uma Madison descontrolada em meus braços. Ela balança e treme pra caralho, mas eu não paro. Provoco seu orgasmo e cada um dos espasmos até o limite. Esfrego seu clitóris e surro sua boceta com o meu pau até tê-la louca pra fugir de mim, o que quase me faz rir de toda sua sensibilidade.

Eu não deixo Madison escapar. Eu não deixo que ela fuja.

Mas, eventualmente, meus dedos se acalmam e eu paro de me mover por completo, segurando seu corpo mole sem vacilar.

Mentiria se eu dissesse que não estou pronto para outra, porque, na verdade, eu estou, mas consigo sentir o cansaço de Madison... e, bom, esse não é o melhor lugar para continuarmos com o momento.

Saio de dentro dela e viro seu corpo para mim, com dificuldade por ainda estarmos praticamente grudados um no outro.

— Você... — resmunga, mas não consegue completar.

Madison ri, os olhos pesados e... perfeita?

— Entendi, senhorita Johnson. Cama agora, não é? — Ela faz uma careta, perdendo a risada e eu entendo o que fiz. — Quero dizer, Madison. Cama agora, não é, Madison?

Ela franze o nariz de um jeito fofo, mas concorda.

Carrego Madison até a cama e a deito cuidadosamente ali.

— Tranca a porta — pede, soando preocupada. — Melhor do que sermos pegos pelados de manhã.

Bem melhor mesmo.

Caminho até a porta do seu quarto e passo a chave uma vez, deixando-nos seguros. Ainda assim, pego do chão a calça de moletom que estava usando e visto, encarando a mulher linda sobre a cama pequena com um sorriso no rosto.

Tomo meu lugar ao seu lado, me ajeitando e ficando atrás dela mais uma vez.

A essa altura, Madison e eu não nos importamos mais com a luz que os relâmpagos fazem e os barulhos que os trovões produzem.

Puxo o lençol fino para, principalmente, cobri-la, já que ela está pelada.

Meu coração se sente cheio pela primeira vez em tanto tempo que eu não consigo lidar com essa informação. Eu sinto, sem saber o que estou sentindo de verdade.

Porra, nós... nós somos tão bons juntos.

Madison é tão boa pra mim.

— Foi tão bom — confesso sem conseguir me conter, respirando mais controlado e sentindo a sua própria respiração se acalmar pouco a pouco.

Beijo a parte de trás da sua nuca, inalando seu cheiro delicioso.

— O quê? — pergunta em resposta.

— O jeito que você derrete ao redor do meu pau.

Madison sorri e eu posso senti-la exalar vergonha.

Porra, como eu faço pra aguentar isso? As suas duas versões? A que é toda envergonhada e a que fica de joelhos pra mim e pede pra me chupar? Como ela consegue ser as duas ao mesmo tempo?

— Você já pode parar — resmunga, aconchegando-se em meus braços.

— Parar?

Franzo o cenho, confuso.

Por que eu deveria parar?

Ela não gosta?

— É... — Suspira, virando-se para mim e esfregando a ponta do nariz no meu pescoço, afundando ainda mais em meus braços. — A gente já transou, então pode deixar esses elogios para outro momento.

Reviro os olhos.

— Sequer te elogiei, dançarina. Só falei como você goza bem no meu pau. — Beijo sua testa num estalo. — Quando eu te fizer um elogio de verdade, você vai saber... e eu espero ver essas bochechas suas bem vermelhas.

— *Claro* — murmura. — Como se fosse difícil me deixar vermelha...

— Não ligo se é difícil ou não, contanto que seja eu te deixando com vergonha e querendo cavar um buraco no chão pra se enterrar, está tudo bem.

Madison ri.

É o som mais melodioso e gostoso que eu já ouvi em toda minha vida.

Eu a acompanho só por alguns segundos.

— Por que a gente não pode ser assim o tempo todo?

— Porque você lembra do contrato toda hora.

Sua respiração pesa.

— Mas ele existe... não tem como ignorar.

— Podemos rasgá-lo a qualquer instante, Madison.

— Mas eu não quero o seu dinheiro, Matt. Eu não quero que pareça que... que...

— Não parece que nada, Madison. Por que você está pensando isso? — Me afasto o suficiente para tocar seu rosto e fazê-la me encarar. — Eu estou aqui por um motiv...

Merda.

Merda, merda.

Que porra de motivo, Mattew?

Qual o seu motivo?

— Motivo? — pergunta.

Burro. Burro pra caralho.

— S-Sim — gaguejo.

— Qual o seu motivo?

Engulo em seco.

— Eu não sei.

Ela suspira de novo.

Eu realmente não sei.

Eu não sei qual é. Eu não sei o que é.

Eu não sei como me entender e admitir o que quer que seja isso, o que quer que seja o meu motivo.

— Quando você descobrir qual é o motivo, a gente pode ter essa conversa de novo...

É minha vez de suspirar.

Estraguei tudo de novo?

— *Madison*...

— Não estou chateada, Matt, fica tranquilo — me corta. — Nós precisamos nos entender antes de qualquer coisa. Se você ainda não se achou ou entendeu o que quer, tudo bem. Uma hora isso vai acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Vai.

Vai acontecer.

E eu espero que seja mais cedo e não tarde demais.

Madison boceja, sonolenta e cada vez mais mole.

— Você está aproveitando a viagem? — indago, mudando de assunto.

— Muito — declara. — É a melhor viagem que eu já fiz.

— Que bom que está gostando, dançarina. — Dedilho seu rosto suavemente, vendo seus olhos se fecharem, pesados. — Eu cuidei para que tudo desse certo...

— Foi? — resmunga.

— Sim — concordo.

— Matt — chama, a palavra toda embolada.

— Diga, dançarina.

— É só uma viagem à trabalho mesmo?

Um caroço se forma em minha garganta.

Fico em silêncio, sem saber o que dizer mais uma vez.

— *Matt*... você dormiu? — Não, mas você está quase dormindo. — Pode me dizer, por favor? Juro que não vou entender nada errado...

Arfo.

— Não é uma viagem à trabalho, dançarina — admito. — Eu fiz isso por você, Madison... só por você... *e eu juro que faria de novo e de novo*.

Ela sorri o mesmo sorriso que me faz desejar ser seu antes de adormecer por completo... e, a verdade, Madison, é que eu irrevogavelmente seria seu com tanta facilidade que você se assustaria se soubesse.

12

“Amor, eu estou dançando no escuro
com você entre os meus braços.”

PERFECT — *Ed Sheeran*

MADISON JOHNSON

Remexo-me na cama com dificuldade, aborrecida com o que sinto ser um feixe de luz e calor acertar meu rosto em cheio. Isso me incomoda tanto que quase, por um instante, me deixa de mal humor antes mesmo de abrir os olhos, mas quando lembro de onde estou, admito a mim mesma que nada, nem ninguém, pode estragar meu humor.

Eu estou em casa.

Não consigo dizer quanto tempo esperei por esse momento, mas poder falar com todas as letras que “eu estou em casa”, me deixa com um misto de sentimentos tão bons que se tornam inexplicáveis.

Escondo o rosto na superfície sólida e quente que está ao meu redor, tentando fugir da luz, então eu puxo o ar com força para os meus pulmões, sorrindo sozinha.

Cinco segundos.

É esse o tempo que leva para eu perceber no que estou deitada, ou melhor dizendo, *em quem*. Dou um pulo da cama, piscando com força e localizando-o ali, tomando quase todo espaço do colchão minúsculo que dividimos a noite toda.

Eu...

Puta merda.

Puta merda, puta merda, puta merda.

Mattew Thompson está deitado na minha cama, dormindo como um anjo e parecendo a coisa mais linda que eu já vi em toda minha vida.

Olho para baixo, percebendo que eu estou completamente nua e é isso que me leva de volta ao que fizemos depois que “deitamos para dormir”.

Mordo meu lábio inferior, me enrolando no lençol fino e tentando me acalmar.

É impossível.

É impossível manter a calma.

Sinto os meus batimentos cardíacos acelerarem de uma hora para a outra, enquanto a sensação de quentura não se restringe mais só ao meu rosto, mas a todo meu corpo. As malditas lembranças me consomem, e com a imagem à minha frente então... droga, eu estou perdida. Eu já vi Mattew em sua cama, em outras camas, no chão... eu já vi Mattew acordando antes... eu... eu só não sei o que faz esse momento ser tão especial. Eu não sei por que meu corpo está reagindo de um jeito tão estúpido.

Levanto da cama tentando me mexer o mínimo possível.

Fico de pé, para a minha sorte, sem acordá-lo.

Busco minhas roupas jogadas pelo quarto e me visto apressadamente, com vergonha de ser pega por ele.

Eu sou tão idiota...

Como se fizesse alguma diferença depois de tudo que fizemos.

Caminho até a mesa de cabeceira, checando as horas em seu celular e arregalando os olhos quando vejo que já passam das dez. Não vamos ter tempo nem pra conversar sobre o que aconteceu, porque precisamos voltar logo para o hotel e organizar nossas coisas o quanto antes. Vamos encontrar senhor Higgins, o cliente com quem Mattew marcou a reunião em um *brunch*, às quatro da tarde. Parece que eu estou exagerando, mas eu ainda

preciso rever a biografia do figurão e repassar tudo para Mattew. Não é como se estivéssemos aqui a passeio, embora eu quisesse muito que fosse.

Quero dizer, por que tenho a sensação de que perdi alguma coisa da noite passada depois que nós transamos?

Suspiro baixinho, deixando o celular em cima da mesa e começando a cutucar seu peitoral sem muito alarde. Cutuco por quase vinte segundos, começando a me assustar porque Mattew não se incomoda nem um pouco.

Ele não se mexe nem com reza... é estranho.

— *Mattew... Mattew, acorda...* — sussurro, tentando não o despertar no susto. — *Mattew, já 'tá na hora de levantar. Acorda...* — Afundo o indicador no seu peitoral com mais força, passando a cutucar seus ombros e bochechas também.

Eu estou com pena? *Sim*.

Sei como nenhuma outra pessoa da rotina de Mattew e como ele quase nunca descansa do jeito certo. Vê-lo dormir tão bem me faz ter pena de ter que acordá-lo, mas nós realmente precisamos levantar logo e voltar para o hotel.

— Mattew! — grito, abandonando o plano de não o assustar. O homem se levanta de vez, sentando-se na cama com os olhos azuis arregalados e olhando ao seu redor com urgência até conseguir me localizar. — *Finalmente acordou...* — resmungo, tentando fazer minha melhor

carranca, mas lá no fundo eu estou mesmo é achando graça do seu desespero.

— Você está tentando me matar do coração ou o quê?

Ele esfrega o peito com uma das mãos, apoiando sua cabeça com a outra.

Solto uma risada, sem conseguir resistir.

— Desculpa — peço. — Parecia que você estava morto de tão parado... — minto, tentando limpar a minha barra.

Mattew me encara, irritado.

— Você é uma péssima mentirosa — atira de volta. — Se eu passar o resto do dia com dor de cabeça, a culpa é toda sua.

Ele fica de pé, carrancudo e ainda esfregando o peito.

— Eu só estava tentando te acordar porque nós temos muito o que fazer e já são dez da manhã.

— Dez? — questiona, todo desorientado.

— *Sim?* — rebato ironicamente. — A gente capotou, pelo visto. Temos que nos apressar, ok? Eu vou escovar os dentes e trocar de roupa, então você faz o mesmo depois de mim e a gente sai.

— Eu vou com você.

— O quê? — indago. — Ficou louco? Já é dia e nós estamos na casa dos meus pais, da minha família, não vamos piorar as coisas.

— Mas essa madrugada...

Meu corpo esquenta com as lembranças e é com isso em mente, que escaneio seu próprio corpo, vendo algumas marcas aqui e ali. Ele parece tão bonito e gostoso, que eu quase cedo e concordo com a sua ideia idiota, mas isso é tão rápido quanto o tempo que levo para voltar para a vida real.

Não é assim que eu devo agir, nem aqui e nem em qualquer outro lugar.

Nós apenas... deslizamos. Não foi?

— Essa madrugada ficou na madrugada, Mattew. A gente não vai fazer absolutamente nada agora.

— E depois?

Tenta, insistindo como um menino mimado.

Por que ceder a ele é sempre tão fácil?

— Se você se comportar…

— Eu sou a pessoa mais comportada que já pisou na face da Terra. Você não ficou sabendo disso? — Ele coloca as mãos de cada lado do quadril estreito, me encarando de um jeito engraçado. Fito os gominhos em sua barriga, lambendo meus lábios por sua imagem insuportavelmente perfeita. — Olhe para cima, dançarina, ou eu não vou mais me comportar nem um pouco.

Pigarreio, mortificada por ter sido pega por ele em mais uma das minhas encaradas indiscretas.

Mattew dá um passo em minha direção.

— Eu não fiz nada. — Ando para trás, tentando buscar uma distância segura entre nós dois. — Fica quieto, Mattew... ou eu vou acabar tendo que te agredir.

Ele sorri, genuíno e sincero.

Suspiro em resposta, sorrindo de lado.

— Você gosta dessa coisa de bater, não é? — Lambe os próprios lábios, fazendo isso para provavelmente me atiçar e enfeitiçar.

Apago meu sorriso, colocando uma carranca no lugar.

Destranco a porta do meu quarto, apontando o dedo em sua direção para tentar intimidá-lo de alguma forma.

— Eu gosto mesmo e ainda não te bati como merece — ameaço, juntando as sobrancelhas e fechando a cara. — Agora ajeita suas coisas que eu vou sair do banheiro logo...

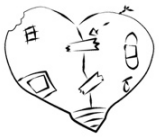
— Não me deixe sozinho — pede, os olhos azuis brilhando como o de um cachorrinho pidão.

Saio e bato a porta antes que eu ceda.

Mais dois segundos e isso aconteceria sem que eu pudesse evitar.

— Porra, ela vai acabar me deixando louco...

Escuto sua lamentação atrás da porta, rindo e correndo até o banheiro o mais rápido que consigo.



— Princesa Mabel — Mattew cumprimenta minha irmã, curvando-se para a pequena todo exagerado assim que nós entramos na cozinha.

Deixo os dois para trás, aproximando-me do meu pai que já está no seu lugarzinho comendo algumas frutas que estão cortadas no prato colocado em sua frente. Eu o abraço por trás, com cuidado, beijando sua bochecha e sorrindo quando ele se vira para beijar a minha de volta.

— Bom dia, pai — o cumprimento.

— Bom dia, minha princesa — retruca, carinhoso.

— Você está se sentindo melhor?

— Sim — concorda, sorridente. — Como um homem novo com a sua presença aqui.

A declaração me deixa toda cheia de mim mesma.

Dou mais um beijo em sua bochecha e me afasto, seguindo até a mamãe.

— Bom dia, mãe. — Beijo sua bochecha também. — Você está bem?

— Bom dia, meu amor. — Termina de lavar as mãos para se virar para mim e me dar um abraço apertado. — Ter você aqui deixou todo mundo mais do que bem — responde, afagando minhas bochechas. — Vocês conseguiram descansar?

Sua pergunta se estende a Mattew também.

— Quem poderia dizer que uma cama de solteiro poderia caber confortavelmente duas pessoas? — ele responde antes que eu possa abrir a boca.

Vermelhidão toma conta do meu rosto.

— Espero que o senhor tenha respeitado a minha filha — meu pai retruca.

As lembranças me massacram.

Respeito? Acho que não rolou muito respeito de nenhuma das partes essa madrugada, mas ninguém precisa ficar sabendo disso.

— Nunca trataria sua filha de forma diferente, senhor Johnson — Mattew garante. — Não tem com o que se preocupar em relação a isso.

Respeito realmente não falta, mas...

É melhor eu ficar calada e conter meus próprios pensamentos.

Me aproximo de Mattew, puxando-o pelo braço para se sentar do meu lado. Talvez assim, com ele perto de mim, eu consiga controlá-lo um pouco,

já que, aparentemente, ele está se dando muito bem com toda minha família.

Mabel lidera o rumo da nossa conversa, como sempre sendo o centro das atenções.

Mattew vai na onda dela. Os dois parecem velhos melhores amigos e isso é quase assustador, porque eu não sei se eles estão realmente se dando muito bem ou se Mattew só está sendo gentil com minha irmãzinha.

De qualquer forma, só Mattew pra ir na onda de Mabel.

Mas, sabe? Nem dá pra julgar totalmente, porque ela é a melhor pessoa que eu conheço. Essa menina é tão cheia de lábia, consegue envolver qualquer um em suas histórias e ganhar com seu charme. Não é querendo me gabar, mas já me gabando, Mabel tem muito a quem puxar. Quando eu tinha sua idade, também conseguia qualquer coisa — *geralmente bolos de chocolate e milkshake* — com um sorriso fofo e palavras engraçadas. E eu era mesmo engraçada, o tempo que fez seu trabalho de apagar esse e alguns outros traços de mim.

Passeio o olhar pela mesa pequena, encarando meu pai, depois minha mãe, minha irmã e só então, Mattew.

— Eu posso ir à festa do Matt com você, Maddie?

Pisco, tomando um gole do meu café e encarando todos na mesa antes de me fixar em Mabel. Não é nem uma festa, mas não tem um jeito certo de

explicar para uma criança o que é um *brunch*.

— Meu amor, a festa não é do Matt — tento explicar. — Tenho certeza de que se fosse dele, você seria a primeira pessoa a ser convidada.

— Isso é verdade — ele concorda e eu viro para fitá-lo, suspirando com o sorrisinho de lado que ele dá.

Com a pergunta de Mabel, Mattew se torna o centro das atenções e eu não estou fazendo disso uma reclamação, apesar de que seja muito mais do que eu posso aguentar.

O carinho com o qual o homem sentado ao meu lado está tratando minha família, é algo que eu nunca vou esquecer. O jeito que ele responde meus pais educadamente e viaja nas fantasias da minha irmãzinha mostram que, quem quer que seja a mulher que acabe ficando com Mattew no final, vai ser muito sortuda.

Eu os assisto entrarem naquela pseudodiscussão com Mabel, que teima em querer nos acompanhar independente de quem seja a festa.

— Mamãe, mas eu quero ir também! — insiste pela décima vez desde que falei que a festa não é de Mattew. — Por que só a Maddie pode ir quando a princesa sou eu? — Cruza os braços, emburrada.

Nós rimos da sua reação fofa.

— *Essa vai dar trabalho...* — Mattew resmunga só para eu ouvir e eu concordo, porque essa é a mais pura verdade. — Você não pode ir porque é

só trabalho, princesa. Vai ser chato, cheio de gente velha e chata... não vai ter nem sorvete de chocolate, acredita?

Os olhos castanhos de Mabel se arregalam.

Ele já a conhece tão bem assim?

Por que eu estou surpresa?

Mattew é um advogado, um dos melhores, é claro que ele sabe ler as pessoas, principalmente quando ela é uma criança de sete anos querendo dar uma de espertinha para cima de nós dois.

— M-Mas... eu quero — Mabel gagueja, bicudinha.

— A gente pode fazer a nossa própria festa quando chegarmos de lá, o que você acha?

— Uma festa? — ela arrisca a palavra, como se ponderasse.

Eu a entendo.

Nós nunca fomos muito de festas.

Nem de fazer, nem de ir, e o motivo é muito óbvio: *dinheiro, ou melhor dizendo, a falta dele.*

É compreensível toda insistência de Mabel.

A única festa que fizemos pra ela, foi de um ano e, bom, ela era só uma bebê, não lembra de nada, obviamente.

— É, uma festa com tudo que você quiser — sugere.

— Querido, você não precisa fazer nada disso — minha mãe tenta intervir nas loucuras dos dois.

— Amor, deixa eles se divertirem — papai comenta de volta.

Mattew se vira para os meus pais.

— Se for um problema, a gente pode só comprar alguma coisa e...

— Não é um problema — papai diz. — É bom ver a minha princesa animada com algo diferente. Eu voto sim para a festa da Mabel.

— Eu também voto sim! — Mabel exclama, levantando a mão de uma vez.

— Meu voto é vencido — mamãe diz, sorrindo de lado.

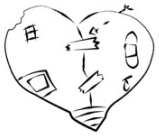
— Então o jeito é eu votar sim.

Dou de ombros, enquanto Mabel comemora, alto, batendo palmas e dançando mesmo sentada. Não tem como ficar séria diante da sua imagem tão, tão feliz. Volto a encarar Mattew de novo, mas dessa vez ele me pega no flagra com um sorriso bonito nos lábios. Sua mão encontra a minha debaixo da mesa, enquanto ele enfia um pedaço de melancia na boca, desviando para encarar a pequena novamente.

Terminamos o café da manhã com uma Mabel muito elétrica e animada.

Ela ficou falando para nós dois que contaria os minutos até nós voltarmos e que nos esperaria com um vestido muito bonito que ela fez na

última semana, em suas palavras: “digno de princesa”.



— Ela é adorável — Mattew diz do nada, chamando minha atenção.

Viro para encará-lo, fitando seu perfil e semblante tranquilo.

— Mabel — explica —, ela é adorável. Uma fofa.

Uma fofa?

Respiro fundo pra não acabar gargalhando na sua cara.

É fofo o jeito que ele fala de Mabel.

Muito, muito fofo.

— Você achou mesmo? — pergunto e Mattew assente prontamente, sem nem pestanejar. — Ela parece ter gostado muito de você, então deve ser recíproco o encanto... queria até mesmo tomar meu lugar no trabalho.

Matt sorri de lado.

— Por mais adorável que ela seja, ninguém nunca vai conseguir tomar seu lugar, dançarina.

Meu rosto esquenta inteirinho.

Quando vou me acostumar com ele me chamando de *dançarina?* E *minha dançarina de ouro?*

Mattew não tem pena.

Eu tenho certeza de que ele sabe o que essas coisas fazem comigo e escolhe simplesmente continuar fazendo.

Limpo a garganta com um pigarro, tentando empurrar minha vergonha para longe e digo:

— É bom estar ciente disso.

— Esteja sempre, porque isso não vai mudar — me assegura. Ele segura minha mão, levando-a até os lábios e beijando. — Aliás, aquele é seu metaverso? Maise, você, Mabel... eu vi as três gerações de Madison Johnson e, por mais lindas que todas sejam, foi assustador. — Gargalho da colocação de Mattew, surpresa por ele ter notado coisas tão bobas quanto essa. — E vocês têm alguma preferência com a letra “M”? — Ah, não... — Mabel, Madison, Maise, Melvin...

— É uma lenda antiga da nossa família, sabe? — Vejo os olhos pequenos de Mattew duplicarem de tamanho. — Casamento só é permitido com pessoas que o nome comece com “M”.

— Casamento? — Ele ri, relaxando. Arqueio uma das sobrancelhas diante da sua reação. — Se eu soubesse disso antes, não teria me preocupado com ninguém de letra diferente.

Mattew me levou a sério?

Ele está querendo dizer o quê com isso?

— Você sabe que eu estou só brincando, não é?

Seu semblante muda e ele solta a minha mão.

Vejo seu pomo-de-adão subir e descer.

Ele definitivamente engoliu em seco.

— Você estava? Eu pensei que era sério. Não tem como pensar diferente, é só “M” na sua família. Como eu poderia imaginar que era só uma brincadeira sua?

Ele está todo na defensiva.

— *Matt*...

Eu falei de casamento. Ele se tocou disso?

— O quê? — resmunga, emburrado.

Não, não... eu não vou falar isso.

Nós nem temos nada certo, nem namoramos, e só estamos aqui por causa de um contrato. Por que diabos eu falaria sobre casamento com ele? É o meu chefe, afinal.

— Não é nada — retruco, engolindo um suspiro rebelde. — Só achei você engraçadinho.

— Você gosta de uma tortura, não é?

Sorrio de lado.

— Você me tortura também, então esse é um caso totalmente justo para ambas as partes.

Ele volta a segurar e beijar a minha mão só para dizer com os lábios encostados na minha pele:

— Ainda nem te torturei de verdade, *minha* dançarina. Mas, espere por isso, eu vou fazer e então assim você vai ter motivo para ser má comigo.

13

“Quando brigamos, nós brigamos como leões,
mas, então, nos amamos e sentimos a verdade.
Nós perdemos o juízo em uma cidade de rosas,
nós não vamos tolerar nenhuma regra”

FIRE ON FIRE — *Sam Smith*

MADISON JOHNSON

— Aqui você é minha namorada.

Essa é a primeira coisa que deixa a boca de Mattew depois que eu consigo sair do carro com sua ajuda. Corro as mãos pela saia de um dos tantos vestidos elegantes que ele comprou para mim quando começamos a trabalhar juntos, erguendo o rosto alguns segundos depois para fitá-lo enquanto absorvo as suas palavras.

“Aqui também?”, quase deixo a provocação escapar de mim.

Me esforço para manter o meu lado mais profissional e impessoal, o que não é nada fácil, para ser sincera, principalmente depois do dia e noite de ontem — *e até mesmo dessa manhã*. Não o ver e adorar com outros olhos se torna a tarefa mais árdua que tive que enfrentar desde que assinamos aquele contrato.

— Sem problemas, senhor Thompson — respondo, desviando de cima da sua figura perfeita e olhando para a construção imaculada à nossa frente. É uma mansão como a dos pais de Mattew, toda branca e suntuosa. — Isso não vai chegar até a sua família, certo?

Sua mão encaixa na minha novamente.

Seus dedos deslizam entre os meus, me fazendo engolir em seco e olhar para baixo, onde nossas palmas estão apertadas juntinhas, sentindo o quão certo as coisas parecem ser entre nós dois.

Minha atenção se volta para ele mais uma vez.

É uma tortura.

— Se chegar ou não, não tem importância — retruca, como se aquilo não fosse nada. — Ninguém tem nada a ver com a minha vida.

— *Mas...*

— Estamos atrasados, senhorita Johnson, eu acho melhor entrarmos logo — me corta, dando um passo adiante, mas parando quando vê que eu

não me movo para acompanhá-lo. Mattew suspira, completando sua fala antes que eu possa dizer qualquer coisa: — Se quiser, podemos conversar sobre isso mais tarde.

Dou de ombros.

Apesar de gostar da sua sugestão, acho que isso não vai fazer diferença daqui a algumas horas.

— Como *você* quiser — resmungo.

Escuto o suspiro de Mattew, mas ele não diz mais nada.

Andamos lado a lado até a entrada.

Me sinto nervosa, mais do que gostaria de estar.

Acho que nunca vou me acostumar a frequentar esse tipo de lugar com esse tipo de gente. Não tenho nada que me cause identificação, muito pelo contrário. Tudo que já vi nesses encontros, todas as pessoas que já conheci — *apesar de algumas terem sido diferenciadas* —, é mais do mesmo: *uma futilidade sem fim*.

Verdade seja dita: o que eu mais queria era estar com minha família. A única coisa que me conforta nesse momento é a certeza de que logo essa tortura vai acabar e Mattew e eu voltaremos pra casa dos meus pais para uma noite mais que especial.

Talvez — *só talvez* — eu esteja mais animada do que Mabel.

Mattew toca a campainha e nós esperamos pacientemente.

A porta se abre e a figura de uma mulher — *provavelmente a governanta da casa* — se materializa na nossa frente. O homem ao meu lado se apresenta brevemente e eu faço o mesmo, só o básico. A única coisa que a senhora diz, é:

— Vou acompanhá-los até o jardim.

Seguimos atrás da senhora em passos largos e eu não consigo evitar em olhar tudo ao redor, pensando que talvez o senhor Higgins, cliente em questão, seja bem mais rico do que eu estava imaginando.

Quando passamos pela porta lateral da mansão, entramos num jardim que sequer se parece com um jardim. O lugar é mais como um grande campo com mesas por todo lado e cheio de pessoas andando pra lá e pra cá, enquanto a música ambiente e as conversas paralelas entre seus tantos convidados preenchem o ar da tarde agradável em Phoenix.

Pensei que o *brunch* seria algo pequeno, mas, aparentemente, o meu conceito de pequeno é diferente do conceito do anfitrião.

— Senhor Higgins está logo ali — a senhora indica, discretamente.

Meu olhar viaja até a figura sorridente rodeada de pessoas.

Mattew nos guia até o homem com calma, devagar, passo a passo.

— Como eu disse, aqui você é minha...

— *Namorada* — completo, tentando lhe mostrar que já entendi o seu ponto. Ergo o rosto para fitá-lo, achando seu olhar já muito bem colocado

em mim. — Se está preocupado, não fique. Eu não vou desmentir as suas palavras. Nós temos um contrato, não é?

O olhar de Mattew permanece em mim por mais alguns instantes.

— Sim, nós temos — retruca em poucas palavras.

Mattew e eu paramos a alguns passos da estrela da tarde. Ele me puxa para bem perto pela cintura, enquanto eu tento não definhar de vergonha e acho um abrigo para as minhas mãos em seu peitoral. Mexo no terno bem colocado em seu corpo, cobrindo cada pedaço seu perfeitamente. É claro que eu estou nervosa com absolutamente tudo, mas tento não demonstrar tanto.

— Ele está vindo em nossa direção — murmura, me olhando rapidamente e abrindo um sorriso doce na minha direção..., só para mim. — Você não precisa ficar tensa.

— Eu não estou — retruco no mesmo tom.

— Seu corpo diz o contrário, dançarina.

Viro-me apenas o suficiente ao finalmente ouvir a voz do anfitrião de perto.

— Então você veio mesmo — senhor Higgins saúda o homem que está me segurando firme, sorrindo amplamente e demonstrando uma enorme felicidade em ter a presença do outro. — Fiquei surpreso quando fui

informado do interesse em um encontro cara a cara com o requisitadíssimo Mattew Thompson.

É, senhor Higgins, estamos todos surpresos com as mudanças em cima da hora.

— Um cliente importante como você merece o mínimo de atenção, não acha?

Eles sorriem juntos.

O homem de meia-idade bem apessoado muda a sua atenção para mim.

— E você é...?

— Ah... eu sou a *assis*... namorada... a namorada dele.

— Minha namorada — Mattew reitera. — Madison Johnson — completa.

Quase fiz besteira mesmo Mattew tendo me avisado antes sobre a minha posição ao seu lado nesse encontro. Não que isso importe muito para o senhor Higgins, é claro. Mas importa para Mattew. Se ele quer desse jeito, então precisa ser exatamente como ele demandou.

A mão livre do homem aperta meu quadril no abraço possessivo que ainda não me deixou.

Bom, eu não poderia esperar absolutamente nada diferente dele.

— Namorada? — Higgins pergunta, aparentemente surpreso.

E quem não ficaria?

A fama de Mattew é antiga e está espalhada por todo lado, então é bem surpreendente pra qualquer um.

Por mais que eu nunca tenha procurado saber nada sobre sua vida pessoal amorosa por motivos bem óbvios, lembro-me de ter escutado numa festa aleatória em que o acompanhei algumas mulheres cochichando sobre a única e sortuda namorada do Thompson mais velho. Ela aparentemente era alguém com tanto dinheiro quanto ele, mas não deu certo... e isso é tudo que sei até hoje.

— É um prazer conhecê-la, senhorita Johnson — o homem adiciona.

Ele estende a mão para mim e eu seguro a sua sorrindo apenas o mínimo por educação. Senhor Higgins deposita um beijo no dorso, sorrindo cada vez mais largo.

— É um prazer conhecê-lo também, senhor. Meu namorado falou muito sobre você.

Mattew aperta minha cintura. De novo.

— Espero que tenham sido apenas coisas boas — Higgins brinca e eu sorrio, um pouco mais relaxada... espontânea.

— Posso garantir que sim — concordo, simples.

Um homem mais jovem se aproxima do senhor Higgins, falando algo em seu ouvido e chamando sua atenção.

— Preciso receber mais alguns convidados, mas logo conversaremos à sós, Thompson. Tudo bem assim?

— É claro — retruca. — Não estamos com pressa.

— Perfeito então. — Sorri. — Sintam-se em casa, por favor.

Nós dois apenas acenamos com a cabeça.

Senhor Higgins se afasta, indo dar sua atenção para seus outros convidados e nos deixando ali, tecnicamente sozinhos. Olho ao redor por alguns instantes, suspirando baixinho ao notar de perto a beleza delicada da decoração, mas não consigo demorar tanto nos detalhes, porque sinto o olhar de Mattew pesar uma tonelada sobre mim.

— O que foi? — pergunto, encarando-o de volta.

Ele continua em silêncio por alguns instantes antes de finalmente me jogar um questionamento:

— Você me chamou de quê?

Franzo o cenho, confusa com a pergunta aleatória.

— Como assim?

— Você me chamou de quê? Antes? — insiste. — Repete pra mim.

— *Do que você está falan...* — Ah! — *Ah... você...* você está se referindo ao que eu disse para o senhor Higgins? — Mattew concorda. — Bom, foi o que você pediu, não foi?

Sua respiração bate diferente em minha pele. Acelerada. Ansiosa. Descompassada.

Isso, infelizmente, produz a mesma reação em mim.

— Mas você nunca falou isso antes.

— Por que você está fazendo isso? — questiono, nervosa e insegura.

— Só repete, Madison.

Engulo em seco, pigarreando para tentar não gaguejar e parecer ainda mais idiota na sua frente.

— Namorado — murmuro. — Você é meu namorado aqui, não é?

— *Porra*... — Sua mão livre toca meu rosto. Suavemente. — Mais uma vez.

Ele encosta a testa na minha e a proximidade me faz rir de um jeito frouxo, tonto.

— Você gostou disso, senhor Thompson?

— Você não vai querer saber o quanto eu gostei, senhorita Johnson.

Não.

Eu não vou mesmo.

Principalmente agora, nessas circunstâncias.

— Namorado — sussurro, coração batendo no corpo da garganta e o corpo completamente elétrico.

Seus lábios caem sobre os meus num selar tão suave que nem parece que estamos nos beijando no meio de um monte de gente estranha.

— Acho que a gente não deveria fazer isso aqui... — sussurro, tentando me afastar um pouco do seu corpo.

É tudo tentador demais para mim.

— Você está falando como se nós pudéssemos fazer isso em qualquer outro momento quando as coisas não acontecem exatamente dessa forma entre nós dois.

Suspiro, tirando cada pedaço de armadura que carrego, uma por uma, até finalmente me ver livre de tudo e simplesmente dizer:

— E quem disse que agora elas não podem acontecer?

Os olhos azuis de Mattew brilham tão intensamente que eu preciso prender a respiração em meu peito para não perder o ar de uma só vez, como se eu tivesse acabado de levar um soco no estômago pela forma que ele está me olhando nesse instante.

Mattew e eu passamos os primeiros minutos — *após nossa breve conversa um tanto comprometedora para o nosso próprio bem* —

confortavelmente ao lado um do outro, mas eu já não posso dizer o mesmo sobre os últimos.

A razão pela qual eu prefiro ser apresentada como sua assistente pessoal e não como namorada de mentirinha é que pelo menos eu tenho um trabalho a ser obrigatoriamente feito sem brechas para escapar, e nesse exato momento eu quero escapar. *Muito*.

Ficar ao lado de Mattew sem ter muito o que falar é um bem entediante, ainda mais quando eu não posso simplesmente tirar uma caderneta da minha bolsa e anotar os pontos importantes de suas conversas para lhe repassar mais tarde.

Nesse momento esse não é o meu dever.

Quem quer que tenha sido a pessoa a inventar essa coisa de "acompanhante" como um jeito fácil de ganhar dinheiro, estava completamente errada.

Manter um sorriso e segurar a expressão naturalmente saturada de todo aquele papo nada animador *para mim*, é muito difícil.

Mattew está a pelo menos vinte minutos conversando com um homem que pra mim é completamente desconhecido — *apesar de termos sido apresentados* — e parece que os dois têm muito assunto pra colocar em dia. Aparentemente, o cara é um velho colega da faculdade e, bom, por

aí vai, porque eu realmente não consigo me obrigar a prestar atenção na conversa dos dois.

É por isso que eu já estou cheia do lugar. Acho que não falei mais que cinquenta palavras com alguém além de Mattew na última hora inteira. Então, é...

— Eles são tão... *chatos*.

Uma mulher loira, que mal percebi se aproximando de mim, para bem ao meu lado, falando comigo e cortando os meus pensamentos inesperadamente.

É como se ela tivesse acabado de sair de um filme de Hollywood, diretamente da tela, e se materializado na minha frente. Vestido bonito, maquiagem perfeita e joias tão brilhantes e extravagantes que quase me deixam cega.

De alguma forma, tudo aquilo se encaixa bem nela.

— Oh... me desculpe?

Ela me encara, sorrindo de orelha a orelha e batendo sua taça de champanhe na minha praticamente intocada. Por outro lado, a loira vira tudo de uma só vez e em um só gole.

— Julia Jones, muito prazer.

Julia Jones?

Julia Jones, Julia Jones... o seu nome não me é estranho, mas eu não consigo lemb...

Ah! AH! *Merda*.

Julia Jones.

Fito o cara conversando com Mattew e engulo em seco.

É a mulher dele, digo, sua noiva. É o casal do convite.

— Madison — sussurro, ainda absorta com a informação. De certa forma, até mesmo envergonhada. Se eles soubessem o que aquele convite fez comigo e Mattew... — Madison Johnson — digo, mais alto e mais segura.

— Você é a namorada dele? — Indica Matt com o queixo, sorrindo de lado.

— Ah, é. Sim. — Sinto minhas bochechas esquentarem. — Acho que podemos dizer isso.

— Eu sou a noiva do bonitão do lado dele. — Seu sorriso cresce, o mesmo de segundos atrás. — Não que Matt seja feio, não me leve a mal. Mas o meu noivo... ele é... *ahhh*... perfeito!

O jeito que ela fala de Mattew é... íntimo. Não íntimo *daquele* jeito... é mais como se Julia já o conhecesse de outros tempos, o que é o mais provável em tudo.

— Você já o conhecia há muito tempo?

Julia suspira, sorrindo um pouco mais fraco antes de concordar.

— Nós todos nos conhecemos na faculdade — explica. — Mas eu o conheci antes mesmo de conhecer meu noivo. — Dá de ombros. — Mattew era namorado da minha prima, é uma longa e velha história. Os dois já superaram, eu acho. — Ela me encara. — Quero dizer, eu tenho certeza. Olha bem pra você — ri —, é tão linda. Com certeza Matt já é um homem apaixonado... e se ele não for, eu sou.

Rimos juntas, enquanto eu tento processar todas aquelas informações.

Então a primeira e única namorada de Mattew Thompson é a prima de Julia?

— Não acho que ele está apaixonado. — Sou sincera com ela. Talvez mais do que devesse ser. O olhar de Mattew me acha enquanto ele continua falando com o seu amigo e eu com Julia. — Mas com certeza nós gostamos muito da companhia um do outro.

— Eu não conseguiria namorar alguém sem estar apaixonada — Julia retruca, deixando suas palavras escaparem com muita propriedade. — Foi o que aconteceu com Elliot e eu — recorda, chamando minha atenção com o tom saudoso. — Nós só começamos a namorar depois de quase quinze encontros e, sei lá..., um ano inteiro, ou mais.

— Isso é bastante tempo — afirmo, pensativa.

Mattew e eu nos conhecemos há quase dois anos, o que também é bastante tempo.

Não que as coisas entre nós dois estejam diferente do que elas devem ser.

Bom, na verdade, de ontem pra hoje talvez elas tenham mudado um pouquinho, mas eu não vou me encher de esperança com uma ideia completamente descabida do que nós poderíamos ser um dia. Isso não vai existir. Com certeza não.

— Você e ele são mais práticos?

— Acho que podemos dizer que sim. — Dou de ombros, tomando um gole do champanhe. — Ele é muito dedicado ao trabalho, então as coisas práticas acabaram por se tornar lei no nosso dia a dia.

— Ah, tenho certeza de que ele continua o mesmo *workaholic* de sempre, não é?

Concordo com um aceno e nós rimos.

Então a fama de Mattew não é de hoje.

Isso secretamente me deixa preocupada no mesmo instante em que assimilo suas palavras.

Quando é que ele vai começar a se dar algum descanso?

— E lá vem os dois viciados em trabalho — Julia cantarola, deixando sua taça na mesa em que eu estou e ficando de pé pra receber o seu noivo.

— Oi, bebê. Eu estava conversando com a namorada de Mattew e ela é absolutamente adorável.

Elliot sorri para sua noiva.

— É, linda? — ele pergunta e me encara. — Mattew já estava falando dela, mas eu acredito ainda mais agora que você disse.

Encaro o moreno que segue se aproximando de mim.

Seu rosto é praticamente sem expressão. *Praticamente*. Os seus olhos azuis brilham, diferente, como se ele estivesse divertido demais para o seu próprio bem. E talvez seja isso.

Mattew estava falando de mim com seu amigo?

Tipo... o quê?

Da última vez que prestei atenção na conversa deles, era tudo sobre trabalho.

— Então você está falando de mim? — murmuro assim que seguro a sua mão e fico de pé, arqueando uma das sobrancelhas em desafio.

Ele é muito bom em fazer as coisas e não admitir.

Eu só quero ver se agor...

— E quando é que eu não falo de você, dançarina? — ele murmura de volta.

Sua afirmação me deixa *confusa*.

Mattew solta a minha mão e passa o braço por minha cintura, juntando nossos corpos intimamente. É bom, para dizer apenas o mínimo, já que é bem claro que o contato entre nós dois é mais do que bom. É como se... *como se fosse destinado para ser*.

— Então, presença confirmada, Thompson? — Elliot pergunta e nos viramos para ele.

Ele está falando do casamento?

— Com certeza, Mackenzie. Pode contar com isso. Nós estaremos lá, não é — Mattew e eu nos encaramos —, amor?

Merda.

— *S-Sim* — gaguejo, monossilábica, porque isso é tudo que eu consigo fazer por agora.

— Thompson — senhor Higgins o chama, chegando do nada. — Nós podemos conversar agora? — pergunta, ainda agradável.

— Claro, Higgins. — Mattew pressiona nossos corpos uma última vez antes de se afastar, depositando um beijo na minha testa. Deus, como ele consegue agir assim tão facilmente? — Se importam em fazer companhia para a minha namorada enquanto eu resolvo alguns negócios?

— Não precisa, eu...

— Não é problema nenhum — Julia me interrompe, sorrindo e se aproximando de mim, enquanto puxa o noivo pela mão. — Vamos, Maddie.

Eu vou te apresentar algumas amigas minhas e a gente vai beber mais champanhe.

Suspiro.

Olho sobre o ombro, achando Mattew com um sorriso pequeno, ladino, nos lábios. Ele pisca para mim antes de se afastar com o senhor Higgins numa conversa contida e Julia me puxa pela mão num tour pelo jardim que eu ainda não tinha feito antes.

Pelo menos ela é divertida, então agora as coisas estão definitivamente menos entediantes.

14

“Porque aqui estou eu,
estou dando tudo o que posso,
mas tudo o que você faz é estragar as coisas.
Sim, estou bem aqui.”

NAKED — *James Arthur*

MADISON JOHNSON

— Eu vou até o bar pegar outro desse.

Meu aviso tira um aceno e sorriso de Julia e Elliot.

Já se passou mais de uma hora desde que Mattew foi se reunir com o senhor Higgins para tratar dos negócios deles e eu realmente estava esperando que eles não demorassem tanto, mas é óbvio que fui ingênua demais em esperar isso.

Não estou reclamando.

Apesar de tudo, eu estou me divertindo muito mais do que imaginei que me divertiria nesse lugar e é tudo graças aos amigos de Mattew.

Já estou “animada”, embora “relaxada” talvez seja uma definição mais apropriada para o meu estado físico e mental. Depois que Julia me apresentou esse *drink* maravilhoso de morango, eu não pude resistir e pedi mais uns três... ou foram quatro? Eu não sei, só sei que é bom demais e eu estou sem dúvida nenhuma atrás de outro desse.

Encosto no balcão do bar, sorrindo sozinha com meu próprio estado.

Prometo a mim mesma que esse é o último que eu vou pegar, senão eu vou acabar ficando bêbada e eu não posso ficar bêbada no trabalho ou sequer voltar cambaleando para a casa dos meus pais.

Eu ainda tenho outra festa para comparecer — *a mais importante delas* — e eu não posso estragar tudo.

— Eu quero outro desse Daiquiri de morango — solicito assim que o bartender para na minha frente, sem nem mesmo lhe dar tempo de perguntar qual o meu pedido.

— Certo, senhorita — concorda, se afastando pra preparar meu *drink* enquanto eu espero pacientemente por aquele líquido dos deuses.

Batuco os dedos na mesa, acompanhando a música num cantarolar e aproveitando o momento como já fazia muito tempo desde que eu

aproveitei qualquer outra coisa.

Estou tão absorta em mim mesma que mal sinto um cutucão em meu ombro.

— Madison? — Uma voz desconhecida chama o meu nome, me fazendo franzir o cenho e virar em busca de quem quer que seja. A figura loira atrás de mim, vestida socialmente com colete e gravata, todo social segurando uma bandeja, não me parece estranha. — É você mesmo? — Seus olhos estão arregalados, como se quisesse se certificar de que não sou um fantasma.

— Desculpe...?

— Sou eu, Jason Baker — explica e tudo começa a fazer sentido. — A gente estudou o *high school* juntos, você não lembra?

Jason Baker.

Caramba.

É claro que eu lembro.

Capitão do time de futebol americano da escola e o maior pegador, mas também, surpreendentemente, extremamente divertido, sociável e agradável com todos.

Jason era o cara que as meninas — *inclusive eu* — juravam que se daria bem na vida, mas parece que as coisas não aconteceram bem assim e ele não se tornou o astro de futebol que sempre sonhou.

É uma pena, porque ele tinha potencial.

— Claro que sim — declaro, sorrindo surpresa. — Ninguém nunca consegue esquecer o astro de futebol do seu tempo de escola, é tipo uma regra nacional.

Ele ri comigo.

Fico de pé para cumprimentá-lo rapidamente e assim que me afasto, seu olhar me enquadra dos pés a cabeça. Não sinto malícia naquilo, mas sim muito, muito espanto.

— Aqui está o seu *drink*, senhorita.

O bartender nos interrompe por um instante e eu aceno com a cabeça em agradecimento, pegando minha taça e bebericando antes de me virar para Jason novamente.

— Você está... *uau?* — Sua declaração soa como uma pergunta, o que me faz rir ainda mais. — Quero dizer... está diferente, muito diferente. E linda, é claro.

— *Ah*... — murmuro, sentindo meu rosto esquentar em pura vergonha. Não que eu fosse uma adolescente estranha ou feia, mas eu sempre estive muito focada em meus estudos para me enturmar tanto. Sua surpresa é justificável. — Obrigada — agradeço. — Você está bem — devolvo o elogio, tentando soar educada.

Ele não é mais tão magro quanto antes, aposto que seu corpo não carrega mais o mesmo físico, os mesmos músculos e tanquinho, mas o rosto não mudou em nada, e Jason tem um rosto bonito.

— Nada como era antes, mas ainda dou pro gasto —brinca, tirando mais uma risada minha. Jason olha ao redor e eu faço o mesmo, ainda não achando Mattew em lugar nenhum. Ele provavelmente continua ocupado com o senhor Higgins. — Esse negócio aqui de figurão só tem gente bem de vida — nos encaramos —, você está acompanhada?

Concordo com um aceno.

— Acompanhando alguém, na verdade.

— Ah, sim — concorda. Jason tira algo do bolso e estende para mim. É um cartãozinho. — Se ficar chato demais, você pode me ligar e a gente foge. — Pisca em minha direção antes de se afastar, passando por mim. — Deseja algo, senhor? — A voz de Jason está logo atrás de mim, enquanto continuo parada, encarando seu cartão com uma interrogação na testa.

Fugir? Com ele?

Isso era pra me fazer rir também?

— Estão esperando por você na entrada. — É Mattew. — Madison, vamos?

Giro em meus calcanhares, buscando por ele e o achando ali, perto de Jason com uma das piores carrancas que já vi em seu rosto. Amasso o

cartão imediatamente, mas olhar de Mattew acompanha cada movimento da minha mão.

Jason fica entre nós dois como se estivesse contemplando algo muito importante.

Pigarreio, saindo daquele transe e deixando a taça no balcão do bar antes de me aproximar do moreno. Encaro meu colega de escola e sorrio, agora não mais com a mesma educação de antes. É... forçado. Meu corpo inteiro começa a tencionar, automaticamente.

— Foi bom te rever — digo, enlaçando o braço de Mattew com o meu e tentando puxá-lo comigo. — A gente se vê por aí, Jason.

O homem demora a sair do lugar, me deixando com cara de idiota enquanto faço força. Eventualmente, Mattew me acompanha, sem dizer mais nada, mas é claro que eu posso sentir sua irritação... para dizer o mínimo.

— Por que estava falando com aquele filho da puta?

Como?

O que ele disse?

Eu ouvi direito ou estou ficando louca?

Mattew não cansa de agir como um idiota?

— Do que você está falando? — retruco, meu tom mais baixo, mas tão ameaçador quanto uma lâmina afiada. — Você nem o conhece pra falar

assim dele.

— E você conhece?

Mattew recua, fugindo do meu toque.

Nós estamos no canto mais quieto do jardim, apesar de ter tantas pessoas que eu não me surpreenderia se alguém brotasse do nada atrás de mim... ou mesmo do chão. A minha irritação acerca desse local volta com tudo, lembrando-me de um dos motivos pelos quais eu os odeio. A falta de privacidade nunca vai ser algo que eu aprecie, seja como for.

Então, eu suspiro, franzindo o cenho com toda situação, querendo saber de onde está vindo a sua implicância repentina.

Ele é mesmo inacreditável.

Quando eu penso que nós estamos progredindo, mesmo que a passos de formiga, acontece algo que mostra exatamente o contrário.

— Ele é um colega do *high school*, satisfeito?

— Só podia ser — cospe, correndo os dedos de um jeito bagunçado por seu cabelo.

Ele está mesmo irritado com isso? Tipo... *isso?!*

— *Qual o seu problema, caramba?* — Eu o empurro pelo peitoral, cada vez mais chateada com sua postura.

Mattew nem vacila.

Ele me olha, frio e quase cortante.

— Você não está aqui para nada além de ficar ao meu lado, então eu sugiro que faça o trabalho pelo qual está sendo paga, muito bem paga, senhorita Johnson.

Idiota.

Idiota, idiota.

Maldito idiota.

— Você é realmente, realmente desprezível.

Cruzo os braços em frente ao corpo, tentando não cair dura no chão só de raiva.

— Que bom que você acha isso, senhorita Johnson, porque não é como se fôssemos tão diferentes um do outro.

Filho de uma...

— Eu não vou cair nessa, senhor Thompson. Eu não vou discutir com você, eu não vou dar corda para o que você está falando... e principalmente como você está falando.

— Faça como bem desejar — cospe, inflexível.

Inacreditável.

— *Eu*... — Inspiro o ar com força, sentindo que as palavras estão fugindo do meu controle. — Vou ao banheiro e espero que esteja mais calmo quando eu voltar.

Mattew solta uma risada seca, como se eu tivesse lhe contado uma piada.

Odeio quando ele age dessa forma: distante, frio... impessoal... quase como se eu não significasse nada pra ele.

A quem eu quero dizer o contrário?

Somos patrão e empregado.

Eu não significo nada pra ele.

Saio andando em passos largos, agradecendo Julia mentalmente por ter me mostrado todo o lugar, porque em menos de trinta segundos eu entro no banheiro vazio e me tranco em uma cabine, tentando assimilar sozinha tudo que acabou de acontecer.

Mattew realmente não sabe o significado da palavra limite.

A cada dia que passa, fica mais difícil de lidar com ele.

Eu deixo o tempo passar deliberadamente sem me importar se Mattew está ou não do lado de fora me esperando. A única coisa que eu quero dele nesse exato momento é distância, e se distância significa passar longos minutos trancada numa cabine de banheiro, bom, então é isso que vai acontecer até que eu consiga sair e encará-lo novamente sem cair na tentação de estrangulá-lo.

O barulho de saltos preenche o ambiente quieto.

Permaneço do mesmo jeito de antes, calada enquanto tento organizar meus pensamentos, mas tudo vai por água abaixo quando presto atenção na conversa das mulheres que entraram.

— Você ouviu o que aquele garçom estava falando da namorada do advogado Thompson? — Ergo o rosto, franzindo o cenho ao escutar aquelas palavras. — Estava dizendo que estudou com a mulher e que eles eram namorados na época... ficou descrevendo as vezes que eles fizeram sexo e o caramba, acredita nisso? Eu quase vi a hora do Thompson voar em cima do idiota. Onde já se viu ficar falando assim da namorada de uma figura como ele?

— Então ele falou mesmo isso? Meu Deus, ele é louco?

— Sim, eu estou te dizendo — concorda, rapidamente. — Acho que eles estavam numa reunião privada quando saíram e as coisas começaram a circular e chegaram até o Thompson. Eu estava perto dele quando a primeira onda de fofoca chegou e eu juro que ouvi ele dizendo ao senhor Higgins que se não tirasse o garçom daqui imediatamente, o negócio entre o escritório dele e o Higgins estaria acabado no mesmo instante.

— Você está mentindo! — exclama.

O-O quê?

— É sério, Ky, eu fiquei chocada... tanto pela história, que a gente nem sabe se é verdade, quanto pela reação de Mattew. — Suspira. —

Imagina só você ter um homem como o advogado Thompson pra te defender e ainda ameaçar largar um negócio milionário, senão for bilionário, por causa de um babaca que está falando coisas do seu passado?

Um passado que sequer existe.

Eu nunca namorei ninguém na escola, nunca sequer beijei. Todas as minhas relações, que conto em uma mão, ocorreram depois que eu saí do *high school*.

Jason é um completo imbecil. Eu não acredito que perdi meu tempo falando com ele, não acredito que me enganei o tempo todo a seu respeito. Não acredito que eu fui tão estúpida por causa desse... desse...

Merda!

Que raiva.

Minhas mãos tremem, porque, mais uma vez, por falta de comunicação — *pra variar* —, Mattew e eu não desentendemos e nos chateamos com palavras duras.

Eu não fui justa com ele.

Mas por que ele nunca é sincero comigo?

Desse jeito, nós nunca vamos conseguir ficar bem por mais de um dia, porque, sim, esse é o nosso recorde até agora.

Saio da cabine em que eu estou enfiada pelos últimos vinte minutos ou mais e as mulheres se viram para mim no mesmo instante. Não sei quem

é quem, mas uma delas — *a loira* —, arregala os olhos ao perceber quem eu sou.

— Mattew falou mesmo isso que vocês disseram? — pergunto, ainda trêmula e vacilante.

— E-Ele disse... eu ouvi, senhorita.

A loira foi quem começou toda a conversa e é ela quem me responde.

Fecho meu caminho até a pia, lavando minhas mãos numa tentativa de me acalmar e estabilizar. Ter tomado aqueles *drinks* e estar passando por esse tipo de situação não é algo fácil para se manter no equilíbrio, mas eu estou tentando.

— Obrigada — agradeço as duas, enxugando as mãos e saindo do banheiro em passos largos e previamente pensados.

Preciso vê-lo.

Preciso...

— Está tudo resolvido com Higgins. — Mattew surge do nada, me dando um susto porque eu estava literalmente atrás dele. Seu semblante não parece melhor desde a última vez que o vi, instantes antes de entrar no banheiro para me esconder. — Vamos embora agora — sentencia, seco.

Como é que eu vou falar com ele?

— A gente não... não poderia ficar mais um pouco e... aproveitar a... a...

Seu olhar cruza com o meu, mas ele não dedica mais do que um mísero segundo para me encarar. Uma pontada de dor me acerta em cheio, mas eu a engulo com tudo, afinal, não somos nada e eu sou idiota por achar que Mattew vai querer ficar em um lugar só porque eu pedi, só porque eu quero me redimir, principalmente com nós dois estando em maus lençóis outra vez.

Por que tudo sempre acaba dando errado?

— Nós vamos embora agora, senhorita Johnson. Se você quiser se divertir em qualquer outro lugar, sinta-se livre para pedir que eu te deixo onde quiser. Agora eu só quero ir embora para o hotel e descansar do dia cansativo de ontem.

Cansativo?

Ok.

Ele está com raiva.

E eu... bom, eu não estou mais com tanta raiva.

Por isso, respiro fundo e concordo.

Não vou levar as palavras de Mattew para o meu coração.

— Tudo bem — concordo, sem ter mais o que dizer.

Não nos despedimos de ninguém. Nem de Julia, nem de Elliot, nem do senhor Higgins. Eu também não acho Jason em lugar nenhum. Se ele estivesse em algum lugar que eu o visse, não aguentaria e iria tirar

satisfações das merdas que falou sobre mim, mas talvez tenha sido melhor assim... melhor para evitar mais brigas e discussões.

Nós saímos da mansão e entramos no seu carro só para nos afundarmos em mais silêncio. A viagem até a casa dos meus pais parece mais longa do que realmente é. Me pego tentando quebrar o silêncio de cinco em cinco minutos, mas eu sempre desisto.

Muitas coisas fazem em me conter, mas a principal entre todas elas é a rejeição.

Confrontar Mattew e ser rejeitada por ele talvez tenha se tornado o meu pesadelo número um de uns tempos pra cá.

Eu não quero ser rejeitada porque eu... eu...

Não.

Eu não posso.

Eu não vou admitir isso.

Se eu fizer, é um caminho sem volta. E nós dois? Nós sempre estamos voltando atrás, estragando cada pequeno progresso que fazemos.

Suspiro quando Mattew estaciona o carro em frente a casa dos meus pais.

Eu ainda estou procurando as palavras certas quando simplesmente deixo o convite sair:

— Você não vai entrar comigo?

Encaro a bolsa em meu colo, engolindo meu orgulho e dando o braço a torcer.

— Não.

Não?

Mas...

— Você prometeu a Mabel que a gente ia fazer a f...

— Você é boa dando desculpas e contando mentiras, então elabore alguma coisa por mim e diga a sua família que eu tenho mais trabalho a ser feito.

Viro para fitá-lo.

Seu semblante está sério e... vazio.

Eu queria dizer que suas palavras não me machucaram, mas aconteceu.

Sinto meu coração ser cortado ao meio com a sua reação e sequer sei se tenho direito de sentir isso.

— Mattew...

— Pode ir, Madison — sentencia, me cortando. — Nos vemos amanhã.

— *Certo* — sussurro.

Saio do carro sem falar mais nada.

Talvez seja melhor conversar quando voltarmos para Washington. Até lá os ânimos vão estar mais controlados e a probabilidade da gente se entender é maior. Se agora Mattew precisa do próprio tempo e espaço, eu não vou forçá-lo a escutar mais um pedido de desculpas meu.

Bato a porta do veículo e começo lentamente meu caminho até a entrada da casa dos meus pais. Antes que eu possa chegar na metade do percurso, Mabel abre a porta e corre em minha direção usando a droga de um vestido fofo de princesa.

— Maddie! — exclama, abraçando minhas pernas com um sorriso enorme no rostinho pequeno. — Matt, Matt! — continua no mesmo tom, acenando para o homem que ainda está parado dentro do carro. Num piscar de olho, Mattew liga o motor e dirige para longe de nós. — Ele não vai ficar com a gente, Maddie? Ou ele ‘tá indo buscar as coisas da minha festa?

Merda.

Mas que porra?

Por que isso dói tanto?

Volto a fitar Mabel.

Ela se afasta um passo de mim, ainda olhando para a rua agora vazia e calma, enquanto seus olhos ficam marejados, me pegando de surpresa. Agacho na frente da minha irmãzinha, segurando suas mãos e beijando cada uma delas.

— Ele ainda tem muito trabalho pra fazer, meu amor. Infelizmente o Matt não vai ficar com a gente hoje, mas amanhã ele vem nos encontrar, tudo bem?

— Mas amanhã vocês já vão embora — reclama, segurando o choro como uma menina grande que engole o que for preciso para não demonstrar suas fraquezas. Ao mesmo tempo que meu coração se quebra, eu fico admirada da força de Mabel. — Pedi pra mamãe fazer a lasanha especial só pro Matt provar e coloquei o meu vestido de princesa pra nossa festa.

Droga.

Droga, Madison.

Droga.

Por que você sempre estraga tudo?

— *Eu*... — Suspiro. — A gente vai fazer a sua festa acontecer, bebê — garanto. Respiro fundo, colocando as mãos de cada lado do seu rosto. — E podemos deixar um pedaço grandão da lasanha guardado pra ele, o que acha?

Uma lágrima desliza pelo seu rosto e antes que eu possa enxugá-la, Mabel se apressa e faz isso sozinha.

— Então a gente pode fazer alguma coisa e amanhã ele come — repete basicamente tudo que eu lhe disse.

Nós sorrimos juntas.

— Mas e pra mim? Você não fez essa lasanha com a mamãe pensando em sua irmã mais velha?

Forço minha melhor cara de brava e Mabel sai correndo, rindo alto por ter sido pega. Tiro meu salto apressada e saio correndo atrás da pequena, mas não antes de virar para trás outra vez com a sensação de ter alguém ali nos vigiando. Por um instante eu me encho com a esperança de que Mattew pode ter voltado, mas quando não vejo ninguém na rua, simplesmente sigo para dentro de casa, fechando a porta e já achando Mabel agarrada nas pernas de nossa mãe, que ri com a pequena sem nem saber o motivo.

— Tomem cuidado, vocês duas. Eu não quero ninguém se machucando em casa — mamãe nos repreende no meio de sua risada.

Pego Mabel no colo, carregando-a em meus braços e enchendo a pequena de beijos.

— E Mattew? Ele ainda vai entrar?

— Matt ‘tá ocupado, mamãe — Mabel responde por mim, me abraçando forte pelo pescoço. — A gente guarda um pedação pra ele e amanhã ele come.

— Mas está tudo bem? — pergunta, me encarando diretamente.

— É só trabalho, mãe. Não precisa se preocupar.

— Tudo bem — assente. — Agora vai tomar um banho e se trocar. Seu pai está no quarto e perguntou por você. Não se esquece de dar uma passadinha lá onde ele.

Coloco Mabel no chão e me aproximo da minha mãe.

Lhe dou um abraço apertado e beijo a sua bochecha num estalo.

— Obrigada, mamãe. Você é a melhor.

Ela segura meu rosto de cada lado.

— Você que é a melhor, meu amor — afirma, firme. — E sempre vai ser.

Só minha família pra me animar nesse momento.

Que bom que eu tenho a chance de tê-los comigo hoje.

Queria que todos os dias fossem assim, sem exceção.

Mas, infelizmente isso é sonhar alto demais para a minha realidade.

Me apresso para ir até o meu quarto, mas paro no meio do caminho com o som da campainha ressoando pela casa.

A primeira coisa que se passa por minha cabeça é Mattew.

E se ele tiver voltado?

Meu coração acelera só com essa mísera ideia.

Passo por minha mãe e Mabel e não me preocupo em sequer ver pelo olho mágico antes de abrir a porta.

Minha animação dura segundos.

— Senhorita Johnson? — O homem pergunta, segurando uma caderneta nas mãos e riscando algo no papel enquanto eu só concordo com um aceno, confusa. — Onde podemos colocar o *kit* de festa alugado?

Kit de festa?

Eu n...

Ah. Ele não fez isso, ou fez?

— *Kit* de festa?

O homem me encara.

— Sim? — retruca, como se não estivesse entendendo minha confusão.

— Você... — Perco as palavras, virando para trás e vendo minha mãe com Mabel tão confusas quanto eu. — Mãe, onde ele pode colocar o *kit*?

— *Aqui na sala* — sussurra, acanhada.

— Você pode colocar aqui na sala — digo, virando-me para o homem.

Ele acena com a mão para trás, onde um pessoal sai de uma *van* branca e começa a se aproximar com pelo menos dez caixas nas mãos.

O que vamos fazer com isso tudo?

Mattew é louco?

O pessoal entra e sai, nos alugando por pelo menos trinta minutos com o tanto de coisa que começa a se amontoar ali, fora a decoração que

eles arrumam em um dos cantos da sala de estar dos meus pais. Quando tudo parece acabar, o homem com quem falei me entrega um envelope e sai, se despedindo com um simples “aproveite a festa” e deixando nós três com cara de tacho ali, no meio de toda aquela coisa.

— O que... é isso?

Minha mãe parece mais espantada do que eu.

Incrédula seria a palavra certa.

Não consigo lhe responder.

Abro o envelope e puxo dali um pedaço de papel, lendo as palavras compassadamente.

“Feliz aniversário adiantado e atrasado, princesa Mabel.

Espero ter a chance de passar esse dia outras vezes com você.

Do seu súdito favorito,

Matt Thompson.”

Oh.

— Maddie — Mabel me chama, piscando os olhos grandes emocionada mais uma vez. — Você fez isso?

Sorrio de lado, entregando pra ela o pedaço de papel e deixando que a pequena leia sozinha a mensagem que Mattew mandou para ela.

— Foi o Mattew? — mamãe pergunta.

Concordo com a cabeça.

— O Matt fez isso tudo pra mim?

Os olhos da pequena estão enormes, praticamente saltando do pequeno rostinho.

— Sim, bebê. Ele fez.

É, ele fez mesmo.

A decoração de princesas da Disney, o bolo de aniversário, os doces, os petiscos, as fantasias. Eu literalmente não tenho palavras pra descrever tudo que vejo na minha frente, eu não consigo simplesmente acreditar que ele fez isso em poucas horas... ou melhor dizendo, que ele contratou e pagou por isso em poucas horas sem sequer me consultar e avisar a respeito.

— O que a gente vai fazer com tudo isso?

— Eu não sei...

— Eu posso chamar os vizinhos, mamãe? — Mabel pede, animada, saltitando com a expressão mais feliz que vi em seu rosto em muito tempo.

Minha mãe me encara e eu dou de ombros.

Nós não vamos conseguir comer nem um quarto das coisas que estão aqui.

Um bolo de dois andares, tantos doces, tantos petiscos.

Nós precisamos de reforços. Urgentemente.

— Claro, querida — minha mãe concorda, porque é o que resta. — Você vai com ela, Maddie? Assim eu posso avisar o seu pai e prepará-lo.

— Sim, mamãe, não se preocupa.

Mabel segura a minha mão e sai me puxando pela porta, só me dando tempo de pegar meu celular no caminho. Digito com dificuldade uma mensagem para Mattew, mesmo sabendo que ele provavelmente não vai me responder.

“Obrigada pelo que fez por Mabel hoje.

Eu não tenho palavras pra agradecer, sinceramente.

Obrigada, senhor Thompson.

Eu nunca vou esquecer desse dia.”

É isso.

Ele merece isso. Pelo menos isso.

Por enquanto, é tudo que posso dar.

15

“Por favor, não quebre meu coração.
Confie em mim, eu já me machuquei antes.”

IT`S YOU — *Ali Gatie*

MADISON JOHNSON

Montanha-russa.

O dia de ontem foi uma verdadeira montanha-russa onde, se alguém me perguntasse, eu não conseguiria explicar nem um terço de todos os altos e baixos que aconteceram. A minha única sorte, no final de tudo, e que eu nem sabia se tinha direito de ficar tão feliz, é que acabou num dos pontos mais altos que já tive em toda minha vida:

A festa de Mabel.

Foram tantos anos longe da minha família, lutando para que nós sobrevivêssemos, que não consegui sentir nada além de felicidade transbordando do meu peito de pura satisfação em estar com eles e poder ver de perto aqueles sorrisos enormes que são a razão pela qual fiz tudo que fiz até hoje.

Parece um sonho.

Se Mattew está tentando foder com a minha cabeça, *parabéns!*, ele está conseguindo.

Apesar da sua ausência — *que me deixou triste nos primeiros minutos* —, graças ao meu chefe, a minha irmã teve uma festa de aniversário fora de época tão incrível, com tantos convidados de última hora, que não sobrou um docinho pra contar história essa manhã. Eu vi os olhos da *pequena eu* cheios de lágrimas a todo instante, enquanto ela se divertia como nunca vi antes.

Não consigo esquecer de tudo que aconteceu ontem.

Minha cabeça está num *looping* infinito desde que abri os olhos hoje mais cedo.

Foi perfeito e muito mais do que eu poderia pedir para alguém.

Tudo isso graças a ele.

Abrir os olhos essa manhã foi estranho com a falta que senti de ter Mattew ao meu lado.

Eu não estou bem com a briga que tivemos.

Odeio isso: as discussões, as birras, os desentendimentos.

E, agora, depois da proximidade iminente que aconteceu entre Mattew e a minha família, eu me sinto cada vez mais confusa com os sentimentos que nutro dentro de mim em relação a ele.

Pensar em Mattew Thompson é mais outra montanha-russa. Mexe com absolutamente tudo dentro de mim, do físico ao emocional. Subo, rodopio, vejo estrelas e uma galáxia inteira, mas, no final de tudo, sempre acabo despencando numa queda vertiginosa de tirar o fôlego. É quase uma tortura, e eu sei que nunca senti nada desse tipo, com essa intensidade, por qualquer outra pessoa.

Ele me faz transbordar ao mesmo tempo em que, no próximo segundo, me faz secar em minhas próprias emoções. É doloroso de um jeito bom e começar a admitir isso para mim mesma tem sido uma luta diária, porque eu não quero admitir essa droga de sentimento que toma conta dos meus pensamentos toda santa hora.

Termino de pentear meu cabelo e viro para trás quando uma batida suave ressoa através da porta.

— Pode entrar!

Assisto Mabel abrir a porta devagarzinho e entrar de ponta de pé no meu quarto ainda de pijama e olhos inchados de tanto dormir.

— Bom dia, Maddie — me cumprimenta como gente grande, toda fofa.

— Bom dia, minha majestade.

— Majestade? — Faz uma careta, subindo na minha cama e se deitado debaixo da coberta. — É só princesa, Maddie.

— Tudo bem, princesa. Eu peço desculpas.

Faço uma reverência, indo na sua onda, e ela ri.

Me aproximo da cama, sentando na beirada do colchão e passando os dedos por seu cabelo bagunçado. Compartilhamos um silêncio confortável por alguns instantes antes de Mabel perguntar:

— Quando você vai voltar?

Então é isso que está se passando por sua cabecinha?

Eu não sei e eu não quero mentir pra ela.

Não faço a menor ideia de quando estarei em casa novamente, mas eu posso conversar com Mattew a respeito disso pra tentar chegar em algum denominador comum com ele.

— Maddie — Mabel chama minha atenção, os olhos brilhando com... tristeza. — Quando você vai voltar pra ficar com a gente de novo?

Suspiro baixinho.

— Eu ainda não sei, meu amor, mas eu vou tentar não demorar tanto dessa vez.

— Então amanhã você já pode voltar?

A sua pergunta é tão inocente que eu não consigo segurar a risada. Meu corpo inteiro sacode, me fazendo inclinar sobre a minha irmã e puxá-la num abraço apertado.

— Maddie! — exclama numa reclamação. — Você ‘tá com dor de barriga?

Continuo rindo até me acalmar.

— Uma pergunta de cada vez, bebê — murmuro, vendo a pequena fazer um bico enorme.

— Já falei que é princesa Mabel.

— *Desculpa, desculpa...* — Suspiro. — Eu prometo que daqui a um tempo *nãão muuuito looongo* eu volto, tudo bem? Preciso trabalhar bastante até lá pra gente continuar pagando o tratamento do papai, mas eu prometo que não vou demorar tanto dessa vez. — Mabel concorda com um aceno. — E, de qualquer forma, a gente vai continuar se falando todo dia pra matar a saudade. O que acha?

— Tudo bem, é o jeito, né? — Solto uma risadinha. — Mas o que eu faço enquanto isso?

Mabel se aconchega contra mim.

— Enquanto eu não volto, você vai continuar tomando conta dos nossos pais. Pode fazer isso por mim, princesa?

— Claro! — exclama, animada, como se gostasse daquela ideia. — Mas...

As palavras de Mabel se perdem e eu franzo o cenho.

— O quê?

— Nada... — resmunga.

— Você pode falar, princesa. — Aperto a ponta pequena do seu nariz. — O que foi?

— Quando é que você vai morar com a gente de novo?

Ah...

— Assim que o papai estiver bem, eu posso vir e ficar pra sempre. Assim fica bom pra você?

— Você e o Matt vão terminar o namoro?

Mabel pensa realmente nisso tudo?

— Eu não sei, princesa. Isso só o tempo pode dizer.

— Se vocês não terminarem, ele vem com você?

Dou de ombros.

— Também não sei. — Penso um instante. — Mas a gente pode namorar a distância se ele não quiser terminar.

Mabel ri e eu acabo rindo com ela.

— Namorar a distância? Como é isso? Você beija a tela do celular, é?

Rimos um pouco mais.

— Acho que é tipo isso, princesa.

— Eu não quero que você termine com o Matt ou que ele termine com você — confessa, baixinho. — Depois que você ligou pra gente e disse que tinha um chefe novo, a nossa vida ficou bem melhor. Eu gosto dele. O Matt me deu um monte de sorvete e uma festa de aniversário enorme. — Corro meus dedos por seu cabelo. — Ontem só não foi melhor porque ele não estava aqui, mas ele vai estar nas outras vezes, né?

Eu não sei.

Eu não sei de nada.

Eu não tenho certeza de nada.

Eu não tenho certeza de absolutamente nada a respeito de Mattew.

— Se você pedir e fizer uma cara bem fofa, eu tenho certeza de que ele não vai resistir e vai vir sempre que você chamar.

Mabel sorri, como se eu tivesse lhe dado a melhor ideia do mundo.

— Você também usa cara fofa pra convencer ele de fazer o que você quiser?

— Oh, não. — Seguro o riso. — Eu não consigo convencer ele de nada. — Faço um bico. — O Matt é malvado comigo.

Os olhos de Mabel ficam enormes.

— Ele é? — Sua expressão muda bem rápido para uma careta zangada. — Eu vou bater nele — sentencia, cerrando os lábios numa linha

fina.

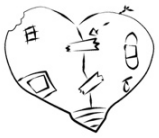
— Não, não, não! — exclamo, rindo alto. — É só brincadeira, princesa.

Mabel fica reclamando da minha pequena mentirinha por quase trinta minutos até eu convencê-la a ir tomar banho debaixo de uma sessão de cócegas.

É o meu último café da manhã com meus pais e minha irmã.

Eu vou sentir tanta falta deles.

Só queria ficar em Phoenix pra sempre.



— Ele já deve estar chegando...

Meu ânimo some conforme eu vou afundando na minha realidade.

Assim que me encontrei com a minha mãe para organizarmos o café da manhã juntas, recebi uma mensagem de Mattew sucinta de que ele passaria para me buscar em uma hora e meia, e, bom, a minha uma hora e meia estava prestes a acabar.

— Querida, fique um pouco com o seu pai lá na sala enquanto eu lavo as louças com Mabel — mamãe pede para mim e eu concordo.

Faço meu caminho até onde deixamos o papai há alguns minutos.

— *Psiu*... — meu pai me chama assim que eu entro no seu campo de visão, sorrindo de lado e me tirando também um pequeno sorriso. Ele bate fraquinho no sofá, logo ao lado de sua cadeira de rodas, e eu me apresso para sentar onde ele está indicando. — Você está pronta pra ir embora?

Seu olhar castanho fixo em mim me deixa fraca, com o coração apertado.

Tento guardar a sua imagem, mesmo que doente, na minha mente. Apesar do tratamento longo e agressivo, eu ainda consigo ver debaixo daquela capa o primeiro homem que eu amei na vida, tão bonito e tão altivo que chega a machucar.

Seguro a sua mão, torcendo para não me esquecer de como é sentir o seu toque e fazendo uma oração mental para que eu possa voltar logo pra casa outra vez.

— Eu nunca vou estar pronta pra deixar vocês, mas eu preciso, não é?

Seu dedão acaricia carinhosamente o dorso da minha mão.

— Sinto muito por dar tanto trabalho, minha filha...

— Papai, não — eu o repreendo no mesmo instante. — Você não tem que sentir por nada, não fique pensando esse tipo de coisa. — Sei que é fácil falar assim, mas, ao mesmo tempo, é a mesma coisa que ele me falaria caso estivéssemos em posições contrárias. — Você e a mamãe fizeram tanto

por mim, e eu sei muito bem que se fosse eu em seu lugar, estaria fazendo a mesma coisa para tentar me... me...

— *Salvar* — completa a minha frase serenamente com aquilo que eu não tenho coragem de dizer. — E, sim, meu amor, eu faria qualquer coisa por vocês.

— *Eu sei que sim* — sussurro, tentando afastar a angústia e vontade de chorar que me acerta em cheio do nada. — Mas vai ficar tudo bem, não se preocupe com nada, por favor.

Meu pai me dá um sorriso diferente.

— Não estou preocupado, meu amor.

— Não? — Franzo o cenho, confusa.

Ele ri, fraco.

— Não — continua. — Sei que você está com Mattew e, depois de confiar em você cem por cento para cuidar de si mesma, eu confio nele. Sei que a minha princesa estará bem ao lado dele.

Como meu pai consegue dizer esse tipo de coisa com tanta facilidade?

— Pai.

— Eu estou mentindo?

Corro a língua entre os meus lábios.

Ele não está mentindo e eu sei disso melhor do que ninguém.

Desde que Mattew e eu nos conhecemos, desde que tudo começou a acontecer entre a gente, ele tomou uma posição de quem sempre está preocupado com o que eu preciso, mesmo que na maior parte das vezes ele nunca deixe claro qual sua intenção e objetivo.

— Não — resmungo, não a contragosto, mas sim envergonhada.

O jeito de Mattew é tão na cara assim?

Por que eu não consigo ver com tanta facilidade quanto qualquer outro tem?

— Vocês já chegaram naquela fase? — Arqueia uma das sobrancelhas ralas.

— Fase?

— A que ele diz que te ama todo dia, toda hora...

Ele? Me ama?

Eu devo mentir ou...?

— Pai, ele não me... não ama... as coisas entre nós dois não são assim...

Quando vejo, as palavras já saíram da minha boca.

— Você está se convencendo disso, é?

— Me convencendo?

— É? De que ele não te ama? — Silêncio. — Qual é o problema, Madison?

— Eu não sei, papai.

Ele aperta a mão na minha.

— Vi com meus próprios olhos como ele te olha, como ele te trata. Eu não preciso de nenhuma outra prova para ter certeza dos sentimentos dele em relação a você — garante, fazendo meu coração correr a galope até a beira de um precipício imaginário que eu mesma crio. — Ele é muito sortudo — seu sorriso se abre cada vez mais —, porque eu sei que você também o ama.

Droga.

— Pai, por favor...

— Eu estou mentindo? — repete a mesma pergunta de antes.

Eu não respondo.

Eu não posso responder, e eu digo isso pelo meu próprio bem.

A campainha toca, me salvando daquela pergunta sem saída e eu levanto imediatamente, praticamente fugindo do meu próprio pai. Sua risadinha fraca ressoa atrás de mim enquanto eu caminho em direção a porta em passos largos.

No instante em que a minha mão toca a maçaneta, lembro da única pessoa que pode estar tocando a campainha a essa hora, o que me faz congelar automaticamente.

É ele.

Com o coração na mão, abro a porta tentando não deixar as coisas estranhas, porque eu sei que o olhar atento do meu pai está fixado em mim e em cada movimento que faço.

Assim que a minha visão escaneia a sua figura séria e impassível, até mesmo respirar se torna difícil.

— Oi... — digo, quase engasgando com o ar que eu tento puxar para dentro dos meus pulmões.

— Bom dia, Madison — retruca, simples.

Ok. Pelo menos ele não falou “senhorita Johnson”, certo? Senão a situação ficaria ainda mais embaraçosa do que já está.

— Você não quer entrar um p...

— *Matt!* — Mabel interrompe o meu convite, irrompendo como o próprio flash entre nós dois, aparecendo literalmente do nada. Ela agarra as pernas de Mattew, abraçando com força. — Você chegou! — comemora, pulando colada nele.

Seguro o riso com a cara que o homem faz, literalmente sem jeito com tanta demonstração de afeto.

— Sentiu minha falta tanto assim, princesa?

— Sim! — responde sincera como sempre. — Vem, vamos entrar — pede, segurando a mão do moreno e usando toda sua força para tentar puxá-lo.

Fico ansiosa esperando Matt se mexer. Quando ele faz isso um peso deixa os meus ombros.

Seus pés se movem devagar.

— *Seu pai e sua mãe estão nos olhando* — murmura na minha frente, fitando meus lábios sugestivamente.

Fico na ponta dos pés e selo nossos lábios num movimento muito rápido. Assim que separo nossas bocas, ele segura a minha mão e me puxa junto dele e de Mabel.

Nós três nos sentamos perto do papai, mas eu não consigo olhar pra ninguém além *dele*.

Por que Matt está fazendo tudo isso?

Nada do que está acontecendo é obrigação dele.

Eu... eu...

E se o meu pai estiver certo em tudo que ele disse pra mim minutos atrás?

E se Mattew realmente *gos*...

— Matt, você perdeu minha festa ontem! — O tom energético e agudo de Mabel me tira dos meus pensamentos.

Pisco uma, duas, três vezes.

Me obrigo a afastar meu olhar de cima de Mattew, dividindo minha atenção entre Mabel e os meus pais, que olham para a pequena com uma

adoração fofa.

— Ah, eu sinto muito, princesa — desculpa-se de cara. — Infelizmente tive alguns imprevistos e precisei trabalhar mais que o esperado.

Essa é uma mentira óbvia pra mim, mas não pra eles. De qualquer forma, não é como se a gente fosse falar pra minha família que Mattew não ficou com a gente na noite passada porque nós brigamos.

Os dedos de Mattew deslizam entre os meus, interligando-os intimamente.

— Tudo bem. — Ela faz um bico. — Ontem eu pedi pra mamãe fazer a lasanha especial dela só pra você, mas como você não pôde ficar, a Maddie disse pra gente guardar um pedação pra você comer hoje. Quer comer agora?

Nós rimos da sua pergunta.

Agora?

— Infelizmente eu já tomei café da manhã, mas eu vou levar pra casa e comer tudinho, princesa. Não se preocupe com isso.

— ‘Tá bom — concorda com poucas palavras, balançando as pernas pra frente e pra trás ansiosa.

— Você vai me contar se gostou da festa de ontem?

— Eu gostei muito, Matt. Muito mesmo. — Seu sorriso praticamente rasga os cantos da pequena boca. Pigarreio, tentando lembrá-la do que lhe disse ontem assim que todos os convidados foram embora. — Muito obrigada — agradece, olhando pra baixo com as bochechas vermelhas. — A mamãe e o papai sempre fazem um bolinho no meu aniversário, e também é muito bom, mas ontem eu tive a melhor festa de princesas do universo inteirinho. Obrigada de novo, Matt. A Maddie disse que eu tinha que agradecer você.

Sim, eu disse isso.

Eu mesma preciso lhe agradecer outra vez. Apropriadamente, eu quero dizer, e de preferência em um momento em que não estejamos chateados um com o outro.

— Sua irmã está certa — papai pontua.

— Eu fico feliz em saber que você gostou tanto da festa, princesa. Quando for o seu aniversário — ele olha para os meus pais — a gente pode fazer algo muito maior, não pode?

— Só se a mamãe e o papai deixar. — Mabel encolhe os ombros. — A gente pode?

— Se o papai estiver melhor... — minha mãe responde.

— Ele vai estar — a pequena afirma, segura de suas palavras. É o que todos nós esperamos. — Maddie, cadê o seu celular? Eu quero mostrar as

fotos que você tirou pro Matt.

— Acho que deixei na cozinha.

Mabel fica de pé e sai correndo atrás do meu celular.

— Então é isso, não é? — Mamãe suspira, pensativa. — Eu vou sentir sua falta, Maddie — choraminga, fazendo meu coração ficar pequeninho. Aperto a mão de Mattew por reflexo e ele devolve o aperto. — Sua também, Matt. Por favor, tentem vir nos visitar com mais frequência.

— O trab...

— Nós vamos, senhora Johnson.

Viro para encará-lo.

Nós vamos?

— Só Maise, por favor — pede. — E eu espero que sim, rapaz, vou guardar as suas palavras. Posso?

— Claro, Maise. Pode guardar e contar com isso.

— Aqui, Matt! — Mabel entra na sala de novo como um furacão. Um pequeno e barulhento furacão. — Maddie disse que ia tirar muitas fotos pra te mostrar a minha festa, mas eu mesma vou mostrar pra você.

Sinto meu rosto esquentar por ter sido entregue de bandeja pela minha própria irmã.

— Ela disse isso?

Mattew vira pra mim.

Ganhar sua atenção sincera nesse momento é o mesmo que ganhar na loteria.

A intensidade dos seus olhos azuis em minha direção deixa até a minha boca seca.

— Pensei que você fosse gostar de ver a festa pela qual pagou.

— Eu vou gostar de ver só se Mabel tiver mesmo se divertido.

— *É princesa Mabel* — a pequena resmunga baixinho pra si mesma, mas todos nós escutamos. — Olha, Matt, aqui estão as fotos! — exclama como se não tivesse falado nada.

Mabel passa os próximos trinta minutos — *ou mais* — mostrando as fotos que eu tirei da sua festa pra Mattew, explicando cada detalhe e momento por trás de cada captura. A gente se diverte uma última vez ali, com a minha pequena família, e depois de praticamente mais meia hora, Mattew e eu finalmente seguimos para o hotel para fazemos nossas malas e realizar o *check-out*.

Nós viajamos de volta para Washington muitas horas depois, mas, com toda certeza do mundo, a maior parte do meu coração fica para trás, fazendo-me seguir em frente em meio aquela saudade dolorosa, confusa e solitária.

16

“Seus olhos tão brilhantes como o mar mais azul.
Eu me sinto como você, você me completa.
Agora eu entendo, este é o começo de algo novo.”

FALLEN SO YOUNG — *Declan J. Donovan*

MADISON JOHNSON

— Eu não vou precisar de você no escritório, senhorita Johnson. Pode fazer o que bem desejar do seu dia.

Terceiro dia seguido.

E eu já estou completamente arrumada para ir trabalhar.

Tento pensar em algo para lhe retrucar, mas eu prefiro não o cutucar já que o clima continua uma merda entre nós dois desde que voltamos de

Phoenix há três dias. Fico calada, quietinha na minha enquanto apenas assinto em entendimento.

Não aguento mais a tortura das poucas palavras e cara fechada de Mattew. Nunca imaginei que preferiria um mundo em que nós estivéssemos imersos em nossas birras e implicâncias, mas eu realmente estava sentindo falta de tudo isso, da nossa rotina... *dele*.

Deixo a minha bolsa em cima do balcão da cozinha, encarando minhas mãos por um instante antes de voltar a encará-lo.

O jeito que a carranca bem colocada em seu rosto sério lhe deixa mais gostoso do que o normal deveria ser considerado crime. Mattew não olha na minha direção nem por um instante, como se eu sequer estivesse ali e como se não se importasse com a minha existência.

Por mais que seja mais fácil pensar que ele não se importa, eu sei que lá no fundo é exatamente o contrário.

Mattew se importa talvez até mais do que deveria... e, eu estaria mentindo se dissesse que isso não o transforma em um homem adorável aos meus olhos.

Estou tentando entender tudo que vivemos nos últimos dias. Todas as coisas que Mattew fez por mim consciente e inconscientemente.

Droga.

É tudo tão claro e confuso ao mesmo tempo que, no final das contas, tudo que sinto que preciso é de uma boa resposta.

Me vejo indecisa quando ele começa uma caminhada sem desvios até a porta, sem dizer mais nada. Sigo o seu passo apressado num silêncio que é primeiramente quebrado pelo estalo do meu salto alto que ecoa pelo apartamento.

— Senhor Thompson — eu o chamo formalmente no instante em que sua mão direita agarra a maçaneta. Seu passo cessa, mas ele não se vira para me encarar. — Sobre a faculdade... o que vamos fazer agora?

— Isso é você quem tem que decidir, senhorita Johnson.

Merda de senhorita Johnson!

— Bom, o dinheiro é seu, então cabe primeiramente a você decidir e depois a mim.

Ele fica quieto, como se ponderasse algo de muito importante em sua cabeça.

— Sua resposta está no último quarto do corredor — sentencia.

No último quarto do corredor? O quarto de hóspedes?

O que Mattew quer dizer com isso?

— Como assim?

— É só ir lá e ver.

— Você tem certeza de que não precisa de mim no trabalho? — insisto.

— Sua resposta está no último quarto do corredor — repete roboticamente, seguindo seu caminho e saindo sem dizer mais nada e sequer me deixar abrir a boca outra vez.

Quarto de hóspedes.

O que tem no quarto de hóspedes que eu já não tenha visto antes? Eu conheço cada lugar desse apartamento com a palma da minha mão — *com exceção do seu quarto, onde só entrei pouquíssimas vezes*.

O que o quarto de hóspedes tem a ver com a minha faculdade?

Chuto os saltos pro lado, praticamente correndo até o lugar de tão ansiosa que fico de uma hora pra outra.

Eu posso ou não posso sair da faculdade de administração?

Eu posso ou não posso dançar, do jeito que sempre sonhei?

Eu vou continuar trabalhando pra Mattew ou... o quê?

O que nós somos pra ele continuar bancando o tratamento do meu pai e minha família sendo que eu nem tenho exercido minha função ao seu lado nos últimos dias?

Paro em frente a porta escura, segurando a maçaneta de metal brilhante e fechando os olhos por um instante pra me acalmar antes de girar a maçaneta. Eu não sei o que pensar, eu não tenho qualquer expectativa, eu

não faço ideia do que é que Mattew tem do outro lado dessa porta que possa me dar uma resposta para a minha pergunta, mas... eu avanço com meu coração batendo no topo da garganta, abrindo a porta e os olhos para dar um passo certeiro para dentro do cômodo.

Mesmo sem expectativa nenhuma, eu não consigo acreditar no que está ali, diante de mim.

O que os meus olhos captam à primeira vista é simplesmente a última coisa que eu poderia esperar dele. A última, a mais impossível, a que eu realmente não sonharia nem nos meus melhores sonhos, principalmente com uma vista tão perfeita.

Eu não consigo assimilar nada por uns dez segundos. Fico ali, congelada no tempo, beliscando meu próprio braço pra ter certeza de que não é um sonho.

Em mais vinte segundos — *ou algo tipo isso* — os meus olhos se enchem de lágrimas e meu estômago dói com o nervosismo súbito que me atinge.

É um estúdio de dança.

Não, não.

É o estúdio de dança mais bonito em que eu já coloquei os meus pés.

Tenho certeza de que isso não estava aqui até semana passada. Por morar com Mattew, por dividirmos o mesmo teto e por ser sua

“empregada”, dou conta de tudo que acontece aqui dentro também. Checo todos os cômodos do seu apartamento pelo menos duas vezes por semana pra ter certeza de que tudo segue em ordem, então, quando digo que esse estúdio não estava aqui até antes de viajarmos para Phoenix, eu estou cem por cento certa disso. Mas, como isso aconteceu em tão pouco tempo e debaixo do meu próprio nariz?

Eu não consigo entender.

Por que ele não me trouxe aqui pessoalmente?

Por que Mattew continua fazendo as coisas para mim e fugindo depois disso?

Limpo as lágrimas em vão, porque elas continuam caindo do mesmo jeito, e ando pelo cômodo amplo e espelhado para tentar conhecê-lo.

O piso frio é liso, o mais apropriado para estúdios de dança pela facilidade para execução dos movimentos e coisas do tipo. Três barras fixas se estendem em três das quatro paredes, já que uma delas é a parede de vidro que dá vista para cidade. As outras três paredes estão texturizadas com uma cor clara de cimento que deixa o ambiente naquele limiar de rústico e moderno. No canto esquerdo do estúdio tem um armário preto. Sigo até o móvel, abrindo e dando de cara com uma variedade de equipamentos, roupas, sapatos e tudo que eu possa vir a precisar para praticar.

É impecável.

E com certeza deve ter custado uma nota.

Mais dinheiro gasto comigo.

Minha cabeça está mais bagunçada do que antes — *como se fosse possível*. Sento-me no chão, contemplando a coisa mais bonita que alguém já fez por mim. Sim, por mim. *Só por mim*. Só pensando em mim e no meu sonho, no que eu amo fazer.

É impossível não sentir uma dor incômoda se alastrar no meu peito por, principalmente, ter sido cuidada de um jeito que ninguém nunca fez antes. *Só Mattew.*

Então essa é a *minha* resposta.

Mattew não se importa se eu largar o curso de administração. Essa é a sua clara resposta em apoio ao que eu amo, ao que tanto temi compartilhar com ele.

A sensação que tenho é que talvez ele acabe se tornando meu fã número um — isso se já não for.

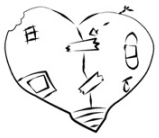
Sorrio, idiota, balançando a cabeça negativamente com aquela ideia boba. *"Nada de viajar, Madison"*, repreendo-me ainda em pensamento.

O que eu faço agora?

Depois da viagem, depois da festa da minha irmã, depois de sua generosidade com meus pais, depois do seu presente para mim.

O que merda eu posso fazer?

Como vou conseguir agradecê-lo por tanto?



Existe um grande problema em se relacionar com alguém rico, e eu estou colocando isso para qualquer que seja o tipo da relação: *não tem nada que você possa dar para essa pessoa que ela não possa comprar com o próprio dinheiro*. Sério, o que você dá pra um cara que é milionário e pode ter absolutamente tudo que quiser e quando quiser?

Depois de dar de cara com o presente mais inesperado e significativo que alguém poderia me dar, fiquei pensando em tudo que eu poderia comprar para Mattew e não consegui chegar em nenhuma boa conclusão para tentar lhe agradar, pelo menos não materialmente falando.

Eu não teria como presenteá-lo com nada que ele mesmo não pudesse comprar, então foi com isso em mente e lembrando sobre o quanto ele gosta da minha comida, que resolvi fazer um jantar para nós dois após algum tempo sem me aventurar na cozinha.

Sim, um jantar.

A lembrança da sua expressão de satisfação sempre que eu lhe fazia um prato especial era impagável e, bom, é sobre isso que eu quero que seja o meu agradecimento: algo impagável, que Mattew tente procurar por todo canto, mas nunca ache igual ao que eu me esforcei para lhe proporcionar.

Sei que ele é um verdadeiro amante da culinária italiana — *e descobri isso em uma conversa despretensiosa que tivemos há alguns meses* —, por isso eu vasculhei a internet inteira pelo resto da manhã e tarde, e saí para o supermercado para comprar absolutamente todos os ingredientes que me garantiriam um bom *risotto* italiano fora da Itália. Eu também comprei salmão pra fazer de acompanhamento e escolhi os melhores vinhos da sua adega particular para a nossa noite.

Está tudo no ponto, assim como eu mesma.

Deixei as coisas encaminhadas só pra finalizar quando ele finalmente chegar e segui para o meu banho.

Tomei a ducha quente mais relaxante de todos os tempos, lavei meu cabelo sem pressa e cantarolei debaixo da água como nunca tinha feito antes. Apesar de — *ainda* —não estarmos nas melhores páginas, eu já sentia como se tivesse o mundo em minhas mãos.

A minha única certeza era de que eu consertaria tudo essa noite.

Escolhi o meu vestido favorito: amarelo com bolinhas brancas, justo no busto, saia solta no quadril, alças grossas e longo o suficiente para bater

no topo dos meus joelhos. Meu cabelo está solto, finalizado de um jeito diferente com *babyliss* para fazer algumas ondas bonitas. Minha maquiagem é tão básica quanto meu vestido, só um pouco de corretivo debaixo dos olhos, *blush* nas bochechas e *gloss* labial incolor não tão pegajoso.

Me sentia bonita pra caramba, mas, na mesma medida, nervosa como o inferno. A minha ansiedade e expectativa para a sua chegada é... bom... enorme. Balanço a taça de vinho em minha mão suada e trêmula, tomando um pouco pra tentar relaxar e me convencer de que eu não tenho motivos para estar tão à flor da pele.

Encaro a minha obra de arte pela sala de estar espaçosa e solto um riso frouxo.

Por mais que a minha intenção não tenha sido tornar o ambiente em algo romântico, olhando ao redor por um instante, com velas acesas em locais estratégicos na sala imersa numa penumbra confortável e uma mesa pronta para nós dois na varanda, é meio impossível que não pareça romântico.

Será que eu exagerei?

Eu não queria ter exagerado, mas ficou tudo tão bonito.

Minha barriga embrulha.

E se eu tiver feito tudo errado?

Inspiro, expiro.

Não está errado, eu só fiz o que achava que tinha que fazer... apenas o meu melhor.

A porta finalmente se abre e eu deixo a minha taça no balcão da cozinha no susto, prendendo o ar quando vejo o primeiro traço da figura de terno e gravata que começa a entrar no apartamento de cabeça baixa. Mattew está atento no celular em sua mão, mas ele não demora muito pra perceber o “clima” na sua sala de estar.

Meu corpo inteiro esquenta, pulsando por minha espera finalmente ter terminado.

O olhar de Mattew passa rápido pelas velas, parando cirurgicamente sobre mim, fitando-me dos pés a cabeça.

A penumbra entre nós dois é confortável. Além dos pontos de luz das velas dentro do apartamento, as luzes dos prédios e da própria lua sombreiam perfeitamente o seu caminho até mim. Quando ele bate a porta atrás de si, eu engulo em seco, esperando por algo, qualquer coisa, qualquer reação sua.

Mattew anda em minha direção.

Ele joga suas coisas no sofá, terminando de afrouxar a sua gravata e enrolando-a na mão esquerda.

— O que é isso? — pergunta, finalmente me olhando nos olhos. De perto. Muito, muito perto.

Me esforço para não vacilar na sua frente e nós sequer piscamos.

Estamos a distância de dois ou três passos. Eu posso até mesmo sentir o seu cheiro fraco depois de um dia inteiro de trabalho fora de casa. Limpo a garganta antes de dizer:

— Eu cozinhei para nós dois. Você me acompanha?

Ele dá um passo em minha direção, fechando mais a lacuna entre nós.

— Você cozinhou *pra mim*?

Foi isso que Mattew entendeu?

Bom, sim. Eu cozinhei pra ele. É isso que tenho falado pra mim mesma há uma ou duas horas. Eu fiz isso pra ele, assim como ele já fez tantas outras coisas por mim.

Ainda assim, é fofo como ele parece tão surpreso nesse momento.

Egocêntrico e fofo, para ser honesta.

Então eu concordo, não querendo quebrar o que eu acho que é um clima amistoso entre nós. Isso é melhor do que os olhares tortos ou as tentativas de consertos malsucedidas dos últimos dias.

— Você me acompanha? — repito.

Mattew fica em silêncio antes de soltar o ar com força numa lufada longa. Eu o assisto esfregar o cenho um pouco franzido, mas, em seguida,

ele concorda com um aceno, quase me fazendo soltar um suspiro em puro alívio.

— Mas é melhor eu tomar um banho primeiro.

— Tudo bem — simplesmente acato. — Eu vou esperar por você aqui.

Mattew sai da sala sem dizer mais nada.

E então eu espero mais um pouco enquanto finalizo a nossa refeição.

Dez minutos mais tarde o *risotto* já está perfeito, assim como o salmão grelhado também parece irresistivelmente suculento. Passo a comida pra duas travessas e fico aguardando mais algum tempo enquanto termino de tomar o meu copo de vinho pra me dar um pouco mais de coragem.

Bom, eu preciso de muita, muita coragem, não só de mais um pouco.

Um pigarro atrás de mim chama a minha atenção e eu me viro imediatamente, deixando o copo em cima do balcão e me preocupando no segundo seguinte em controlar a minha boca para não simplesmente babar diante da sua imagem simples, mas tentadora.

Mattew está vestido em uma calça de moletom cinza e camiseta branca. Ele tem uma toalha nos ombros e, assim como eu, está descalço, aparentemente relaxado demais. Seu cabelo escuro está uma bagunça bonita, tão molhado que pinga em alguns pontos pela camiseta — *deixando*

pontinhos colados e transparente sobre sua pele —, como se ele não tivesse sequer secado para vir até mim.

Talvez eu não seja a única ansiosa aqui.

Deixo o meu olhar seguir até o seu, achando-o atento enquanto fita a refeição que preparei para nós.

— Precisa de ajuda?

— Claro — sorrio sem graça —, pode pegar o vinho na segunda prateleira da geladeira e trazer a minha taça?

Mattew anui com a cabeça, então eu sigo pra varanda com as duas travessas em mãos. Posiciono as coisas na mesa com o moreno vindo logo a seguir, deixando a garrafa de vinho no centro e me entregando a minha taça.

— Esse é o seu lugar.

Aponto pra cadeira perto dele, deixando tudo de lado pra começar a nos servir.

Faço tudo calada, assim como Mattew espera quieto. Quando estou perto de terminar, ele mesmo abre a garrafa de vinho, servindo-se e colocando um pouco mais do líquido em minha taça.

Sento-me à sua frente e espero que ele faça as honras para que eu possa começar a comer também.

— Você gostou? — indago, depois de alguns minutos.

Mattew está calado, apenas comendo o que coloquei em seu prato sem esboçar nenhuma reação. Eu sei que ele gosta da minha comida, mas e se eu tiver errado dessa vez? Para o meu paladar está tudo ótimo, mas eu realmente preciso saber se ele *gos*...

— Está tudo muito bom — afirma, fazendo meu corpo relaxar só com aquelas quatro palavrinhas. — Você cozinha muito bem, senhorita Johnson. Pensei já que soubesse disso.

Vergonha.

Só consigo sentir vergonha.

— *E-Eu sei, mas*...

— Está perfeito, senhorita Johnson.

Certo.

Perfeito.

Perfeito é um elogio e tanto.

Tento conter um sorriso de escapar enchendo a minha boca de risotto e um bom pedaço de salmão, me preocupando em terminar de comer o que coloquei no meu prato nos próximos dez minutos.

Mattew chama a minha atenção com um pigarro assim que eu deixo os talheres de lado.

— Qual o propósito disso tudo, senhorita Johnson? — questiona, direto e reto. — O que você quer com esse jantar?

Eu sabia que essa hora chegaria.

Agora eu preciso me explicar, pedir desculpas e todo resto.

Suspiro, encurralada.

— Primeiro: será que você, por favor, pode para de me chamar de senhorita Johnson? — Mattew dá de ombros, então eu continuo. — Segundo: é um jantar de agradecimento. Eu acho que tenho muitas coisas pra começar a tentar te agradecer, então achei que um jantar talvez fosse uma boa ideia. — Respiro fundo e solto de uma vez. — Ele funcionou?

— *Agradecimento?*

Seu tom é divertido, praticamente cínico.

Talvez eu mereça isso.

— Você sabe que sim — afirmo, mordiscando meu lábio inferior por um breve momento quando ele arqueia uma das sobrancelhas, ainda me provocando. — Não faz a linha da modéstia, Thompson. Isso não combina nadinha com você — provoco, mas ele continua com a mesma expressão. — E, por último, em terceiro lugar: é um jantar de pedido de desculpas. — Ele tira o deboche do rosto imediatamente. — Desculpas por aquele dia e por todas os outros desentendimentos que aconteceram por minha causa. Eu sinto que fui injusta com você e isso tem me corroído há algum tempo, então, por favor, me desculpa?

Mattew fica em silêncio.

Um longo e tortuoso silêncio.

É um incômodo tão grande que me machuca.

Não que ele tenha a obrigação de me desculpar, mas eu preciso de pelo menos uma resposta para o meu pedido. Quando parece que já passou muito tempo, eu fico de pé, tentando escapar daquela espécie de vergonha.

Sinto o ar mudar ao nosso redor, mesmo que eu já esteja praticamente fugindo da sua presença. Mas, antes que eu possa ir longe demais, Mattew me impede segurando meu braço firmemente.

Ele se coloca na minha frente, segurando o meu rosto com a sua mão livre e fazendo-me levantar o queixo para encará-lo de volta.

— Por que você está fugindo de mim, dançarina?

A queimação que se inicia em meu pescoço sobe até as minhas bochechas.

— *Você não... eu não*... — Fecho os olhos com o carinho que ele faz na minha pele. — Eu não queria que você se sentisse pressionado para me desculpar e como não me deu uma resposta, achei melhor... *sei lá*... te dar um pouco de espaço?

— Fugir? — repete o cerne da sua pergunta.

— Se você entendeu as coisas desse jeito, então, sim.

— Olha pra mim — comanda. Sua voz é baixa e rouca. Arrastada. Eu faço exatamente o que ele quer, porque não vejo nenhum jeito de fugir do

seu comando. — Eu acho que já tive a minha cota de espaço de você por uma eternidade inteira, então eu não permito mais que você se afaste de mim, senhorita Johnson.

Subo minha mão até a sua, apertando em resposta as suas palavras.

— Não me provoque, por favor — choramingo. — Para de me chamar assim.

— Você merece, senhorita J...

— Eu não mereço — eu o corto com o mesmo tom, hipnotizada pelos seus olhos. — Me desculpa, por favor. Eu sinto muito por aquele dia. Você só estava me defendendo de um idiota e eu reagi mal sem saber o que tinha por trás da sua reação. — Seu rosto perde um pouco da expressão divertida e provocadora. — A gente tem que começar a conversar, senão vamos acabar sempre assim, agindo precipitadamente em todo e qualquer desentendimento. — Paro por um momento. — Você tem feito por minha família mais do que eu poderia pedir. Você fez aquele lugar pra mim, me deu não só uma resposta, mas o presente mais significativo que eu já ganhei em toda minha vida. Eu sei que você se importa comigo, então, Mattew Thompson, aceite as minhas desculpas porque isso é tudo que eu posso te dar.

Seu corpo se curva sobre o meu e ele encosta as nossas testas.

— Não fale tudo isso como se nunca tivesse feito nada por mim.

— *Mas eu não f...*

— Você fez — ele me interrompe. — Você *faz*. Todos os dias. — Faíscas. Eu vejo e sinto faíscas. — Mas, Madison, eu ainda não sei se posso admitir nada do que se passa por minha cabeça. Você consegue me entender?

Sim, eu entendo.

— Eu sinto o mesmo — confesso. — Eu também não sei se consigo admitir.

Minha voz soa tão baixa e miúda que a minha garganta dói para deixar aquelas palavras saírem.

— Você está desculpada — murmura. — Por mais que, sim, eu tenha um maldito ciúme de você, não duvide quando eu tomar qualquer atitude pra te proteger. Eu sei o meu lugar e eu sei diferenciar quando só estou com ciúmes de quando um imbecil está tentando se aproveitar de você da forma que for, e isso eu não tolero.

— Obrigada por ter me defendido — volto a agradecê-lo.

— Tudo bem, Madison. — Subo minha outra mão até o seu rosto, sorrindo com a sensação da sua barba por fazer espetando minhas palmas. — E eu peço desculpas por não ter ficado com vocês naquele dia, na festa da Mabel.

— Oh, você vai ter que se desculpar novamente com ela, não comigo.

Ele ri e eu faço o mesmo.

Ficamos em silêncio; o silêncio mais confortável que compartilhamos desde que nos desentendemos.

— Você sentiu minha falta?

Sim.

Muita.

Tanto que doeu.

Doeu até uma hora atrás.

— Você sentiu a minha? — retruco, tirando sua melhor risada.

— Você pode responder uma pergunta minha sem ter que necessariamente fazer outra? — Balanço a cabeça negativamente, fazendo nossos narizes esbarrarem com o movimento. — Eu senti a sua, dançarina. Prefiro nossas brigas idiotas ao silêncio.

É difícil olhar em seus olhos a essa altura, tanto pela proximidade quanto pela tentação que é ter a sua boca tão próxima da minha.

— Eu acho que quero te beijar — declaro sem pensar muito.

— Você acha?

— *Sim, mas...*

Antes que eu possa terminar de falar, Mattew me beija.

Seus lábios caem violentamente sobre os meus e Mattew solta um grunhido de satisfação na mesma batida. O som que ele deixa escapar solta

milhares de borboletas em meu estômago sensível, e a forma como elas rodopiam dentro de mim, me faz gemer em resposta. O encaixe é perfeito, como sempre, e não há nenhuma palavra que eu possa usar para descrever os beijos de Mattew que faria jus ao que ele me faz sentir.

Eu senti falta disso, desse tipo de conexão entre nós dois.

Quando a sua língua empurra contra a minha, numa carícia molhada e relaxante, me obrigo a recuar um pouco.

— O que foi? — indaga, arrastado e visivelmente insatisfeito.

Mattew está sentindo por mim tudo que eu sinto por ele?

Por que eu...

— Faz isso funcionar comigo, por favor... — suplico, deslizando minhas mãos sobre os músculos tensos em seus ombros. — Não sei o que a gente é ou o que a gente significa, mas eu sei que eu gosto muito de tudo isso pra simplesmente ignorar ou continuar fugindo como uma completa idiota. Então, Mattew Thompson, faz isso funcionar comigo ou me diga de uma vez por todas que essa coisa que a gente compartilha é só uma ilusão da minha cabeça. Eu... eu preciso de uma *respos*...

Ele sela nossos lábios firmemente pra me calar.

Dura cinco longos e calorosos segundos.

— *Shhh*... — grunhe, separando só o suficiente pra falar enquanto esfrega a boca na minha. — Isso não é ilusão, Madison. Nunca mais nos

compare a isso — repreende, me deixando sentir cada uma de suas palavras em minha própria pele, em meus próprios lábios. — Quando te chamei de minha, eu não menti sobre a minha intenção, dançarina. Não quero ninguém além de você desde que meus olhos te encontraram e eu sei que isso não vai mudar independente do que aconteça. — Ele afasta o rosto um pouco mais, os olhos esquadrinhando cada polegada do meu rosto de um jeito desafiador. — Mesmo se me dissessem que o que temos é amaldiçoado, eu iria preferir isso a qualquer outro sentimento doce e fácil. — Fica difícil até mesmo respirar, mas Mattew não joga limpo. — Ainda não percebeu que eu só consigo querer você?

Ele só consegue me querer.

Me querer.

Puxo o ar pelo nariz, inclinando-me para frente na ponta dos pés e mordiscando seu lábio inferior entre os dentes.

— A gente está tentando algo diferente, então?

Ele sorri, as mãos segurando meu rosto de cada lado e os olhos azuis inebriados na onda se prazer que nos atinge timidamente de primeira.

— Definitivamente.

Então é isso.

Nós estamos tentando.

O quê?

Bom, eu não sei..., mas, desafiando nosso próprio contrato, estamos tentando um tipo de relação que vai além do que está permitido naquelas páginas.

17

“Eu nunca vou te deixar ir,
Espere por mim para voltar para casa.”

PHOTOGRAPH — *Ed Sheeran*

MADISON JOHNSON

Então foi tudo real *mesmo*.

Dar de cara com Mattew assim que deixo meu quarto e receber dele um sorriso pequeno, mas lindo , é a evidência que faltava para me dar certeza de que a noite passada foi mesmo real.

Por mais tivesse planejado esperançosa a nossa reconciliação no sentido de voltarmos a nos dar minimamente bem e, claro, conseguir suas

desculpas, pensar que concordaríamos em tentar algo “diferente” foi além dos meus planos, bem mais além.

Olhar para Mattew me deixa estranhamente feliz, muito diferente de como me senti em relação a ele nos últimos longos meses em pé de guerra.

— Bom dia, senhor Thompson.

Resolvo simplesmente provocá-lo quando dá um passo em minha direção.

Blusa social branca de seda, saia lápis preta e saltos da mesma cor de sempre. Não surpreendentemente o que eu estou vestindo combina com o que Mattew está vestindo. Calça social de sempre, sapatos caros de grife, camisa social branca e gravata, com ressalva de que, dessa vez, ao invés de vestir um terno por cima de tudo, ele está vestindo um colete preto que favorece mais do que deveria o seu porte físico.

— Bom dia, senhorita Johnson.

Provoca de volta, é claro. Jogo justo, não é?

Fechando a lacuna entre nós dois e passando o braço esquerdo por minha cintura para colar nossos corpos juntos, prendo a respiração em antecipação pela proximidade. Levanto meu rosto para não perder uma expressão sequer do seu rosto bonito, sendo difícil segurar a vontade de deixar meu olhar recair sobre os seus lábios avermelhados.

— Você vai me dispensar hoje de novo? — pergunto, encarando sua boca com fome.

É, fome. Fome mesmo.

Por consenso, ontem ficamos apenas nos beijos depois do momento em que praticamente nos confessamos um para o outro. Mas, droga, quem poderia imaginar que os seus beijos me deixariam tão faminta assim? Ficamos juntos, trocando carícias e falando idiotices um para o outro até tarde da madrugada, mas agora... *ah!*, agora eu queria mais beijos. E também queria mais do que *apenas beijos*.

Passo os meus braços sobre seus ombros, praticamente o abraçando pelo pescoço.

— Você teria alguma objeção a fazer caso eu te dispensasse mais uma vez?

Faço uma careta.

— *Sim?* — respondo na mais pura ironia. — Me resolvi sobre a faculdade de administração depois da sua claríssima resposta de ontem, mas eu ainda preciso trabalhar com você pra fazer o contrato valer a pena, não acha? — Mattew revira os olhos. — A gente não namora e, nem se namorássemos, eu me deixaria ser sustentada por você. Então, sim. Eu tenho uma grande objeção caso queira me dispensar da minha função sem motivos mais uma vez.

— A gente não namora, mas você realmente não precisa...

— *Mattew*. — Eu sei que meu semblante mudou porque eu simplesmente não estou mais levando isso como uma brincadeira ou colocando seu posicionamento em questão. — Não vou aceitar esse tipo de coisa, é sério. Você está pagando o tratamento do meu pai em troca do meu trabalho, e se eu não estou trabalhando, é completamente injusto. Eu estou longe deles por causa do meu trabalho, sabia? Se não for pra trabalhar, eu posso voltar para casa e...

— Você não vai para lugar nenhum. — Ele nem me deixa terminar de falar. — Se quiser continuar na função, então tudo bem, mas eu não vou deixar você ir para lugar nenhum.

— *Você* não vai deixar? — Arqueio uma das sobrancelhas.

— É isso que ouviu, dançarina. *Eu* não vou deixar. — Seu outro braço também serpenteia a minha cintura, condizendo as suas palavras. É como se Mattew quisesse me prender ali com ele e nunca mais me deixar sair. — Você não vai para nenhum lugar longe de mim.

Ceeerto...

— Bom, eu vou falar com Eric e tentar achar com a ajuda dele algum curso de dança pra começar a fazer o que eu gosto de alguma forma. Ele falou sobre uma companhia de dança muito famosa que se instalou há alguns meses na cidade, então eu acho que seria legal começar por aí... —

Mudo de assunto propositalmente, mordendo meu lábio inferior e pensando seriamente sobre o que falei. Apesar de termos nos resolvido ontem, fazer outro curso, seja numa universidade ou não, ainda é algo que eu preciso da opinião de Mattew. — O que você acha?

— Você pode decidir isso sozinha, dançarina. — Dá de ombros, despreocupadamente. — Eu quero que faça o que você mesma decidir. Ponto.

— *Mas...*

— Sem mas. — Encosta a boca na minha, abruptamente. — Temos um combinado?

Sorrio contra os seus lábios.

— Sim.

— Perfeito então — murmura.

O seu olhar, o atrito suave, a respiração compartilhada.

Tudo isso faz com que eu me sinta inebriada de uma hora para outra. E sendo honesta, inebriada não é a palavra certa para definir meus sentimentos no momento. Excitada talvez faria jus.

— E se a gente faltar o trabalho? — brinco, na verdade sendo quase cem por cento fiel aos meus pensamentos no momento.

— *Madison* — repreende. — Por que você não quis isso ontem?

Sorrio, torcendo minha boca num bico.

— Quis que nós nos resolvêssemos com palavras, e, ok, alguns beijos..., mas não sexo. — Respiro fundo. — Não quero nos resumir a sexo. Acho que somos mais do que isso.

— Mais do que isso? — Ele sorri e eu aceno positivamente.

— Pelo menos um pouquinho mais do que isso.

Rimos juntos.

— Eu não posso faltar o trabalho hoje, nem você.

Solto um gemido, fingindo chateação.

— *Ah... por favooor...*

— Não, senhorita Johnson. Você não vai me convencer.

— Por que está se fazendo de difícil? Eu estou *literalmente* implorando.

— Implorando? Você consegue fazer melhor do que isso.

Ele vai me matar.

— Matt.

— Não. — Me solta e se afasta. O brilho nos orbes claros me mostram que ele está querendo tanto quanto eu, só não quer dar o braço a torcer. — Precisamos ir.

Bufo, frustrada.

A gente poderia fazer rápido...

— O senhor Jackson já deve estar chegando pra me buscar — digo, deixando-o para trás já que não vai ter jeito de convencê-lo, e seguindo até a cozinha. Tiro uma garrafa de água para Mattew e outra para mim, entregando a sua e abrindo a minha para tomar um gole debaixo do seu olhar. Ele fica parado, me examinando. — Você ainda não vai?

O moreno lambe os lábios, fazendo meu baixo-ventre se comprimir.

É bom. Eu gosto da visão, ainda que seja torturante.

— Você não quer ir comigo? — pergunta.

Estou tomando outro gole quando minha cabeça processa as suas palavras.

Ir... ir... com ele?

Ir com ele tipo... como?

Ao trabalho?

Com ele?

No mesmo carro?

Chegando juntos?

— *V-Você*... — Eu não consigo nem formular as palavras corretamente depois desse pedido. — A gente nunca vai juntos ao escritório. — Isso é um fato. Nós só saímos juntos quando estamos em alguma viagem ou quando precisamos ir encontrar os seus pais. — Eu acho que... eu não sei. É uma boa ideia?

— Não vejo nada de errado nisso, fora que pouparíamos um pouco de tempo.

Que tempo que pouparíamos?

Eu provavelmente vou atrasá-lo, porque sempre faço minha parada obrigatória no *Starbucks* pra comprar meu *vanilla latte* com calda de caramelo e torta de morango, e antes de subir ainda tenho que preparar o seu próprio café.

Acho que não tem nenhum tempo poupado nessa história.

— Você se importa em parar na *Starbucks*?

Mattew sorri de lado, caminhando até mim lentamente.

— Não, eu não me importo, dançarina. — Ele fita os meus lábios, me deixando automaticamente tensa. — Você vai ficar com aquele gosto bom de morango na boca?

Ah.

Ah!

Merda, ele lembra?

— *Acho que sim* — murmuro, fitando seus lábios de volta. — Você gosta tanto assim?

— Gosto mais do que deveria — declara, simples como se estivéssemos falando de assuntos corriqueiros do dia a dia. — Vamos antes que eu esqueça do trabalho.

— Não reclamaria se esquecesse... — provoco e ele apenas sorri.

Mattew puxa o celular do bolso, ainda me encarando, mas começando a recuar.

Eu o observo aproximar o aparelho da sua orelha e então logo começa a falar:

— Senhor Jackson — o cumprimenta. — Você não precisa vir buscar a senhorita Johnson em casa. Sairemos juntos hoje. — Pausa. — É, e quer saber? Não precisa também pelos próximos dias — *o quê?* —, fique atento a sua nova agenda quando ela entrar em contato.

Próximos dias?

Quer dizer que nós...

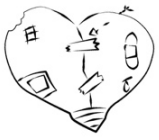
Matt desliga a chamada com um sorriso no rosto.

É sincero e caloroso, e eu acredito nas suas palavras e no significado que percebo escapar além delas.

— Você vem comigo, senhorita Johnson?

Ele deve saber disso, mas eu posso repetir a mim mesma:

Mattew Thompson ainda vai ser a causa da minha morte.



Copo de café numa mão e dedos de Mattew entrelaçados na outra.

É assim que nós damos o primeiro passo para dentro do prédio do escritório dos Thompson, enquanto ele segura a minha torta de morango depois de ter se oferecido para fazer isso.

Nós parecemos... domésticos.

É, essa é a palavra.

Nós parecemos extrema e irritamente domésticos, como se tivéssemos um relacionamento sério — *o que não chega nem perto de ser o caso* — há anos.

Mattew Thompson, segurando minha torta, de mãos dadas comigo e sem estar com uma carranca no rosto? Isso é doméstico. E assustador.

Se eu estou nervosa?

Isso não é claro?

Eu estou.

Eu sei que todos os olhares estão em cima de nós dois, mas eu não consigo encarar ninguém.

Pago com a língua dois segundos depois quando desvio minha atenção dos meus pés para uma figura que está se aproximando em passos altos, largos e apressados em nossa direção.

É ele: o irmão do meio, mais conhecido como Dylan Thompson, ou engraçadinho nas horas vagas, vem até nós sorrindo como o próprio *Joker*. Ele olha para nossas mãos juntas como se não estivesse acreditando naquilo, apesar do sorriso enorme em seus lábios.

— O que é isso que os meus olhos estão vendo? Um sonho? Uma miragem? Ou seria um surto coletivo?

Junto meus lábios numa linha firme para não rir.

Olho na direção de Mattew a tempo de vê-lo revirar os olhos com vontade.

— O que é isso que os meus olhos estão vendo? Um idiota? Um babaca? Ou seria um fofoqueiro desocupado?

É claro que o homem ao meu lado retrucaria.

Eles fazem isso o tempo todo: *as provocações, as brincadeiras, o mata-mata*.

— Não, é sério — ele ri, dando uma volta ao nosso redor e passando os braços pelos nossos ombros para se encaixar no meio de nós dois —, o que é isso? O que vocês dois estão fazendo chegando juntos no escritório e, ainda por cima, de mãos dadas? Eu pensei que não rolava nada...

— É sério que você pensou isso? — indago, arregalando os olhos quando percebo que as palavras saíram da minha boca e que não foi só um mero pensamento meu.

— *Senhorita Johnson?* — retruca, soando incrédulo e indignado com o que eu falei. É, eu também meio que estou. — Quem é você e o que fez com a senhorita Johnson raivosa que morde o calcanhar do meu irmão todo santo dia no escritório? Eu juro que ouvi você xingando ele há umas três semanas enquanto preparava aquele café amargo, ameaçando colocar veneno pra fazer ele estrebuchar no chão.

— Você está mentindo! — acuso, segurando o riso. — Não que eu nunca tenha pensado nisso — encaro Mattew, sabendo que ele sabe o quanto me chateou e irritou por muito tempo —, mas eu nunca falei em voz alta...

— Isso é um relacionamento sério, maninho? Se for, eu teria medo de dormir do lado dessa mulher... ela parece meio... *perigosa*, *selvagem*. Não acha?

— Eu não vou falar pra você o que eu acho da senhorita Johnson — ele me encara de volta —, tenho certeza de que ela sabe o que penso.

Rio sem querer, meio frouxo.

— Vocês dois estão exalando sexo... ou seria tensão sexual? — Ele finge farejar entre nós dois. — *Que seja* — resmunga. — Então, contem logo o que é isso antes de eu ir fofocar no RH...

— Então é de você que as meninas do RH recebem as fofocas? — pergunto, arregalando os olhos com a sua cara de pau.

— Alguém tinha que fazer esse serviço, senhorita Johnson, e como eu percebi que você não fazia, eu tomei ele pra mim. — Pisca um dos olhos, esticando os lábios de um jeito perverso. — Vão contar ou não?

— Não é um relacionamento sério — Mattew joga as cartas na mesa e por um momento meu coração erra uma das batidas, um tanto incomodado.

A gente concordou com isso, mas...

Quer saber? Que seja. Eu não vou tornar nossa falta de rótulos um problema.

— Você está me dizendo que isso não é um relacionamento sério mesmo entrando de mãos dadas pela primeira vez na vida no nosso prédio com a mulher que divide o teto com você e de quebra é a sua assistente de assuntos pessoais? Eu vou te dar tempo pra elaborar melhor essa mentira e a gente conversa depois, o que acha?

Dylan...

— Não é mentira — intervenho. Talvez ele acredite em mim. — Nós meio que só estamos nos conhecendo.

— Mas vocês vivem juntos? — retruca, numa espécie de pergunta irônica.

— E ainda assim precisamos nos conhecer melhor — declaro, puxando a minha mão da de Mattew e me afastando alguns passos deles dois, que param para me encarar. — Vou preparar o seu café e apareço na

sua sala em cinco minutos — o aviso, querendo me afastar um pouco daquele momento.

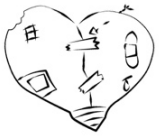
É informação demais pra minha cabeça.

— Não demore, senhorita Johnson. Eu estou aguardando.

Isso é tudo que Mattew diz antes de continuar seu caminho até o elevador com o seu irmão no encalço. Fico parada alguns instantes, tendo agora certeza de que a maior parte das pessoas ali que estão ali, estatísticas, estão me encarando como se eu fosse um bicho exótico de zoológico.

Apresso meus passos, saindo daquela exposição ofegando com certa urgência.

Isso foi novo e estranho, mas eu não me importo em passar por isso novamente se Mattew estiver ao meu lado.



— Ouvi sobre as novidades...

David diz assim que coloca os pés na minha sala, logo após eu ter gritado um “Pode entrar!”. Fico de pé, sorrindo um pouco envergonhada, enquanto eu saio de trás da mesa para lhe cumprimentar com um abraço rápido.

— Então é mesmo Dylan que espalha as fofocas pelo escritório?

Ele ri, fraco.

— Ele, entre algumas outras pessoas.

Dou uma espiada rápida em Mattew do outro lado da parede de vidro, percebendo sua concentração indesviável dos papéis em suas mãos.

— Bom... acho que é meio que isso...

Não sei o que falar.

O fato de que talvez David goste de mim um pouquinho além do que deveria, se infiltra na minha cabeça como ainda não tinha feito antes.

Eu deveria me explicar?

Eu deveria falar alguma coisa? Tipo, qualquer coisa?

— Vocês estão namorando?

— Não! — exclamo, caminhando de volta até a minha mesa e me sentando na minha cadeira inquietamente. — A gente não ‘tá namorando. É só... algo...

— Algo diferente?

— Bom, digamos que sim. — Ele senta na minha frente. — Mas a gente vai falar sobre mim mesmo? — Solto uma risada sem graça, envergonhada.

— Se não for um problema. — Ri de volta. — Eu só me preocupo, não é nada demais.

— Se preocupa? — Franzo o cenho, confusa. — Comigo?

— Claro que é com você. — Paro de respirar. — Me importo contigo, Madison.

Certo.

Tudo bem.

Ele se importa. Comigo.

Nós somos amigos, então é normal.

— Fica tranquilo, Davie. — Uso o seu apelido numa tentativa de amenizar o clima que pesou de uma hora para outra. — Já falamos sobre isso antes... Matt é muito bom para mim, e eu realmente quero dizer isso. A gente só está se conhecendo melhor, sabe?

— É isso que você quer? Conhecê-lo melhor?

— Faz parte, não faz?

Ele fica em silêncio por alguns instantes e eu levo esse tempo para voltar a procurar por Mattew, notando que agora ele está me encarando. Fixamente.

— Você gosta dele, não gosta? — Não volto minha atenção para David. Eu não consigo desviar de Matt. — Do tipo, apaixonada, não é?

Merda.

— Não é isso... — murmuro.

— Sabe que pode ser honesta comigo, não sabe? — Silêncio. — Maddie, olha pra mim.

Então eu me forço a encará-lo, achando os seus olhos marejados e tomando um susto com isso.

— O q-quê...?

David respira profundamente, apertando as pálpebras e, aparentemente, engolindo em seco.

— Você pode me dizer se gosta mesmo dele? Porque eu preciso saber de uma vez por todas.

— Davie, por que você... você está... chorando...?

— Porra, Maddie. Você sabe. — Ele me fita e dói. — Você sabe.

Merda.

Mas que merda.

Grande maldita merda.

— *Davie*...

— Você gosta dele, não gosta? Quero dizer, está claro que você o ama, ou eu estou errado? — Meu peito dói cada vez mais. Afunda tão profundamente que eu tenho medo de um buraco se abrir ali. — Juro que nada vai mudar entre nós, eu só preciso saber se você está certa sobre o que sente por Mattew.

Eu nunca admiti nem para mim mesma.

Por que ele...

— *Sim* — sussurro. O tempo para naquele instante. Eu olho para Mattew, achando sua expressão impassível ali, como se ele não gostasse da cena, mas logo eu volto para David. — Eu o amo — confesso para o meu amigo, talvez meu melhor amigo em muito tempo, triste pelo que eu faço com ele. — Eu sinto muito, David, eu sinto m...

— Você não precisa sentir — retruca, rápido. Ele enxuga as lágrimas, forçando um sorriso que termina de me partir no meio. Sinto meus próprios se encherem de lágrimas. — Você não tem culpa de nada, e, bom, eu pedi uma resposta. Isso é... *isso*... — Suspira. — Está tudo bem. De verdade. E eu fico feliz por você, como sempre.

David fica de pé e eu faço o mesmo.

— David, eu...

— Eu preciso ir. — Me olha, rápido. — Tenho alguns processos pra revisar e muito trabalho pra dar conta até o final do dia. — Sigo atrás dele até a porta, querendo fazer alguma coisa, falar alguma coisa, mas eu não consigo deixar mais nada sair. — A gente se vê por aí, certo?

David se vira, sorrindo mais largo... mais forçado.

Engulo o nó na minha garganta e as lágrimas.

— Sim, a gente se vê por aí. Sempre.

Silêncio.

— *Perfeito* — balbucia e sai.

Fico parada, encarando a porta fechada como se tivesse acabado de ver um fantasma na minha frente. Choro em silêncio, tentando me controlar a cada lágrima que desliza por minhas bochechas. A próxima coisa que eu sinto, é um toque firme dos dois lados na minha cintura, fazendo-me girar sobre os meus saltos e dar de cara com um par de olhos azuis inquiridores.

— O que aconteceu? — questiona de pronto.

— Nada.

Eu não posso falar.

É claro que eu não posso.

Eu não posso confessar pra Mattew o que eu não queria confessar nem pra mim.

— E você está chorando por nada? — argumenta com o óbvio.

— A gente só... esclareceu as coisas. Você sabe. Só...

Mordo meu lábio inferior, me sentindo cada vez mais angustiada.

— Ou você explica pra mim, ou eu vou atrás dele pra saber o que aconteceu.

Suas mãos me deixam e eu sinto meu coração acelerar.

É meio desesperador.

— *Não!* — exclamo. — É a verdade. — Seguro os seus braços. — Só esclarecemos tudo, Mattew. Ele me perguntou se algo estava rolando entre a

gente e eu disse que sim. Ponto. Estamos bem... eu só...

— Era óbvio que ele estava interessado em você.

Sua expressão não é legal, mas Mattew não tem nenhum direito de estar assim.

— Ele é meu amigo — o repreendo.

— E o seu amigo estava, e ainda pode estar, interessado em você.

Reviro meus olhos, o soltando e caminhando de volta até a minha mesa.

— Isso não interessa.

Mattew me faz parar de andar.

— Espera — pede. O encaro sobre o ombro. — Você está bem?

Ele está sendo sincero?

Pondero um instante antes de negar com um aceno.

— Não queria magoá-lo, não queria deixá-lo triste.

Ele me protege num abraço apertado e eu abraço de volta, mais apertado ainda, sentindo alívio em estar nos seus braços.

— Na vida, existem algumas coisas que não podemos ou conseguimos controlar, e essa é uma delas. — Sua voz é suave, se infiltrando em meus sentidos assim como o seu cheiro, que me acalma lentamente, me consolando e fazendo as lágrimas cessarem aos poucos. — Você não pode evitar que as pessoas se magoem ou fiquem tristes por sua

causa. Acontece, Madison. Sempre vai existir alguém magoado ou triste por sua causa, e bola pra frente. Fazer o quê? Eventualmente as coisas se encaixam, não acha? O que não pode acontecer é você ficar se martirizando por algo que não fez, ou tentou evitar. Eu te conheço, eu sei que você não o magoou de propósito. Você se conhece, você sabe disso melhor do que ninguém. O coração partido de David não é sua culpa.

O coração partido de David.

— Você está certo. — Levanto o rosto para encará-lo. — Mas isso ainda me deixa triste.

Mattew encosta a boca na minha.

Ele roça os nossos lábios suavemente.

— Não fique triste, dançarina. É insuportável te ver assim.

Triste e com borboletas no estômago. Tudo ao mesmo tempo.

— Não me solta.

Meu pedido não é vazio.

Meu pedido não é só para agora.

Eu preciso que Mattew não me solte.

Eu preciso dele.

— Não vou — garante. — Nunca.

— Você promete?

Sua cabeça balança pra cima e pra baixo.

— Eu prometo.

18

“Eu soube desde a primeira vez que
eu ficaria por um longo tempo porque
eu gosto mais de mim quando estou com você.”

I LIKE ME BETTER — *Lauv*

MADISON JOHNSON

Reproduzir as batidas da música em meus movimentos estava sendo um enorme desafio pela primeira vez em toda a minha existência.

O momento que tive com David na minha sala foi complicado, e isso porque eu quero dizer só o mínimo sobre como me senti depois do que aconteceu. Por nunca ter lhe dado abertura e esperança para aquele tipo de

sentimento, na minha ingênua cabeça, tive a percepção de que eu não deveria me preocupar com a unilateralidade daquele sentimento que ele estava nutrindo por mim. Mas eu estava tão, tão errada.

Ver meu amigo machucado é difícil, principalmente por saber que a culpa é toda minha.

Imaginar que David conseguiria separar as coisas entre a gente foi muita idiotice da minha parte. Aparentemente — *e eu deveria saber disso* —, não é assim que uma paixão funciona.

Estar apaixonado é uma coisa estranha e intensa.

Afinal, olha só pra mim: não é nada fácil lidar com o que estou sentindo por Mattew, ainda mais com todas essas incertezas que nos cercam.

Deixo minha respiração pesada escapar assim que eu desisto por um momento de continuar realizando aqueles estúpidos movimentos.

Extravasar com a dança é algo que funciona muito comigo. É por isso que eu amo tanto fazer isso. Mas, apesar de estar me sentindo melhor agora do que quando cheguei no estúdio, não consigo parar de pensar em David.

Talvez eu lhe deva uma conversa mais honesta.

Talvez eu lhe deva algum tipo de explicação.

Talvez eu lhe deva... talvez eu...

— *Droga* — praguejo, segurando na barra fixa.

Frustração poderia me definir bem agora.

Como eu vou me apresentar na inauguração do novo estúdio se não consigo sequer realizar uma sequência de movimentos corretamente?

Assim que coloquei os pés no prédio, fui chamada por Eric para uma conversa.

Ele me convidou oficialmente para nos apresentarmos juntos na inauguração do novo estúdio de dança da academia. Minha felicidade nesse momento não é nem uma questão, mas, por tudo que aconteceu, me sinto mais realizada pela conquista do que feliz em si. Sinto como se essa fosse a oportunidade perfeita para tentar mostrar o meu talento para os professores e dançarinos renomados que Eric me garantiu que estariam presentes, e eu estou pronta para dar o meu melhor.

O que eu não contava era que minha atenção estaria fodida.

Não que eu ainda não tivesse tempo para treinar. Eu tenho... nós temos..., mas, ainda assim, é frustrante começar algo que eu sempre quis tanto, de pé esquerdo.

Sinto os músculos das minhas panturrilhas arderem e repuxarem por todo esforço que fiz nas últimas três horas sozinha nessa sala.

Estava tentando aprender a coreografia pelas gravações que Eric fez para me repassar. Ele gravou separadamente cada uma das partes e me deu

para assistir e começar a pegar as sequências o básico, mas nem isso estava rolando.

Sugo o ar com mais avidez, tentando deixar aquela sensação se esvair dos meus sentidos. Só depois de mais algumas longas respirações e devaneios internos que percebo que não estou sozinha no estúdio.

— Você está bem? — Eric pergunta assim que eu o acho.

Caminho até o banco em que ele está sentado e apanho minha garrafinha de água antes de cair ao seu lado. Tomo longos goles, ofegando como um animal cansado de correr do seu predador. Essa era uma comparação precisa: eu estava cansada de correr dos meus próprios pensamentos.

— Estar bem é meio relativo — brinco, mas nenhuma diversão alcança minhas palavras e o meu sorriso forçado. Suspiro, tão, tão cansada. — O dia foi longo — declaro, sem saber ao certo o que dizer.

— Percebi — concorda. — Você errou as sequências mais fáceis.

Faço um bico, chateada.

— Está me assistindo há muito tempo?

Ele dá de ombros.

— Quinze minutos no máximo. — Eric pega minha garrafinha e toma um pouco de água. — Problemas no trabalho ou com seu namorado?

Mordo o meu lábio inferior, sem saber o que dizer ou que desculpa dar.

— Na verdade, com seu irmão.

Decido ser honesta.

— Com David? — Sua expressão vai de pura surpresa num segundo para reconhecimento de causa no outro. — Ah! Ele se confessou? — Concordo com um aceno. — Que droga, Maddie. Digo... por vocês dois. Eu...

— Tudo bem, Eric. Está tudo bem comigo na medida do possível. Eu sou a última pessoa com quem você deveria se preocupar. — Engulo em seco o bolo que vai se formando na minha garganta. — Só não... — O encaro. — Só estou me sentindo mal por ele, sabe? Eu gosto de David. Como amigo. Como eu sempre deixei claro que seria entre nós dois.

Eric suspira.

— Conhecendo você como eu conheço e conhecendo David melhor ainda, sei que nenhum dos dois teve culpa desse... desastre? — Ele ri, fraco, tentando me consolar de alguma forma. — Ninguém manda no coração, Maddie, ainda que você possa controlar suas ações depois de entender que se apaixonou por alguém. Ele não teve culpa de ter se apaixonado por você, mas deveria ter percebido que não deveria nutrir nada em relação a você

uma vez que você é comprometida e já colocou barreiras o suficiente para mostrar para David que vocês não passariam de uma boa amizade.

— Ainda assim, Eric. Eu... eu não queria perder a nossa amizade por causa disso... eu gosto muito mesmo de David, eu me importo muito com ele.

— David vai ficar bem, Maddie. Não se torture por causa disso. — Ele segura a minha mão, em sinal de apoio. Eu acho. — Meu irmão já é grandinho o bastante e correto o suficiente para entender o que você disse. Ele talvez precise de um pouco de tempo pra digerir tudo, pra tentar se curar e ficar bem. Todo mundo sempre precisa de tempo pra curar um coração partido. Mas, tenho certeza de que ele também não quer perder sua amizade e muito menos que fique assim, se martirizando pelo que não foi culpa de nenhum dos dois.

Uma lágrima solitária desce por minha bochecha.

Eric a enxuga, sorrindo pra mim tão doce. Ele e David são iguais. Sou muito sortuda em ter os dois irmãos em minha vida.

— Toma banho e vai pra casa, Maddie. Você precisa descansar.

— Mas... a gente precisa...

— Nada de “mas”. O que você precisa hoje é de sorvete, porcarias e do seu namorado. — Sorri. — E eu preciso cuidar do meu irmãozinho.

Mordo a minha bochecha por dentro.

— Vai mesmo cuidar de David?

— É claro. — Ri. — Ele cuidou de mim no meu último coração partido que durou tipo, umas doze horas, e foi totalmente curado depois do melhor porre da minha vida. Vou garantir que David tome todas essa noite, não se preocupe. Amanhã ele estará novinho em folha.

Sorrio de lado.

A crescente da angústia em meu peito estanca e se acalma.

As palavras de Eric e todas as suas garantias me deixam mais tranquila.

Ele vai ajudar David.

Ele sabe como ajudar, ele é seu irmão.

Mesmo sabendo que não devo lhe agradecer, já que estamos falando do seu irmão, sussurro ao lhe dar um abraço apertado:

— Obrigada por isso, Eric.

— De nada, Maddie — murmura de volta, me apertando forte.

Deixo o prédio tranquilamente, focada em checar as notificações que perdi durante as horas que passei desligada da internet e do

trabalho. Nenhuma de Mattew, três da minha mãe, duas da senhora Williams, uma da senhora Thompson e... só.

Respondo tudo muito rápido, levantando o rosto em busca do senhor Jackson, que a essa hora já deve estar por aqui em algum lugar me esperando pra me levar pra casa. Mas, a pessoa que eu vejo é bem diferente do senhor Jackson — *e eu fico não tão estranhamente, satisfeita com a sua presença*.

Mattew Thompson, em carne e osso.

O moreno está encostado no próprio carro, de braços cruzados e com toda aquela pose de bonitão de sempre, sério pra caramba e, consequentemente, gostoso como o inferno. Ainda bem que tomei banho antes de sair ou seria meio desconfortável aparecer toda suada e descabelada na sua frente, enquanto parece que ele acabou de sair de uma revista chique de moda masculina.

— Oi? — digo, um pouco surpresa com a sua presença ali. — O que você está fazendo aqui... de novo?

Ele está todo de preto, como de costume.

Camiseta, calça, tênis... tudo preto.

— Senhorita Johnson... — Me cumprimenta, fazendo-me revirar os olhos. Ele ri. — Vim te buscar. Vamos?

— E o senhor Jackson?

— Eu o dispensei — responde, como se fosse nada.

Bom, talvez não seja mesmo.

Sigo em passos certeiros até parar na sua frente.

Sem conseguir me controlar, espalmo as mãos em seu peitoral, deslizando-as calmamente sobre a superfície sólida e musculosa. Às vezes eu tenho a impressão de que não conseguiria viver se não pudesse o tocar.

— Senhor Thompson — murmuro, mantendo os olhos grudados em seus lábios. —Você ‘tá tentando tomar o lugar do meu motorista? — alfineto.

Sorrio de lado ao ver um sorriso preguiçoso contornar os lábios.

Ainda não estou acostumada com os seus sorrisos, principalmente quando eu sou a causa deles, mas eu sei que vai ser muito fácil estar acostumada com isso.

— Você gostaria disso?

Estamos... flertando?

É isso?

Tipo, abertamente?

— Não tenho muito o que reclamar, caso queira tentar aplicar o seu currículo pra essa vaga...

Ele finalmente me toca de volta, segurando meu rosto de cada lado e me avaliando. Seu olhar demora na minha boca, como se ele ponderasse a

ideia de me beijar ou não.

Por que ele não me beija?

— Amanhã o meu currículo vai estar te esperando na sua mesa.

— Idiota — sussurro com a sua brincadeira... quero dizer, a *nossa* brincadeira.

— Vamos pra casa?

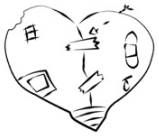
Concordo, rápido.

Mattew desencosta do carro e abre a porta para mim.

Ele espera que eu entre e me acomode para fechar e entrar do outro lado. Em menos de trinta segundos o moreno já está dirigindo, indo em direção ao seu apartamento e me matando de ansiedade para chegarmos logo.

Eu não consegui nada de manhã, mas agora é uma história totalmente diferente.

Talvez ele esteja disposto a dar o braço a torcer dessa vez.



Mattew tem um jeito muito certeiro de me fazer esquecer a realidade ao nosso redor e ele sabe muito bem quando e como usar isso.

Se eu dissesse que ele não é tudo que preciso no momento, eu estaria mentindo.

Firmo uma das minhas mãos na sua nuca, puxando seus cabelos curtos como posso e levando a minha mão livre até a sua camiseta, tocando a sua pele por debaixo do tecido e tirando um grunhido seu. Sorrio com a sua sensibilidade repentina, feliz por saber o que eu lhe causo, mas não consigo tirar vantagem disso por muito tempo, porque quando Mattew me puxa pra cima com um aperto dolorido em minha bunda, é minha vez de derreter contra a sua boca por causa dos seus toques brutos.

— ‘Tá com fome? — pergunta, separando nossos lábios por um momento e deixando meus pés alcançarem o chão com dificuldade.

Viro pra trancar a porta, deixando a minha bolsa cair no chão com aquele simplesmente movimento enquanto tento processar a sua pergunta. A boca de Mattew encontra um caminho doce e tortuoso pelo meu pescoço, mordendo e lambendo cada polegada até a minha orelha.

— Depende muito do que você está tentando me oferecer — retruco, minha voz completamente vacilante, mas sorrindo de lado com as ideias que começam a surgir em minha cabeça.

— *Sushi? Pizza? Comida italiana ou francesa?*

Sorrio com a sua cara de pau.

— *Ah*... — Suspiro quando ele toma a pontinha do lóbulo numa chupada, infiltrando suas mãos por debaixo da minha camiseta e espalmando-as em meu baixo ventre. — Eu... Eu acho que nada disso parece interessante... pra mim...

— Não, Madison?

Um dos dedos esbarra no cós da minha calça.

Mattew troca de posição comigo, recostando na porta e me segurando em seus braços.

— Você sabe que... que pode me chamar de Maddie também... né?

O moreno morde meu ombro.

Um grito escapa de mim seguido de uma risada alta.

Planto as minhas mãos sobre as suas, tentando acalmar seus movimentos só por um pequeno instante pra gente meio que conversar.

— *Sei*... — resmunga, abafado.

— Então me chame disso também, assim como as outras pessoas.

Ele grunhe.

— Não gosto de fazer nada como as outras pessoas.

Não consigo não rir dele e do seu complexo de “tenho que ser único sempre”.

— Mas eu sempre quis te escutar me chamando assim...

— Esse dia não vai ser hoje — sua mão segue o curso para o sul com a minha na cola —, mas eu tento em outra ocasião, em outro dia... se você quiser.

— Eu quero — confesso, sentindo meu peito arder em satisfação.

Com um empurrão calmo, começamos a andar em direção ao corredor. Nossos passos são largos, cheios de tropeções pelo caminho, mãos por todo canto, sorrisos e beijos. A respiração quente de Mattew volta a bater em meu pescoço quando paramos em frente a porta do seu quarto.

Ele nos guiou até aqui, então....

— A gente vai entrar? — pergunto, franzindo o cenho.

— Vamos ao banheiro primeiro.

Abre a porta e me empurra pra dentro colado em minhas costas.

— Eu tomei banho — digo, em meio a uma risada frouxa. — Você sabe... eu não estou suja...

Mattew ri, batendo a porta atrás da gente e se colocando na minha frente. Ele tira a camisa preta em um movimento rápido e, sinceramente falando, sexy pra caralho. Corro a língua entre os meus lábios, pouco me importando de estar parecendo sedenta ou não.

A verdade é que eu estou e ele já sabe disso.

— Não pensei o contrário, dançarina. — Estende a mão pra mim enquanto chuta os sapatos pra fora dos pés. — Eu só acho que você precisa

relaxar de um jeito... diferente.

Diferente?

Diferente como?

— Tudo bem.

Isso é tudo que eu digo, deixando-o tomar a frente da situação mais uma vez.

Entramos no banheiro da sua suíte e eu arregalo os olhos ao ver algumas velas ao redor da banheira enorme. O lugar cheira tão bem, tão bem, que eu prendo o ar nos meus pulmões por alguns instantes para tentar fixar esse cheiro até mesmo dentro de mim.

— Você fez isso pra gente? Onde comprou essas velas? Elas cheiram tão bem, Mattew...

Ele solta mais uma risada.

Eu o encaro fixamente.

— Sei que você não teve um dia bom com todo lance envolvendo David, então eu pensei que talvez quisesse relaxar um pouco pra esquecer tudo que aconteceu... ou pelo menos tentar.

Suspiro baixinho.

Por um momento, sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Por que ele continua cuidando de mim assim?

A gente não deveria estar fazendo esse tipo de coisa, apesar de termos concordado em levar esse negócio entra a gente de um jeito mais limpo.

Ainda assim, isso é um pouco demais.

Eu me sinto... bem.

Não é ruim, só é...

— Você não gostou? A gente pode ir pra cama e relaxar por lá mesmo.

— Não! — exclamo. — Está tudo bem — pisco rapidamente, tentando afastar aquela espécie estranha de emoção —, está tudo bem, mesmo. Eu gostei. É cheiroso e muito bom. — Inspiro. — Podemos entrar na banheira? — pergunto.

— Devemos — rebate.

Mattew se desfaz da sua calça, ficando apenas de boxer enquanto se aproxima da banheira. Ele liga uma das torneiras, enchendo mais um pouco o lugar em que ficaremos juntos em mais alguns segundos e entrando com calma ali.

Fico de calcinha e sutiã em tempo recorde, me aproximando de Mattew e entrando na banheira com sua ajuda. Sentada entre as suas pernas, sou abraçada pela água morna e pelos seus braços musculosos confortavelmente. Descanso contra o seu peitoral amplo com um sorriso no rosto.

— Me conta como foi no estúdio — pede, depositando incontáveis beijos em meu pescoço.

O carinho que ele me dá é tão bom, que eu acho que poderia morar nesse momento pelo resto da minha vida.

Pigarreio, sentindo um bolo pequeno se formar em minha garganta. Seus dedos ásperos tocam minhas coxas pela primeira vez na noite, pressionando e massageando minhas pernas lentamente. Isso me derrete contra Mattew. Minha cabeça cai sobre o seu ombro e eu respiro profundamente, fechando os olhos pra aproveitar esse momento único entre a gente, e me preparando pra começar a falar.

— Eric me convidou oficialmente para nos apresentarmos juntos no dia da inauguração do novo estúdio. — Sua massagem faz coisas comigo. — Fiquei muito feliz com isso, é quase como se um grande sonho meu estivesse se tornando realidade.

— Acredito que sim, dançarina — murmura, rouco, fazendo um grande arrepio subir por minha espinha. — Também fico muito feliz em saber que você ‘tá conseguindo realizar seus sonhos aos poucos.

Resmungo, quase gemendo pelo jeito que seus dedos afundam em minha pele.

— *Eu só...* — Suspiro, perdendo as palavras por um segundo. — Eu só não consegui pegar quase nada da coreografia... e isso me deixa nervosa,

pra ser totalmente honesta.

— Mas não foi hoje que ele te convidou? — ronrono em concordância. — *Então*...

— Eu sei, eu sei... — Lambo os meus lábios. — Sei que parece ser um grande exagero, até eu acho que é. A gente ainda tem tempo de ensaiar umas boas dezenas de vezes, mas a questão é que eu odeio me sentir assim, Mattew. Odeio essa frustração, porque ela me consome e me coloca em um lugar onde só existem dúvidas.

— Você não tem que duvidar de si mesma. Nunca, Madison. E... sim, eu sei que falar isso é meio vago, mas...

— E se eu não for bem? — o interrompo. — E se, na verdade, nem pra isso eu tiver nascido?

Ele grunhe, soando irritado.

Mattew beija meu ombro e esfrega a ponta do nariz ali.

— Acho que você está sobrecarregada com tudo que aconteceu hoje — sentencia, soando mais sério do que nunca. — Tenho quase certeza de que você não conseguiu pegar quase nada por preocupação. Eu te conheço bem, Madison Johnson. — Talvez ele conheça mesmo. — Isso vai passar, dançarina. Não fique pensando besteira sobre si mesma, eu sei que você vai dar o seu melhor nessa apresentação e vai ser tudo perfeito.

Mas será que eu...

— *Mas...*

— Você nasceu pra isso, Madison. É o que você ama fazer, é o que você tem que fazer. — Suas mãos deixam as minhas pernas, segurando minha cintura de cada lado com uma delicadeza meio incomum pra ele. Mattew me gira com facilidade, me fazendo montar em sua perna. Quando abro os olhos, ele está com o rosto a centímetros do meu. — Não existe nada igual a energia que você emite quando começa a falar sobre dança. É o que você nasceu pra fazer, dançarina... e eu espero que um dia você dance pra mim.

Sorrio, mole.

— Você acha mesmo isso?

— Sim — diz, sem nem pensar duas vezes. — E quando você tiver seus filhos, tenho certeza de que vai inspirá-los com essa sua paixão pela arte. Qualquer pessoa se inspiraria vendo alguém tão apaixonada por algo quando você é pelo que faz.

Meus filhos?

Meus? Só meus?

Ele quer dizer que... que...

— Tudo bem — sussurro, balançando a minha cabeça pra tentar afastar aqueles pensamentos dali. Minha voz se sustenta em uma corda bamba. É tudo um pouco demais pra mim, tanto sua colocação, quanto seus

pensamentos sobre mim. — Obrigada por isso, Mattew. De verdade. Você realmente sabe o que dizer.

Suas mãos descem da minha cintura pra minha bunda.

— De nada — retruca, simples. Tento me afastar dele, só um pouco, mas o moreno não me deixa ir longe. — Agora que a gente já teve a conversa mais urgente do momento, me diz: pra onde você acha que ‘tá indo?

— Pro outro lado da banheira? — arrisco.

Ele arqueia uma das sobrancelhas pra mim.

— Assim, dançarina? Sem querer mais nada de mim?

— O que mais eu poderia querer?

Ele fica em silêncio por uns cinco longos segundos.

Seu olhar é meio ofendido.

Bom, talvez eu também esteja ofendida... pelo lance dos filhos... e, sei lá.

Mas que merda?

Eu não deveria estar ofendida. Eu sei.

Mattew provavelmente nem quis soar como soou: *como se não quisesse nada sério comigo, como se não visse futuro nenhum ao meu lado, como se não quisesse filhos comigo*. Mas...

— Não quer mais nada mesmo?

Idiota.

É claro que eu quero.

Eu quero tantas coisas, mas eu me deixo dizer apenas:

— Só você, mas isso você não quer me dar.

Ele ri baixinho, parecendo mais tranquilo.

— Você já me tem, dançarina — sentencia. — É sério que ainda não percebeu isso?

Nós estamos praticamente sussurrando um contra o outro.

Somos apenas Mattew, eu, as velas e a banheira.

Ah, e claro: o desejo que nunca passa.

Ele leva a mão esquerda até o ponto entre as minhas pernas. Olho no olho e tão próximos assim, fica difícil até de respirar. Forço meu corpo um pouco mais pra cima, saindo de cima da sua perna e lhe dando acesso total pro que desejar fazer comigo.

Ele empurra a minha calcinha fina para o lado e desliza um dedo pra dentro da minha boceta sem mais delongas.

— *Mattew.* — Finco as unhas em seus ombros, sentindo meu corpo retesar e todos os meus músculos repuxarem, ardendo por debaixo da minha carne. — *Você não pode fazer assim...* — murmuro, sentindo-o mexer dentro de mim nunca provocação que faz as minhas pernas tremerem.

Já não bastava o pau ser grande, os dedos também tinham que ser.

— Não? E quem disse que eu não posso se você gosta exatamente desse jeito?

Sorrio, nervosa.

Minhas pálpebras pesam e todo resto também, principalmente quando Mattew adiciona mais um dedo àquela brincadeira. Encosto a testa na sua, abraçando-o pelo pescoço e selando nossos lábios num gesto muito simples.

— Você não tem pena de mim.

— *Ah, Madison*... pra cima de mim, dançarina? — A parte entre o seu pulso e a palma da sua mão esfrega meu clitóris num atrito que quase me tira um grito, mas o gemido é garantido e a mordida no lábio inferior de Mattew também. — Se pudesse olhar pra si mesma nesse momento, veria como você não precisa de pena nenhuma, principalmente de mim. — Pausa. — Você gosta, Madison... é por isso que você ‘tá melando meus dedos mesmo debaixo de toda essa água.

Merda.

Mas que merda!

Ele retira os dedos e os estoca juntos dessa vez, esfregando novamente meu clitóris.

Mattew é tão habilidoso em tudo que faz relacionado a sexo que me dá raiva.

— *Você é podre* — atiro, sentindo meu corpo fervilhar por inteiro.

Meu baixo-ventre afunda quando sinto os seus dedos arrastarem pelas paredes da minha intimidade. Engulo a saliva tão secamente que a minha garganta dói, enquanto luto pra não fechar os olhos, pra não perder um brilho sequer dos orbes azuis mais lindos que eu já vi em toda a minha vida.

— Você é linda. — Sorri de lado. — E, agora que está aqui, com meus dedos socados na sua boceta, eu lembrei que a nossa conversa ainda não acabou...

— *Não?* — Franzo o cenho, totalmente confusa e desesperada.

Eu não vou conseguir ter uma conversa séria agora.

Tudo que eu consigo pensar é no quanto quero que Mattew me coma aqui, na sua banheira, e depois na sua cama, e então em qualquer outro canto que ele desejar dentro da sua cobertura gigantesca.

— Não, Madison...

Sua língua corre pelo meu lábio inferior, provocando-me de uma forma que eu o imagino me lambendo lá embaixo. É tão real que eu me remexo, subindo e descendo o quadril em seus dedos em busca de mais atrito. Um gemido doloroso e rouco escapa de mim quando ele me força a parar.

Em partes, isso é meio vergonhoso. Estar tão rendida parece meio vergonhoso pra mim, mas nada consegue se sobrepor ao jeito bom que Mattew faz eu me sentir. Nada supera a forma como ele me faz querer

mais... e depois que eu já tenho quase tudo, ele me faz querer mais um pouco.

— Não, você não vai cavalgar os meus dedos, *amor*... fica quietinha... — comanda, direto e simples.

Puta que pariu.

O seu olhar é quase capaz de me matar..., só que de tesão.

Ah, eu não vou cavalgar seus dedos?

Não?

Eu vou cavalgar a sua boca, Mattew.

Espere e verá.

— Você me pede pra ficar quietinha... mas... olha o que ‘tá fazendo comigo... — reclamo. — Você sabe muito bem o que faz comigo, então não me peça pra ficar quieta.

Seus olhos brilham dez vezes mais.

— O quão longas essas garras podem ficar? — questiona, retirando os dedos de dentro de mim e me empurrando para trás.

— O suficiente pra te machucar, *senhor Thompson*.

A ironia quase escorre pelos cantos da minha boca, junto com a frustração que é ter sido praticamente abandonada com a minha boceta pulsando e queimando.

— Senta aqui — bate na única parte da beirada da banheira que não tem nenhuma vela —, *agora*.

Eu o obedeço só porque estou precisando.

— Você vai me pagar — ameaço baixinho e ele ri, voltando pra sua postura inflexível num piscar de olhos.

Mattew tira a minha calcinha e joga pra longe antes que eu possa me sentar, mas, assim que o faço, ele abre as minhas pernas sem nem “avisar” e começa uma trilha de beijos sinuosa pela parte de dentro das minhas coxas.

Seus beijos se transformam em lambidas, mordidas, chupadas...

Por um instante eu penso em pará-lo, porque essas marcas vão ficar muito à vista quando eu for treinar, mas é só ele chegar ao ponto que me interessa que eu sequer sou capaz de me mover outra vez pelos próximos dez segundos.

Sua língua se infiltra entre os meus grandes lábios, correndo de baixo pra cima até alcançar o meu clitóris.

Minha cabeça tomba pra trás num movimento natural e impensado, enquanto meus dedos agarram seus fios grossos de cabelos. Mattew abre mais as minhas pernas, puxando-as para apoiá-las em seus ombros largos e simplesmente me comendo. É, não tem outra palavra pra explicar o que ele está fazendo comigo nesse exato momento a não ser *comer*.

Puxo seu cabelo e ele rosna, puxando entre os lábios e chupando meu clitóris de um jeito dolorosamente bom.

Minhas pernas tremem quando ele se afasta um pouco.

— Quero te fazer um convite — murmura, soprando frio sobre a minha pele quente.

Tento me endireitar o mais rápido possível para encará-lo. Quando eu o acho, sua boca já está retornando mais uma vez para o meu meio.

Franzo o cenho, confusa e atordoada, mas não consigo sustentar nada daquilo porque, no instante seguinte, Mattew desliza a língua retesada por minha entrada, empurrando pra dentro o quanto pode.

— *Porra!* — exclamo, apertando as minhas pernas ao redor da sua cabeça e subindo os meus quadris. Quase perco todo meu equilíbrio, e eu acho que ele percebe isso, já que leva as mãos grandes até a base da minha coluna pra me segurar. — O que tem de tão *imp*... importante pra você querer me... me convidar agora, no meio disso?

Ele não responde de imediato, só continua, saindo e entrando, me chupando e fodendo como fez poucas vezes antes. Sua língua bombeia lentamente, sendo tão, tão devagar que o meu prazer quase chega a doer diante daquela espécie de tortura deliciosa.

— Estive pensando... — começa, sua voz tão lenta e arrastada quanto os seus movimento. O jeito que Mattew... que ele... *Ah!*, mas que porra... —

Agora que estamos mais tranquilos e concordamos em levarmos as coisas do nosso jeito, gostaria de saber se você... — Outra pausa. Sua boca me beija... lá... a língua corre por mim, me provando mais uma vez e me matando vagarosamente. — Você quer sair comigo, Madison?

Hã?

O que foi que ele disse?

Eu estou... sonhando?

Sair?

Digo...

Ele quer sair *comigo*?

Tipo um... encontro?

Tento empurrar o meu quadril em direção a sua boca quando ele volta a encostá-la na minha pele fumegante e sensível, querendo mais rápido, querendo que ele me... me...

Mas que merda é essa que eu não consigo sequer completar meus pensamentos?

— É... um encontro, Matt? — questiono, me esforçando muito para encontrar os seus olhos azuis. O amontoado de cabelos emaranhados em meus dedos e os olhos brilhantes me deixam ainda mais sem fôlego. A forma como esse homem simplesmente me olha, me deixa fora de mim. — Você ‘tá... *ah!* — Mordo meu lábio, gemendo quando Mattew chupa meu

clitóris, sorrindo contra mim sem parar a tortura... ou o presente. — Você ‘tá f-falando sério? — Isso é o máximo que consigo falar sem me envergonhar ainda mais.

Como eu poderia aguentar algo assim sem reagir?

As velas, o cheiro, o toque, a penumbra.

A sua voz, o seu pedido, o seu cuidado, a sua atenção.

É impossível não reagir, é impossível não derreter, é impossível não desejar mais e mais quando ele simplesmente está disposto a me dar tudo.

— É — murmura. É tão baixo, que quase não consigo ouvir. — É isso e o que mais você quiser chamar, dançarina. Apenas diga que sim e saia comigo. Amanhã.

De lábios colado em cima do pequeno nervo sensível, sua língua balança de um lado para o outro, mole e suave. Uma de duas mãos deixa o apoio em minhas costas e antes que eu consiga raciocinar direito ele já está deslizando dois dedos pra dentro de mim, estocando com tanta força que o meu corpo sacode.

Amanhã?

Mas, já?

— *Tão rápido?* — sussurro, tentando ter o mínimo de controle sobre a minha voz que já soa só como um sopro. Solto uma risada baixinha, me esforçando pra pensar em como ele parece apressado com as coisas entre a

gente, mas aparentemente Mattew não gosta disso, porque ele começa a ir mais rápido e mais forte em resposta. — *Ah, merda. Assim, por favor...* — choramingo, fincando minhas unhas nos músculos duros de suas coxas. — *Por favor, não para, não para... por favor...*

Ele chegou no lugar certo.

Totalmente certo.

— Me dê uma resposta então, dançarina — comanda, deixando os dedos perderem quase toda velocidade. — Se me der uma resposta, eu vou continuar te fodendo até você gozar nos meus dedos, e, depois, quando essa boceta apertadinha estiver gotejando pra mim, eu vou te fazer gozar de novo, mas, dessa vez, ao redor do meu pau, choramingando do jeito que só você consegue fazer e pedindo por mais. — Ele ri. Malvado. Perverso comigo. — Não era isso que você queria desde cedo, senhorita Johnson?

Porra, era sim.

Era exatamente isso que eu queria.

Por que ele não me dá logo?

— *S-Sim* — gaguejo. — *Sim para ambos. Eu quero desde cedo, e eu também quero um encontro com você... pode ser até mesmo agora, Matt... porra...* — praguejo, sem controle de mais nada.

Só consigo focar no quão bem ele faz eu me sentir.

— Agora, dançarina? — zomba. — O único encontro que teremos agora, nesse exato momento, é com a minha cama. — Ele para tudo e se endireita, ficando de pé e me puxando pra cima no próprio colo. — *Você* — continua, a boca colada na minha enquanto se move —, *de quatro nela e me pedindo pra ir... pra ir o quê mesmo?*

Maldito idiota.

— *Mais r-rápido...*

— Isso — sentencia, simples.

Mattew entra no seu quarto e em segundos me joga na sua cama. Eu solto uma risada, o encarando pela pequena fresta em meus olhos que ainda consigo manter abertas. Tiro o meu sutiã com pressa, e no próximo piscar de olhos, ele segura meus tornozelos e me puxa pra beirada da cama.

O moreno encosta a testa na minha e nós não desviamos os olhares, apesar da dificuldade. Sequer piscamos, pra ser sincera. Não consigo e nem quero perder um movimento dele.

— Fica de quatro pra mim, dançarina.

Sim, eu obedeço no mesmo instante com a sua ajuda.

Afundo parte do meu corpo no colchão confortável, molhando os lençóis macios, mas pouco me importando com a bagunça que nós nos tornamos em poucos minutos.

O toque de Mattew sobe pela parte de trás das minhas coxas, enquanto eu me fixo na posição desejada. De quatro. Joelhos fundos em sua cama, pernas levemente abertas, bunda empinada e não muito paciente.

Arrepios sobem conforme seus dedos avançam.

Então, sua boca está novamente em mim. Com as mãos cheias da minha carne, Mattew aperta minha bunda com tanta força que eu ofego antes da minha respiração simplesmente sumir. Espremo os meus olhos com força, engasgando-me na saliva que se forma na minha boca ao sentir sua língua correr pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo...

Tento alcançar seus cabelos, mesmo numa posição nada favorável, mas acabo com as minhas mãos presas nas costas.

— *O que você quer de mim, amor?*

Caralho.

Nossa, mas que caralho da porra.

— Por que ‘tá me chamando disso? — reclamo.

Eu aceito os outros nomes, eu aceito as outras provocações, mas essa... eu não gosto de ouvir isso porque eu fico totalmente rendida, e eu não quero me render. Não ainda. Não quando tudo ainda está incerto mesmo com o mínimo de certeza.

Mattew não responde.

Não com palavras.

Suas ações, por outro lado, também não me entregam nada concreto.

A próxima coisa que eu sinto é o membro de Mattew deslizando pra dentro de mim. É rápido e certeiro, sem deixar um segundo para que eu me “acomode”. O aperto que ele dá em meus pulsos ainda presos em minhas costas me dá a sensação de que realmente vou ficar toda marcada no dia seguinte.

Isso tudo me excita.

Mattew, o jeito que ele me toca sem restrições, a forma como, tanto ele, quanto eu, gostamos que eu me sinta no dia seguinte. Como ele me fode e me adora, tudo ao mesmo tempo. Como ele me come e depois faz amor comigo. Literalmente amor. E, então, volta a socar forte dentro de mim pra me arruinar mais uma vez.

Seus quadris batem com firmeza na minha carne.

Dói, mas é uma dor excitante.

O cheiro das velas do banheiro está impregnado nas minhas narinas, impregnado no meu corpo e no corpo de Mattew ainda úmidos.

Ele escorrega pra dentro com tanta facilidade, empurrando cada pedacinho do seu pau pra dentro do abrigo quente e encharcado que fumega no meu interior. O meu orgasmos está por um fio, por uma palavra ou por mais uma atitude. Eu ainda não sei o que vai vir, mas Mattew...

— Por mais que eu ame chupar a tua boceta, Madison, não existe nada como te foder com o meu pau e te mostrar a quem você pertence.

A quem eu pertenço.

Eu. E ele.

Nós.

Sua investida alcança o meu ponto mais sensível numa estocada dura e ele acerta a minha bunda com um tapa seco que lateja mais do que o normal por conta da água ainda presente em minha pele. Mattew enfia os dedos ali na polpa, me fazendo empinar mais e revirar os olhos, totalmente à deriva.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo nem... nem...

— *Eu vou*... — Tento falar, mas não consigo finalizar.

Mas eu vou mesmo, ele sabe o que eu quero dizer.

— *Goza pra mim, meu amor*.

Meu corpo inteiro treme com as suas palavras e mais um solavanco seu — *mas não é só por isso*. Os espasmos do meu orgasmo chegam numa velocidade tão rápida que os gritos que escapam da minha boca são incontroláveis. Minha garganta arde, enquanto eu choramingo, tentando me soltar de Mattew por alguns instantes, mas ele não permite.

Seu gemido vem de volta pra mim quase num rosnado, deixando tudo mais quente no meu interior. Ele também gozou..., *gozou comigo*. Nosso momento se alonga por uma eternidade de segundos, e eu só consigo respirar quando Mattew finalmente solta o meu pulso e as minhas pernas falham, me fazendo afundar totalmente sobre o colchão.

O moreno me vira pra cima, deitando o corpo sobre o meu e juntando nossas testas. Abro os olhos para fitá-lo, achando os seus orbes claros já vidrados em mim. Sorrimos juntos, caindo na risada por alguns segundos antes de eu lhe abraçar pelo pescoço.

— A gente precisa parar com isso... — murmuro as palavras numa espécie de provocação.

— Não precisamos não — retruca no mesmo tom, só que um pouco manhoso e nada parecido com o Mattew Thompson que eu conheço. — Não quero parar com nada relacionado a você, Madison. Nunca.

— Nunca é muito tempo pra lidar comigo — pontuo, mergulhando totalmente no azul dos seus olhos.

— Nunca ainda é tão pouco pra mim, Madison.

— Nós estamos perdidos, não estamos?

Ele sorri. Lindo, absolutamente lindo.

Meu coração palpita tão forte com o seu sorriso de entendimento que eu sinto que vou explodir a qualquer minuto.

Eu não posso admitir isso, eu não posso admitir isso...

— Nós estamos perdidos, dançarina.

19

“Mas como eu posso escapar de você
se você está na minha cabeça?”

WRITING’S ON THE WALL — *Sam Smith*

MATTEW THOMPSON

Me sentir em paz é meio estranho.

Eu realmente não sei como lidar com isso, e arrisco até mesmo a dizer que eu gosto do caos. Afinal de contas, talvez tenha sido por isso que eu me tornei um advogado. Mas, olhar pra mulher sentada atrás de sua mesa do outro lado da parede de vidro que nos separa me faz sentir exatamente isso: *em paz*.

Não sei se posso me acostumar com isso, a estarmos tão bem um com o outro o tempo todo, mas eu não me recusaria a tal feito.

Ela me dá paz.

Ela me deixa feliz.

É por isso que, por mais que eu não quisesse apressar o que quer que seja que está acontecendo entre a gente, eu também não conseguiria esperar muito tempo pra lhe chamar para um encontro oficial.

Porra, é pedir demais ter essa mulher do meu lado todos os dias com o mesmo semblante sorridente e tranquilo pra me acalmar do caos do escritório?

Eu mesmo respondo isso: *não, não é*.

O único problema do meu dia até agora é que eu ainda não sei pra onde vou levar Madison, e é por isso que eu lhe disse que só avisaria que tipo de roupa ela deve usar para a nossa noite quando fosse pro estúdio.

O pensamento de incerteza vai desfazendo a minha paz em segundos.

Volto meu olhar para ela de novo, tentando respirar fundo e me controlar, mas as coisas começam é a piorar.

A morena fica de pé, olhando o visor do celular e abrindo um sorriso bonito e enorme.

Pra quem ela está sorrindo assim?

Arqueio uma das sobrancelhas, mesmo sem a sua atenção, enquanto o meu corpo inteiro reage àquela simples imagem.

Madison começa a caminhar de um lado para o outro com o celular grudado à orelha e entra numa conversa com quem quer que seja que está do outro lado da linha.

O salto que ela está usando deixa as suas pernas torneadas tentadoras. A saia colada que para só quando chega no topo dos seus joelhos também faz um trabalho fenomenal no seu traseiro grande... e gostoso. A visão que tenho quando ela vira de costas pra mim é deliciosa. Sinto meu pau endurecer só com o pensamento da sua bunda gostosa na minha frente, exatamente como ela esteve na noite passada e parte da madrugada.

De quatro, empinada, marcada... *porra*.

Certo.

Eu preciso parar com isso ou vou acabar enlouquecendo de tesão.

Tento distanciar a minha mente de Madison, mas meu olhar continua em cima dela, assistindo cada um dos seus passos até que eu percebo que ela está me encarando de volta. Ergo as minhas mãos, descansando minha cabeça contra elas enquanto giro na cadeira de um lado para o outro.

Madison fala mais um pouco antes de se aproximar da porta, me olhando toda desconfiada.

— É claro, senhora Thompson, eu vou passar pra ele. — Sua voz finalmente se faz presente no ambiente. — Ah, sim! — Ri, toda bonitinha. — Vou convencer Mattew disso assim que as coisas no escritório estiverem mais calmas, eu prometo. — Mais próxima. — É um prazer pra mim também, senhora Thompson. — Ela para na minha frente e finalmente estende o celular na minha direção. — Senhor Thompson, é a sua mãe...

— Senhor Thompson, é?

Ela semicerra o olhar em minha direção.

— A sua mãe está ao telefone — sibila pra mim.

— Eu não poderia ligar menos, senhorita Johnson — sibilo de volta.

Pego o celular da sua mão e levo até a minha orelha.

— A quem devo a honra, mãe? — eu a saúdo assim, ganhando mais um olhar feio de Madison.

— *Isso é jeito de falar com a mulher que te pariu, hein, seu garoto mimado?* — retruca à altura, é claro. Esperar o quê de quem me teve? Tenho que puxar pra alguém não é? — *Mattew Thompson, por que você não vem aqui e não visita a sua irmã? Ela reclamou que não recebe nem mesmo uma mensagem sua.*

Ah, droga.

Eu esqueci disso e de tudo pra ser sincero.

Se eu falar que tudo que consigo pensar é em Madison, vai ser um pouco demais?

Se for, que seja. Pelo menos é a verdade.

Mas eu não vou falar isso com ela me encarando.

— É essa coisa de grávida? Tipo desejo? Porque se for eu nem faço questão de ir visitá-la, já que vai ser um grande prazer ter uma sobrinha com a minha cara.

Posso imaginar a minha revirando os olhos do mesmo jeito que Madison revira parada de braços cruzados na minha frente.

— *Por mais que você seja lindo, meu filho, eu ainda espero os meus próprios netos vindo de você.*

Ótimo.

Que ótimo momento pra falar sobre isso.

— Direto ao assunto, mãe, por favor. Você ligou só pra isso?

— *Santa impaciência, Mattew Thompson.* — Ela bufa. — *Você não tem um minuto pra falar com a sua mãe em paz?* — Fico em silêncio, aguardando que ela continue. — *Liguei porque sinto falta do meu filho mais velho desnaturado.*

— Mãe, eu também sinto sua falta, mas eu tenho um escritório inteiro pra lidar. Coisa de CEO, eu sei que você sabe como funciona, porque além

de ser casada com o papai, também tem seu próprio negócio, não é, senhora farmacêutica de sucesso?

— Não tente me manipular pra pegar leve, Mattew. Não tente usar seu papo convincente de advogado comigo, porque eu te conheço com a palma da minha mão.

E ela conhece mesmo. Infelizmente.

O pensamento mais louco cruza a minha cabeça no mesmo instante em que penso no quanto a minha mãe realmente me conhece.

Presto atenção em Madison, que continua ali, parada, esperando a ligação terminar enquanto parece escutar atentamente cada palavra que sai da minha boca.

— Você pode me dar um momento? — peço para a morena. Ela franze o cenho por um instante, já que não existe privacidade entre nós dois a respeito da minha vida pessoal. Ela sabe de tudo que acontece comigo e com minha família nesse âmbito. — Não é nada de mais, eu só...

— Tudo bem, senhor Thompson — corta a minha fala. — Pode me chamar quando terminar — sentencia e vira de costas para mim, voltando para a sua sala em passos largos.

O quadril de Madison balança de um lado para o outro, pra lá e pra cá, e eu... eu...

— Filho?

Meus pensamentos são interrompidos por minha mãe.

— Mãe — digo, tentando colocar a minha atenção onde realmente interessa. — Meio que preciso da sua ajuda....

— *Aconteceu alguma coisa? Algo sério? Ai, meu Deus, o sentido de mãe realmente nunca falha, você está vendo? Senti que deveria te ligar, liguei e agora você está aí, precisando da minha ajuda.* — Ela quase não respira. — *Fale, querido. Como eu posso te ajudar?*

Pigarreio, alto.

Como eu... como eu vou falar sobre isso com ela?

— Mãe, calma. Não é assim também, não aconteceu nada sério, relaxa, pelo amor de Deus. — Solto um riso, ansioso. De uma hora pra outra eu fico uma pilha. — Eu só queria conversar com você um momento.

— *Certo...* — resmunga, e eu tenho a imagem nítida dos seus olhos semicerrados em minha direção. — *Sobre o que você quer conversar?* — questiona, curiosa.

— Sobre Madison.

A verdade é que não está em questão perguntar para Dylan sobre encontros. Ele é muito, muito pior do que eu. Essa é uma das razões pelas quais Sophie e ele continuam no *morde e assopra* de sempre, agora, aparentemente, muito pior do que antes.

Christopher é uma opção, mas eu tenho um pouco de receio de sair traumatizado sobre as suas ideias de encontros. Vai que ele fala alguma merda e a minha cabeça computa como “ah, então você fez isso com a minha irmã?”.

Não, nem fodendo.

Meus outros amigos, nos últimos tempos, não estão tão próximos assim, com exceção de David, mas com ele também não vai rolar.

Como eu vou chegar no cara e pedir para que ele me ajude a achar um lugar legal pra levar a mulher que nós dois gostamos pra sair?

Definitivamente um não para David.

A última pessoa que me resta, e que talvez seja a mais sensata entre todas, é a minha mãe, embora seja um passo maior do que a minha perna contar para ela sobre Madison e eu. Mas, quer saber? Que seja. Eu preciso de alguém que me fale algo útil ou que pelo menos ilumine os meus pensamentos.

— *Oh!* — exclama, caindo no silêncio por longos segundos. — *Sobre Madison? A que nós todos conhecemos ou outra Madison?*

Quase reviro os olhos com a sua tentativa nada discreta de se aproximar com calma.

— É meio óbvio que é sobre a que todos nós conhecemos, mãe.

Mais silêncio.

— *Tudo bem* — concorda. — *O que vamos falar sobre ela?*

— Não vamos falar sobre ela, especificamente. Eu só queria a sua ajuda para... — Pigarreio. De novo. Não envergonhado, mas totalmente sem jeito. — Você conhece algum bom lugar para levar alguém em um encontro aqui em D.C.?

— *Um... encontro?* — Sei que a minha mãe tenta conter a sua animação, mas sua voz de tom duas vezes mais alto a entrega totalmente. — *Você e Madison, em um encontro? É isso que você está tentando me dizer?*

— É, mãe. — Reviro os olhos, pela primeira vez na vida sentindo uma queimação se arrastar dolorosamente do meu pescoço para as minhas bochechas. Pelo menos a minha barba serve para alguma coisa, senão seria vergonhoso ficar vermelho como um maldito adolescente virgem. — Nós vamos sair hoje à noite para um encontro, mas eu não tenho jeito pra essas coisas, fora que Madison é muito simples para eu simplesmente levá-la até um restaurante chique que não vai ser nada interessante para nós dois.

— *Oh, meu Deus...* — sussurra. — *Ok, ok.* — Suspira. — *Você a conhece melhor do que ninguém, filho. Afinal, vocês vivem juntos. Então, o ideal seria pensar em algo que ela goste muito.* — A primeira coisa que vem à minha cabeça é a sua família, depois, a sua dança. — *O que me diz?*

— Família e dança.

— *Acho que é meio impossível vocês irem ver a família dela tão em cima da hora, não é?* — Resmungo em concordância. — *Vocês poderiam ir a...*

Merda.

Eu tive uma ideia.

— Ok, ok, mãe! — exclamo, subitamente animado. Um sorriso se abre em minha boca, automaticamente. — Eu tive uma ideia. Não, não, eu tive a ideia perfeita... é claro que conta um pouco com a sorte e com o destino, mas eu acho que vai ser perfeito de qualquer forma, mesmo sem sorte e sem destino — falo, frenético, buscando Madison com o meu olhar e achando-a de pé, encostada em sua mesa, de braços cruzados e olhos afiados em minha direção. Ela arqueia uma das sobrancelhas, examinando cada um dos meus movimentos. — Você pode, por favor, falar com aquela sua amiga da floricultura e encomendar algumas rosas brancas e vermelhas para mim?

— *Pra você dar à Madison?*

— E pra quem mais seria, mãe? — brinco, ainda sustentando o olhar da morena do outro lado.

— *Está acontecendo algo que eu precise saber?*

— Precisar, precisar, você não precisa. — Desvio nossos olhares. — Mas, caso algo a mais aconteça, e você sabe do que eu estou falando,

contarei a todos imediatamente.

— *Se você está falando assim, é porque algo está acontecendo, e eu mal posso esperar para viver esse dia novamente* — comenta com um ânimo de dar inveja.

— Ok, mãe. Preciso ir agora. Por favor, não esquece das rosas. Vou estar esperando pela entrega aqui no escritório no final do dia.

— *É claro que eu não vou esquecer, Mattew Thompson! Meu filho mais velho está finalmente desencalhando. Como eu poderia esquecer de algo que vai te ajudar a conquistar a mulher dos seus sonhos?*

— Tchau, mãe.

Desligo a chamada, pensando por um instante naquilo.

Mulher dos meus sonhos?

Madison é a mulher dos meus sonhos?

O que merd...

— Você terminou? — Sua voz me puxa de volta antes que eu vá longe demais.

Viro, fico de pé e caminho em sua direção.

Olhando-a tão de perto, posso até me ver gostando dessa ideia.

Madison Johnson poderia facilmente ser a mulher dos meus sonhos.

Quando eu imagino a mulher ideal, a mulher perfeita, ainda que isso não exista, só me vem ela à mente.

— Sim, senhorita Johnson — estendo seu celular de volta —, obrigado pela privacidade.

Ela sorri, mas o sorriso não alcança os seus olhos.

— Era algo sério? Eu posso te ajudar em alguma coisa?

— Não, e não se preocupe com isso. Já está tudo resolvido. Minha mãe me auxiliou no que eu precisava e, como eu disse, está feito. — Madison acena positivamente, se preparando para voltar para sua sala. Seguro seu braço, não a deixando escapar tão fácil. — Você está bem?

Os olhos castanhos expressivos que eu tanto *am*... que eu tanto adoro, brilham.

— Sim, senhor Thompson. Está tudo bem comigo.

Dou um passo em sua direção, soltando seu braço e parando a alguns centímetros de distância. Eu diria que é só um sopro que está nos separando nesse momento, e eu mesmo estou tentado a soprar e acabar com a distância entre nós.

— Tudo certo pra mais tarde?

Madison finalmente sorri.

É pequeno, mas mostra que ela gosta do que eu estou falando.

— Isso é sobre o encontro? — indaga.

— E sobre o que mais seria, minha dançarina?

Seu sorriso cresce.

— Está tudo certo — concorda. — Vou te esperar na saída do estúdio.

Ótimo.

— Perfeito, então.

Toco o seu queixo, puxando seu rosto em direção ao meu.

— Preciso usar coisas chiques ou...?

— Nada chique. — Esbarro nossas bocas, engolindo a vontade de tomá-la aqui e agora. — Você pode se vestir como bem desejar. É um encontro fora do trabalho, Madison Johnson. Fora do trabalho e sem contrato no meio.

Isso é totalmente diferente.

Mas eu gosto.

O jeito que estamos caminhando agora é confortável pra caralho pra mim.

— Certo... — murmura, puxando meu lábio inferior entre os dentes. Seguro a sua nuca com uma das mãos e cintura com a outra. — Me dá uma pista sobre o lugar que vamos?

Ela solta o meu lábio e eu deposito um beijo no seu.

— Sem pistas, senhorita Johnson. Surpresa é surpresa.

— Você está falando isso de surpresa agora — reclama, emburrada.

— Antes tarde do que nunca, não acha?

Madison não responde, ela fica na ponta do salto e me beija.

Sua língua empurra entre os meus lábios, me fazendo grunhir automaticamente com o gosto de baunilha e morango perturbador em sua boca. Não sei que chave vira na minha cabeça sempre que eu provo do beijo de Madison, mas algo realmente vira e liga. Encho meus dedos com um punhado de fios do seu cabelo, inclinando a sua cabeça conforme desejo pra saquear a sua boca totalmente faminto.

Chupo a sua língua, escutando seu gemido sôfrego enquanto nossas respirações já irregulares se misturam. Madison mordisca meu lábio inferior mais uma vez e eu me afasto antes de perder completamente o controle das coisas.

A impressão que tenho é que se eu não parar agora, eu não vou parar nunca mais.

— Vá pra sua sala antes que eu desista de trabalhar e até mesmo adie nosso encontro pra outro dia — murmuro, soltando seu cabelo e afrouxando o aperto em sua cintura.

Madison ri e nós abrimos os olhos no mesmo instante.

— Só vou porque eu quero o encontro.

— Mais do que quer transar comigo?

Ela dá um passo pra trás e se vira, começando a andar naquele mesmo maldito rebolado de sempre até a porta.

A distância começa a me irritar.

— Quem disse que a gente não pode fazer isso depois do encontro?

Porra.

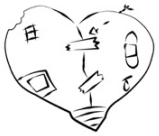
— Ei — chamo e ela acalma os passos pra me encarar sobre o ombro. — Você vai ser a minha morte, dançarina.

— Espero que a sua morte seja tão intensa quanto a minha salvação.

Fico sozinho em menos de dez segundos.

Eu sou isso pra você, Madison?

A sua salvação?



Batuco os meus dedos copiosamente no volante do carro, checando a minha aparência rapidamente uma última vez no retrovisor antes de entrar na rua do estúdio de dança de Madison. Não que algum dia eu tenha sido inseguro com a minha aparência, porque eu sou, bem modestamente, um daqueles casos de garotos que nunca tiveram uma fase feia. Mas cá estou eu, depois de tanto tempo com apenas casos de uma noite só, fodas completamente casuais, me preocupando se estou parecendo ou não para um encontro.

Acho que Madison tirou a minha alma do lugar e colocou a de alguma outra pessoa completamente estranha, porque eu não consigo me reconhecer nem um pouquinho.

Entrando na rua, sigo até estacionar o carro em frente ao prédio já conhecido e puxo o ar para os meu pulmões, como se esse simples ato fosse capaz de me dar coragem.

Saio do carro apressadamente, abrindo a porta do lado do passageiro pra pegar o buquê de rosas que pedi para a minha mãe arranjar para mim. Bato a porta e checo o relógio em meu pulso, notando que não estou nem atrasado e nem adiantado.

Cheguei rigorosamente em cima do horário marcado.

De buquê em mãos e me sentindo um completo estranho, espero por Madison Johnson na saída do estúdio de dança como tenho feito nos últimos dias: paciente, mas ansiosamente, encostado em meu carro.

Então eu espero, espero e espero.

Em cinco minutos, tenho a primeira visão dela e é absolutamente a visão mais perfeita que já tive em toda minha visa. E, pensar isso me faz pensar também que se só isso me faz pensar que Madison é perfeita, eu acho que tenho péssimas notícias para dar a mim mesmo em breve.

Ela está usando uma calça de lavagem escura, camiseta preta sem estampa e tênis branco. É tão, tão normal, que eu não sei por que diabos na

minha cabeça isso parece tão perfeito.

Numa visão geral, nós dois estamos parecidos.

Também estou de jeans escuro, camiseta preta e tênis branco. A única ressalva é para a jaqueta de couro que eu resolvi arriscar colocar pra caso ela sinta frio durante o nosso encontro.

Eu estou perdido pra caralho.

Desde quando eu sou a porra de um cavalheiro?

Desde nunca, *até Madison aparecer*...

A morena finalmente ergue o rosto e me encara.

Ela parece ainda mais bonita assim. Acho que tem alguma maquiagem em seu rosto só por causa do batom cor de rosa que preenche os lábios cheios, mas, se não fosse por isso, diria que não tem mais nada em seu rosto. A pele parece perfeita como sempre, até quando ela não está usando maquiagem nenhuma e acabou de acordar. Seus olhos castanhos brilham mesmo que já seja noite e as bochechas estão avermelhadas como de costume.

Seu olhar encaixa no meu, mas não demora mais do que cinco segundos para descer até o arranjo em minhas mãos. Um sorriso se abre não só em sua boca, mas em seu rosto inteiro, enquanto eu juro para mim mesmo que não tem coisa que eu mais goste na vida do que ver Madison literalmente brilhar na minha frente.

Desencosto do veículo, endireitando a minha postura e caminhando em sua direção ao perceber seus passos cada vez mais lentos.

— Boa noite, Maddie — eu a saúdo, surpreendendo até a mim mesmo quando o apelido simplesmente... escapa. Sai. Naturalmente. E totalmente sem queer.

— *M-Maddie?*

Eu...

Ah, que seja, e que seja assim. Exatamente assim.

Não estamos aqui como o senhor Thompson e a senhorita Johnson do escritório.

Não estamos aqui como o Mattew Thompson e a Madison Johnson do contrato.

Estamos aqui como Matt e Maddie, duas pessoas que ainda não sabem o que realmente são um para o outro, mas que estão tentando descobrir.

É justo chamá-la pelo apelido, assim como me pediu ontem.

— É, Maddie — reafirmo minhas palavras. — Boa noite.

A morena fica alguns instantes em silêncio, me olhando com o brilho em seus olhos duplicados. É tão intenso que por um momento penso que ela está prestes a chorar.

— Boa noite, Matt.

Porra, sim.

Que bom que ela captou o meu pensamento.

— Essas são para você. — Estendo o buquê em sua direção e Madison agarra o arranjo bonito nos braços. Ela cheira as rosas, o que é meio bonitinho, e me encara. — E essa provavelmente vai ser a coisa mais chique que vamos ter essa noite.

Surpresa enche o seu rosto, assim como um pouco de incredulidade.

— A mais chique? Vindo de um advogado milionário que mora em uma cobertura no metro quadrado mais caro da capital do país? — Ri. — Como você quer que eu acredite nisso?

Sorrio com ela.

— Vai ter que vir comigo pra ter certeza das minhas palavras.

— Oh, sim, eu vou — zomba. — É exatamente esse o nosso plano, Matt.

Ela fica na ponta dos pés e avança em direção a minha boca.

Com um pensamento simples em minha cabeça, eu desvio, fazendo com que Madison deposite o seu beijo na minha bochecha.

— O que é isso agora?

Engulo o riso.

— Estamos atrasados para o nosso encontro — retruco em um falso tom de reclamação. — Podemos ir?

Ela me encara com um bico, mas concorda.

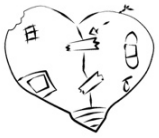
Abro a porta pra Madison, tento ajudá-la a se acomodar.

— Quer que eu coloque o buquê no banco de trás?

Balança a cabeça negativamente tão rápido que eu tomo um susto.

— Não — rebate. — Eu quero ficar com ele aqui. — Vira o rosto pra frente, decidida. — Vamos logo, Matt. Vamos logo para o nosso encontro.

Por que eu não tive acesso a essa Madison antes?



Quanto mais nos aproximamos do local, mais eu me arrependo de ter escolhido algo que talvez seja mais simples do que o aceitável para um "primeiro encontro". Dirigir de dedos entrelaçados com Madison meio que aliviou um pouco da tensão que esteve se construindo dentro de mim nos últimos vinte minutos, mas, era isso, era só um pouco, porque, ainda assim, me sentia uma pilha de nervosismo.

E se Madison pensar que eu não estou levando isso a sério e que nem me preocupei em pensar em algo bom o suficiente?

E se ela pensar que eu simplesmente não tive uma ideia e a trouxe pra qualquer canto da cidade?

E se isso não for bom o bastante pra ela?

Talvez o melhor mesmo fosse levá-la para um restaurante chique, não para uma noite na...

E se não for tarde demais pra dar meia volta e achar um lugar reservado?

E se...

— É o Memorial Lincoln? — Madison pergunta, me dando um susto ao me tirar tão abruptamente das minhas inseguranças persistentes. Ela solta a minha mão, abaixando o vidro do carro e se inclinando pra tentar ver de mais perto. — Meu Deus, essa praça é tão linda... e a piscina espelhada gigantesca... e... e... ainda tem a estátua enorme! — Gesticula, virando de volta pra mim. — Nunca consegui visitar esse lugar, mesmo morando aqui há tanto tempo. Meus pais sempre me dizem pra vir aqui, tirar muitas fotos e mandar pra eles, mas é sempre muito trabalho e quase nada de tempo livre, né? — Suspira. — A gente pode vir um dia?

Dou de ombros.

Acho uma vaga e me apresso para estacionar o carro antes que alguém a roube de mim. Quando viro pra Madison novamente, ela está me olhando com ansiedade praticamente escorrendo pelos cantos dos olhos.

— Vamos? — pergunto, soltando meu cinto de segurança e o seu.

— *Vamos?* — pergunta de volta, confusa. Saio do carro e dou a volta rapidamente, abrindo pra ela e a encarando mais uma vez. — Nós... vamos? Vamos ficar aqui? Na praça? No memorial?

— Não te disse que era algo simples? — rebato, sentindo um aperto no peito.

Eu espero que a sua vontade seja verdadeira, que ela realmente queira visitar o lugar. Se isso for mesmo verdade, posso me considerar um verdadeiro sortudo por minha ideia ter ido de encontro com a sua tão perfeitamente sem que eu sequer soubesse do seu desejo particular.

— Isso aqui é...

Ruim?

Péssimo?

O pior encontro do mundo?

Fico em silêncio, encarando Madison em expectativa por suas próximas palavras.

— Mais do que eu poderia esperar de você, sinceramente.

Ela ri, me fitando de volta com os olhos cheios de uma admiração que eu nem sei se mereço.

— Mais? — Arqueio uma das sobrancelhas. — Quer dizer que você gostou?

— Você ainda tem dúvidas, Matt?

— *Por favor, responda*.

Ela não imagina o tamanho da minha dúvida.

— É perfeito, Matt. — Passa os braços por minha cintura, me puxando pra perto e me abraçando. — Aqui é perfeito, principalmente por estar com você.

Sinto o meu corpo relaxar.

A tensão me deixa, dando espaço para um tipo de satisfação que eu provavelmente nunca senti antes.

— Essa demora quase me matou, sabia disso?

Sua risada me balança junto.

— Desculpa — murmura, esfregando as mãos nas minhas costas.

As pessoas vêm e vão.

Nada importa ao meu redor, só Madison.

— Quer comer alguma coisa?

— Sim, por favor — pede, fazendo uma careta. — O ensaio de hoje foi puxado. Finalmente consegui pegar algumas sequências da coreografia e eu estou literalmente faminta depois de tanto esforço.

Me forço a olhar para os lados, avistando algumas barracas de comida espalhadas pelo ponto turístico.

— Você escolhe o que a gente vai comer e eu pago — sentencio.

Madison concorda, mas não demora em dizer:

— Só porque foi você que me convidou pra esse encontro, mas quando o convite for meu, eu que vou pagar tudinho.

Reviro os olhos, despreocupado.

— Não é como se isso fosse um problema entre nós dois, dançarina.

— Ei! — exclama, se afastando um pouco. — Durante essa noite toda, eu só aceito ser chamada de Maddie — me repreende como se eu fosse uma criança.

— Certo, *Maddie* — zombo. — Agora vamos escolher e andar um pouco por aí.

E assim a nossa noite se inicia.

Madison e eu seguimos até a barraca mais próxima de cachorro-quente e pedimos um pra cada. Pago, assim como estabelecemos que seria, e dividimos um refrigerante durante a nossa primeira sessão de caminhada pela praça gigantesca e movimentada.

Fico torcendo pra que o destino continue ao meu lado e que até o fim da nossa noite as coisas que eu tinha em minha mente continuem se concretizando por pura sorte.

20

“Porque se perdêssemos a cabeça e fôssemos longe demais,
eu sei que ficaríamos bem.
Se você estiver ao meu lado e nós tropeçarmos no escuro,
eu sei que ficaríamos bem.”

THERE’S NOTHING HOLDIN’ ME BACK — *Shawn Mendes*

MATTEW THOMPSON

Ela só pode estar achando que eu sou um idiota.

— Você sabe que eu não sou advogado por sorte ou por que o meu pai pagou pelo meu diploma, não é? Eu consigo ler a verdade em seus olhos escuros de mentirosa, Maddie. Não tente fazer esse movimento pra cima de mim, engraçadinha...

Arqueio uma das sobrancelhas em desafio, passando o sorvete de chocolate para as suas mãos e observando como ela meio que treme e junta os lábios com força, como se estivesse dando tudo de si para segurar uma risada.

Madison Johnson, eu sei que você está mentindo pra mim.

Não, não...

Além disso!

Eu sei que você está tentando me fazer ciúmes e, por mais que eu esteja certo de que as suas palavras são puramente uma provocação mentirosa, eu estou caindo nelas porque, sim, eu tenho ciúmes pra caralho de você. E, foda-se o resto!

— Por que você acha que eu estou mentindo? — Ela lambe o sorvete, me olhando de baixo pra cima com aquele falso ar de inocência. — Não acha que tenho capacidade de chamar atenção das pessoas? Só você, é?

Reviro os olhos.

— Muito pelo contrário — cuspo, olhando ao nosso redor. Admitir isso não é difícil. Eu já falei coisas do tipo várias e várias vezes, Madison sabe. Mas aqui, no meio do nosso primeiro e real encontro, as coisas parecem tão mais... verdadeiras. E verdadeiras ao ponto de me assustarem. — Você chama atenção das pessoas por onde passa, eu não sou cego. E, sim, aposto que chamava atenção no seu tempo de escola, mas você é

certinha demais pra ser uma pegadora... — Eu a fito depois de soltar aquilo e deixar a vergonha de lado. — Se eu pudesse apostar, diria que só ficou com umas cinco pessoas no máximo em toda sua vida.

Madison faz uma careta.

Eu provavelmente estou certo, e mesmo que esse seja um número ridiculamente pequeno, ainda assim me incomodo.

— É, algo do tipo — admite.

Quem foram eles?

Por que isso me deixa tão irritado?

Mas que inferno, viu?

Desvio mais uma vez nossos olhares, respirando fundo pra não perder a cabeça com aquela informação.

Tudo bem não ter sido o primeiro... o que importa é que eu ainda posso ser o último.

Quero dizer... o... o... último?

O último? Do tipo... pra sempre?

— Olha, Matt! — Madison praticamente grita, ficando de pé no susto e agarrando minha mão pra começar a me arrastar com ela.

Música preenche o ambiente do nada.

Sigo seu apontar de dedo e acho o foco da sua atenção, suspirando e segurando o meu sorriso.

Deu certo.

Porra, deu certo mesmo.

Então quer dizer que o destino está do nosso lado?

Era exatamente isso que eu estava esperando, então por que diabos esse pensamento sobre o destino me deixa tão assustado de uma hora pra outra?

Caminhamos até o casal de dançarinos que começa a se apresentar ao som de uma dessas músicas famosas totalmente românticas e melosas. Não, eu não gosto desse estilo musical, mas não é como se eu não estivesse me identificando no momento, e eu digo isso principalmente quando viro e encaro os olhos castanhos de Madison Johnson brilhando como duas estrelas. Ela faz eu me identificar com isso e tantas outras coisas que o desespero meio que bate à minha porta toda vez que caio nesse assunto.

Ao invés de dar atenção ao casal, passo os primeiros segundos observando-a terminar de tomar o sorvete que estávamos compartilhando com os olhos grudados nos dançarinos.

Madison quase não pisca.

Me sinto um idiota, prendendo o sorriso ao escanear cada detalhe do seu rosto lindo.

— Você precisa olhar pra eles — diz sem me dar realmente atenção, mas provavelmente percebendo que eu não dou a mínima pro que está

acontecendo contanto que ela esteja gostando. E ela está gostando, é notável.

— Prefiro a visão que eu estou tendo agora.

Madison sorri e me dá um olhar rápido.

— Pare com isso e os assista — pede. — É falta de educação, Matt.

Reviro os olhos.

Falta de educação o caralho.

Ainda assim, eu a "obedeço", virando a minha atenção para a apresentação.

O casal está usando roupas que, pela forma como eles se movem, nem parece que estão pesando em seus corpos. Eles dançam sorrindo um para o outro de um jeito bonito, quase apaixonado. A química é inegável e, mesmo que eu não saiba muito bem como descrever os movimentos de dança que eles fazem, posso dizer com certeza de que eles são muito bem-feitos.

As pessoas começam a se aproximar mais e, em determinado momento, mais pares se formam, dessa vez dos espectadores.

Madison começa a trocar o peso de uma perna para a outra, parecendo inquieta, então enfia o papel da casquinha no bolso do jeans e limpa as mãos no tecido despreocupadamente. Ela se vira pra mim e sorri, fazendo um arrepio subir por minha espinha pela forma como ela me encara.

— *Vem* — Madison chama, se afastando alguns passos e estendendo a mão esquerda para mim.

Franzo o cenho, confuso e subitamente mais nervoso.

Ela não pode estar querendo isso também, certo?

— O quê? — indago, esperando que o meu pesadelo não se torne realidade.

Eu não sei dançar, Madison.

Eu realmente não sei dançar.

No casamento de Katherine levou tudo de mim pra não pisar no seu pé quando a tomei na pista, e, de qualquer forma, não ficamos ali nem por um minuto.

Mas, agora? No nosso encontro?

Eu literalmente não tenho como fugir, mas ainda não sei dançar.

— Dança comigo — pede, fazendo um bico. Porra. Porra, porra, porra. — Por favor — continua, tentando fazer minha cabeça. — ‘Tá todo mundo dançando, Matt... — argumenta, me dando um pouco de raiva por eu ser tão fraco a seu respeito. — É o nosso encontro, você não pode me negar uma dança. Só uma — completa, cheia de si.

— Eu não danço bem — retruco, sendo mais do que sincero com ela.

Madison sorri, balançando a mão no ar naquela insistência imprudente que pode acabar lhe rendendo belos machucados nos pés.

— *Por favor...*

Que seja, então.

Se ela quer, o que eu posso fazer?

A minha ideia era trazê-la para um encontro simples e contar com a sorte de encontrarmos algum grupo de dançarinos amadores se apresentando pelo local — *o que é bem comum* —, mas parece que o tiro saiu pela culatra.

Que merda, Mattew.

Que merda.

Junto nossas palmas e vou, sem nenhum poder de escolha.

Madison ergue nossas mãos dadas e coloca a outra em meu ombro, enquanto aproximo nossos corpos com um agarre firme em sua cintura. Piso seu pé no primeiro balançar, engolindo em seco por um instante antes de escutar a sua risada.

— Relaxa, Matt... você não precisa ficar nervoso comigo — comenta, o tom é baixo e suave, quase como se não quisesse me assustar.

Por que ela é assim?

Por que ela me faz querer suspirar?

Por que eu não consigo parar de sentir essa coisa que eu sinto por ela?

Na última hora inteira, Madison e eu andamos dezenas de metros pra lá e pra cá, pela grama, pelo cimento, pela beirada da piscina espelhada.

Nós nos sentamos na escadaria do Memorial Lincoln, contemplamos o obelisco de longe e conversamos muito. Observamos as pessoas, suas famílias, crianças, adultos, jovens, velhos... compartilhamos e confidenciamos coisas sobre nós mesmos um para o outro de uma forma que eu nunca tinha feito antes com ninguém.

Ter uma conexão natural com alguém é algo muito, muito raro, mas é isso que, honestamente, eu sinto que aconteceu com a gente, só que eu também sei que isso não vai se sustentar por muito tempo. É por esse motivo que agora, além de termos toda essa conexão natural, esse conforto que achamos um no outro, estamos meio que tentando construir outro tipo de conexão, aquela que você se esforça pra conseguir e manter, e geralmente é a que faz as coisas realmente funcionarem.

Ter tudo isso com a pessoa que faz os meus neurônios explodirem é chegar mais longe do que eu poderia imaginar que chegaríamos.

Ter seus dedos entrelaçados nos meus, ter o seu corpo junto ao meu, ter o seu cheiro completamente misturado ao meu, me dá a sensação mais única de toda minha vida: a de que eu tenho tudo que preciso logo aqui, *nas minhas mãos*.

Ela não me faz sentir só aquela maldita excitação recorrente de todas as horas.

Ela também faz o meu coração acelerar e o meu corpo se acalmar, como se fosse possível, e tudo isso com apenas um mísero olhar — *o mesmo olhar que ela está me dedicando agora junto do sorriso mais lindo do mundo*.

— Você está indo bem — elogia, mas o seu elogio vem cedo demais, porque eu tropeço mais uma vez em seu pé assim que as palavras deixam sua boca. — Talvez eu deva te dar algumas aulas de dança, o que você acha? — questiona, doce como açúcar. — Ter uma dançarina em casa deve servir para alguma coisa...

— Quer fazer de mim o seu primeiro aluno, professora Johnson?

Ri, tremendo um pouquinho.

Vejo as suas bochechas ficarem vermelhas debaixo da boa iluminação.

— Professora Johnson? — retruca e eu concordo, rindo com ela. — Uau, isso me deu arrepios, eu juro — admite.

— Bons ou ruins?

— Ah, meio que depende... *eu acho*... — Dá de ombros. Arqueio uma das sobrancelhas, tentando entendê-la. — Vindo de você é meio engraçado. — Ri um pouco mais. — Imagina só, eu, sendo sua professora e literalmente mandando em você? É como um sonho virando realidade.

É minha vez de rir.

Então ela quer mandar em mim?

Ela quer que eu a obedeça?

Isso é fetiche?

— Por mais controlador que eu seja, talvez eu possa fazer uma exceção pra você por algumas horas, professora Johnson.

— Não, não! — exclama com uma risada contagiosa que me faz continuar rindo com ela. — Me chame só de Maddie, por favor...

— Por quê?

Ela desvia nossos olhares, ainda mais vermelha.

— *Nada*...

Por que ela está com vergonha?

Será que...

Inclino meu corpo mais pra perto, aproximando minha boca da sua orelha.

— *Você pensou obscenidades com o que eu falei, Maddie?*

A morena se engasga.

Ela tosse, tentando se afastar de mim, mas eu a puxo de volta para continuarmos dançando. Agora que eu estou indo bem, não quero parar. E, além disso, a música ainda nem terminou.

— N-Não fale besteira — retruca, aparentemente dando seu máximo pra tentar me repreender. — Eu não pensei nada, idiota... e não fica falando

esse tipo de coisa em público. Se alguém escutar...

— Se alguém escutar o quê? É proibido conversar com a minha n... — *eita, porra* —... nova amiga em público?

Madison revira os olhos.

— Nova amiga é o seu...

— Ei! — a interrompo. — Olha o palavreado, bonitinha. Se alguém escutar...

Meu coração está espancando o meu peito com o meu maldito deslize enquanto eu tento agir naturalmente. A palavra quase saiu, e foi com tanta naturalidade que eu quase me vi sem ter o que fazer pra negar.

As coisas estão tão óbvias entre nós dois que chega a dar vergonha pela falta de atitude de ambos.

— Você fica me provocando, mas depois não aguenta — ameaça, olhando para longe de mim.

— Não fale assim comigo, Maddie. Nós estamos em público e eu não posso ter pensamentos indecentes igual a você, já que... bom, eu não tenho como esconder quando fico exc...

Ela fica na ponta dos pés e me beija, provavelmente pra calar a minha boca.

Sorrio contra os seus lábios, soltando sua mão e abraçando-a pela cintura firmemente. Suas mãos enlaçam meu pescoço de volta e nós nos

balançamos daquela forma, no meio de um selar de bocas que vale mais do que qualquer dinheiro do mundo.

Honestamente, Madison vale tudo.

Todo dinheiro, todo estresse, toda briga.

Todo sorriso, todo conforto, toda esperança.

Escorrego a minha língua entre os lábios cheios, segurando o gemido que quase sobe por minha garganta e ousa sair. O contato das nossas línguas é gostoso e sincronizado. É absolutamente perfeito. A boca de Madison está tomada pelo gosto do sorvete de chocolate que tomamos há alguns minutos, o que a deixa ainda mais irresistível para mim.

Eu *gosto* de chocolate; mas, pelo que me parece, eu *amo* chocolate quando ele está na língua dessa mulher.

Ela corresponde na mesma medida, abrindo os lábios e inclinando a cabeça pra me deixar avançar e aprofundar cada vez mais aquela troca dentro das nossas possibilidades. Quase esqueço do mundo ao nosso redor, porque eu quero tanto tocá-la, eu quero tanto ir além, mas talvez nós precisemos de um pouco mais disso: controle.

Dançamos: os pés e as línguas.

Nos embalamos ao som daquela música romântica superestimada, mas que parece perfeita para nós dois no momento.

Há uma euforia descompensada querendo me rasgar de baixo pra cima. Quanto mais mergulho entre os lábios de Madison, mais eu me perco em mim mesmo, me desconhecendo por quase não conseguir parar aquilo.

Separo as nossas bocas depositando um selinho estado em seu lábio inferior.

Ela ofega contra mim, enquanto espremo os meus olhos e tento pensar nas coisas mais estranhas possíveis.

Eu não posso ter uma ereção em público, eu não sou um adolescente. Eu não posso ter uma ereção em público, eu não sou um adolescente. Eu não posso ter uma ereção em público, eu não sou um adolescente. Eu não posso ter uma ereção em público, eu não sou um adolescente. Eu não posso ter uma ereção em público, eu não sou um adolescente. Eu não posso ter uma...

— Esse foi o melhor beijo da minha vida.

Abro os meus olhos com um pouco de dificuldade, afastando o rosto só o suficiente para a encarar de um ângulo melhor depois daquela confissão.

— O mesmo pra mim — declaro sem nem um pingo de medo.

Madison sorri de bochechas e lábios avermelhados.

— Esse também foi o melhor encontro da minha vida.

— O mesmo pra mim — repito, sorrindo com ela.

Nosso breve silêncio é preenchido por uma nova música.

— Isso é seguro pra gente, Matt? — pergunta, soando séria pela primeira vez em toda noite.

Eu não sei, mas eu espero que seja.

— Nós podemos fazer isso ficar seguro, Maddie — garanto. — Você só precisa confiar em mim, porque eu confio em você... inteiramente.

Ela demora pra responder, mas quando fala de novo, é com aquele mesmo sorriso nos lábios:

— Confio em você desde que nos esbarramos na cozinha da sua irmã, desde aquela noite no clube, desde que você decidiu cuidar de mim e da minha família.

Cuidar dela e da sua família.

Era isso que eu fazia.

Quem eu ainda estava tentando enganar?

— Então isso é seguro, minha dançarina.

Ela me abraça, enfiando o rosto no meu peito enquanto eu deposito um beijo em seus cabelos.

Não existe mais escapatória pra gente, Madison.

Sei exatamente o que eu sinto por você e isso se chama amor, do melhor e pior tipo. Isso significa que eu estou disposto a matar e morrer por

você, dançarina, mas eu não consigo te dizer isso agora sem te assustar ou me sentir hesitante quanto isso.

E se você não estiver sentindo o mesmo que eu?

21

“Mesmo que eu não consiga entender, eu aguento a dor.
Me dê a verdade, eu e meu coração vamos conseguir superar.”

STONE COLD — *Demi Lovato*

MADISON JOHNSON

Já vi Mattew ter muitos dias cheios dentro do escritório.

Honestamente, a maioria deles eram cheios. Realmente cheios. Pilhas e mais pilhas de processos para revisar, outros para fazer do zero. Era tudo... demais. Pelo menos na minha visão.

Mas, hoje, de alguma forma, estava sendo o dia mais caótico de todos os tempos.

Demandas daqui, demandas dali.

Senhora Williams aparecendo na sala de Mattew a todo momento para lhe repassar algo novo, ligações de clientes e dos outros setores, assim como dos outros advogados do escritório. Até eu, que geralmente estou do lado de Mattew para assuntos pessoais e anotação de reuniões, estava completamente jogada naquela pilha de papéis ao seu lado, separando tudo que ele precisava com urgência do que poderia esperar mais um pouco.

Quando mudo de posição, solto um chiado, sentindo minhas costas travadas pela quantidade de tempo que passei daquele jeito.

Olho na direção do moreno atrás da mesa que está nos separando.

Mattew está concentrado pra caramba.

Eu não deveria superavaliá-lo, mas é... irresistível.

Seus olhos azuis estão semicerrados, atentos a cada palavra contida nas folhas em suas mãos. Seus lábios avermelhados estão levemente franzidos nos cantos, como se ele estivesse se esforçando um pouco mais do que o necessário para compreender tudo. O nariz fino também está franzido. Sua postura é tensa como o inferno e tudo me leva a querer ficar de pé e lhe oferecer uma pausa daquele caos todo.

A gente ainda nem almoçou e eu tenho certeza de que já passam das três da tarde.

Fico de pé, cansada, e caminho até ele.

Por Mattew ser grande o suficiente para preencher sua cadeira presidencial perfeitamente, não encontro dificuldade em passar meus braços por seu peitoral, abraçando-o daquele jeito não tão comum e depositando um beijo em seu maxilar travado.

O moreno deixa os papéis na mesa, soltando um longo suspiro.

— Você ainda não cansou? — pergunto, baixinho, esfregando a ponta do meu nariz em sua barba por fazer. Eu o beijo de novo, dessa vez trilhando por um caminho em seu pescoço cheiroso. — A gente precisa comer alguma coisa, advogado Thompson.

Ele ri, fraco.

— Advogado Thompson?

— Advo*gato* Thompson, eu quis dizer. — Vira a cabeça pra me encarar. — Você fica... *hm*... como eu poderia dizer...? Tão, *tãão* lindo trabalhando. — Ele arqueia a sobrancelha. — O que foi? Eu não estou mentindo.

— Desde quando você é tão carinhosa assim, senhorita Johnson?

Torço o canto dos meus lábios, segurando a vontade de revirar os olhos.

— Você pode me chamar pelo apelido quando estivermos sozinhos — reclamo.

— Eu sei, dançarina. Mas eu não quero me distrair agora, e acontece que você é uma distração e tanto. O. Tempo. Todo.

— É mesmo?

Eu o olho, de baixo pra cima, como o gatinho do Shrek faz.

— Não me olha assim — adverte, simples.

Pelo visto Mattew não vai dar o braço a torcer.

— Bom — me afasto aos poucos —, já que o senhor não quer sair do escritório, eu vou pedir o nosso almoço pelo *delivery*.

Ele me segura pelo pulso, girando em sua cadeira e me puxando para o seu colo.

Tudo rápido demais.

Solto um grito, caindo em suas pernas e abrindo a boca pra reclamar, mas acabo sendo silenciada por sua boca.

— Você também fica linda trabalhando — resmunga o elogio de volta, fazendo meu coração aquecer com o seu jeito.

— Desde quando você é tão carinhoso assim, senhor Thompson? — retruco com a mesma provocação que ele fez a mim, tirando um sorriso de entendimento seu e abrindo um sorriso de satisfação em resposta.

A porta se abre de uma vez, não me dando sequer tempo pra reagir quando a figura de Dylan e David, um pouco mais atrás, se materializam na

sala de Mattew, o Thompson do meio entrando de um jeito afobado e ofegante.

Fico de pé, sentindo meu rosto esquentar em vergonha pura e deixo meu olhar vagar por qualquer ponto que não seja os dois.

— A porta existe por um motivo — Mattew reclama, desaprovando completamente a atitude do seu irmão.

— Eu sei, eu sei..., mas, por mais que vocês sejam bonitinhos juntos e por mais que eu queira zoar você nesse exato momento, eu venho com um assunto mil vezes mais importante do que esse lance que estava rolando aqui— fala, depressa.

Eu encaro, um pouco confusa.

— Aconteceu alguma coisa? — indago no lugar de Matt, que já estava retornando sua atenção para os papéis em sua mesa.

— Como dizer isso sem que eu pareça um tio surtado? — Um... um... tio? Olho para Mattew, que para de se mexer totalmente. — Bom, foda-se o controle, né? A mamãe ligou pra avisar que Katherine e Christopher acabaram de dar entrada no hospital. A bolsa da nossa irmã estourou e ela vai aumentar, ainda hoje, a nossa coleção de KitKat’s.

Ah!

Meu Deus.

Primeiro: que fofo.

KitKat, chocolate...

É fofo o jeito que eles tratam Katherine.

Segundo: Puta meda, Katherine vai parir!

Mattew fica de pé num pulo. Ele começa a recolher seus pertences mais importantes de cima da mesma cegamente. Quando parece ter tudo que precisa, nossos olhares finalmente se encontram.

— Você vem com a gente? — pergunta, soando como se nem estivesse pensando direito.

Eu deveria ir?

Quero dizer, é uma coisa de família e eu ainda sou só a sua assistente-secretária.

— Se você quiser...

Encolho os ombros, incerta.

Mattew quer que eu vá?

— Pega suas coisas, Maddie. A gente te espera no elevador — Dylan é quem fala, começando a puxar seu irmão pelo ombro.

Eles saem em passos largos.

Corro até a minha sala e jogo tudo dentro da minha bolsa em tempo recorde. Saio quase trocando os pés, apressada e começando a ficar nervosa pelo grande acontecimento.

Meu Deus, a família dos Thompson vai realmente crescer a partir de hoje.

Katherine está mesmo parindo.

Puta merda. Puta merda.

Isso é tão... tão...

— Vamos? — Dylan pergunta quando os alcanço.

Aceno positivamente, ofegando pela corrida.

Entramos os quatro no elevador sem falar mais nada. Fico entre David e Mattew. Apesar da situação não estar nem um pouco desconfortável, eu me sinto estranha quando pego o meu amigo me olhando pelo espelho. Naquele mesmo segundo, Mattew nos “flagra” fazendo aquilo.

Desvio nossos olhares, encarando meus pés como se eles fossem a coisa mais importante de todas.

Três, dois, um.

É esse o tempo que leva até eu sentir a sua mão me puxar pela cintura até que eu fique na sua frente. Mattew me segura dos dois lados do quadril, como se... como se fosse uma disputa? Preciso me controlar muito para não revirar os olhos diante da sua atitude infantil, mas eu consigo sobreviver aos últimos andares que passamos até chegarmos no estacionamento.

— Eu e David vamos juntos — Dylan informa. — Nos encontramos no hospital, ok?

— Nos encontramos lá — Mattew retruca enquanto eu apenas concordo com um aceno.

Suas mãos não deixam o meu quadril até estarmos em frente à porta do passageiro do seu carro. Ele abre pra mim e me espera entrar antes de dar a volta no veículo e se acomodar atrás do volante.

Homens sendo homens.

Como eu já não via há alguns longos dias, ele está tenso. Muito, muito tenso. Sua postura ereta é simplesmente inflexível. Os nós de seus dedos estão avermelhados de tão repuxados pelo aperto que Mattew dá ao redor do volante. O homem praticamente não pisca, vidrado na pista, dirigindo rápido em direção ao hospital logo atrás de Dylan, que parece dirigir ainda mais rápido do que Matt.

Não tento puxar assunto, respeitando o seu momento.

Então, nós ficamos calados até chegarmos lá.

Mattew estaciona e nós saímos, correndo atrás de Dylan e David que andam apressados na frente. Entramos no hospital e damos de cara com a senhora Thompson, que parecia estar ao nosso aguardo.

Subimos até o último andar e caminhamos por um longo corredor até entrarmos na sala de espera. Senhor Thompson também está ali, assim

como os pais de Christopher e Sophie, que anda de um lado para o outro em passos largos.

— Está tudo bem com ela, mãe? — Dylan pergunta.

Estamos todos juntos numa espécie de roda.

— Está sim, meu filho — garante. — Christopher está no centro cirúrgico com ela, então o que nos resta agora é lidar com a ansiedade...

Ótimo.

Que bom que está tudo bem.

— Foi tudo tão rápido assim? — Mattew finalmente fala alguma coisa.

— Quando nós chegamos aqui ela já estava pronta pra entrar no centro cirúrgico, então tudo aconteceu muito rápido. Pelo que Christopher ainda conseguiu falar pra gente, parece que a bolsa já tinha estourado há algumas horas e Katherine estava tentando esperar pra ver se teria dilatação o suficiente pra tentar parto normal. — Ela suspira, apreensiva. — Ainda não temos certeza se está sendo normal ou cesárea, só esperamos que a nossa pequena não sofra muito.

É claro.

Nossa, caramba...

Estar grávida e ter um bebê é coisa de outro mundo.

Pude acompanhar de perto minha mãe na gravidez de Mabel, já que eu já tinha quase vinte anos na época e essa foi uma das coisas mais interessantes que já vi em toda minha vida. Talvez tenha sido por isso que, lá no fundo, bem no fundo mesmo, eu queira ter os meus próprios filhos um dia.

Eu não penso sobre isso agora por motivos mais do que óbvios: ainda não tenho a minha própria casa e também ainda não voltei a morar perto dos meus pais. Essas são as duas coisas das quais não abriria mão caso estivesse pensando em engravidar.

Mas, a gente ainda não paga pra sonhar, não é?

Nos dispersamos depois da palavra da senhora Thompson.

— Você quer comer alguma coisa? — Mattew pergunta, fazendo-me virar para encará-lo.

Balanço a cabeça negativamente.

Estava me sentindo cansada e com fome, mas isso foi até receber a notícia de Katherine. Agora eu só estou ansiosa como todos os outros, e um grande fato sobre mim é que eu não consigo comer nada quando estou ansiosa, porque a probabilidade de eu vomitar toda comida é de quase cem por cento de chances.

— Estou bem — digo, tranquila. — Mas se você quiser alguma coisa eu posso ir atrás...

Mattew balança a cabeça negativamente.

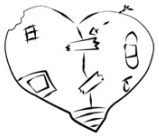
Ele segura a minha mão e me puxa pra perto, me dando um abraço apertado e depositando um beijo no topo da minha cabeça. O gesto me pega de surpresa, principalmente por estarmos literalmente no meio das pessoas mais importantes da sua família. Pensar sobre isso me deixa travada, porque ninguém sabe da gente... certo? Ninguém sabe.

— Não precisa se preocupar comigo — retruca, baixo, fazendo-me levantar o rosto em busca do seu olhar. Quando encontro, não desviamos. — Eu estou bem — afirma —, só fique do meu lado — conclui.

Concordo prontamente.

Eu não iria a lugar nenhum de qualquer forma.

Mattew se afasta só o suficiente para nos guiar até os bancos. Evito o olhar de todos no caminho, mesmo sentindo meu corpo inteiro queimar com a atenção que nos dão. Praticamente me escondo atrás do corpo de Mattew quando nós nos sentamos, afundando no banco como só uma criança faria.



A espera não estava sendo curta.

Na primeira hora, Mattew e eu permanecemos na mesma posição, juntos, quietos no cantinho da sala, de mãos dadas e no completo silêncio. Entretanto, agora, no começo da segunda hora, ele se levanta pra falar com Sophie, que ainda não parou de andar de um lado para o outro nem por um instante.

Vejo David e Dylan se aproximarem de mim, enquanto uma parte minha bem grande torce pra que isso não seja bem verdade. Eles se sentam, um de cada lado meu, e o Thompson do meio suspira em alto e bom som.

— Eu não aguento mais essa espera — geme, fazendo um bico engraçado exatamente como um garotinho mimado. — Pensei que pra parir era só chegar no hospital, abrir a barriga e está pronto o sorvetinho — continua.

Reviro os olhos, mas não consigo segurar a risada. David me acompanha.

A idiotice de Dylan é realmente diferenciada.

Meu olhar se desvia um segundo dele e para em Mattew, que está ali, ainda do lado de Sophie, conversando com ela, mas me vigiando à distância.

— Comparar um bebê com um sorvetinho não parece ser uma coisa apropriada, cara — David comenta, bem-humorado.

— Eu concordo — digo, encarando David. Ele me dá um sorriso e eu faço o mesmo, sorrindo de volta pra ele. Viro de volta pra Dylan. — Você nem sabe se está sendo parto normal ou cesárea... a gente só vai saber mesmo daqui mais algumas horas.

Ele geme, soando frustrado.

— Quando tivermos um próximo bebê na família, me chamem só quando ele já estiver do lado de fora da barriga — choraminga. — Acho que sou ansioso demais pra toda essa espera insuportável.

— Não acho que Katherine vai querer ter outro bebê tão cedo...

É Mattew que fala.

Quando eu viro pra frente, ele já está ali, e eu sequer percebi.

— Bom, ainda tem você e a Maddie — Dylan dá de ombros e eu arregalo os olhos, nervosa com a sua colocação —, então eu acho que a minha preocupação é válida.

Eu... e Mattew?

Como se isso fosse possív...

— Pode invalidar a sua preocupação agora mesmo, porque eu não quero ter filhos. Nem agora e nem nunca. — Silêncio. — Pode sair do meu lugar? — pergunta, seco.

Meu coração erra uma batida muito importante.

Nem agora e nem nunca.

Agora e nunca.

Nunca.

— E você já perguntou pra sua namorada o que ela acha disso? — Dylan provoca.

Meu peito dói. Dói mesmo.

E até parece exagero, parece que eu estou simplesmente aumentando as coisas e colocando-as em um lugar onde não pertencem, mas, ainda assim, é impossível conseguir respirar e engolir a dor da verdade.

É o que Mattew quer, ou melhor dizendo: não quer.

E não vai ser eu a fazê-lo mudar de ideia.

Fato.

Se ele não pensou em nada disso até agora, depois de quase dois anos vivendo juntos, por que pensaria em um futuro?

É ridículo.

É completamente ridículo.

— Sai do meu lugar, Dylan.

Ele o ignora.

É claro que ele o ignora.

Por que ele responderia?

Nós nem namoramos. Tudo que saiu da boca de Dylan foram suposições, porque não existe uma relação verdadeira entre Mattew e eu.

Fui burra demais em acreditar que talvez pudesse existir depois de tudo que aconteceu entre a gente nas últimas semanas.

Eu ainda vou ser a foda confortável de Mattew.

Eu ainda vou ser a sua assistente pessoal, a sua empregada.

E a gente ainda tem um contrato em jogo.

Mas que burrice, Madison.

Que burrice.

Dylan faz menção de se levantar, mas eu sou mais rápida, segurando o seu braço e desviando do corpo de Mattew parado a alguns pés de mim.

— Você pode ficar com o meu lugar — sentencio, não esperando ter soado tão vazia, mas eu sei que foi exatamente assim que eu soei.

— Não precisa, ele vai s...

— Não — corto Mattew, desviando nossos olhares quando eu sinto o meu rosto inteiro formigar. — Pode ficar com o meu lugar, eu estou indo ao banheiro, então...

Passo por ele, não esperando por uma resposta. Não existe uma resposta para Mattew me dar sobre absolutamente nada. É por isso que eu saio, é por isso que eu fujo do seu olhar e principalmente da sua presença.

Engulo as palavras que ele disse em seco, forçadamente.

Lágrimas se formam no canto dos meus olhos, enquanto o formigamento começa a se espalhar por todo o meu corpo. Quando alcanço

a porta, uma mão me para. Um toque suave no meu cotovelo esquerdo me faz cessar os passos. Por um instante desejo que seja Mattew, mas eu não consigo confundir o seu toque.

Olho sobre o meu ombro só para achar David.

— Você quer companhia? Digo... não no banheiro, mas... depois dele?

Droga...

— David, eu não quero... eu não quero te machucar...

— Você não vai, Maddie. Você é minha amiga. *Só* minha amiga. Eu sei disso, de verdade — retruca, parecendo firme de cada uma das suas palavras. — Só estou tentando voltar a ser seu amigo também...

Sei que *ele* está olhando pra gente, atento a cada um dos nossos movimentos, mas o que me leva a concordar com David é só a necessidade de um amigo, de alguém que possa me entender em silêncio e me confortar com isso, e eu sei que David me entende.

Ele sempre me entendeu.

Balanço a minha cabeça positivamente e David me solta, seguindo-me e fechando a porta atrás da gente.

22

“Eu não quero mantê-la no escuro,
não quero brincar com o seu coração.”

NEVER BE ME — *Miley Cyrus*

MATTEW THOMPSON

— Você sabe que acabou de foder as coisas com ela, não sabe?

As palavras de Dylan ecoam na minha cabeça mesmo depois de quase quinze minutos que ele as soltou.

Eu fodi as coisas com Madison.

Eu realmente fodi?

Minha cabeça está uma verdadeira bagunça e o meu coração também.

Eu não... a gente não...

Merda.

Por que ela teve que sair com David?

O que eles estão conversando?

Por que eu quero tanto ir atrás dela, mas não me permito?

E por que diabos eu não me permito ir?

Devo pedir desculpas?

O que de tão errado eu falei?

Por que diabos lidar com o amor é tão difícil?

Não é que eu não queira ter filhos e seja cem por cento fechado a essa ideia, não, não é isso..., mas esse também não é um pensamento recorrente na minha cabeça. Falei o que falei porque me senti, do nada, encurralado pelo meu próprio irmão. Não sei se isso magoou Madison, mas eu também não sei se deveria perguntar alguma coisa a respeito.

E se eu estiver pensando demais sobre algo que nem é o que parece?

Nós estamos bem, nós estamos muito bem.

A nossa relação nunca foi tão boa como estava sendo nas últimas semanas, desde que nós decidimos que iríamos *tentar*. E agora que eu consegui admitir para mim mesmo que eu a amo, parecem ter ficado ainda melhor.

O único problema é que eu não admito pra ela.

Eu não sei como fazer isso, eu não sei se devo fazer isso, porque, mais uma vez: e se eu estiver pensando demais sobre algo que nem é o que parece? E se todos os indícios que eu pego de Madison não forem o que parecem ser?

— Por que o seu irmão foi cochichar no meu ouvido sobre você e sua assistente? — meu pai pergunta, tomando o assento ao meu lado.

Reviro os olhos, erguendo a minha cabeça e procurando por Dylan só para achá-lo com um sorrisinho cínico nos lábios, acenando de volta pra mim.

Ele ainda não está satisfeito com o problema que causou?

— Dylan anda falando muito sobre o que ele não sabe, pai. Se eu fosse você, não daria ouvidos àquele idiota.

— Ele realmente não sabe do que está falando? — questiona com um tom de voz cínico. Não reviro os olhos para a sua pergunta em respeito à sua figura, mas a vontade é de fazer isso até que eles caiam. — Não compro muito a sua desculpa, principalmente depois da cena de vocês quando chegaram. — Sério? Até o meu pai? — Fala sério comigo, Mattew, eu sou seu pai, eu te conheço tão bem quanto a sua mãe. A única pessoa que você chegou a tratar assim foi aquela sua namorada, e, ainda assim, não parecia o mesmo tipo de afeto que você aparenta ter com Madison.

— Onde você quer chegar com isso, pai?

— Me diga você.

Ele sorri. Largo. E então cruza os braços, paciente.

— Não tenho nada a comentar — retruco. — Madison ainda é a minha assistente, ela ainda trabalha pra mim e...

— E vocês chegaram juntos no trabalho há alguns dias... de mãos dadas.

Porra?

— Quem te contou isso? — questiono. — Foi o fofoqueiro do Dylan também?

Sua risada vem, mas eu não estou nem um pouco divertido quanto ele parece estar.

— Por mais que o seu irmão realmente seja um fofoqueiro de mão cheia, eu não preciso dele pra saber o que acontece dentro do meu próprio escritório. — *Touché*. — E, por favor, não pense que eu ando vigiando vocês, longe de mim. Confio inteiramente e de olhos fechados no trabalho de vocês dois, meu filho, mas eu ainda gosto de saber o que anda acontecendo no escritório. As fofocas do RH são a melhor parte...

Bufo.

Está aí pra quem Dylan puxou.

Ele provavelmente aprendeu isso com o nosso pai.

— Minha vida pessoal não diz respeito a ninguém e não deveria estar na boca do pessoal do RH — reclamo, profundamente irritado.

Madison não vai voltar?

Por que ela não volta logo?

— Eu não sou ninguém, meu filho. Eu sou o seu pai e estou aqui tentando te entender e te ajudar da forma que só um homem casado há quase quarenta anos pode fazer.

Então é esse o ponto?

Me ajudar?

— Mas eu não preciso de ajuda.

— Engole esse orgulho pelo menos uma vez na vida, Mattew.

— Eu não estou sendo orgulhoso, pai.

— Sim, você está — rebate. — Eu tenho certeza de que te ensinei coisas mais úteis do que se encher de orgulho e parecer um idiota, e eu estou falando isso com todo respeito e amor do mundo.

Suspiro, deixando tudo pra lá, cansado.

— Madison e eu estamos nos relacionando, mas, como eu disse, isso não diz respeito a ninguém...

— Certo, e o que aconteceu agora? Vocês não estavam bem até alguns minutos atrás?

— Sim, nós estávamos... estamos... bom, eu não sei. Eu acho que estamos.

— Desenvolva rápido, por favor — pede.

— Dylan me provocou com coisas do tipo “ah, quando você e Madison tiverem um bebê”, sendo que a gente só está... nós só estamos...

— Namorando?

Bom, nem isso.

Eu não sei.

Eu sei o que eu sinto, eu sei que eu a amo, mas eu não...

— A gente só está se conhecendo, pai.

— Vocês moram juntos — fala, como se eu estivesse dizendo alguma loucura. — Você já conhece essa mulher muito bem, Mattew.

— Não é assim...

— É sim — responde, como se tudo fosse tão, tão simples. — Vocês se conhecem, então esse papo é literalmente a maior besteira que ouvi nos últimos tempos. Vocês não estão se conhecendo, vocês estão namorando. Ponto. — Ele para de falar e respira fundo, como se me desse tempo para pensar em suas palavras. — Você conversou com ela sobre isso? Filhos?

Balanço a cabeça negativamente.

— A gente não conversou sobre isso, nem sobre nada a respeito. Como eu disse, é de senso comum para nós dois que estamos nos

conhecendo, tentando algo a mais, mas nós não falamos sobre rótulos, sobre namoro, sobre noivado, casamento, muito menos sobre filhos. Eu não penso sobre nada disso.

— Você não gosta dessa ideia quando pensa nela?

Não é essa a questão, mas...

— Não desgosto, mas evito pensar, pai. É só que eu não quero complicar as coisas para nós dois. Estou tentando ser uma pessoa sensata.

— Já pensou que, tentando não complicar as coisas, você está complicando-as mais ainda?

É.

Talvez sim.

Mas...

Como eu digo pra ele que na verdade toda essa coisa de relacionamento me dá uma insegurança do caralho?

— Madison e eu estamos bem do jeito que vivemos e eu não tenho a menor pretensão de mudar de *status* tão cedo.

A porta da sala de espera se abre e ela entra com David.

Eles estão sorrindo, parecendo tão próximos quanto eram antes.

— Se você não tem pretensão de mudar seu *status* tão cedo, então talvez deva se preparar pra perder a mulher que está ao seu lado agora.

Meu pai fica de pé e nós nos encaramos.

Ele está falando sério?

É isso mesmo que o meu pai acha? Que eu vou perder Madison?

Volto minha atenção pra ela mais uma vez e eu a encontro me encarando de volta.

Seu olhar não tem o mesmo brilho de hoje mais cedo e eu quero me espancar por isso, porque tenho certeza de que sou a causa disso. Por um instante penso em ir até ela e chamá-la pra conversar, mas eu nos poupo disso no momento.

Não quero que as coisas saiam do controle justamente agora.

Não quero que nós voltemos ao pé de guerra de antes.

Talvez conversar à sós e fora dos olhares curiosos seja a melhor alternativa para nós dois nesse momento. É disso que eu me convenço por hora.

Nossa guerra de olhares é interrompida por uma mulher toda de branco que entra na sala de espera. Todos se apressam para ir até ela, então eu suponho que agora, finalmente, teremos notícias de Katherine.

— Familiares da paciente Katherine Wright?

— Nós estamos aqui! — minha mãe é a primeira a falar, tomando a frente da situação. Fico de pé e sigo até eles. — Eu sou a mãe dela — continua. — Está tudo bem com a minha filha, doutora Ava? E a nossa bebê?

A mulher loira sorri.

— Está tudo perfeitamente bem, senhora...?

— Thompson.

— Senhora Thompson — prossegue. — O parto da paciente foi um sucesso. Pelo fato de ela ter esperado para vir para o hospital, acabou que a dilatação já estava quase no ponto ideal quando chegamos no centro cirúrgico. Ela optou que queria normal e assim foi...

Puta merda, graças a Deus!

— E a gente pode ir vê-la?

A mulher nos olha de um jeito meio sem graça.

— Se vocês prometerem manter a calma, sim — diz, sincera. — Katherine já está com a filha e o marido no apartamento, mas como tudo acabou de acontecer, muita gente e muito barulho podem incomodar tanto a grávida, quanto a bebê.

— Nós prometemos nos comporta, doutora — meu pai garante e nós rimos.

— Por favor, doutora. Eu quero ver o meu chocolatinho novo — Dylan pede.

— E eu a minha melhor amiga, pelo amor de Deus, não aguento mais essa espera! — É claro que Sophie também não perderia a chance.

— Se vocês prometem, então, tudo bem...

A mulher lidera o caminho e eu deixo os ansiosos passarem na frente.

Sobramos no fim da fila, lado a lado, só Madison e eu.

Minha mão coça para tocá-la e, mesmo sabendo que não devo, seguro a sua mão, entrelaçando os nossos dedos lentamente. A morena não recua, mas ela também não aperta de volta, só deixa que eu a segure.

Qual a sensação de viver uma vida sem fazer merda nenhuma?

Bom, eu nunca saberia.

Em menos de cinco minutos nós paramos em frente a uma porta branca com o nome de Katherine.

A doutora dá uma batida fraca, esperando e nos fazendo praticamente roer as unhas para que ela abra logo. Mas, no lugar dela, quem abre é Christopher, que está do lado de dentro do quarto.

Os olhos do meu amigo estão avermelhados, assim como seu nariz, e eu tenho que segurar o riso por perceber que ele provavelmente estava chorando. Porra, eu quase me engasgo tentando não rir, o que me faz receber um olhar torto e feio de Madison. Ela finalmente aperta a minha mão, me repreendendo.

— Nós podemos entrar, querido? — minha mãe pergunta e ele concorda, dando espaço para entrarmos, um a um.

O silêncio se faz no quarto, enquanto a vontade de rir some de vista.

A única coisa que eu vejo na minha frente é Katherine com um pequeno bolinho nos braços que já está agarrado ao seu peito.

A minha irmã está... linda.

Como sempre.

Mas agora? Porra, agora parece que ela está ainda mais linda.

Me sinto um tonto quando eu me pego tendo que segurar as lágrimas.

Parece que essa coisa de bebê e gravidez é realmente um negócio emocionante.

Por que eu quis rir de Christopher mesmo?

A minha garota levanta o olhar para nós. Os orbes verdes brilhando como joias, joias raras e nunca vistas. As lágrimas caem antes que ela possa controlas e um sorriso largo se abre em seu rosto.

— Mãe, eu não sei como fazer isso... — diz, em tom baixo e embargado e a nossa mãe se apressa para tomar seu lugar ao lado da nossa garota de ouro. — Mamãe, ela está mamando mesmo? — questiona, completamente perdida naquilo.

Puta merda.

Madison aperta a minha mão e eu levo meu olhar até ela.

Ela também está emocionada.

Não, não. Ela está chorando. Igual Katherine, só que em silêncio.

Será que Madison também sonha em ser mãe?

Por que ela não me fala mais sobre isso?

Talvez eu também... talvez... eu...

Esquece, Mattew. Esquece.

— Ela está mamando, meu amor. Não fique nervosa, você está indo muito bem, minha filha — a doce senhora Thompson diz. Minha mãe é realmente boa com as palavras. — Meu Deus, Katherine. Ela é a bebê mais linda desse mundo inteirinho...

— Meu amor, não seja uma avó babona — meu pai murmura.

— Venha ver com seus próprios olhos, então... — retruca, convencida.

As coisas acontecem na nossa frente com calma.

Meus pais são os primeiros a verem a pequena que Katherine e Christopher logo informam o nome: Kimberly. Kimberly Wright. Ou só Kim. Depois é a vez dos pais de Christopher se aproximarem. O velho Wright é quem parece mais emocionado, enquanto Melanie tenta segurar a própria emoção.

Deus me perdoe, mas eu ainda não gosto nem um pouco dessa mulherzinha.

Sophie e Dylan são os próximos, junto de David, e é claro que eles alugam Katherine, Christopher e a pequena Kim por um tempão. Eu tenho

que praticamente arrancar meu irmão do seu lugar para que ele dê uma chance para Madison e eu também conheçamos a pequena.

E isso acontece.

Finalmente.

E eu sinto como se o meu coração encontrasse um novo ritmo ao olhar o bebê bem protegido nos braços da minha irmã.

A pele da pequena Kim está um pouco avermelhada, mas, segundo Christopher, que murmura logo ao meu lado, isso é normal. Ainda assim, ela é linda. Absolutamente e estupidamente linda. Eu preciso concordar com as palavras da minha mãe, porque essa é a bebê mais linda que eu já vi em toda a minha vida.

— Ela é tão pequenininha — Madison diz, apertando minha mão e estendendo a sua outra para tocar a bochecha da Kim com a pontinha do indicador. — Parabéns, Kath e Christopher. Tenho certeza de que ela vai ser a maior felicidade da vida de vocês.

— Obrigada, Maddie — minha irmã agradece, sorrindo bem largo. — Obrigada por ter vindo nos ver — continua. — Tenho certeza de que Kim está feliz com a visita da titia Maddie.

Titia Maddie?

Ela quer o quê?

Me matar?

— E ela não está feliz comigo? — questiono, tentando ter um pouco da sua atenção.

Não me atrevo a tocar a pequena.

Não, não mesmo.

— É claro que sim, titio Matt durão. — Sorrio de lado. — Obrigada por ter vindo, Matt...

— Não diga como se eu fosse perder um momento como esse, KitKat — brinco, mas sou honesto em minhas palavras. Não, eu não perderia esse momento por nada no mundo. Encaro a menina, vendo os seus olhos abrirem lentamente. — Puta merda, os olhos são azuis... — murmuro e toda atenção volta para a pequena Kim.

— Eu não acredito que ela vai ter os olhos do pai... — Katherine geme, brincando com um falso tom de insatisfação.

— Eu disse pra você, amor. Não disse? — meu amigo retruca, se inclinando sobre as duas e afagando a cabeça da filha. — Então você tem os olhos do papai, é, meu amor?

Jesus, eu poderia até vomitar com tanta fofura.

É tanta, tanta mesmo, que fico arrepiado.

Imagina se tornar isso? Um pai de família babão?

Bom, eu não reclamaria se fosse com Madison, mas só com ela.

Ih, droga.

Regra número 1 a não ser quebrada em hipótese alguma: *nunca imagine filhos com uma mulher específica, depois que isso acontece uma vez, vai acontecer sempre*.

Só não espero que se repita.

— Igual os olhos do tio também — brinco e Christopher faz uma careta pra mim, como se não gostasse da ideia.

Ele que lute.

Quem mandou casar com a minha irmã?

Ele sempre vai ter que dividir Katherine com a gente, e, agora, Kimberly também.

Depois de mais alguns curtos minutos de babação — *inclusive da minha parte* — na pequena Kim, nós somos praticamente chutados pra fora do quarto por Christopher. Segundo ele, sua esposa e filha precisam descansar e a nossa presença não estava ajudando muito nisso. A gente ainda tentou rebater, mas a doutora chegou bem na hora pra falar o mesmo.

Nesse exato momento, estou sentado atrás do volante, dirigindo em silêncio enquanto Madison parece estar mergulhada em um silêncio ainda maior.

Ainda não sei o que falar pra ela.

Ainda não sei o que fazer com a gente.

Já passam das quatro da tarde e eu preciso voltar para o escritório porque tenho muito trabalho pra lidar ainda hoje, então...

— Você também vai para o escritório ou quer que eu te deixe no estúdio? — questiono, achando nisso um motivo para puxar assunto com ela.

Madison nem vira em minha direção.

Seu olhar segue fixo nas ruas pelas quais passamos.

— Estou um pouco cansada. Se puder me deixar no seu apartamento, eu agradeço.

Meu apartamento?

Aquele lugar é *nosso*.

Mas, tudo bem.

— Posso fazer algo por você, Madison? Se quiser, fico no escritório de casa mesmo — indago, sugerindo e tirando aquela ideia de não sei onde.

— Não precisa — rebate tão rápido que parece que está tentando me evitar. — Você não precisa se atrapalhar no trabalho por minha causa, senhor Thompson.

Ótimo.

E lá vamos nós.

Estamos voltando à estaca zero?

Perfeito, Mattew. Você é um grande idiota. Perfeito, perfeito e perfeito.

Encosto o carro na próxima rua mais calma que eu acho, virando totalmente pra ela.

— A gente precisa conversar.

— Não, a gente não precisa — replica.

— Vira pra mim e vamos conversar, Madison. Por favor?

Um, dois, três e...

Ela vira pra mim e me encara.

— Me deixa no apartamento, por favor? — pede de volta.

— Fala comigo, meu am...

Deixo a palavra morrer no meio, incapaz de completar aquilo.

Costumo chamá-la disso sempre que nós transamos. Não é para provocar. É só que eu gosto..., mas, agora? Agora que eu admiti tudo pra mim? Como eu vou conseguir falar isso pra ela sem...

— Você nem consegue falar, Mattew — resmunga, desviando nossos olhares, cruzando os braços e voltando a encarar a rua do lado de fora pela janela. — Me deixa em casa e pode ir trabalhar. Pode ser?

Eu consigo falar sim.

Eu consigo f...

— Pode ser — enuncio, calmo, mas completamente perdido.

Não vou ficar sem você, Madison.

Eu realmente não vou conseguir ficar sem você.

23

“Vamos ficar juntos, vou colocar uma corrente em você,
te fazer tatuar meu nome em você, fazer você chorar como um bebê.”

UNDER THE INFLUENCE — *Chris Brown*

MADISON JOHNSON

Se eu dissesse que eu não estava o evitando, eu estaria mentindo.

Alguns pares de dias se passaram desde o nascimento da sua sobrinha e eu ainda não tinha deixado pra lá as palavras de Mattew.

Sei que eu não tenho direito de me fechar pelo que Mattew disse. Deus, eu realmente sei disso e tenho falado para mim mesma repetidamente que não devo me pilhar por algo tão “pequeno”. Mas, a merda que estava

acontecendo em minha cabeça desde aquele dia, era que a minha maldita mente não tinha recebido aquilo como “algo pequeno”.

Evitar Mattew é muito difícil, principalmente quando ele tenta se aproximar de mim a todo momento, mas sempre acaba recuando quando percebe que não estou lhe dando a menor abertura.

Isso estava me matando, isso talvez estivesse o matando também, e eu sentia muito por nós dois.

Ele sabe que eu estou chateada e ele também sabe o motivo da minha chateação. A última coisa que eu sei que Mattew não é, é burro. Então, sim, ele sabe.

Quero mais do que ser apenas a sua assistente com quem ele mantém um contrato ou a sua foda fixa, e estava sendo doloroso demais admitir isso para mim mesma uma vez que eu não queria me permitir sonhar sonhos impossíveis.

Eu me sentia burra.

Apesar de tentar se aproximar de mim, Mattew nunca vai direto ao assunto. Uma parte minha não lhe dá corda porque espera alguma atitude real sua, a outra não lhe dá corda porque tem medo de ser rejeitada e cair na real de que ele nunca vai ser realmente meu — *não como eu tanto espero e desejo*.

E, assim, eu simplesmente fico na minha.

Estico minha perna esquerda num movimento de noventa graus, respirando com o diafragma e me concentrando nos meus movimentos.

"É isso, Madison. Esqueça-o", digo para mim mesma quando vejo a minha execução de movimentos sair uma grande merda no espelho do estúdio particular que o dito-cujo fez pra mim em seu apartamento.

Não estava praticando para a apresentação com Eric e também não estava tentando pegar nenhuma outra coreografia de dança contemporânea. Não, pelo contrário. Como há muito tempo não fazia, eu estava de sapatilhas nos pés, *collant* bege claro e cabelos milimetricamente presos em um coque praticando passos de *ballet*.

Tive uma aula há uns dois dias no estúdio de dança com uma professora renomadíssima de *ballet* e fiquei encantada com ela, e foi isso que me levou a relembrar o tempo em que eu fazia aulas desse estilo em específico.

Na mesma moeda, lembrei também o motivo pelo qual troquei o *ballet* pela dança contemporânea. Não que a dança contemporânea seja mais fácil que o *ballet*, mas os movimentos eram muito menos orquestrados e livres do que a rigorosidade daquela outra dança milimetricamente planejada e executada.

Estava praticando há algumas horas e já me sentia esgotada, mas não ousava parar apesar de estar muito tentada a fazer isso toda vez que os meus

olhos grudam sobre a barra vertical de *pole dance* que pedi para instalarem aqui há alguns dias.

A única coisa que tira a minha atenção de Mattew, é a dança, então enquanto ele estiver dentro da minha cabeça, eu não vou parar.

Estico as minhas pernas o máximo possível, ficando na ponta dos pés para rodopiar pela centésima vez — *eu pressuponho* — na última hora. Os músculos esticam até o limite, me fazendo sentir a dor do movimento repetitivo.

Praticar assim é bom: com a minha liberdade.

Sim, o meu *collant* é transparente além do ponto.

Não, eu não estou usando calcinha.

Sim, eu posso gritar quando eu quiser e desejar, seja de felicidade, seja de frustração.

Não, eu não preciso me preocupar com alguém achando que enlouqueci.

Sim, esse lugar se tornou o meu refúgio.

Não, eu não quero sair daqui tão cedo.

Minha linha de raciocínio entre “sim’s” e “não’s” é cortada pela movimentação que pego em minha visão periférica. Através do reflexo do espelho, assisto Mattew entrar no meu estúdio sem muito alarde. Ele fecha

a porta atrás de si e encosta na mesma enquanto afrouxa o nó de sua gravata, me encarando com atenção.

O homem está de sapatos, calça e camisa sociais. Além da gravata, é claro.

O que ele está fazendo em casa a essa hora?

Eu não faço ideia e, apesar da curiosidade, eu não vou perguntar.

Vou seguir praticando agarrada ao meu voto de silêncio.

Tento ignorar a presença de Mattew, mas o calor do seu olhar sobre o meu corpo é insuportável, me fazendo questionar mentalmente o motivo pelo qual ele não me deixa em paz nem mesmo aqui. Fecho os meus olhos e tento seguir assim, segurando na barra e me colocando na ponta dos dedos mais uma vez.

Cerro os dentes com aquela dor, esticando minha perna esquerda mais uma vez no ângulo de noventa graus.

Faço e refaço o movimento.

Faço e refaço.

Mas eu não consigo mais me concentrar.

Abro os olhos, encarando a sua figura pelo espelho do estúdio com cara de poucos amigos e recebendo um olhar nada irritado seu. A guerra entre nós dois segue ali, fria, travada e declarada, esperando pra ver qual

dos dois vai dar o primeiro passo. E, pelo visto, é ele. Mattew começa a se aproximar no momento em que eu solto a barra.

— O que você quer agora, Mattew?

Eu estou tão cansada.

Será que ele não percebe isso?

— Quero conversar com você.

— Dessa vez você vai direto ao assunto ou vai ficar de conversa fiada? Porque eu realmente tenho mais o que fazer nesse momento.

— Porra, me dê um tempo, Madison — reclama. — Você não precisa continuar com todas essas pedras na mão.

Reviro os olhos e cruzo os braços.

— Pronto. — Encho o peito de ar. — Sem nenhuma pedra na mão e te dando um minuto inteiro pra falar sobre o que quer conversar.

Ele respira fundo, deixando de fugir do meu olhar e trancando o seu no meu.

Vai, Mattew.

É só fazer o que sempre faz.

Vá até metade do caminho e depois desista.

— Quero me desculpar pelo que aconteceu no dia do hospital — declara, me pegando desprevenida por um segundo. — Eu não sei como

começar essa conversa, então talvez seja melhor iniciar isso tudo com um pedido de desculpa.

Isso está sendo menos ruim do que eu imaginava.

Pelo menos agora nós estamos indo direto à situação.

— Certo. — Passo a língua entre os lábios, caminhando pelo local onde eu sou a dona do pedaço. — Por que você acha que me deve desculpas? — Franzo o cenho, me fazendo de idiota.

Viro de volta para encará-lo, notando como ele está visivelmente tenso.

— Você sabe, Madison...

Seu maxilar trava.

— Quero ouvir de você, Mattew. Se isso não for um incômodo, se você realmente quer conversar e se desculpar por qualquer que for o motivo, diga pra mim qual é ele. Não vou ficar aqui imaginando uma coisa que não pode ser e continuar de olhos fechados para o que nós dois somos. Então, fale comigo e seja direto dessa vez.

— Falei coisas que eu não queria ter falado...

— Você está dando voltas de novo — eu o interrompo.

Eu não quero uma conversa evasiva.

Eu não quero meias palavras.

— Eu não queria ter falado que não quero ter filhos, embora também nunca tenha pensado nisso sozinho ou com outra pessoa. — Fico parada, quase petrificada. Sequer pisco de tanta atenção que lhe dou. — Estamos juntos. Irreversivelmente. Eu *quero* estar com você por muito, muito tempo, Madison. E tudo bem não termos nenhum rótulo, eu não me importo com isso porque não consigo olhar pra ninguém além de você, não consigo desejar nenhuma outra mulher que não seja você. — Sua voz não é baixa e nem vacilante. Ele fala essas palavras como alguém que tem confiança de sobra, e, honestamente, Mattew é essa pessoa. Ele é confiante pra caramba. — Cheguei ao ponto em que não dou a mínima pra mais nada, e se você estivesse grávida agora mesmo, eu iria te querer ainda mais, porque, quer você queira ou não, Madison, eu sou completamente obcecado e cego por você de maneiras que você nunca vai me ver abrindo mão de estar ao seu lado acima de qualquer outra coisa ou pessoa.

Puxo o ar com força para os pulmões.

Era isso que eu queria e não tinha esperanças de que ele seria capaz de me dar.

— Ainda temos um contrato, eu ainda sou sua assistente, e isso não é uma reclamação, eu só... só quero saber se é mesmo isso que você quer, porque eu não vou alimentar um sonho sozinha...

— Se você quiser anular aquele contrato agora mesmo, nós faremos isso — declara, me fazendo arregalar os olhos. — Eu pego os papéis e te dou pra rasgar; eu chamo o meu irmão e nós vamos anular aquilo com testemunhas e o caralho a quatro, mas, pelo amor de Deus, não me ignora mais, dançarina. Esses últimos dias foram infernais...

Fecho a distância entre nós dois e lhe abraço forte pelos ombros.

— Maddie — chama, me fazendo tremer enquanto os seus braços se fecham ao redor da minha cintura. — Maddie, por favor — continua. — O que você quer?

— Você.

Respiro, engolindo o seu cheiro e deixando ele me inebriar com isso.

— Até quando você vai me querer? — pergunta em meio a uma risada, esfregando as mãos em minhas costas e descendo até a minha bunda. — Porque eu realmente quero você por muito tempo.

— O que seria muito tempo pra você? Porque eu acho que é o mesmo tanto que eu estou te querendo.

Nós rimos, balançando um contra o outro.

— O suficiente pra você ter alguns bebês e pra que nós possamos vê-los se tornarem velhos assim como nós vamos nos tornar... juntos.

— Pra sempre, Mattew — eu sussurro.

— E ainda não vai ser suficiente, Madison — ele completa.

Ficamos apenas abraçados por longos minutos.

A fica está caindo entre a gente. Não, não... a ficha está despencando diante dos nossos olhos, e nós estamos assistindo com sorrisos nos rostos.

Está acontecendo.

— Você vai dançar naquele negócio ali pra mim? — pergunta, afastando-se um pouco pra me encarar e eu fito o local que o seu dedo está apontando.

É o pole.

Seguro o riso.

Dou de ombros, tranquila.

— Eu não estou com roupa pra isso — digo, inocentemente. Me afasto completamente de Mattew, indo até a cadeira encostada perto do armário e puxando-a comigo. Encaixo nossos olhares, dissolvendo-me nele. — Estava praticando um pouco de *ballet*.

— *Assim?* — Indica para o meu corpo com o queixo.

Olho pra baixo e seguro o riso.

Minhas bochechas queimam, mas eu ignoro a vergonha.

Vergonha de quê, afinal? Ele já me viu inteirinha, cada pedaço meu.

O que é um collant transparente a essa altura?

Deixo a cadeira a alguns passos da barra de pole e me encosto nele.

— Você quer que eu dance pra você ou não?

Mattew se aproxima de mim. Rápido. Muito, muito rápido. Eu quase caio na risada.

— Sim. Você vai?

— Se você pedir direito, eu danço. — Arqueio uma das sobrancelhas. — Você vai? — repito a sua pergunta.

Ele segura o meu rosto de cada lado e eu coloco as minhas mãos sobre as suas.

— Dança pra mim, Maddie?

— De joelhos, Mattew. — Seu cenho franze profundamente. — Pede de joelhos e eu vou dançar pra você.

— *M-Mas...*

Essa é a primeira vez na vida que eu o escuto gaguejar e simplesmente não conseguir concluir sua frase.

— Você não quer? — Pisco rápido, balançando de um lado para o outro

Seu toque escapa de mim e ele simplesmente se ajoelha.

Ele se ajoelha mesmo.

— Me dá a gravata — peço e Mattew faz o que digo, entregando na minha mão o pedaço de tecido macio. — Você não vai me tocar, só olhar, tudo bem assim?

— Madison...

— Você quer ou não quer?

— Você vai me pagar.

Sorrio.

— Pode colocar isso na minha conta, porque eu estou descontando a minha agora. Chegou a sua vez de prestar contas comigo, senhor Thompson. — Dou a volta no seu corpo e me inclino para amarrar suas mãos para trás. — Ou achou mesmo que eu deixaria tudo barato?

Ele sorri de volta. Não, ele ri, pelo nariz, soando absolutamente incrédulo.

— Dê o seu show enquanto pode — retruca, simples.

Caminho até o armário e pego todos os controles que eu preciso. Aciono o bloqueio de luz da parede de vidro e a cortina elétrica começa a descer em segundos. Improviso uma penumbra com a lanterna do meu celular, colocando no mínimo e ainda abafando um pouco com uma camiseta que deixei jogada de lado quando cheguei aqui.

Escolho a minha melhor *playlist* de pole e sorrio quando me viro pra Mattew, que está de joelhos e mãos amarradas nas costas assim como eu o deixei.

Sigo em sua direção e deposito um beijo na sua boca, lambendo os seus lábios antes de sussurrar:

— Aproveite o *show* particular.

Ele grunhe em resposta.

A batida grave da música *Under The Influence* preenche o ambiente me dando a exata sensação de que nós estamos numa boate. Fecho os olhos, sentindo cada uma das batidas em meu corpo. Me movo a partir disso, segurando a barra do pole e girando lentamente ao redor dela.

Rebolo o quadril de um lado para o outro antes de pegar o primeiro impulso para cima, aguentando praticamente todo meu peso em meus braços e na posição da minha perna esquerda que trava na barra.

Solto a trava da minha perna, descendo vagarosamente diante da atenção de Mattew. Eu não preciso abrir os olhos para saber que ele está vigiando cada pequeno movimento que eu dou, mas, quando eu o faço, o acho ali, praticamente sem piscar.

Passo pelo refrão com mais um impulso pra cima, mas dessa vez eu desço girando com a minha perna direita estendida para fora.

Dou o meu melhor, de fato.

Quando sei que a música está chegando perto do fim, me aproximo de Mattew que ainda tem a mesma expressão vidrada sobre mim.

— Fica de pé e senta na cadeira — comando, baixinho.

Por um instante me pergunto se ele escutou ou não, mas quando ele finalmente se mexe, quase dez segundos depois, tenho certeza de que o meu tom não é um problema.

Seu corpo grande cai sobre a cadeira.

Pernas abertas, mãos pra trás, cabeça inclinada para o lado e lábios entreabertos.

Fecho a distância entre a gente sentando-me no seu colo. Rebolo sobre as suas pernas, continuando a dança ali e sustentando os nossos olhares numa briga que eu faço questão de não perder dessa vez.

— Você já fez isso antes? — pergunta, seu olhar fica no meu só por um segundo, porque Mattew logo olha para o ponto em sua perna em que estou me esfregando. — Dançou assim pra alguém? *Em* alguém?

— Nunca — retruco. — Essa é a primeira vez que eu estou dançando desse jeito pra alguém — deslizo minhas mãos pelo seu peitoral —, *em* alguém.

Mattew geme pra mim quando eu toco a ereção que está formada e forçando a sua calça social. A marca do seu pau é visível, e, como quem não quer nada, começo a mover a minha mão pra cima e pra baixo lentamente, nunca deixando de dançar e me esfregar nele. Aproximo o rosto do seu, cantarolando a música baixinho enquanto nossos lábios se tocam na iminência de um beijo. Ele até tenta, mas eu recuo e giro sobre o seu colo, começando a dançar de costas com os dedos fincados em seus joelhos.

Dançar é bom, mas dançar pra Mattew é ainda melhor.

Escutar seus gemidos atrás de mim cada vez que pressiono a minha bunda sobre o seu comprimento é... excitante. É óbvio que eu estou molhada, mas, tal como ele cuidou de mim no outro dia, eu também quero fazer isso por ele uma vez... e depois várias outras, até a gente cansar.

Por isso, viro de volta, chocando nossos lábios e mergulhando a língua em sua boca sem mais delongas. A tortura que eu faço nele reflete em mim de um jeito ainda pior. Eu não sou tão forte para torturas como Mattew é. Talvez isso não esteja na minha veia, mas, ainda assim, eu o provoco.

Duelamos e nos devoramos. Mesmo com seus movimentos contidos, ele ainda consegue, de alguma forma, se sobressair e me guiar no beijo que eu iniciei entre nós dois. Escorrego as mãos pelo seu peitoral, agarrando sua camisa e puxando cada um dos lados com força. Alguns botões arrebentam, enquanto eu procuro tocar a sua pele naquela urgência avassaladora que me toma.

Dedilho os seus músculos, apertando, arranhando e seguindo caminho até a braguilha da sua calça. Separo nossas bocas, querendo dar atenção ao que agora tem todo meu interesse: o seu pau. Com muita dificuldade, o tiro da calça, recebendo os beijos de Mattew em meu maxilar, enquanto ele tenta se inclinar mais pra frente para tentar abocanhar o meu pescoço.

Sua pele quente e sensível parece perfeita debaixo do meu toque.

Mattew geme, rouco e arrastado... enterrando o rosto no espaço livre em meu pescoço e afundando na minha pele suada.

— Levanta a cabeça — peço, roçando suavemente a cabeça do seu pau com a ponta do meu indicador. Recolho com o meu dedão o líquido que começa a escapar dali e o assisto me obedecer. — *Você geme tão gostoso, Thompson* — murmuro, sorrindo de lado quando ele lambe os lábios e me olha com os olhos semicerrados. — Você já gemeu assim pra alguém?

Ele fica em silêncio por um, dois, três segundos.

Aperto a sua circunferência, deixando um pouco de saliva escorrer pelos meus lábios e cair entre nós dois, direto na sua ereção. O meu agarre fica mais fácil a partir disso, me fazendo aumentar a velocidade e voltar o meu olhar para Mattew, esperando a sua resposta.

— Ninguém, Madison.

— Oh, é sério? — provoco.

— Eu não teria por que mentir.

Perfeito.

— O que você quer de mim, senhor Thompson?

— Você deveria parar de me provocar — ameaça. — Eu só estou aqui, sentado, e não te comendo como você merece pra ficar quieta, porque eu quero.

Minha barriga remexe com a sua declaração.

— Será que você pode fazer as coisas do meu jeito só uma vez?

— Não quando você está toda gostosa implorando por uma lição.

Lição.

Solto uma risada. Alta.

Eu vou te ensinar uma lição, Mattew.

— Abre a boca — peço, baixinho.

Ele hesita, mas faz depois de alguns instantes.

Coloco três dos meus dedos livres em sua boca. Mattew entende o recado e começa a chupá-los, um por um, bem devagar. O jeito que ele move a língua sobre a minha pele me leva de volta ao dia que ele me chupou em sua banheira.

Fico tentada a desistir da minha posição por isso.

Fico tentada a fazê-lo me chupar agora mesmo, mas eu resisto bravamente.

Sinto a minha intimidade encharcada e o meu clitóris latejar, buscando por mais atrito e por mais um pouquinho de atenção para que eu possa me desfazer, mas eu quero fazer isso com ele. Nós dois, juntos. E ponto.

Puxo os meus dedos de volta e Mattew sorri pra mim.

Empurro meu *collant* para o lado, erguendo meu corpo e espalhando os lábios da minha boceta e encaixando a cabeça do pau na minha entrada.

— Como se você precisasse da minha saliva pra ficar molhada...

— *Calado* — retruco. Não preciso mesmo. — Eu não quero ouvir você.

— *Ah, mas você vai me ouvir sim*...

Desço de uma vez, guardando-o dentro de mim e nós gememos juntos.

Parto os meus lábios sobre os seus, molhados e doces. Chupo sua língua, subindo o meu quadril e descendo de novo, então, reproduzo os movimentos do meu quadril em nosso beijo. Mattew grunhe em resposta dentro da minha boca e, pela primeira vez na vida, o nosso sexo é mais do que só sexo..., *ele é dança também*.

— Você realmente não precisava da minha saliva — zomba, porque cada vez que eu desço e o comporto inteiramente dentro de mim, o barulho das nossas carnes molhadas se encaixando reverberam por debaixo do grave da música. — Você gostou de dançar pra mim, não foi?

Vou matar Mattew. Em todos os sentidos.

Sento com mais força, abraçando-o pelo pescoço e engolindo o seu gemido com o meu enquanto mordisco a sua boca. Tenho a impressão de que posso morrer a qualquer instante pelo jeito gostoso que o seu pau inchado estoca e bate no meu ponto mais fundo e sensível.

O atrito do meu clitóris na sua virilha me faz revirar os olhos e aumentar a velocidade. Mais, mais e mais um pouco. Minha boceta aperta ao redor do pau de Mattew e as suas mãos alcançam a minha bunda. Eu o encaro numa pergunta silenciosa que eu não consigo formular em busca do motivo pelo qual ele se soltou, mas Mattew apenas sorri.

Filho da p...

— Você vai ficar dolorida por dias desse jeito — rosna, subindo as mãos e puxando a parte de cima do meu collant para baixo com força até os meus seios ficarem à sua vista. Resmungo em resposta, ocupada demais com o meu “trabalho” para entrar numa discussão com Mattew. — Eu vou garantir que fique — afirma, tomando um dos meus seios em sua boca quente e molhada.

— Faz isso então... se você for capaz... — provoco.

Seguro seu cabelo, bagunçando-o completamente e puxando a cada cinco segundos.

Mattew me pega no colo, encaixado em mim e se levanta. É aparente como ele não consegue aguentar o fardo de ser submisso nem uma vez. Minhas costas batem na barra do pole e eu o solto para segurar ali, enquanto as minhas pernas se fecham ao redor do seu quadril.

— Poderia te foder encostada nesse negócio o dia inteiro — grunhe.

Seus dedos afundam na minha cintura, sua boca volta para os meus seios e agora é ele quem comanda... como sempre. Mas eu não vou reclamar, porque ainda assim é bom para nós dois. Sempre é.

— *Você é tão boa, meu amor*... — murmura, afundando os dedos nos meus cabelos de cada lado da minha cabeça. — *Gostosa*.

Suas estocadas são marcadas.

A cada uma que ele dá, nossos corpos se batem.

É um som cru, um som real, e ele vai se tornando cada vez mais alto que as músicas da minha *playlist* que vão passando e passando.

Esse é o momento em que a minha alma encontra a de Mattew, e isso acontece de um jeito tão simples quanto são essas palavras.

— *Ah*... — choramingo, puxando-o pelo cabelo para colar nossos lábios. — *Aí, aí... exatamente aí... por favor, não para*... — imploro, prendendo o ar no meu peito.

Meu orgasmo estava a um fio e eu provavelmente viria mais rápido do que Mattew.

Minhas costas arqueiam na barra do pole e ele mete com mais força. Afundo as unhas em seu couro cabeludo, desesperada por aquela maldita libertação. Mattew responde a minha atitude com um grunhido.

— Aperta o meu pau e goza pra mim, dançarina. Mostra que sentiu minha falta tanto quanto eu senti a sua...

Merda.

Minhas pernas doloridas tremem ao redor do seu quadril estreito e firme. Minhas costas se curvam em um arco completo e os meus olhos fecham, espremidos pra caralho. Eu não posso me controlar diante do seu pedido que o meu corpo acata como ordem.

Mattew me beija, me morde, chupa o meu pescoço, queixo, boca...

Eu gozo, é claro.

E ele vem comigo.

Nós nos arrastamos juntos naquela espiral maldita de desejo e felicidade pós-reconciliação.

Demoro até ter um pensamento mais claro, mas quando tenho, abro os olhos e digo:

— Eu quero você, Mattew. Pra sempre.

Ele me encara, sério e impassível, respondendo com um:

— Vamos ter que assinar o contrato do “pra sempre”, então, dançarina; mas esse eu não aceito desistência. Se nós fizermos isso, não vai ter mais nada e nem ninguém no nosso meio.

— Vamos assinar o “pra sempre”.

Nós rimos enquanto eu vou caindo em queda-livre nos seus braços.

Tenho sorte que Mattew está ali pra me segurar. Tenho sorte que é ele.

Eu não escolheria nenhuma pessoa além dele.

24

“Os sentimentos se perderam em meus pulmões.
Eles estão queimando, eu preferiria estar dopada.
Não há outra pessoa para culpar.
Tão amedrontada, eu disparo e fujo.

HEART ATTACK — *Demi Lovato*

MADISON JOHNSON

Algumas semanas mais tarde...

Foram semanas e semanas de ensaio para chegar ao dia de hoje, ao que está prestes a acontecer. O relógio na parede do camarim reservado só para mim marca sete e quarenta e cinco da noite, e essa é a última

espiada que eu dou no objeto antes de deixar o pincel de maquiagem na bancada da penteadeira e me dar por satisfeita.

Inspiro e expiro. Lenta e demoradamente.

Os meus nervos estão espalhados por todo lado, como uma sina. Eu não imaginei que ficaria tão nervosa assim, até porque eu já fiz coisas bem “piores” do que essa e não me atingi com toda essa ansiedade e nervosismo.

Tenho certeza de que estou preparada para a apresentação.

Ensaiei dia e noite com Eric.

Tiveram dias que nós ficamos madrugada à dentro no estúdio, aperfeiçoando e treinando, treinando e treinando mais um pouco.

Por esse motivo em específico, tivemos que lidar com as dores físicas dos tantos ensaios, das tantas horas sem descanso de repetição incansável. O cansaço obviamente está por todo nosso corpo, mas ele é coberto e abafado por uma camada muito grossa e generosa de excitação.

A adrenalina é uma coisa muito engraçada: você não consegue sentir muita dor e nem muito cansaço até que termine de passar por tudo aquilo que está fazendo o seu coração acelerar, e é exatamente isso que sinto no momento.

A ficha de todo esforço que fiz só vai cair depois da apresentação.

Eu sei que essa é a minha chance de ouro.

Esse é o momento em que a minha carreira como dançarina — *a minha tão sonhada carreira* — se inicia, e só em pensar nisso, só em ter noção disso, fico emocionada.

Como eu esperei por isso...

Quantas coisas eu tive que passar pra chegar aqui.

Quanta coisa teve acontecer pra que todo meu caminho tenha sido desenhado para eu estar aqui em Washington, longe de casa, mas cuidando da minha família, e, de quebra, seguindo meu sonho.

Tudo isso graças a ele.

Pensar em Mattew a essa altura só me faz querer chorar.

Dimensionar o que ele é para é tão complicado, porque nada vai nunca conseguir se aproximar da sua magnitude aos meus olhos.

Ele é simplesmente...

Uma batida suave na porta me tira dos pensamentos por um instante.

— Pode entrar! — grito, respirando mais fundo ainda.

Fico de pé e me viro pra porta.

Meu coração acelera como ainda não tinha acontecido hoje — *apesar de tudo* — e uma dose quase letal de adrenalina se dissolve por meu sangue quando tenho a visão de um Mattew vestido de terno e gravata, segurando um buquê de rosas brancas e vermelhas como as do dia do nosso primeiro

encontro, e abrindo um sorriso que eu nunca vi antes em sua boca só para mim.

Meu corpo inteiro esquenta por debaixo do *collant* rente a minha pele.

Eu estava tentando não chorar, mas vê-lo aqui, com um buquê nas mãos e o maior e mais lindo sorriso do mundo só para mim me deixa completamente desarmada.

— *Matt*... — murmuro, sem conseguir ir longe com as palavras.

Ele fecha a porta e anda em minha direção enquanto eu faço o mesmo, mas em passos incertos e vacilantes.

— Estar junto da dançarina tem os seus privilégios — brinca com o humor a mil. — Acredita que quase não me deixaram passar pra te ver? O que é isso? Um filme? Porque de uma hora pra outra parece que eu virei o segurança da dançarina famosa.

Reviro meus olhos com a sua provocação, mas sorrio.

— Não é um filme — ralho. — Você não me disse que ia querer me ver antes da apresentação, então eu não liberei a entrada para ninguém...

— Você não coloca nem um pouquinho de fé em mim, senhorita Johnson?

Sua mão esquerda desliza por minha cintura e ele cola nossos corpos com dificuldade pelo buquê que está no seu outro braço.

— Não é isso... — Suspiro. — Só pensei que... que você... sei lá...

— Depois de te assistir surtar e chorar por semanas, acha mesmo que eu não viria te dar um beijo antes de assistir ao seu show?

— Não posso borrar a maquiagem — aviso.

— É só um beijinho — rebate. — Não vou te engolir... *ainda*.

Rimos enquanto eu fico na ponta dos pés e selo os nossos lábios juntos por alguns segundos. Não nos movemos, só ficamos ali, aproveitando a companhia e o contato do outro. O cheiro, o toque, o carinho. Mattew, na medida do possível, me acalma com tudo isso.

Ele me deixa tão tranquila...

— *Maddie, mais dois minutos!* — A voz de Eric nos interrompe do lado de fora da sala.

Separo as nossas bocas, limpando os lábios de Mattew do brilho do meu *gloss* e aceitando as rosas que ele veio me entregar. Cheiro o buquê, sorrindo mais uma vez.

— *Eu já estou indo!* — exclamo de volta para o meu amigo.

Fito Mattew.

— Bom trabalho, minha dançarina, porque de sorte você não precisa. — Toca o meu rosto, delicadamente. — Faça o seu melhor, que eu vou estar te assistindo na primeira fileira com todo orgulho do mundo.

Ele faz o meu coração apertar de um jeito muito bom.

Eu o amo. Eu realmente o amo. Tanto, tanto... e eu quero falar isso.

— Matt, eu...

— *Maddie!* — Eric me chama, de novo, e nos interrompe mais uma vez. — *Maddie, nós precisamos ir agora!*

Respiro fundo.

Tudo bem.

Oportunidades não vão faltar... principalmente agora que eu finalmente aceitei, em um dos momentos mais importantes da minha vida, que o nosso destino está realmente entrelaçado.

— Vá, dançarina. Eu também preciso pegar o meu lugar — avisa, sorrindo de lado. — David está guardando pra mim.

— Então está tudo bem com vocês?

Cheiro uma última vez o buquê antes de deixá-lo em cima da penteadeira enorme.

— Aparentemente sim, mas, de qualquer forma, conseguimos agir como pessoas civilizadas quando queremos. — Dá de ombros. — Isso não quer dizer que eu não tenho ciúmes...

Reviro os olhos.

— Você não precisa ter.

— É, eu sei. — Mattew pigarreia, enfiando uma das mãos no bolso e se afastando completamente a caminho da porta. — Nos vemos quando você estiver no palco — sentencia e eu concordo.

Lhe mando um último beijo pelo ar e o homem sorri.

Em menos de dez segundos sou deixada sozinha no camarim mais uma vez.

Não consigo mais pensar em dor, nem em cansaço... só na minha apresentação e no fato de que Mattew, dentre todas as pessoas que estarão me assistindo, é a mais importante, sem dúvida nenhuma.

Me encaro no espelho e treino o meu sorriso.

É agora... e eu me sinto perfeita.

O grupo sub-12 está acabando de sair do palco quando Eric e eu estamos terminamos de nos aquecer. Nós abraçamos as meninas e lhes parabenizamos por mais uma apresentação impecável. Por mim, ficaria mais algum tempo falando com cada uma delas, mas não dá mais.

Chegou a hora.

O primeiro passo que dou para cima do palco faz o meu corpo inteiro se arrepiar.

O fôlego escapa de mim e um bolo enorme se forma em minha garganta. Eric segura a minha mão e aperta, chamando a minha atenção.

— Respira fundo, Maddie — pede, me encarando de perto. Ele aperta mais uma vez a minha mão até que eu concorde com um aceno. — Dê o seu melhor, garota. Eu sei do que você é capaz. — Ainda não consigo falar. — Nas posições, vamos — pede por fim.

Solto a sua mão e tomo a minha posição inicial.

Está tudo no lugar: os braços, as pernas, a inclinação.

É isso.

Encaro Eric mais uma vez e ele sorri para mim.

Quando as cortinas se abrem e os refletores de luz nos colocam em foco, eu percebo que o meu coração também está no lugar certo, onde eu sempre desejei que estivesse: na dança.

A batida que marca o início da nossa coreografia me faz respirar fundo e não tirar o sorriso do rosto por quase três minutos que parecem ter a duração de trinta horas. Eric e eu damos a nossa vida em cima do palco, a verdade é essa. Eu dou tudo que tenho, tudo que sei e tudo que sou.

A nossa dança se complementa. Nós sorrimos um para o outro, enquanto a prática de semanas se derrama na frente de todas aquelas pessoas. Não sai tudo perfeito, mas não é como se o momento não fosse perfeito por si só.

Eric e eu entramos no que chamamos de último ato da coreografia.

Ele me gira, segurando na minha mão esquerda enquanto eu rodopio na ponta dos pés. Seguro o fôlego quando o seu braço direito serpenteia a minha cintura e nós travamos na posição final no exato momento em que o último acorde ressoa por todo salão.

Silêncio se faz em todo o local.

Meus olhos estão grudados no meu parceiro, buscando nele o conforto que só nós dois podemos dar um ao outro.

Em mais um segundo, palmas nos ovacionam, assim como gritos e assobios.

Desfazemos a nossa última posição e nos abraçamos apertado.

Eu tenho que me segurar pra não chorar como um bebê quando viramos para o público e nos curvamos para agradecer, mas é impossível não deixar uma única lágrima deslizar por minha bochecha. Ela cai, naturalmente.

Não consigo localizar Mattew por causa do holofote sobre nós, mas eu me esforço até o último segundo para achá-lo.

Eric e eu saímos do palco e nos abraçamos mais uma vez.

— Nós fomos aplaudidos de pé ou eu estou totalmente cega pela luz? — pergunto, emocionada e completamente incrédula. — Meu Deus, Eric... *eu...*

Ele ri, depositando um monte de beijo nas minhas bochechas.

— Você foi incrível, Maddie!

— Você que foi! — atiro de volta e nós rimos, nos separando e encarando um ao outro com uma felicidade inigualável. — Eu realmente não sei o que dizer...

— Bom, mas eu sei: eu acho que você foi impecável, e eu tenho certeza de que os meus amigos e amigas do meio que vieram nos assistir, acham o mesmo. É capaz de você receber alguma proposta de trabalho ou convite de bolsa de estudos durante os próximos dias.

Arregalo os olhos.

— N-Não — gaguejo. — Isso não vai acontecer, e você sabe... eu não posso ainda...

— Isso é você quem decide, minha linda. Mas o fato é que nós fomos fodas pra caralho naquele palco e agora eu quero muito comemorar. — Ri, animado. — Você vai sair com a gente?

— Vou falar com Matt...

— Eu vou convencer o seu homem, então se prepare. — Pisca pra mim e começa a se afastar. — Agora eu vou atrás da Lucy. Preciso te apresentar a dona disso tudo. Finalmente, não é?

Concordo com um aceno.

— Vou ficar esperando por aqui mesmo — aviso e meu amigo acena de volta, saindo da minha vista saltitante.

Meu corpo fervilha, porque, diferente do que imaginei, a adrenalina ainda não me deixou. Ando de um lado para o outro, dando sorte por não ter praticamente ninguém por perto. Começo a sorrir sozinha, já imaginando a conversa que vou ter com os meus pais e Mabel e continuo esperando por Eric pacientemente.

— Por um momento eu achei que fosse mentira — alguém diz logo atrás de mim. Confusa, viro cheia de curiosidade, mas acabo dando de cara com o meu maior pesadelo. — Então eu realmente te conhecia de algum lugar, não é mesmo? — Ele sorri, largo e nojento. — Estou tentando te achar há tanto tempo, número 73... ou eu deveria te chamar de Madison Johnson, cachorrinha do Thompson?

Respiro.

Ou tento.

Ele se aproxima mais de mim, enquanto eu dou passos e mais passos para trás.

— O-O que você quer comigo? — indago, me odiando por minha voz soar tão pequena e frágil.

Isaiah Ford ou só senhor Ford, em carne e osso, e mais assustador do que nunca.

— Resolver os nossos antigos problemas, número 73.

— Não me chama disso — digo, entredentes. O ar fica preso em meus pulmões quando ele segura o meu braço com força. Tento puxar de volta, tento recuar de alguma forma, mas ele é mais forte, apesar de velho. — É melhor você me soltar, senão...

— Senão o quê, 73? Você vai gritar? — Ele ri. Mais arrepios me tomam. — Você vai gritar e vai me acusar de quê, sua vagabunda imunda?

— D-De assédio. É isso que você está fazendo comigo, você está me assediando. — Puxo o meu braço de uma só vez, conseguindo escapar dele, mas não dura muito. O homem me agarra por trás quando eu tento correr para algum lugar, qualquer um onde eu seja capaz de me esconder. — Me solta! — grito, tendo minha visão completamente embaçada pelas lágrimas.

— *Cala a porra da boca* — rosna de volta, tentando tapar a minha boca com a outra mão.

— *O que porra...*

Olho para frente, achando Eric, David e Mattew juntos.

O último, o que tem o meu coração, se move tão rápido quanto a minha próxima respiração. Mattew me tira dos braços de Ford agindo como um animal. Ele não para quando eu estou livre, ele segue, completamente tomado por uma fúria que eu compartilho, mas que dentro de mim está afetada pelo medo.

E, então, fazendo o que eu sempre quis fazer, Mattew o soca, direto na boca.

O velho geme de dor, mas não recua com a sua postura.

— Seu filho de uma puta, o que você acha que está fazendo? — Sua voz é baixa, tão baixa que eu não sei se estou escutando direito. — Fala, caralho!

— Você está bem, Maddie? — É Eric, tentando me amparar.

— Ele fez... ele... tentou alguma coisa? — David pergunta do outro lado.

Só fico de pé porque eles me seguram.

— Então você esteve guardando-a todo esse tempo, Thompson? — O velho ri, mesmo estando encurralado contra a parede. Seu rosto está vermelho, sua voz sai mais esganiçada. O sorriso é mais fraco. Mas ele continua agindo como um bicho... nojento e escroto. — Você deveria ser menos egoísta e aprender a compartilhar, afinal, fui eu quem a achou primeiro... e era pra mim que ela dançava... sempre...

— O que esse cara ‘tá falando? — David pergunta entredentes.

— Se você não calar a porra da sua boca, eu vou fazer com que se arrependa de ter deixado pelo menos o seu pensamento cruzar com a figura dela. — Barulho, muito barulho se aproxima da gente. Mattew solta Ford, que escorrega até o chão e se vira pra mim. Seu olhar vasculha cada pedaço

meu enquanto ele se aproxima. — Você está bem? — pergunta, segurando o meu rosto por alguns segundos e me abraçando com força. — Você está bem, Madison? Responde, pelo amor de Deus...

— *S-Sim* — gaguejo, tentando engolir as minhas lágrimas.

— Foda-se, eu vou matar esse cara.

Ele tenta se soltar de mim, mas eu não deixo.

— Para com isso, por favor... — peço. — Só... vamos embora.

— E deixar o que ele fez assim? — Eric pergunta, indignado.

O momento é quebrado por uma mulher que fala logo atrás da gente.

— Então você é a dançarina que Eric tanto fala? — Enxugo as minhas lágrimas apressadamente e me viro na sua direção. — Eu sou Lucy, a dona dos estúdios e estou encantadíssima com a apresentação de vocês.

Aperto a sua mão, que está estendida pra mim e forço um sorriso, ainda nos braços de Mattew.

— É um prazer conhecê-la, senhora...?

— Ford. Lucy Ford.

Ah, claro.

Que merda.

Mas que grande merda.

— S-Senhora Ford — gaguejo, apertando sua mão e querendo simplesmente sumir dali. — Eu sou Madison, e é um prazer conhecê-la.

Eu estou de cara com a mulher do cara que acabou de me assediar e que, de quebra, eu dançava seminua pra ele quase toda semana. Aquela coisa de que nada nunca está ruim que não possa piorar é a maior verdade do mundo.

25

“Longe de ser inocente, que porra é o consentimento?
Os números te disseram não, mas isso não te parou.”

29 — *Demi Lovato*

MATTEW THOMPSON

Eu estava pronto pra matar aquele pedaço de merda.

Levou tudo de mim ter que controlar o meu impulso de ir além do único soco que lhe dei, e, ainda assim, nada parecia ser suficiente para aplacar a raiva que eu estava sentindo dentro do meu peito.

Encontrar Madison sendo assediada pelo filho da puta do Ford era uma coisa que estava marcada na minha cabeça desde aquela noite que nós três compartilhamos na cabine daquele maldito clube. Se na época eu já me

irritei com seus comentários, com a forma como ele olhava para ela e falava dela, agora que Madison está comigo torna tudo mais intenso e destruidor no sentido real da palavra.

Tive que me esforçar muito para não jogar tudo às claras quando a sua mulher — *e que grande ironia do destino* — se assustou ao vê-lo no chão com a boca sangrando. O filho da puta surgiu com a desculpa de que tinha tropeçado e batido com a boca na parede.

Ri, de raiva e impotência, porque eu não poderia falar sobre aquilo se não fosse vontade de Madison, afinal, ela seria a única pessoa exposta em toda essa história.

O maldito do Ford é tão descarado e mentiroso que nem se importou em elaborar a sua mentira para que soasse de uma forma mais crível, e a sua mulher... bom, ela não pareceu se importar em questioná-lo mais.

Eu ainda estava tentando acalmar os meus pensamentos e o meu próprio corpo, enquanto Madison está deitada em cima de mim, me abraçando toda encolhida no meu peito enquanto veste uma das minhas camisetas favoritas que lhe dei assim que saímos juntos do banho.

Nunca odiei tanto alguém como eu o odeio.

Se eu já odiava Ford antes, agora o sentimento era ainda maior, principalmente depois desse verme ter estragado a porra da noite da minha Madison, *da minha... da minha...*

— Acha que a mulher dele percebeu alguma coisa? — pergunta, baixinho.

É nisso que ela está pensando?

No que a mulher de Ford pode ter percebido ou não?

— Isso não importa, dançarina. O que importa é que você está bem.

— Mas, Matt... ela é... ela é a dona do local... e...

— Ela é a dona e o que mais? Foda-se, Madison. Você é aluna e paga sua mensalidade como qualquer outra pessoa. Não é como você estivesse ali devendo alguém.

Seu silêncio perdura por alguns instantes.

— Eu estou com medo, Mattew — sussurra, soluçando baixinho, como se tentasse esconder o fato de que começou a chorar.

A próxima coisa que sinto é uma lágrima sua deslizar pelo meu peito.

Filho de uma puta.

Eu vou matar o Ford.

Eu vou mesmo.

Eu vou foder com ele até que não sobre nada da sua vida e da sua tão querida reputação.

— Você não precisa ficar com medo, Madison. Eu estou aqui e eu não vou a lugar algum. *Nunca*. — Eu a puxo um pouco para cima, em minha direção. Inclino o seu rosto para olhar em seus olhos e começo a enxugar as

suas lágrimas persistentes. — Não chore, por favor. Não fica assim, dançarina. Ele não merece as suas lágrimas e nem a sua dor.

— Mas agora ele sabe de mim, Mattew... ele sabe onde e com quem eu estou... e... e você sabe que Ford é poderoso. Ele é vice-governador de Nova Iorque. E se ele for atrás da minha família? E se ele tentar mais alguma coisa contra mim? E se...

— Te garanto que vou trabalhar em cima de tudo isso para manter você e sua família em segurança.

— *Mas...*

— O telhado de Ford é de vidro, Madison.

— O meu também — murmura dolorosamente.

Mas que caralho?

Que culpa Madison tem de ter precisado dançar em um clube adulto?

Nenhuma.

Por que ela não entende isso?

— Você nunca fez nada pra machucar ninguém. Você nunca assediou uma pessoa, você nunca abusou de absolutamente ninguém. Qualquer trabalho é digno, Madison. O seu telhado não é de vidro só porque você teve que trabalhar dançando em um clube para velhos nojentos pra caralho. Apesar de tudo, eu queria muito ter te encontrado antes, porque posso te garantir que nunca deixaria que passasse por nada que passou e chegasse ao

ponto de sentir que o seu telhado é de vidro e que você seja uma pessoa suja como aquele fodido é. — Sim, eu preciso tirar isso de dentro de mim. — Quando Ford veio até mim, buscar minha ajuda, foi porque ele já está metido em casos de assédio em Nova Iorque e as mulheres estão ameaçando denunciá-lo. Não vai ser difícil encontrá-las e entrar com um processo pra fazer com que aquele maldito pague por tudo que tem feito durante todos esses anos. Se a sua paz e tranquilidade dependem disso, Madison, é o que eu vou fazer e não vou descansar até que ele seja condenado pelos próprios crimes. Eu vou até a porra do inferno por você. Eu vou e eu volto com o que quer que você deseje.

Ela continua chorando, mas o seu abraço vem, apertado e necessitado.

Deixo Madison chorar e, diante da sua dor, eu mesmo choro, prometendo a mim mesmo que nada disso vai passar em branco.

Ford vai pagar por todas as vezes que tocou em Madison e por todas as vezes que ele tocou outras mulheres sem consentimento.

Eu não vou deixar que ele continue por aí fazendo vítimas e traumatizando-as como ele fez com a minha mulher.

Ele talvez não saiba onde se meteu, mas em breve teria uma grande surpresa.

Era uma questão de honra. Não para mim, não relacionado a mim. Mas para Madison. Era a sua honra, eram as suas lágrimas, era a sua dor.

— Não me deixa sozinha, por favor...

Suspiro.

— Você nunca mais vai ficar sozinha, Madison. Nunca mais.

Você não vai, dançarina.

Você não vai porque eu te amo, amo pra caralho.

26

“Duas vidas, uma vida.
Ficando para fora, deixando você para baixo.
Fazendo isso certo.”

BIRDS — *Imagine Dragons*

MADISON JOHNSON

Eu estava tentando não deixar a paranoia tomar conta de mim.

Mattew desembarcamos em Aspen para o casamento do seu amigo, mas antes disso passamos por Phoenix para uma visita rápida à minha família. Ele fez isso porque desde que nós tivemos aquele trágico encontro com Ford no dia da minha apresentação, eu não consegui mais relaxar. Pelo menos não totalmente.

Me sentia vigiada, mas, acima de tudo, me sentia suja... exatamente como antes.

A minha sorte grande era ter Mattew ao meu lado o tempo todo. Ele estava fazendo jus às palavras que me prometeu e nunca me deixava sozinha por muito tempo, tudo pra que eu me sentisse segura.

Eu me sentia segura, mas só com ele.

Nesse meio tempo de algumas semanas até o dia de hoje, Mattew contratou um segurança pra mim e um pra minha família também. A meu pedido, Mattew recomendou ao segurança que que mantivesse sua discrição, já que eu não teria como explicar para os meus pais o motivo pelo qual eles teriam um segurança por perto.

Estava tudo tranquilo, mas ainda tinha aquela preocupação recorrente me cutucando a todo momento.

O homem sentado ao meu lado está completamente quieto. Nós meio que estamos compartilhando esse tipo de silêncio há alguns dias, apesar de nada ter mudado entre a gente desde as suas desculpas no meu estúdio de dança.

Mattew é... Mattew.

A sua postura diante de tudo é absolutamente exemplar.

Eu não poderia ter deixado de me apaixonar ainda mais por ele ao ter um cuidado tão íntimo vindo de sua parte.

Mattew se importa muito mais do que as suas palavras dizem.

Suas atitudes? Bom, são elas que realmente contam. Sempre.

Nós chegamos ao resort que ficaremos em Aspen para o casamento.

O lugar é impecável e dizer que estou completamente deslumbrada com o que vejo é até pouco. A vista que temos ao passar pelos altos portões de ferro é de tirar o fôlego. Montanhas cobertas de neve fazem com que a visão que eu tenho mais se pareça com uma pintura do que com qualquer outra coisa.

A cidade está fazendo um frio do caramba e o fato de estarmos hospedados em um *resort* finalmente faz um pouco de sentido na minha cabeça.

Mattew para o carro e nós saímos. Ele pega as nossas malas e de pronto um rapaz se aproxima para nos ajudar a entrar e segue com o carro que o meu... *parceiro?*, alugou pra gente.

Deslizo o meu braço no seu enquanto nós entramos no enorme saguão de entrada.

— Não tem muita gente aqui — comento baixinho.

— Eles devem ter fechado só para o casamento.

Arregalo os olhos.

— O resort inteiro? — questiono, assustada.

— Eles são ricos.

Meu Deus.

Que loucura?

— Mas isso é jogar dinheiro no lixo — resmungo, indignada com aquela informação.

— Isso é meio relativo, dançarina. — Ri, beijando a minha testa rapidamente. — Se você quer ter uma comemoração memorável, deixar todo mundo confortável é o primeiro passo para que isso aconteça.

— Mas eles devem ter gastado milhões...

Ou eu sou muito pobre ou eu sou muito mão-de-vaca, porque sinceramente ainda não encontrei nenhum sentido nas palavras de Mattew.

— Isso não é da nossa conta, Maddie. Estamos aqui só pra aproveitar.

Suspiro.

— Certo — murmuro. Como eu vou aproveitar sabendo que eles gastaram milhões com... isso? — Pelo menos é um lugar lindo...

— É... — retruca. — Lindo, não?

Nos encaramos e eu sorrio.

— Sim... — *"Você é mesmo lindo"*, penso. — O lugar é mesmo muito lindo.

Mattew deixa o seu olhar cair para o pequeno decote da minha camiseta e sorri.

— Absolutamente lindos. Quero dizer, *lindo*.

Reviro os olhos, segurando a risada e ficando as unhas em seu braço.

— Quantos dias vamos ficar mesmo?

— Hoje e mais dois. — Suspira, cansado. — A gente pode ficar descansando no quarto, se quiser, e só sair de lá quando for o dia do casamento.

— Que falta de educação, Mattew Thompson. Seu amigo provavelmente não vai gostar disso e a Julia foi muito legal comigo no dia do coquetel. Eu gostei dela... — Dou de ombro. — A gente vai participar das coisas, sim.

— Ahhh... que saco... — geme, falso.

Paramos no balcão e eu me afasto um pouco, olhando o local atentamente enquanto Mattew resolve as coisas na recepção. É tudo tão bonito. Eu daria qualquer coisa pra trazer os meus pais e Mabel um dia aqui também. Eles provavelmente gostariam muito disso e eu ficaria muito feliz com a felicidade deles.

Mattew me chama com tudo já resolvido e nós subimos para a nossa suíte com o rapaz que está nos ajudando com a mala. Eu sou a primeira a entrar no quarto enorme, enquanto o moreno fica na porta dando uma gorjeta para o garoto.

Não queria parecer como uma menina do interior que nunca viu a cidade — *e eu nem era* —, mas Aspen... *meu Deus!*, eu sabia que lugares

bonitos assim existiam, mas eu nunca estive em um tão fodidamente perfeito.

Sigo até a varanda, segurando no parapeito e parando um instante para apreciar com calma as montanhas cobertas de neve. Fico ali, pensando no quão sortuda eu sou por estar vivendo tudo isso do lado de alguém tão importante pra mim quanto Mattew.

Ele me pega de surpresa ao chegar me dando um abraço por atrás.

— Você gostou mesmo daqui, não é?

— É lindo... — resmungo. — Queria poder trazer os meus pais e Mabel aqui... um dia, sabe? Eu tenho certeza de que eles vão gostar muito dessa cidade, e Mabel vai arranjar uma desculpa a cada dez minutos pra gente tomar um chocolate quente.

Mattew ri comigo.

— Você quer um chocolate quente? — questiona.

— Não. Não agora — retruco. — A gente precisa almoçar primeiro. Eu estou morrendo de fome de comida de verdade.

— Serviço de quarto? — sugere.

— Por favor — peço.

— Vamos escolher alguma coisa então, dançarina.

Depois de almoçar com Matt da varanda do nosso quarto com uma vista privilegiadíssima, uma mulher, provavelmente organizadora do casamento, apareceu para chamar o meu parceiro em nome do noivo. Aparentemente vai acontecer alguma coisa por agora com todos os amigos do noivo e, obviamente, Mattew foi requisitado para isso. Ele tentou arranjar uma desculpa para não ir com o pretexto de que não quer me deixar sozinha, mas eu lhe prometi que ficaria no quarto. Ele acreditou.

Mas...

Eu não quero ficar no quarto.

Escrevo um bilhete para Mattew, deixando avisado que caso ele volte antes de mim, eu desci pra também dar uma volta pelo local e que estou com o meu celular.

De banho tomado e toda arrumada, deixo aquelas quatro paredes usando um vestidinho florido que eu decidi colocar pra tentar vencer o frio na base do ódio. Fico agarrada ao cartão de acesso ao quarto e celular, e sigo o meu caminho com um sorriso no rosto.

Queria relaxar um pouco, ver gente, tomar um *drink* e esperar por Mattew alegre e satisfeita. Ele provavelmente está se divertindo em algum

canto do *resort*, então eu quero fazer o mesmo sem parecer uma ratinha aterrorizada.

Ele não está aqui.

Ford não está aqui, então eu não tenho nada a perder ou temer.

Entro no elevador e aperto o botão do térreo.

— Segura pra mim! — Alguém pede, de longe.

Coloco a mão entre as portas que iam começar a fechar e fico esperando até que um homem aparece, acenando pra mim em agradecimento e apertando também o botão do térreo. Fico em um dos cantos do elevador de braços cruzados e olhos vidrados no painel digital que vai descendo vagarosamente os andares.

Quando as portas abrem, espero alguns segundos para que o homem passe na frente. Como ele não faz menção nenhuma de sair, eu me movo. Ele faz o mesmo, no exato instante que eu. Nós nos esbarramos e ele ri, enquanto eu só franzo o cenho e solto uma risada meio... estranha.

Sei lá, ele é estranho.

Deixo a caixa de metal em passos largos, olhando sobre o meu ombro as portas se fecharem e o homem seguir ali dentro.

Não entendi.

Dou de ombros, deixando passar.

Minha atenção se volta inteiramente para o saguão impecável outra vez. Ainda não há tantas pessoas por ali, então eu tenho que perguntar para uma mulher que vai passando por mim com o uniforme do *resort* pra que lado fica o bar.

Sigo suas coordenadas minuciosamente e em poucos minutos chego até a área da piscina. O local já tem mais gente, apenas mulheres. Parece que o lance dos homens levou todos eles mesmo. Avanço até o bar e sento-me em um dos bancos, esperando pacientemente o *bartender* me atender.

Olhando ao redor, mal percebo quando uma mulher ruiva toma o lugar ao lado do meu. Ela está segurando uma taça que quase não tem mais bebida nenhuma. Quando nossos olhares se cruzam, ela sorri pra mim, parecendo bem agradável. Elegante, bonita e agradável.

— Oi — me cumprimenta, abrindo um pouco mais o sorriso branquinho e alinhado. — Eu sou Emma... Emma Jones — estende a mão para mim e eu aceito, juntando nossas palmas e balançando —, você é?

— Maddie — retruco. — Madison, na verdade. Madison Johnson.

Droga.

Eu sou muito esquisita, né?

Ainda não me acostumei com as coisas e vibe de toda essa gente rica.

— Isso aqui ‘tá tão entediante — reclama, inclinando metade do corpo para cima do balcão. — Ei, moço. Por favor, atende a gente! — grita,

chamando o bartender que ainda está dando atenção para as mulheres que estão na outra ponta do bar. — Ser prima da noiva não ajuda em nada — continua suas reclamações, mas agora usa um tom mais contido.

Seguro uma risada, achando graça do seu jeito.

Emma me encara de novo e ri, me dando abertura para rir com ela.

Seu olhar me avalia de baixo pra cima, parando novamente na sua encarada nada discreta.

Quando eu meio que começo a ficar com vergonha, ela fala:

— Você é bonita pra caralho, Maddie. — Pausa. — Veio como convidada da minha prima ou do noivo dela?

— Oh! Você também é muito bonita — lhe ofereço o mesmo elogio com sinceridade. Ela é mesmo. Emma parece muito com aquelas modelos de capa de revista. O cabelo é impecável, a pele nem se fala. O corpo, coberto por um vestido vermelho que combina com o seu ruivo, é de cair o queixo. Ela é linda, linda mesmo. — Eu estou aqui como acompanhante.

— Acompanhante? — Franze o cenho.

Isso deve ter soado errado.

— Não é isso que você ‘tá pensando — digo, sorrindo sem graça. — Estou acompanhando o meu... o meu... namorado.

Mattew não está aqui pra ouvir isso, então eu acho que posso dizer.

Emma sorri de lado, parecendo meio... safada.

— Vocês já aproveitaram a suíte?

Balança as sobrancelhas pra cima e pra baixo e eu queimo na minha vergonha.

— N-Não — gaguejo. — A gente acabou de chegar e...

— Relaxa. — Ri. — Pelo menos vocês ainda têm muito tempo pra isso — reflete, fazendo um bico. — Eu ainda não encontrei ninguém pra passar a noite... — O bartender finalmente se aproxima. Emma o encara e sorri, mais safada ainda. — Mas eu acho que posso ter acabado de ver um passarinho...

Deus... ela é meio doida, né?

— Senhoritas, o que posso fazer por vocês?

— Loucuras — Emma responde.

— Qualquer coisa com morango e um pouco de álcool, por favor.

Dou um sorriso sem graça para ele, esperando que a minha voz tenha coberto a da mulher alterada ao meu lado.

— Qualquer coisa com morango e um pouco de álcool — repete, acenando positivamente antes de se afastar de nós para preparar o meu pedido.

— Esse cara... ele é muito bom... — Encaro Emma. — Você não acha?

Eu não tenho a menor opinião a respeito.

A única pessoa em quem consigo pensar, é Mattew... então...

— Eu acho que ele é legal. — Dou de ombros. — Mas será que você pode ficar com ele mesmo? Ele não está no horário de trabalho?

— Ele não vai trabalhar pra sempre, Maddie. — Ri, como se eu tivesse falado besteira. — Essa besteira de casamento vai ter que me servir pra alguma coisa.

Besteira de casamento?

— Você não acredita nisso? — Ela arqueia uma das sobrancelhas. — No casamento, eu quero dizer...

Depois de soltar um alto suspiro, ela responde:

— Acho que existem pessoas que nasceram para se amarrar e outras que não. Eu definitivamente não sou uma delas. — Treme e esfrega os braços, estendendo-os em minha direção. — ‘Tá vendo? — Encaro a sua pele cheia de pontinhos. — Fico até arrepiada em pensar nessa coisa de casamento.

Solto uma risada do seu drama.

— Com todo respeito, Emma, mas você tem muita cara de quem amaria se amarrar com alguém — provoco, brincando com ela.

— Assim você me ofende — reclama, fazendo mais um bico.

O *bartender* se aproxima da gente e desliza nossos pedidos pelo balcão. Emma dá mais uma olhada sugestiva nele, enquanto eu trato de

tomar um longo gole pra engolir a vontade de rir da cara dela.

De onde essa mulher saiu?

Ainda não é nem cinco da tarde e ela já está bêbada.

— Como nós estávamos falando — continua. — Eu não sirvo pra essa coisa de amarrar... a não ser que estejamos falando de BDSM, cinquenta tons de cinza e tudo mais...

Minhas bochechas esquentam quando eu lembro de como foi a minha primeira vez com Mattew. Meu Deus, a algema no convite desse casamento. Gatilhos e mais gatilhos...

— Você deveria parar de beber um pouquinho — brinco, mas, por outro lado, estou falando sério.

— Uma vez eu quase me amarrei com um cara. — Ela me ignora completamente, continuando com as suas histórias. — Ele era meu namorado e, *ah!*, nada contra, eu juro, inclusive eu ainda o adoro, mas, sinceramente, eu não me vejo sendo uma mãe de família e esposa perfeita. — Ri. — Pra início de conversa, eu nem quero ter filhos. — Revira os olhos. — Então, eu estava com esse cara, mas aí eu conheci outro e depois uma mulher e eu quis experimentar de tudo... ou seja? — Fico em silêncio. — Fodi com tudo, e com ele também... tadinho..., mas eu juro que não foi por mal! — Mais silêncio. — Você me entendeu?

Sinceramente?

— Nem um pouco. — A gente ri diante da sua e da minha sinceridade. — Mas está tudo bem você não querer se amarrar. É melhor ser sincera antes do que depois de já ter acontecido, né?

— Exatamente, Maddie! — Emma se joga em minha direção, me dando um abraço desengonçado e quase derrubando a bebida em mim. — É tão bom ter alguém que me entende... — Suspira. — Você quer ser minha amiga?

E eu pensava que a estranha era eu.

— Pensei que já éramos amigas — zombo, tirando uma risada sua.

— Você vai aparecer no luau, certo? — pergunta, voltando pro seu assento e tomando o seu *drink* quase todo em um gole.

— Vai ter luau? — Franzo o cenho. — Nesse frio?

— Na verdade vai ser tipo uma fogueira — explica. — Como o casamento é amanhã e nós vamos ficar até depois de amanhã, a minha prima resolveu acatar a minha ideia de fazer um luau pra todo mundo se conhecer. — Emma ri, sozinha. — Honestamente, a minha ideia por trás disso é: vamos fazer um luau para que eu consiga o maior número de pretendentes possível. Mas você não pode contar isso pra Julia, ok?

Emma e Julia.

Elas são mesmo parecidas.

As duas parecem ter todos os parafusos soltos.

Pelo menos eu estou me divertindo com alguém além de Mattew ou Eric e David.

Era uma pena o meu círculo de convívio ser tão pequeno, porque eu gostaria muito de ter Emma e Julia como amigas.

Nós duas conversamos por longos minutos.

Eu tomo muito mais do que só aquele primeiro *drink*. Na verdade, paro de contar no quinto, mas é que a conversa entre nós duas fica tão boa que eu acabo esquecendo de todo o resto, só não de Mattew. Escuto as histórias de Emma sem segurar a minha risada e nós nos despedimos já no meu andar, que também descubro ser o seu, quando ela finalmente consegue me arrastar elevador acima alegando que nós precisamos nos arrumar para "arrasar no luau".

Abro a porta do quarto e dou de cara com o meu *parceiro* sentado na cama só de cueca. Com o espírito animado e sem vergonha da minha nova amiga pairando sobre mim como uma sombra, eu corro até Mattew e me jogo em cima dele, selando nossos lábios com vontade.

— Oi, bebê — murmuro, sorrindo de lado.

A expressão em seu rosto é totalmente confusa.

27

“Dois corações, uma válvula.
Bombeando o sangue, nós éramos a inundação.
Nós éramos o corpo e duas vidas, uma vida.”

BIRDS — *Imagine Dragons*

MATTEW THOMPSON

Madison está bêbada?

Por que ela está me chamando de bebê?

— Oi, bebê — respondo, completamente confuso.

Acabei de ler o bilhete que ela deixou escrito para mim, assim como também acabei de chegar da tarde que eu e os caras passamos no campo de futebol. Eu estava cansado, pra ser sincero, mas Elliot nos disse que ia ter

um tal luau e que não aceitaria nenhuma falta, então eu teria que me esforçar pra ir com Maddie.

Bom, eu esperava chegar e encontrá-la aqui, então dar de cara com seu bilhete e agora com a sua figura mole e um pouco alta, eu diria, é um tanto surpreendente.

— Como foi com seus — soluça — amigos?

— Foi legal. — Dou de ombros com dificuldade. — Apesar de termos jogado futebol no frio, o que é uma ideia bastante idiota, foi realmente legal reencontrar muitos deles.

— *Hm*... — ronrona. — Perfeito, então... porque eu também — soluça — fiz uma amiga... não que você tenha feito, é claro, porque você já tem... mas eu — soluça de novo — fiz uma.

— Você fez, é? Além de Julia?

Madison concorda, sorridente.

— Além de Julia. — Suspira. — E eu ainda nem a vi... — Suspira de novo, cheia de movimentos e atitudes repetitivas. — Será que ela já ‘tá nervosa pro casamento?

— O casamento é só amanha, *bebê*.

Ela ri, toda fofa.

— Por que você ‘tá me chamando de bebê?

— Porque você começou — retruco.

— Ah. — Madison fica emburrada. — Só por causa — soluça — disso?

Isso está começando a me irritar.

Levanto, erguendo-a comigo sem dificuldade. Madison agarra em mim como um coala, fechando os braços ao redor do meu pescoço e as pernas ao redor da minha cintura.

— Você não quer tomar um pouco de água? — questiono, já seguindo até o frigobar pra pegar uma garrafa de água pra ela.

— Por que você — soluça — ‘tá mudando de assunto?

Jesus...

— Não estou, Maddie. É que o seu soluço ‘tá me irritando, então seria bom você tomar um pouquinho de água... o que acha? É bom também pra ver se você fica um pouco mais sóbria, porque a gente ainda vai ter que sair hoje.

Coloco a garrafa na sua frente e ela agarra, abrindo e tomando um longo gole.

Ótimo.

— Eu sei que a gente vai ter que sair, inclusive eu voltei pra começar a me arrumar — diz, toda cheia da razão. — A gente tem um luau com fogueira pra ir. Sabia?

— Não sabia que ia ter a fogueira, mas o luau sim — rebato, analisando o seu estado. — Por que você bebeu tanto, bebê?

— ‘Tá me chamando de bebê de novo...

— É porque eu quero, Maddie. Eu estou chamando porque eu quero. Melhor assim?

— Muito. — Sorri, largo. — E, sei lá..., a conversa com a minha amiga estava tão boa que quando eu percebi a gente já tinha passado dos... cinco... seis... SETE copos... é, foi uns sete... eu acho.

Solto o ar pesadamente.

— Me apresenta essa sua amiga, porque eu preciso muito repreender alguém por ter deixado você chegar a esse estado.

Madison ri da minha brincadeira, me soltando e ficando de pé por si só. Ela cambaleia um pouquinho pra cá e pra lá, mas consegue se firmar no chão depois de mais alguns instantes.

— Eu vou apresentar mesmo — concorda. — Ela é muito legal. E divertida. E engraçada. E bonita.

— Você é mais — declaro, atraindo seu olhar para mim.

— Você ainda nem viu ela, então essa afirmação é totalmente tendenciosa.

— Como se alguém pudesse chegar aos seus pés.

Reviro os olhos.

— ‘Tá tentando me conquistar?

— E eu já não conquistei? — Arqueio uma das sobrancelhas, cruzando os braços.

Olhando melhor, Madison parece gostosa pra caralho nesse vestidinho.

Se ela continuar com isso, vamos ter que ter uma conversa muito, muito séria.

— *Taaalvez*...

— Vá tomar o seu banho, bebê. Eu vou depois.

— Não quer tomar comigo? — pergunta, começando a tirar a roupa lentamente.

Madison se inclina e se exibe na minha frente.

Por mais tentador que seja, eu ainda preciso fazer algumas ligações, então...

— Agora não — afirmo. — Vá logo.

Madison revira os olhos.

— Vai ter que implorar quando quiser...

Sorrio com a sua ameaça.

— Eu imploro, bebê. Agora vai lá.

Ela segue rebolando para o banheiro.

Procuro o meu celular em cima da cama e sento-me na poltrona perto da porta que dá pra varanda do nosso quarto. Ligo pra Dylan, porque de todas as pessoas que eu poderia confiar para me ajudar com o que eu estou lidando há algumas semanas, ele é o primeiro na lista.

Nós dois, juntamente com David estamos trabalhando incansavelmente nessa merda, tentando solucionar o mais rápido possível a situação com Ford, mexendo no possível e impossível para conseguir provas, testemunhas e qualquer outra coisa que possa colocar esse velho filho da puta em maus lençóis.

Como eu disse para Madison naquela noite, ele tem teto de vidro.

Quanto mais longe nós estamos indo, mais merdas eu tenho descoberto dele.

Lavagem de dinheiro, incontáveis casos de assédio, tráfico de influência e por aí vai... Não era atoa que o nome dele já não estava bem-visto e cotado para continuar como vice para as próximas eleições.

A casa de Ford já estava caindo, mas eu fazia questão de ser a pessoa que terminaria de destruir com tudo que ele tem.

— *E aí, cara* — meu irmão me saúda. — *Chegaram bem?*

— Muito bem — afirmo. — Como estão as coisas por aí? Novidades? Conseguiu retorno com aquela mulher e o funcionário do gabinete?

— *Com o funcionário do gabinete, sim, mas ele ainda ‘tá sendo muito evasivo*. — Posso ver meu irmão rolando os olhos para o que ele está me falando. — *O cara quer dinheiro pelos documentos, Matt. Muito dinheiro. Então você que me diz: a gente compra ou não?*

Não deveríamos estar comprando essas coisas, mas como eu estava planejando um chá de revelação filho da puta pro Ford, sim, eu faria isso. Faria isso e iria ainda mais baixo do que ele. Faria tudo que precisasse pra dar a Madison a paz que ela merece.

— Me diz o valor e eu organizo tudo.

— *Duzentos mil.*

Mas que filho da puta.

— Fala com o *hacker* e deixa tudo no ponto. — Dylan resmunga em entendimento. — Conversa com esse funcionário do gabinete e manda ele sumir por um tempo. Quando isso estourar, Ford vai querer ir atrás de quem vazou todas as informações que ele tem, então não vamos contar com a sorte nisso.

— *Advogados fazendo trambicagem em nome do amor* — ele zomba, divertido. — *Essa é a coisa mais errada que você já fez toda sua vida, não é?*

Bufo.

— Vai ficar nessa ou vai fazer o que combinamos?

— *Não ‘tá mais aqui quem falou.* — Ri. — *Eu vou falar com David. Vamos preparar tudo e mandar o cara pra puta que pariu no cu do Hawaii. Te envio os documentos ainda hoje e também vou enviar pro hacker.* — Suspiro, aliviado. — *Só falta o lance do assédio.*

— Nenhuma delas quer falar?

— *Nenhuma* — rosna. — *E nós encontramos mais de vinte casos. O cara é literalmente um tarado em série. Velho bizarro da porra.* — Sim, eu sei. — *Vamos esperar mais um pouco pra ver se alguma delas cede?*

— É o jeito — digo. — Não vai ter como jogar só parte da merda no ventilador. Ele pode tentar se safar, fazer alguma merda pra escapar da prisão..., mas com caso de assédio, aí fica mais complicado.

— *Certo. Então vamos aguardar mais um pouco.*

— Trabalha em cima disso, Dylan. Por favor. Eu realmente preciso resolver isso logo.

— *Eu vou, irmão. Relaxa. A gente vai conseguir* — garante. — *A minha cunhadinha vai ficar livre desse pau no cu tarado do caralho.*

Cunhadinha.

Idiota.

— Confio em você.

— *Matt!* — Madison me chama. — *Preciso de ajuda pra passar sabonete nas costas!*

Precisa nada.

Madison está inventando.

Ela com certeza vai dar trabalho essa noite.

— Preciso ir agora — aviso Dylan.

— *Vai lá. Até mais tarde.*

— Até, Dy. E obrigado.

— *Relaxa, Matt. Somos irmãos por um motivo. Eu estou nas suas costas.*

— E eu nas suas — prometo.

Fico de pé e jogo o celular em cima da cama, seguindo até o banheiro pra achar a mulher dos meus sonhos com um sorriso enorme na boca e os olhos castanhos redondos piscando na sua falsa inocência de sempre.

Madison, Madison...

Se você soubesse as coisas que eu faria por você.

— Álcool esquenta o corpo mais do que chocolate.

Madison está repetindo a mesma frase desde que nós tomamos o nosso lugar ao redor da fogueira gigante que foi feita perto do campo que

jogamos futebol essa tarde para o luau pré-casamento. Estou começando a concordar com as palavras que a morena disse quando chegamos aqui sobre as coisas serem um tanto exageradas.

Afinal, por que diabos eles estão fazendo um luau “pré-casamento”?

Não faz nenhum sentido, sinceramente.

— Você já ‘tá bêbada. Eu não vou deixar você se embebedar ainda mais.

Ela não está bêbada, mas o seu estado de animação ainda não passou.

Eu não quero que Madison fique bêbada. A probabilidade de ela fazer alguma besteira é grande — *mesmo comigo por perto* —, e, quando ela acordar amanhã de manhã, ela com certeza vai querer me bater por não tê-la impedido quando pude.

— Você é sem graça demais — reclama, tirando o braço do meu. — Qual é o propósito de se fazer uma viagem se a gente nem pode se divertir direito? — Ela revira os olhos.

— Você não ‘tá se divertindo, Madison?

Ela bufa e faz um bico enorme.

— Sim, mas eu queria...

— Então pronto — eu a corto. — Agora pega o seu chocolate, toma tudo e deixa eu te abraçar. Você vai ficar bem quentinha assim, não acha?

— Não — resmunga, bebericando o líquido escuro. — Você nem quis fazer nada lá em cima. Como é que acha que vai me esquentar?

Ela ainda está se lembrando disso?

É claro que eu não quis fazer nada. Eu prefiro fazer as coisas com ela sendo capaz de se lembrar de cada momento que passamos juntos. Meio bêbada é o mesmo que bêbada, e eu não vou transar com ela bêbada.

— A minha amiga! — Madison exclama do nada, ficando de pé e voltando a se animar. — Vem, Matt. Eu vou te apresentar a minha amiga!

Seguro a sua mão, suspirando discretamente, e deixo que Madison me guie.

A gente passa por alguns dos meus amigos, mas eu não tenho nem chance de apresentá-la pra eles, porque a mulher continua seguindo seu caminho cegamente.

— Maddie! — Uma outra mulher exclama, soando tão animada quanto a minha Madison.

Ocupado vendo o rosto da minha dançarina se iluminar completamente, mal dou atenção a quem deve ser a sua amiga.

— Emma! — grita de volta, soltando minha mão e me deixando com uma interrogação no meio da testa.

Ela disse... Emma?

Emma... Jones...?

Levo o meu olhar até a figura das duas mulheres abraçadas e sinto os meus olhos quase sacarem do rosto.

É ela.

É ela mesmo.

— Matt, essa é Emma, Emma Jones, a amiga que eu te falei. — Eu encaro a ruiva, que me encara de volta com o mesmo sorriso de sempre. — Emma, esse é Mattew Thompson, o meu namorado.

Nem fodendo.

Nem fodendo mesmo.

Seguro o riso, porque isso é tão impossível de acontecer — *em partes* —, que dá muita vontade de rir.

Emma parece estar ainda mais alterada do que Madison.

— ‘Tá de brincadeira? — pergunta, parecendo se divertir tanto quanto eu. — Mattew Thompson, o meu ex-namorado controlador? — Gargalha e eu encaro Madison. Ela parece um pouco confusa, mas eu vejo nos seus olhos quando a ficha cai. — Ele é o cara de quem te falei, Maddie.

Elas falaram sobre mim?

Eu não sou controlador porra nenhuma.

Isso tudo é mentira.

— Ah... vocês...?

Emma se solta de Madison e se aproxima de mim.

A maldita ruiva — *nada contra, só os chifres que ela colocou em mim* — estende a mão na minha direção e eu a avalio antes de aceitar.

Ok, Mattew. Sem ressentimentos.

— Tudo bem, Matt?

Seguro a sua mão e aperto, balançando pra cima e pra baixo.

— Perfeitamente bem, Jones. Pelo visto você está indo muito bem também, não é?

Maddie se aproxima da gente e toma seu lugar ao meu lado.

Solto a mão de Emma e passo meu braço esquerdo pela cintura da morena.

— Bom, você sabe como eu sou. Até quando ‘tá tudo ruim fica tudo bem. — Ela olha de Madison para mim e faz o caminho inverso. — Então é você o namorado da Maddie, é?

— Com certeza — concordo.

— Espero que não seja tão chato com ela quanto era comigo ou eu juro que vou atrás de você pra fazer picadinho de advogado — ameaça, parecendo estranhamente alegra com as próprias palavras. — Então é com ele que você quer se amarrar, Maddie?

Encaro a mulher ao meu lado, vendo a sua expressão suavizar aos poucos.

— Acho que meio que já estamos amarrados — me encara —, não é?

Linda.

— Totalmente.

— Não quero segurar vela não — Emma reclama antes de sair puxando Madison consigo e me fazer grunhir por sua atitude.

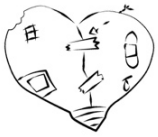
Eu as sigo e nós nos sentamos ao redor da fogueira mais uma vez, agora com a presença da minha ex-única-namorada como cereja do bolo.

Pelo menos isso vai ser bom pra eu superar o lance do chifre.

Já passou, porra.

Eu já estou em outra completamente diferente..., mas, Emma, eu espero que o carma te pegue em alguma esquina.

Superar é uma coisa, não guardar rancor é outra completamente diferente.



— Ela traiu mesmo você?

Eu a encaro, tentando entender a sua pergunta.

A gente vai mesmo falar dos meus chifres.

Estamos sentados ao redor da fogueira conversando, comendo e bebendo há mais de uma hora. Aproveitei o momento pra apresentar

Madison a mais pessoas, sempre, e sem nem pestanejar, na posição de minha namorada. Já que ela usou isso com Emma, eu posso usar isso com meus amigos e com muito orgulho.

Nós nos sentamos novamente há alguns minutos.

Estamos dividindo a quinta caneca de chocolate quente em menos trinta minutos.

Essa merda vai me dar uma dor de barriga do cacete, eu já estou até vendo. Pensando nisso e na sua pergunta, eu tento formular uma resposta para o seu questionamento.

— Acontece com todo cara de bom coração. — Dou de ombros, puxando-a para mais perto. — Devia ter te falado antes sobre ela, não é?

— *Tanto faz*... — resmunga, parecendo mais sóbria do que a uma hora atrás. — Sei que não é mais importante pra você, então ‘tá tudo bem por mim.

— Ótimo — retruco. — Realmente não é importante há muito tempo. Admito que ainda guardo um pouco de ressentimento em relação ao que aconteceu entre a gente e a sua falta de honestidade, mas eu entendi com o tempo que Emma é um pássaro livre, e se é assim que ela quer viver, que seja. Uma hora ela vai encontrar alguém que pensa como ela ou vai se apaixonar por uma pessoa que seja digna da sua fidelidade.

Madison levanta o rosto pra me encarar e ri.

— Ela é muito livre, né? — Sua risada não passa. — Fiquei imaginando vocês dois juntos e só me veio caos e destruição na cabeça. Ela, livre. Você, controlador. Isso é engraçado demais...

— Você fala como se não tivesse esse seu espírito-livre... — zombo.

— Com a vida, sim. Com o amor, não.

Amor?

— Amor, é?

Madison desvia nossos olhares, querendo fugir de mim.

— Você entendeu o que eu quis dizer, engraçadinho.

Sim, eu entendi.

Eu sei que você também me ama, Madison Johnson.

— Entendi que você não está planejando colocar novos chifres na minha cabeça.

Ela ri. Quase engasga.

— Não mesmo, relaxa, traumatizado.

— Não brinca com a minha dor.

Madison me encara e sobe a mão gelada até o meu rosto.

— Coitado do meu bebê — brinca.

Solto uma risada do seu cinismo

— ‘Tá vendo aí? Você falou como se fosse fácil lidar com você, sendo que você fica me desafiando e provocando o tempo todo?

— Por que você está falando isso com esse tom de reclamação? Não finge que não gosta, senhor Thompson.

Provocadorazinha da porra.

— Você vai me pagar.

Ela sorri de lado.

— Eu já não sempre pago?

— *Em dobro* — pontuo.

— Bota mais que eu aguento — sussurra.

Por que a minha cabeça maliciou isso?

Porra, Madison.

Você vai me pagar mesmo, mas infelizmente não vai ser hoje.

Mudo de assunto antes da nossa conversa ir longe demais, porque eu sei muito bem que ela não gosta disso — *principalmente por estarmos em público*. Madison e eu ficamos ali por apenas mais alguns minutos, já que a minha meio-bêbada e meio-sonolenta namorada começa cochilar no meu ombro antes mesmo que eu possa perceber.

Nós nos despedimos dos noivos e da ainda-mais-bêbada, Emma, e caminhamos de volta para o prédio principal do *resort*.

— Você não quer que eu te carregue? — pergunto para Madison, paciente.

Ela está andando devagar e trôpega. Apesar de eu já estar praticamente a carregando enquanto seguro a sua cintura, a posição é um tanto desconfortável pela nossa diferença de alturas.

— Não — fala, rápido e como um cachorro raivoso. — Eu consigo mexer as minhas pernas, não se preocupa.

Seguro o riso, mas acato a sua decisão.

Ela realmente acha que consegue cuidar de si mesma sendo que está andando de olhos fechados apoiada em mim.

Olho pra frente, redobrando a minha atenção por nós dois.

O saguão está quase vazio.

Localizo um casal entrando no elevador com o mesmo rapaz que me ajudou com as minhas malas e de Madison quando chegamos mais cedo. Já olho para o outro elevador, vendo que vamos ter que pegá-lo ao invés do principal.

Nossa caminhada continua bem devagar.

Minha atenção volta até o elevador do casal de novo.

Em um segundo eu estou tranquilo, no outro o meu corpo inteiro ferve.

É ele.

É o filho da puta do Ford.

Por um momento eu deixei essa lembrança escapar de mim. Por um momento eu deixei o fato de que ele é tio, tanto de Julia, quanto de Emma, escapar completamente da minha cabeça. Isso me deixa completamente puto. Não, não, além disso.

Ele me encara, olhando em seguida para Madison. E então sorri.

A bile sobe até o topo da minha garganta.

Filho de uma cachorra do caralho.

Puxo a mulher contra o meu corpo num movimento de proteção. Madison resmunga contra o meu peito, me abraçando um pouco forçado por toda aquela coisa abrupta. Eu só afrouxo quando as portas do elevador em que ele está se fecham.

— O que você está fazendo? — Madison pergunta, cada vez mais apagada.

Porra.

A gente precisa conversar, Madison.

— Não é nada — retruco. — Eu vou te carregar agora.

— Não... — reclama.

— Sem birra, Madison Johnson.

A gente precisa conversar mesmo, mas sei que ela não vai conseguir entender nada do que eu falar agora e, no máximo, eu só vou assustá-la.

Faço tudo no automático, um pouco distante por ter dado de cara com aquele imbecil. Entro em nosso quarto com ela nos meus braços e tranco a porta, deitando Madison com cuidado na cama. Tiro seus sapatos, calça e casaco. Me desfaço das minhas próprias coisas, afundando no colchão ao seu lado e puxando-a pra perto de mim.

— *Matt*... — sussurra.

— O quê?

— Eu falei mesmo pra Mabel que você é bonitão...

Eu a encaro com um pouco de dificuldade, mas sou capaz de ver o sorriso frouxo e bêbado que se forma em seus lábios.

Não consigo não sorrir com ela.

— Eu nunca duvidei da palavra de Mabel, dançarina.

Beijo a sua testa, apertando o nosso abraço.

Não caio no sono com facilidade.

Pra ser honesto, acho que só consigo cair no sono depois das quatro da manhã, e eu faço isso repetindo a mim mesmo que eu vou proteger Madison.

Eu vou te proteger, dançarina.

Eu vou.

28

“Ela é uma novata, uma iniciante.
Eu sou o sexorcista, o pecador.”

HOLY FVCK — *Demi Lovato*

MADISON JOHNSON

Acordo com a campainha do nosso quarto tocando.

Puta merda, eu nem sabia que tinha campainha em quarto de hotel.

Mattew parece estar literalmente desmaiado ao meu lado, porque ele não mexe um músculo com o barulho insuportável e insistente daquela merda ecoando em nossas cabeças. Escapo do seu abraço com dificuldade, pegando o meu roupão jogado no encosto da poltrona perto da varanda e visto, seguindo até a porta.

Olho pelo olho mágico a figura de Emma, aparentemente animada demais para o nosso próprio bem enquanto se prepara pra tocar a campainha mais uma vez.

Pego o cartão e abro a porta antes que ela possa cometer mais um ato criminoso.

— Bom dia, bela adormecida! — exclama. Eu olho pra trás, notando que Mattew ainda não está se mexendo e saio do quarto com o cartão, com medo de que a sua ex-namorada e minha mais nova amiga o acorde. — Você está atrasada, linda.

Franzo o cenho.

— Atrasada? — questiono. — Atrasada pra quê?

— SPA do dia do casamento. Ontem foram os homens com toda aquela coisa de jogo de futebol no frio. Vou te contar? Péssima ideia. — Revira os olhos. — Hoje somos nós, mulheres, as inteligentes, tomando conta do SPA e da ala leste para nos prepararmos para o casamento. — Emma toma o cartão da minha mão e abre a porta, me empurrando pra dentro um pouco impaciente. — Se despede do seu homem e se encontra comigo no térreo. Você tem cinco minutos. Ah, e traz o seu vestido, porque nós só vamos ver os homens de novo na hora do casamento.

Jesus, quanta dificuldade...

Fecho a porta, me preparando pra fazer assim como Emma pediu. Primeiro, volto pra cama e abraço Mattew apertado. Ele remexe um pouquinho, me puxando entre os seus braços e quase me imobilizando naquela posição.

Solto uma risada, beijando o seu pescoço e inalando o seu cheiro.

É.

É realmente impossível não me render a ele.

— *Ei, Matt* — murmuro perto do seu ouvido. — Emma veio me chamar para irmos ao SPA. Parece que vai ter uma coisa só das mulheres, então eu preciso ir... — Ele faz um barulho estranho em resposta. — Tudo bem por você? — Mais um barulho. — Vou tomar isso como um sim, ‘tá bom?

Nada.

Nem um barulhinho sequer.

Beijo o seu pescoço mais umas cinco vezes antes de me esforçar para sair do seu abraço. Fico de pé, ofegante, e começo a separar tudo que vou precisar na minha mala de mão. Arrumo o meu vestido ali dentro, as joias que Mattew me deu de presente há algumas semanas e, bom, absolutamente tudo que vou precisar, incluindo os meus itens de higiene pessoal já que Emma não me deu tempo nem pra tomar um banho.

Encaro o homem apagado na cama uma última vez e sorrio, depositando mais um beijo em seu pescoço naquela despedida silenciosa.

Saio do quarto com a minha mala, enrolada no meu roupão e toda descabelada.

Entro no elevador e belisco as minhas bochechas pra tentar acordar no meu caminho até o térreo. Quando as portas se abrem, avisto Emma e Julia de longe, no meio de um monte de mulheres — *mais do que eu consegui contar ontem* —, enquanto lideram os próximos passos de todas elas, e eu estou incluída nisso.

Me aproximo de onde elas estão, ambas conversando com outras duas mulheres vestidas com o uniforme do *resort* em um papo aparentemente caloroso. Quando as mulheres se afastam, Emma me acha.

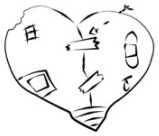
Ela sorri, puxando a noiva consigo em minha direção.

— Você chegou! — minha nova amiga comemora, toda espalhafatosa. Sorrio de lado, meu rosto queimando por inteiro quando sinto a atenção de todas as outras mulheres em cima de mim. — A gente estava só te esperando pra ir ao restaurante.

— Finalmente, Maddie — Julia também diz. — Vem, você está sob os nossos cuidados.

— Exatamente como Mattew iria querer — Emma completa e elas riem, me tirando uma risada também.

Minha mala vai parar nas mãos de alguém que está com as primas Jones, enquanto nós seguimos para o restaurante pra tomar café assim como nos foi dito. Eu tento arrumar meu cabelo, limpar os meus olhos e não abrir muito a boca, mas é difícil quando as duas mulheres mais animadas que eu já conheci não param de puxar assunto comigo.



Passar o dia quase todo longe de Mattew era estranho.

Nós já tivemos os nossos vários momentos, mas nunca tivemos que lidar com a distância física tão presente, isso era um fato. Mas, apesar de estranho, era muito legal ter alguém pra jogar conversa fora e falar qualquer tipo de besteira como eu fiz com Emma durante a manhã e tarde quase toda.

Julia, por ser a noiva, não pode ficar muito tempo com a gente. Ela tinha uma agenda própria para seguir com todas aquelas coisas que eu achava um enorme exagero, mas que, provavelmente, faziam sentido em sua cabeça.

Agora, Emma queria ficar ao meu lado até quando não tinha a menor necessidade.

São quatro e quarenta da tarde e a minha barriga está dolorida do quanto eu ri dessa mulher. Eu não sabia que precisava de uma Emma na minha vida até conhecê-la, e a verdade é que eu estava muito feliz por nossos caminhos terem se cruzado.

— Você está de tirar o fôlego — diz, olhando pra mim com um sorriso enorme no rosto. Se eu estou tão de tirar o fôlego quanto Emma diz, o que eu deveria dizer dela? Porque... uau. Ela é realmente linda. — Eu tenho certeza de que Mattew vai ficar babando e mais possessivo do que ele já é — sussurra perto do meu ouvido e a gente ri.

— Você também está linda, Emma. Perfeita, eu diria. — Pigarreio. — Tenho certeza de que o *bartender* não vai resistir aos seus charmes até o fim da noite...

Ela ri, alto.

— Deus te ouça, Maddie. Deus te ouça.

Me encaro no espelho uma última vez e o meu coração acelera.

O vestido que escolhi é vermelho. Não é nada grandioso. A peça tem um tecido muito, muito gostoso de se usar — *por esse motivo que o comprei* — e é um tomara-que-caia. Eu me sinto bonita pra caralho com a forma que o vestido agarra e valoriza cada uma das minhas curvas. Ele é colado na maior parte do meu corpo, soltando um pouco mais só do joelho pra baixo. Como eu disse, perfeito.

Fiquei tentada pra caramba para prender o meu cabelo, mas a cabelereira o fez tão bem que eu não me vi sendo capaz de estragá-lo.

O penteado era... comum.

Os meus fios escuros e longos estão completamente lisos, partidos no meio e caídos por minhas costas.

A coisa mais legal de todas estava sendo a minha maquiagem escura nos olhos.

Apesar de saber que talvez não fosse valorizar muito os meus orbes que já são escuros, optei mesmo assim por tons de preto e marrom para os meus olhos e vermelho sangue para a minha boca.

É claro que eu estava linda.

Não tinha ninguém que poderia me dizer o contrário.

— Maddie, você vem comigo? — Emma chama a minha atenção e eu volto a encará-la.

— A gente já pode sair daqui? — pergunto, confusa.

As minhas coisas estão guardadas em algum lugar que eu nem sei mais onde fica.

Meu celular está incluso na bagagem, já que não o vejo desde ontem.

— Sim, linda. Inclusive eu preciso passar no meu quarto pra pegar a rosa que esqueci. — Revira os olhos. — Você vem comigo? A cerimônia começa às cinco e meia, então ainda dá tempo de você procurar Mattew.

Concordo com Emma e nós saímos daquele salão juntas, de braços dados.

Ela continua falando qualquer besteira comigo até que nós alcançamos metade do caminho.

— Será que ele já está no local da cerimônia? — pergunto pra ela, parando de andar por um instante.

— Talvez. — Dá de ombros. — Homens não têm muito o que arrumar, né? — brinca e a gente ri. — Você quer dar uma passadinha lá?

— Acho melhor eu ir logo lá, se eu não o achar, aí sim sigo pro nosso quarto.

— Tudo bem, então. Eu vou pegar aquela maldita rosa e já já estou de volta — comenta. — O caminho é por ali.

Sigo o seu apontar de dedo e a agradeço uma última vez antes de nos separarmos.

Avanço com calma por causa do salto altíssimo em meus pés. Eu mal comecei a andar com eles e já sinto as tiras daquela sandália latejarem sobre a minha pele, apertadas pra caramba. Entro na pequena trilha de pedrinhas que Emma apontou para mim. Ela é rodeada por árvores enormes, o que deixa o ambiente mais intimista e frio.

Aspen já é fria por natureza, mas com essas árvores...

Deus, eu preciso de Mattew, eu preciso de um abraço seu ou do seu paletó.

Solto uma risada frouxa já imaginando a sua cara quando eu lhe pedir o paletó. É claro que ele não vai pensar duas vezes antes de cedê-lo para mim, mas com certeza vai fazer algum comentário sobre como o meu vestido é um pouco inapropriado para o clima em que nós estamos.

Contorno o caminho mais firme ao redor de um pequeno chafariz, mas congelo no meio daquele movimento.

Ele está aqui.

Ele.

Não o “meu ele”, Mattew.

O “ele” que eu não gosto.

Isaiah. Isaiah Ford.

De mãos enfiadas nos bolsos, ele me encara, sério só por um momento, porque logo o sorriso nojento de sempre começa a se esticar em seus lábios. Eu vejo a saída do caminho que Emma me indicou logo ali, mas eu vou ter que passar por ele pra chegar lá, e agora eu não sei o que é pior, voltar com ele atrás de mim ou passar com ele na minha frente.

Decido seguir em frente, rápido.

— Ei, calma aí, boneca — ele segura o meu braço —, vamos conversar.

Tento sair de debaixo do seu domínio à força, mas, mais uma vez ele é mais forte do que eu.

Isso não está acontecendo aqui.

Isso não está acontecendo agora.

— Senhor Ford, por favor, eu não quero começar uma cena aqui.

— É só não começar, 73. Pelo menos não aqui, no meio de todo mundo. — Sorri. — A gente pode ir para algum lugar mais reservado, se assim desejar.

— Eu não vou pra lugar nenhum com você.

— O que eu disse não foi uma sugestão...

Ele começa a me puxar pelo braço pra longe da saída.

Finco as unhas nas suas mãos, afundando e puxando para tentar escapar.

— ALGUÉM ME AJ...

Sua mão livre alcança os meus lábios, tapando com força.

Nós começamos a nos debater. Literal e intensamente. Luto contra Ford com tudo que tenho dentro de mim. Com a minha raiva, com a minha esperança, com o meu ódio, com o meu coração. Enquanto tudo começa a latejar dentro de mim, nada se faz mais forte do que o meu desejo de que ele simplesmente morra.

— Sua puta imunda. Gosta do jeito difícil, não é, Madison Johnson? Não é, 73? — Sua mão continua pressionando os meus lábios, enquanto ele me prende contra uma árvore com o braço livre. Minhas unhas chegam até o seu rosto, até o seu pescoço. — Sua fodida do caralho, para com isso!

— Me solta! — grito, conseguindo tirar a sua mão dali, da minha boca.

Não consigo nem mesmo respirar.

O meu pulso está tão acelerado e eu estou tão aterrorizada que tenho medo de morrer ali, sem nem conseguir lutar por mim mesma.

Música preenche o ambiente e ele ri.

— Você quer gritar? — pergunta. — Então grita, 73. Grita. Ninguém vai te ouvir mesmo. Pode gritar — continua, enquanto eu não paro de me debater, enquanto eu não desisto nem por um segundo de me soltar. — Isso — diz. — Grita, chora, faz o que quiser, Madison. Eu não coloquei uma pessoa pra te achar e te seguir durante todo esse tempo atoa... — Sorri. Ele... o quê? — Agora que você está aqui comigo, ele está cuidando do seu namoradinho, e eu sinto muito, mas ele não vai estar aqui pra te salvar dessa vez.

— V-Você é um pedaço de lixo.

Cuspo na sua cara, mas ele não perde o sorriso.

— Se você o deixar e vier ser a minha bonequinha de luxo, eu prometo que te ensino boas maneira — zomba, levando uma das mãos até o rosto.

O mal de quem faz a maldade é que acha que sempre está um passo adiante.

O mal de quem faz a maldade ser a porra de um velho tarado, é que ele é burro muita das vezes pra cometer deslizes amadores.

Aproveito do seu deslize para levantar o meu joelho esquerdo entre as suas pernas com toda força que eu tenho.

Eu o acerto em cheio.

Seu gemido de dor é alto quando ele cai aos meus pés.

Puxo a barra do meu vestido pra cima, começando uma corrida de volta naquele maldito salto que eu sou quase capaz de voar.

Tudo que eu ainda escuto de Ford é um: “você vai me pagar, vadia”.

Corro mais rápido, sentindo o ardor em meus pulmões tornar a minha vida mais complicada a cada segundo que passa. Quando eu paro no mesmo local em que me separei de Emma, tento me situar. Sigo desesperadamente. Esbarro nas pessoas, tropeço em meus próprios pés e dou sorte o bastante de não cair. Isso até eu chegar no saguão, que é quando eu vejo Emma sair do elevador com a rosa que ela disse que estava indo pegar em mão.

Me aproximo da ruiva com aquele desespero me consumindo.

Seus olhos me acham e automaticamente se arregalam de susto.

Ela se aproxima de mim rápido, fechando a distância entre a gente e me amparando.

— *M-Maddie?* — gagueja. — Que porra aconteceu com você?

— Ele... Ele tentou... Ele...

— Calma, calma. Puta merda... — murmura. — Vem comigo, pelo amor de Deus. Você precisa se acalmar... meu Deus, Maddie...

Ela me ajuda a ir até o elevador e nós entramos juntas.

Quando eu olho para mim no espelho, choro. Choro mais. As lágrimas mancharam toda a minha maquiagem, assim como aquele... assim como o nojento fez o seu próprio serviço de me tornar uma bagunça.

Ergo as mãos trêmulas para tentar enxugar as minhas lágrimas, mas eu não tenho controle delas, eu não tenho controle de nada. É como se os meus olhos estivessem cobertos por aquela cortina grossa de lágrimas e nojo, além de toda dor que eu sentia.

Por que ele não me deixa em paz?

Por que o meu passado precisa me perseguir onde quer que eu vá?

As portas do elevador se abrem, finalmente, e Emma me puxa pra fora dele consigo.

Eu me sinto assombrada e especialmente vigiada depois de tudo que Ford disse.

— Eles... E-Eles podem estar aqui...

— Eles quem, Maddie? — ela pergunta, mas não para de andar e nem de me puxar até o seu quarto. — Não tem ninguém aqui, Maddie. Acredite em mim.

Emma abre a porta e nós entramos.

A dor me perfura no meio do peito. As minhas pernas falham e o meu corpo atinge o chão antes que eu possa tentar controlar alguma coisa.

Escuto a ruiva xingar e passar por mim apressada.

— Por favor, ache o hóspede Mattew Thompson. É, isso, Mattew Thompson. Procura ele até no inferno se for possível, mas, por favor, ache-o e diga que a Maddie precisa dele no quarto 509. Isso, Maddie. Ok.

Mattew.

Sim, eu preciso dele.

Só Mattew consegue fazer a dor parar.

Só ele.

— Maddie, ele já vai chegar aqui — Emma murmura, me puxando para um abraço e se sentando ao meu lado. Ela me puxa para o seu colo e me aperta. — O que aconteceu, Maddie? Por que você está assim...?

Eu não sei o que falar.

Eu não sei se ela vai entender.

Eu não sei se alguém realmente consegue me entender.

Não é só o assédio.

Não é só a tentativa.

É o terror, é o medo, é a perseguição.

É aquela coisa ruim que você sente lá no fundo e simplesmente não tem como fugir.

Ford me fodeu psicologicamente e ele continua me perseguindo pra tentar me foder por completa.

— Ele... Ele tentou me... me... me tocar... — sussurro, encolhida no seu colo. — Ele tentou de novo.

— Eu vou ligar pra polícia.

— Não! — exclamo, sentindo um bolo se formar em minha garganta. — Matt vai chegar. E-Ele vai resolver, eu sei que ele vai... ele...

— Juro por Deus, Maddie, eu não vou ficar aqui ouvindo você falar que alguém tentou te abusar e permanecer de braços cruzados. Eu vou...

— F-Foi ele... — Lágrimas e mais lágrimas. — Foi o... o Ford.

Ela fica em silêncio.

Eu agarro as suas pernas com mais força, abraçando-a e desejando sumir.

— Ford? — murmura. — Isaiah Ford?

Concordo com um aceno, me vendo incapaz de continuar falando qualquer coisa.

— Ele é o meu tio.

Ah, que ótimo.

Levanto-me do colo de Emma, tirando forças de onde não tenho pra começar a me afastar dela. Eu não deveria ter falado nada. Eu não deveria ter lhe dado o nome. É a porra do tio dela. É o...

— Sinto muito — sibilo. — Eu...

Seus olhos estão cheios de lágrimas.

Eu a vejo engolir em seco enquanto tento ficar de pé.

— *Você não precisa*... — Pausa. Ela respira fundo e pigarreia. — *Ele*... *quero dizer*... ele é marido da minha tia, Maddie. Tecnicamente ele é meu tio sim, mas eu realmente o conheço como o homem que passou anos me assediando e abusando de mim debaixo do teto da minha própria família sem que ninguém soubesse disso.

Porra.

Eu escutei isso?

Eu não...

29

“Apenas deixe-me te abraçar mais um pouco.
Pegue um pedaço do meu coração e faça tudo seu.”

NEVER BE ALONE — *Shawn Mendes*

MATTEW THOMPSON

— Eu tenho certeza de que foi esse filho da puta, Dylan!

Corro pelo saguão do hotel, parando na frente do elevador e apertando o botão copiosamente, enquanto tento localizar a porta da escada de emergência.

Tento, tento e tento, mas não acho.

Não vou, não quero e não consigo ficar parado.

As coisas começaram do jeito errado desde a hora que eu abri os olhos e Madison não estava do meu lado.

Eu tinha certeza de que ele tentaria algo.

Eu tinha certeza absoluta de que ele não tinha vindo pra cá a passeio.

Eu tinha certeza com cada célula do meu corpo que Ford cavaria o seu próprio buraco, aquele que agora eu estava ainda mais disposto a enterrá-lo.

— Você precisa se acalmar, Mattew. Encontre-a e tome a sua decisão. Com ou sem prova de assédio, vamos fazer isso — Dylan responde, parecendo tão calmo enquanto eu estou em estado de surto. — Quando as notícias começarem a sair, talvez as mulheres tomem coragem de denunciar os casos. Eu não sei..., mas é só me dar a palavra que eu mando soltar tudo. — Silêncio. — Ah, e eu também estou mandar a polícia pro *resort*.

Ótimo.

— Eu te ligo em breve.

Desligo a chamada sem esperar por outra resposta sua.

As portas do elevador se abrem e eu sequer espero as pessoas saírem para que eu possa entrar. Eu vou empurrando quem vem pela frente e começo a apertar o botão do último andar o suficiente para quase fazê-lo afundar de vez.

Sozinho no elevador, ando de um lado para o outro, fazendo a caixa de metal balançar no meu ritmo.

Só ainda não o matei porque eu não o achei, mas eu seria completamente capaz de fazer isso. Fico repetindo essas palavras como um mantra, rezando pra Ford aparecer na minha frente, mas o destino não coopera nada comigo.

As portas se abrem e eu saio correndo, procurando a porta 509 e achando-a não muito longe da minha com Madison.

Bato uma, duas, três vezes. Bato o pé no chão também, impaciente.

Então Emma abre.

Passo por ela cegamente, buscando pela única pessoa que mais me importa no mundo e a encontro sentada na beirada da cama.

Ela parece... quebrada.

Meu coração dói com a sua imagem tão frágil e perdida.

Seu olhar encontra o meu e toda raiva que eu estava tentando reprimir e abafar de alguma forma, simplesmente explode. É silencioso, mas doloroso. Tudo dentro de mim fica uma bagunça, e quando vejo, já estou puxando a mulher que eu amo pra caralho para dentro dos meus braços, planejando nunca mais soltá-la.

— *Meu amor, eu sinto muito...* — sussurro, sentindo lágrimas de raiva escorregarem por minhas bochechas. — Caralho, Maddie, eu deveria estar

com você, eu... eu sinto muito de verdade. Eu sinto muito por ter falhado e...

— Não fala isso, por favor — pede, chorosa. Seguro o seu rosto de cada um dos lados, esfregando os polegares em sua pele manchada. — Eu consegui fugir e — respira fundo — não aconteceu nada, Matt. Eu juro. Não aconteceu.

— Eu acredito em você, Maddie. Eu acredito que você conseguiu, eu sei como você é forte pra caralho. — Balanço a minha cabeça copiosamente. — Porra, eu tenho tanto orgulho de quem você é, da sua força. — Ela concorda com um aceno. — Me dê uma palavra e eu vou foder com Ford, Madison. É você quem vai dizer pra mim.

— *Você não pod*...

— Ele pode sim, Madison — Emma a interrompe e eu viro para encará-la.

— Ele não é seu tio? — Arqueio uma das sobrancelhas, mudando de expressão totalmente

Não espero que Emma esteja do nosso lado, apesar de ela provavelmente ter visto o estado em que Madison ficou, afinal, foi ela que mandou me chamarem.

— Matt, a Emma...

A ruiva puxa e estende o próprio celular pra mim e eu preciso me esforçar para tirar as mãos de cima de Madison e pegar o aparelho.

— Você vai mesmo foder com ele? — questiona, enquanto eu tento assimilar o que está diante de mim. — Eu tenho isso há anos, Mattew. Anos. — Eu a encaro, me sentindo cada vez mais raivoso. — Ele fez comigo também. Por muito tempo. Eu tenho todas essas provas há anos, mas eu nunca soube o que fazer com elas.

— Emma, você... você deveria ter falado pra alguém... porra...

— Eu sei — declara, aparentemente consciente de toda merda. É claro que ela era consciente. O filho da puta abusava dela, que caralho! — Eu sei disso, mas... é a minha tia, Mattew. Eu não queria ser a responsável de destruir com o casamento dela, com a vida dela. A tia... a tia Lucy nunca teve um bebê. Ela me tratava como filha dela, ela era... ela era como uma segunda mãe até isso tudo começar, até eu nunca mais querer ficar perto deles. — Ela soluça, parando de falar um pouco para conter o choro. Madison fica de pé e segue até ela, abraçando-a pela cintura. — Mas eu não posso ficar com essas coisas guardadas enquanto ele continua por aí aterrorizando sabe mais quantas mulheres além de Madison... ele... ele precisa parar, Mattew... você precisa pará-lo, por favor...

— Você tem certeza de que quer que eu use isso? — pergunto, tentando me certificar das suas palavras. — Essas imagens não são apenas

suas, Emma. Aqui também tem outras mulheres. — Estou tentando usar um pouco a minha cabeça, não meu coração. — Elas autorizaram o uso dessas imagens?

— Para fins de processo, sim. Eu tenho tudo assinado — afirma. — Posso conseguir os documentos que elas assinaram quando eu as achei e as convenci de que deveriam processá-lo comigo em segredo de justiça, é claro..., mas acabou que a gente nunca... — Suspira. — Eu nunca consegui e elas também não tinham mais coragem do que eu.

— *Emma? Você está aí? Todas as damas já estão à postos, só falta você.* — Uma voz feminina desconhecida nos interrompe. — *Emma?*

— Merda — pragueja. — Eu preciso ir — diz, confusa pra caralho, assim como eu e Madison estamos, fora toda raiva. — Faz isso, Matt, por favor — pede uma última vez, então eu concordo.

Essa era a última coisa que faltava pra gente.

Os casos de assédio.

Por mais que eu não quisesse expor ninguém, aquilo precisava ser feito de alguma forma.

Madison volta para os meus braços e eu a aperto forte.

— Eu vou indo — afirma, nos dando uma última olhada e um último sorriso... um sorriso triste. — Fica bem, Maddie — completa.

— Obrigada, Emma.

Sento-me na beirada da cama, puxando a morena para o meu colo.

Beijo o seu ombro nu, inspirando o cheiro de Madison profundamente, engolindo em seco o bolo que tenta se formar na minha garganta.

— Ele disse que tinha deixado alguém te vigiando... alguém que já estava atrás de mim há algum tempo, Matt...

Fodido miserável do caralho.

A minha cabeça ferve com mais uma informação, mas ela se encaixa quase que naturalmente em outra coisa. Poucos minutos antes de um funcionário me encontrar para repassar o recado de Emma, um cara desconhecido foi me chamar pra dizer que a locadora de carros — *onde eu aluguei o veículo que estou usando aqui em Aspen com Madison* — estava na portaria querendo alguns documentos extras, eu achei completamente esquisito. Eu fui até lá e não tinha ninguém.

Isso era o melhor que eles poderiam fazer?

Fodidos.

— Ninguém mais vai chegar perto de você ou te tocar, Madison.

— *Matt...*

— É sério — garanto. Ela me fita de volta, atenta. Sem conseguir segurar, eu vomito em alto e bom som três palavras: — Eu te amo. — Quase não respiro. — Eu te amo, Madison. Eu te amo tanto, eu te amo há

tanto tempo. — Seus olhos escuros brilham, arregalados. — Você chegou na minha vida tão do nada, tão pelo acaso, e, dançarina, você se tornou tudo pra mim. E você tem sido isso há muito tempo. — Engulo o meu orgulho e medo, deixando cada palavra que eu tenho sonhado nos últimos dias simplesmente sair. — Eu te amo, Madison Johnson. Eu te amo pra caralho, minha dançarina. E vai ser isso pra sempre, esse amor gigantesco que você encontrou em algum lugar desconhecido dentro de mim, esse amor completamente sem restrições. Vai ser sempre você e eu até o último dia em que eu respirar.

Ela fica calada por alguns instantes, fazendo uma ansiedade conhecida me atacar.

Respiro fundo, começando a me odiar por talvez tê-la assustado, mas quando eu começo a pensar demais, ela responde:

— Eu te amo, Mattew. Na mesma intensidade, com o mesmo fervor, com a mesma paixão e necessidade. Obrigada por cuidar tão bem de mim, obrigada por me olhar no meio de uma escuridão perversa e ter escolhido me resgatar. — Segura o meu rosto e encosta as nossas testas. — Eu nunca vou cansar de te agradecer por me enxergado de verdade. Eu nunca vou me cansar de te agradecer por ter salvado a minha vida e a vida da minha família. Mas, Mattew, eu juro que não é por isso que eu te amo... — suspira —, eu te amo porque foi você que me fez conhecer o significado do que é

conseguir amar alguém e ser amada da mesma forma. É você, Matt. É você o único que eu já amei, o único que eu amo e o único que eu quero amar... pra sempre.

Caralho.

O meu coração está batendo tão forte no meu peito que talvez ele seja até mesmo capaz de sacar e cair entre nós dois. Eu não me importaria se isso acontecesse. Eu não me importaria em entregá-lo em suas mãos, porque, afinal, Maddie já tem cada pedaço para si.

Não nos beijamos.

Nós apenas... respiramos.

O silêncio é a coisa mais confortável que achamos no momento, mas eu não posso esquecer de que tem outra coisa importante acontecendo, de que aconteceu outra coisa importante minutos atrás.

Era hora de resolver isso.

— Vou mandar esse material pra Dylan e pedir que ele resolva tudo.

— O que ele vai fazer, Matt?

— Você vai ter que esperar pra ver — retruco —, mas eu prometo que o seu nome não vai estar no meio de nada, a não ser que queira, então pode ficar tranquila quanto a isso.

— Eu não quero — garante.

— Então considere isso feito, Maddie. — Afasto nossos rostos só o suficiente para fitá-la com mais atenção. — Você ainda quer ir ao casamento? — pergunto e a morena encolhe os ombros em uma resposta temerosa.

— Ele vai estar lá, Mattew.

— E eu também vou. — Afago a sua cintura, tentando acalmá-la. — Se você quiser, chamo alguém pra ajudar você a arrumar a sua maquiagem e a gente vai. Juntos. De mãos dadas e tudo mais.

Madison revira os olhos, rindo fraquinho.

— Tem certeza de que é seguro? — continua tentando se certificar.

— Amor, se você perguntar isso com medo mais uma vez, eu vou enfiar uma dezena de garfos nos olhos daquele velho maldito assim que meu olhos cruzarem com a figura dele.

Madison ri, um pouquinho mais solta.

— O que você disse?

— Que eu vou enfiar garfos nos olhos daquele escroto do caralho?

— Não, antes disso — pede.

Reviro os olhos, segurando minha vontade de... morrer.

— Eu disse “amor”.

— Pode dizer de novo?

— Senhorita Johnson...

— Por favor...

— Madison Johnson — eu a repreendo.

— Não é isso e você sabe... — Faz um bico.

— Eu não sei do que você está falando, amor...

— Isso ‘tá me dando arrepios — treme, me fazendo soltar uma risada e puxar o seu riso com o meu. — Eu te amo, Mattew Thompson, meu amor...

— Eu te amo pra caralho, Madison Johnson, meu amor.

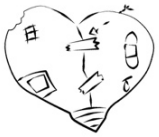
É oficial.

Meus quatro pneus estão furados, queimados e desencapados, e o meu carro nunca mais vai sair do lugar.

Embora a minha felicidade seja grande, isso não é tudo.

Madison e eu saímos do quarto de Emma e seguimos para o nosso. Ligo pra recepção, pedindo para que mandem uma cabelereira e maquiadora para a minha mulher, e enquanto eu a assisto se arrumar e ficar pronta mais uma vez, envio tudo que tenho pra Dylan, deixando-o encarregado de colocar a cereja do bolo logo depois que a cerimônia tiver fim.

Eu sinto muito por estragar a festa de vocês, Elliot e Julia, mas você nunca sabe quando tem que desmascarar e prender um assediador, pedófilo e ladrão do caralho.



Apesar de Madison e eu termos chegado um pouco atrasados por escolha própria, posso dizer que a cerimônia de casamento dos meus amigos foi bonita. Não consegui me desligar do ambiente ao nosso redor e nem de Madison, preocupado o tempo todo em me garantir de que ela estava se sentindo bem e confortável.

Localizei o filho da puta na segunda fileira de cadeiras, ao lado de sua mulher. Sua presença era perturbadora mesmo sem sua atenção sobre a gente. E, mais uma vez, tive que conter todos os meus instintos para não me levantar e ir atrás dele pra lhe dar tudo que merece.

Nesse exato momento, Madison, Emma e eu estamos sentados em uma das mesas colocadas no vastado salão cheio de convidados e familiares.

Nós não falamos muito, só... *esperamos*.

É segurando a mão de Madison que eu escuto o meu celular fazer barulho com uma nova notificação. O celular de Emma também faz barulho. Como se cena estivesse programada para acontecer, o celular de

todo mundo começa a tocar, anunciando uma nova notificação, enquanto uma movimentação atípica começa a acontecer na porta do salão.

Eu sei o que é que está acontecendo.

A matéria de denúncia já deve ter sido publicada no site do *The New York Times*, veículo oficial com quem Dylan entrou em contato pra fazer a denúncia. Um furo e tanto se tratando de política. O vice-governador envolvido em escândalos de abuso sexual e corrupção? É claro que o *The New York Times* fez questão de tratar tudo com a gente por debaixo dos panos e só esperar o “ok” para publicarem a matéria.

As notificações são feito de um *hacker* que nós achamos por aí...

Garoto jovem, bom com computação e precisando de dinheiro.

E, porra, ele é bom mesmo.

Jogou a matéria no celular de todos os presentes no local.

Perfeito, assim como nós combinamos.

Uma palavra e ele faria.

E ele fez.

E está feito.

Em câmera lenta, a polícia entra no salão de jantar do casamento de Elliot e Julia.

Eu realmente sinto muito por estar estragando tudo, mas talvez não tivéssemos a mesma chance de prendê-lo praticamente em flagrante aqui,

tão desprotegido de tudo e todos.

Até Ford conseguir um advogado que queira se meter com as merdas que ele fez, ele provavelmente já bateu com a língua nos dentes e falou muita merda.

É perfeito pra deixá-lo enrolar a corda no próprio pescoço e se enforcar.

— Ele vai ser preso? — Emma pergunta do meu lado esquerdo.

— Com certeza sim.

— Eu vou ter que ir... eu vou ter que dar algum depoimento?

Eu a encaro.

— Ficaremos sabendo sobre isso, mas é provável que sim.

O primeiro grito horrorizado vem.

Acho que finalmente chegaram na pior parte da matéria.

— Mattew, a Emma...

— Os nomes das vítimas não foram divulgados, meu amor. Não se preocupe quanto a isso. — Viro para a outra mulher. — Sua identidade não foi divulgada, relaxa, tudo bem? De qualquer forma, você está na presença do seu advogado caso precise de qualquer tipo de auxílio.

Emma sorri. É um sorriso pequeno. Eu sorrio de volta pra ela.

Ela me agradece, mas, acima de tudo, sou eu que estou lhe agradecendo.

Se não fosse por ela, nada disso estaria acontecendo.

O alvoroço no salão se inicia. As pessoas se levantam, algumas choram e outras gritam, soando realmente como um grande filme de terror. Insultos são proferidos em alto e bom som.

A polícia finalmente entra no salão.

Cinco policiais, liderados por um delegado, seguem até o velho homem.

Assisto de camarote a caída de Ford.

Ele achou que iria se safar? Logo de mim? Logo mexendo com a minha mulher?

As coisas acontecem muito rápido. Quando ele já está algemado, sendo levado pelo pelo delegado e policiais, fico de pé.

— Foi você, não foi, Thompson? — grita na minha direção, alucinado de ódio.

Abro o meu sorriso mais cínico.

— Eu? O que eu fiz? Não tenho nada a ver com as merdas que o senhor, uma autoridade importantíssima do estado de Nova Iorque, faz. — Mantenho Madison atrás de mim, cobrindo o seu corpo com o meu e não deixando o imundo olhar nem um fio de cabelo seu. — Aqui se faz, aqui se paga, Ford. Lá na cadeia você não vai achar mais nenhuma menininha ou

qualquer outra mulher pra tentar tirar proveito. Eu espero que aproveite a sua estadia por lá.

— Não vou ficar preso por muito tempo.

Ri, soando como um idiota.

Bom, é isso que ele é.

Não preciso falar mais nada, porque os próprios convidados começam a xingar o asqueroso Isaiah Ford, e isso já é suficiente pra lavar um pequeno pedaço da minha alma.

Isso é por Madison, por Emma e por tantas outras mulheres que foram abusadas na mão desse fodido do caralho.

Eu vou garantir, com toda influência que a minha família tem no meio, que você nunca mais saia de trás das grades, Ford.

Lá é o seu lugar, e é lá que você vai morrer.

30

“Dê tudo de si para mim,
eu vou dar tudo de mim para você.
Você é o meu fim e o meu começo,
mesmo quando eu perco, eu estou ganhando.”

ALL OF ME — *John Legend*

MATTEW THOMPSON

Alguns meses mais tarde...

Um caso de sucesso.

Aperto a mão do senhor Higgins com um sorriso no rosto, enquanto ele parece ainda mais satisfeito do que eu quando termino de lhe dar o parecer oficial da decisão do juiz.

Nós conseguimos.

O seu problema está resolvido, o caso está ganho e, puta merda, depois de alguns anos, esse é provavelmente o maior que nós pegamos, lidamos e ganhamos como uma equipe.

Eu estava orgulhoso e feliz de todos que trabalharam comigo pra fazer esse caso ser favorável para nós, para o nosso cliente.

Meu olhar viaja pela sala até cair em cima da morena que me tira o sono todas as noites. Ela me oferece um sorriso bonito e aconchegante. Eu poderia morar nele. Pra sempre. Bom, talvez seja isso que eu vá fazer mais tarde com ela, entre tantas outras coisas que não cansamos de fazer nunca.

Mais de seis meses já haviam se passado desde o casamento de Elliot e Julia.

Isaiah Ford agora era um homem preso e exonerado de suas funções públicas para com o estado de Nova Iorque. Quando eu lhe disse que nada ficaria barato e que se precisasse ir ao inferno por Madison, eu iria, eu não estava brincando.

O escândalo tão próximo das eleições foi um prato cheio para o cenário político.

Dizer que o nome do velho asqueroso está na lama é até um elogio.

Ele estava fodido com processo até a garganta. Depois que tudo veio à tona juntamente com os casos que Emma cedeu pra gente, outros tantos

casos de abuso e assédio sexual surgiram contra Ford. A grande parte das mulheres que apareceram, também tinham provas. Ou, seja...? Que ele apodrecesse atrás das grades.

Madison, por outro lado, seguiu com a mesma decisão de não se envolver nas denúncias e eu só respeitei, até mesmo um pouco aliviado com seu posicionamento. Emma, por outro lado, estava na frente de tudo aquilo, tomou coragem pra levar a sua denúncia adiante e eu segui como seu advogado, do mesmo jeito que prometi que seria ainda na noite do casamento.

Madison e Emma se aproximaram ainda mais.

Aparentemente a amizade inesperada que surgiu entre as duas havia se tornado algo importante para a minha namorada, então, mesmo a ruiva não morando em D.C., ela sempre dá um jeito de dar um pulo todo santo mês pra encontrar com Madison e saírem juntas.

É um sofrimento ficar longe de Madison, mas se ela está feliz desse jeito, eu só fico quietinho na minha e deixo que ela viva a própria vida — ao meu lado, é claro —, segundo a sua própria vontade.

— Nós nos vemos no próximo mês então, Thompson — Higgins declara, pegando as suas coisas de cima da mesa e começando a se dirigir até a porta. Eu o acompanho, atenciosamente. — Vocês vão mesmo pegar esse outro processo?

— É claro — concordo. — Vai ser mais um processo ganho — lhe garanto.

Poucas foram as brigas que eu já entrei pra perder.

Ultimamente, depois de quase dez anos de atuação na área, meu olhar clínico conseguia avaliar muito bem que caso pegar ou não.

Os casos de Higgins são limpos e rendem um bom retorno.

É claro que eu não deixaria isso passar.

— Vou entrar em contato com a sua secretária para marcar o nosso próximo encontro — sentencia e eu apenas concordo.

Falando nela, eu a chamo:

— Senhora Williams, você poderia acompanhar o senhor Higgins até o elevador?

A mulher se dispõe no mesmo instante, sempre prestativa.

— Com todo prazer, senhor Thompson.

Me despeço de Higgins com mais um aperto de mão e o deixo sair da sala de reunião com a senhora Williams no seu encalço. Quando viro para a minha equipe, nós comemoramos. Abraço o meu irmão, David e agradeço cada um dos outros advogados do nosso time pelo bom trabalho, prometendo a bonificação que cada um deles merece.

Em menos de cinco minutos, sobramos apenas Madison e eu na sala.

Me aproximo dela com um sorriso no rosto que logo é correspondido.

Próximos o suficiente, seguro a sua cintura e selo os nossos lábios, empurrando minha língua para dentro só pra provar do seu tradicional sabor de baunilha e morango de todas as manhãs. Solto um grunhido em pura satisfação, subindo e descendo as minhas mãos por suas laterais e trocando as nossas posições para empurrá-la e subir o seu corpo sobre a mesa.

A gente ainda não fez nada aqui, na sala de reunião...

Bom, não seria uma má ideia dobrar Madison sobre essa mesa gigantesca e...

— Ei! — resmunga, separando os nossos lábios e tentando fugir do meu beijo. — A gente não ‘tá em casa pra ficar dando esses amassos.

— Como se a gente ainda não tivesse se amassado em todo canto desse escritório — retruco, chateado com o jeito que ela me repreende. — Semana passada não foi em cima da copiadora do RH?

— Não me lembra disso. — Madison me empurra pelo peitoral e eu solto uma risada, observando-a cruzar os braços com uma carranca no rosto. — Nós quase fomos pegos por aquele grupo de fofoqueiras. Imagina só o que elas poderiam estar falando da gente a essa hora se tivessem nos visto?

— Meu amor, você realmente se importa com o que os outros pensam?

— No meu ambiente de trabalho? Sim! — Ela soa indignada.

— Mas eu sou o seu chefe.

Madison revira os olhos.

— Exatamente por isso. — Escorrega de cima da mesa, me empurrando mais para poder conseguir ficar de pé. — Eu não consigo nem imaginar a cara horrorizada do cara que fica responsável pelas câmeras desse escritório...

Acho que é por isso que eu sou tão apaixonado por Madison.

É o seu jeito de encarar as coisas com seriedade e nunca desistir do próprio ponto de vista. É o seu jeito de me desafiar e a forma como ela só aceita se dobrar para mim se for no sexo. É o seu jeito de me deixar hipnotizado só com uma ação e me desmontar por inteiro só com um olhar.

Eu a amo.

Muito.

Pra caralho.

É um sentimento que não para de crescer nem por um diazinho sequer.

— Vamos pra casa?

Ela arqueia uma das sobrancelhas.

— Pra casa? Agora? Você?

Checo o relógio no meu pulso, observando que ainda estamos dentro do tempo.

— Sim, dançarina — respondo. — Você não quer dar uma passadinha em Phoenix?

Arregala os olhos.

— Hoje?

Madison quase grita.

Sorrio de lado.

— As passagens estão nos esperando no porta-luvas do meu carro. — Estendo a mão para ela. — O que você me diz?

— É claro que sim! — retruca, pulando em cima de mim num abraço apertado.

Ela começa a espalhar um monte de beijos pelo meu rosto e eu finjo estar entediado.

— Agora você não se importa, não é?

Maddie ri, se endireitando e segurando a minha mão com firmeza.

— Claro que não — cantarola. — Eu estou morrendo de saudade dos meus pais e de Mabel, e você está me dando isso de surpresa depois de quase três semanas. Você sabe o quanto estive ansiosa para ir vê-lo depois que a mamãe disse que o quadro do papai está tendo melhoras significativas.

Eu também estou ansioso para ver Melvin.

Eu também estou animado para constatar todas as suas melhoras.

Eu mal posso esperar pelo dia que ele vai estar cem por cento curado dessa doença maldita.

Saímos da sala de reunião e seguimos para o elevador.

Não consigo parar de sorrir e percebo que Madison, logo ao meu lado, também não consegue.

Quando entramos na caixa de metal, um pensamento ressurge em minha mente.

— O que você acha da sua família vir pra cá?

Maddie se vira pra mim.

— C-Como? — gagueja.

— É, vir pra cá, ficar perto da gente, de você...

— Mas o tratamento...

— A gente pode ir conversar com os médicos e perguntar se há alguma possibilidade de transferi-lo pra cá.

— Mas, Mattew...

— É só você me falar que quer e eu dou o meu jeito, amor.

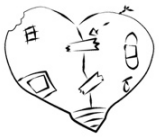
Eu a vejo derreter diante dos meus olhos.

Os orbes castanhos brilham, cheios de lágrimas.

— Você faria isso por mim? — questiona, a voz embargada e pesada.

Aperto nossas palmas juntas e subo para depositar um beijo no dorso.

— Não existe nada que eu não faria por você, dançarina. Absolutamente nada.



Phoenix está mais bonita hoje do que da última vez que Madison e eu estivemos aqui. Eu não sei se é pela decisão que tomamos juntos, eu não sei se é pela melhora expressiva de Melvin, eu não se é porque está tudo se encaixando nos devidos lugares... eu não sei o motivo, mas Phoenix está mesmo brilhando. Brilhando pra caralho.

Maddie toca a campainha da casa dos seus pais e nós esperamos.

— Não precisa ficar nervosa — murmuro para ela.

— É impossível — retruca no mesmo tom, rindo mais nervosa ainda.

Desde que lhe sugeri sobre a ida dos seus pais para D.C. que Madison não para de roer as unhas e balançar as pernas. Ela está visivelmente nervosa e ansiosa, e eu já até tentei acalmá-la, mas não consegui nem um pouco.

Abro a boca para lhe responder, mas não consigo concluir porque a porta logo é aberta e, para a nossa surpresa, é Melvin quem está ali, de pé e um pouco mais forte do que da última vez que nos vimos.

É... surpreendente.

Mesmo.

Agora eu entendo o motivo da animação de Maise nas últimas ligações que fez pra filha.

— Pai — Maddie solta a minha mão, dando um passo largo para fechar a distância entre ela e o seu pai. — Meu Deus, você está de pé mesmo?

Ela já está chorando de novo.

Observo a cena com paciência, feliz pra caralho por Madison, por Melvin, por toda família. Essa é uma vitória deles, por mais que Maddie sempre queira dedicar a maior parte para mim. Não fui eu que salvei Melvin. Foi a sua filha que me salvou de um vazio que eu nunca soube dimensionar o tamanho dentro de mim.

Foi Madison.

Ela salvou a todos nós e nem faz a menor ideia disso.

— Minha princesa, é tão bom te ter aqui — ele retruca quando Maddie afrouxa o abraço ao seu redor. Eles ficam se encarando por um tempo até que ela se afasta totalmente, passando pelo arco da porta. — Mattew — estende a mão pra mim e eu aceito o cumprimento, apertando e sacudindo. — Que bom que você veio.

— Digo o mesmo, senhor Johnson.

Nós entramos e logo o furacão Mabel aparece.

Ela fala com a irmã rapidamente, correndo pra se jogar do meu lado no sofá.

— Mattew! — exclama, balançando as perninhas e tremendo o corpo de animação. Solto uma risada, junto com Madison e Melvin. — Você veio com a Maddie!

— Ela com certeza gosta mais de você do que de mim — Madison reclama em alto e bom som.

— Deus tem os seus favoritos e uma princesa também tem, não é Mabel? — provoco e a menina ri, mas acena com a cabeça em concordância. Olho para a mais velha, piscando pra ela de um jeito cúmplice. — Eu sou o seu favorito, não sou?

A pequena sorri de lado, balançando a cabecinha de um lado para o outro e abanando os pés no ar.

A gente ri do seu jeito.

— A Maddie tem que ser a minha favorita, Matt... desculpa..., mas você é o segundo favorito, ‘tá?

— *Ouch!* — Levo a mão até o peito, fingindo estar com dor. — Você me machucou, princesa Mabel.

— Não fica assim, Matt. Se você me levar no parque de diversões que chegou aqui na cidade, eu deixo você ser o primeiro favorito.

Mabel e a sua veia chantagista que sempre quer levar vantagem de alguma forma.

Ela daria uma boa advogada. Não que sejamos chantagistas, mas ela é bem convincente em suas palavras.

— Ei! E eu? — Maddie reclama.

A sua mãe entra na sala, se aproximando da gente.

Fico de pé e a cumprimento com um abraço rápido.

— Os cookies acabaram de sair do forno — Maise comenta e Mabel bate palmas.

Madison me encara e balança as sobrancelhas.

Certo, eu vou falar com eles, dançarina.

Relaxa.

— Mabel, você não quer me ajudar na cozinha rapidinho? — Madison pergunta, chamando a irmã, mas ela quase não se move.

— O que você quer fazer lá? O Matt ‘tá aqui...

— É, eu sei — ri —, mas eu quero que você me ajude a escolher os melhores cookies da fornada que a mamãe preparou pra gente dar pra ele. O que acha?

— Você quer, Matt?

— Claro, princesa. Se vocês puderem ir pegar pra mim, eu agradeceria muito.

— Com o quê? Me levando no parque de diversões?

A gente ri.

— A gente pode conversar sobre isso, mas só depois dos cookies.

— Então ‘tá — ela levanta, rápido —, vamos logo, Maddie. Vamos.

As duas saem da sala e eu fico sozinho com Melvin e Maise.

Preciso falar com eles... é agora ou nunca. De novo.

— Posso conversar com vocês por um instante? — pergunto, dividindo o meu olhar entre os dois.

— Aconteceu alguma coisa? — Melvin questiona, preocupado.

— Não, não aconteceu nada... eu só queria compartilhar algo que estive conversando com Maddie.

— Vá em frente, querido — Maise enuncia, calma.

— A gente andou conversando mais cedo sobre a possibilidade de vocês irem para Washington. Claro, conversaríamos com os médicos para ver se uma transferência é possível de ser feita a essa altura e, conforme fosse a resposta dos médicos, só dependeria de vocês decidirem se querem ou não ir para D.C. com a gente. — Os dois ficam quietos, calados. Pigarreio, tentando clarear os meus pensamentos para continuar com a minha “proposta”. — Madison sente muita falta de vocês, da família que vocês são. Eu sei que essa talvez seja uma decisão complicada a ser tomada, mas eu realmente pensei nisso imaginando no bem que isso faria para todos

vocês... e até para mim. — Limpo a garganta mais uma vez. — Senhor e senhora Johnson, eu realmente amo a filha de vocês e a felicidade e o bem-estar dela é uma prioridade pra mim.

Maise me encara com um brilho nos olhos.

Melvin também, mas de um jeito um tanto contido.

Eu o entendo, eu também sou assim.

— Nós realmente precisamos falar com os médicos a respeito disso — Maise concorda. — As sessões de quimioterapia estão chegando ao fim e nós não podemos prejudicar o meu marido, mas...

Ela encara Melvin, como se esperasse um posicionamento dele.

— Nós já devemos muito a você, Mattew. O meu tratamento, o seu cuidado com a nossa filha e...

— Vocês não me devem nada — eu o interrompo. — Eu sou o único que devo alguma coisa aqui a vocês... e vocês sabem o motivo pelo qual eu estou falando isso. — Pauso. — Madison é a coisa mais importante da minha vida e tudo que é importante pra ela, também é importante pra mim. — Respiro fundo. — Se concordarem com isso, não se preocupem com nada. Vocês terão todos os cuidados em D.C., e de quebra ficarão perto de Maddie.

— Mattew... — Maise sussurra, emocionada. — Nós não queremos nos aproveitar de você.

— Senhora Johnson, eu sei que vocês não são esse tipo de pessoa. Já me considero parte dessa família e eu faço qualquer coisa pelos meus. Sempre. — Eles precisam aceitar. — Por favor, pensem com carinho sobre a propost...

— Sim — Melvin sentencia. — Nós aceitamos, Mattew. Se os médicos liberarem, se estiver tudo bem por você, nós aceitamos.

— Amor, nós vamos mesmo? — Maise pergunta pra ele.

Eles se encaram e abrem um sorriso.

Eu não consigo não sorrir junto.

O meu coração fica mais leve e parece que eu consigo respirar de novo.

— Nós vamos — Melvin responde. — Se estiver mesmo tudo bem...

— Está tudo mais do que bem, senhor Johnson.

Queria abraçá-los agora, mas eu me contenho.

Madison e Mabel entram na sala com um prato cheio de cookies e com os sorrisos mais lindos do mundo. A morena me encara quando já está perto o suficiente e se senta ao meu lado. Ela arqueia uma das sobrancelhas numa pergunta silenciosa que nós dois entendemos o que significa. Nós dois, Melvin e Maise. Só não Mabel, ou ela vai querer ir para Washington escondida na nossa mala daqui dois dias.

Aceno positivamente para Madison e ela encara os pais na mesma batida.

Ficamos ali, no meio daquele momento, com todo o entendimento que só nós temos.

Mabel é quem quebra o clima de emoção, me oferecendo os benditos cookies e tentando me convencer a ir comprar sorvete com ela “mais tarde”.

Eu cedo.

Eu sempre cedo para ela.

Madison e Mabel têm essa habilidade de sempre me fazerem ceder, mas eu nunca me importaria com isso, eu nunca me importaria em realizar os desejos delas e ganhar aqueles sorrisos lindos de agradecimento.

A minha família realmente tinha crescido, e eu só conseguia me sentir feliz com isso.

31

“Há milhões de razões diferentes porque eu te amo
e eu tenho certeza de que posso encontrar mais um milhão.
Não há uma única coisa que eu mudaria sobre você.”

FLAWS — *Calum Scott*

MADISON JOHNSON

Algumas semanas mais tarde...

Era quase inacreditável que eu os tinha aqui.

Nem nos meus melhores sonhos eu imaginei que um dia nós ficaríamos tão perto outra vez, mas estava acontecendo. Por mais inacreditável que fosse, estava acontecendo e tudo isso, novamente, era graças a Mattew.

Depois de muitas conversas com os médicos, depois de muita organização e de um monte de dinheiro gasto, os meus pais finalmente estavam em Washington, sentados no banco de trás do carro do meu “namorado” junto com a minha irmãzinha enquanto nós estamos a caminho da casa que alugamos para a minha família.

A voz fina de Mabel toma conta do veículo, enquanto ela nos conta com todos os detalhes possíveis como foi a sua primeira vez dentro de um avião.

Pela forma como ela fala, a única medrosa com voos é só eu.

Mattew dirige tranquilo pelas ruas residenciais de um bairro próximo à casa dos seus pais e eu deixo o meu olhar fixo naquela rota.

Algo chama a minha atenção.

Pelo fato dele estar dirigindo mais devagar, consigo olhar com clareza.

— Mãe, pai! Olha aquela casa ali! — Aponto. — É igualzinha a nossa em Phoenix.

E eu não estou mentindo.

— É mesmo, filha. Que bizarro... — Minha mãe diz e a gente ri.

A casa pela qual estamos passando na frente é quase idêntica a nossa casa lá no Arizona. Isso me faz sentir um friozinho bom na barriga. É saudade..., mas saudade só dos dias felizes que vivemos lá.

Deixo Mabel tomar conta mais uma vez da conversa e levo a minha mão até a de Mattew. Viro o rosto para encará-lo, encontrando o seu semblante tranquilo. Não há um traço sequer fora do lugar. Ele parece em paz tanto quanto eu estou.

O caminho até a casa que alugamos é feito sem muita interferência.

Quando vamos nos aproximamos, me surpreendo ao notar que Dylan está do lado de fora junto da casa com a empresa que contratamos para trazer as coisas mais importantes e insubstituíveis dos meus pais e de Mabel. São dois caminhões cheios que, pelo visto, já estão sendo descarregados sob o comando do Thompson do meio, o enxerido.

— O que o seu irmão ‘tá fazendo aqui? — pergunto pra Mattew, segurando o riso.

Dylan está completamente... animado?

Ele está usando apenas shorts e tênis, já que a sua camiseta está na mão enquanto ele abana no ar pra mostrar o caminho para os homens.

— Ele ficou sabendo que seus pais chegariam hoje e quis vir se apresentar. — Mattew encosta o carro atrás do carro de Dylan. — Espero que isso não seja um problema — completa, encarando meus pais pelo espelho retrovisor.

— O rapaz sem camisa é seu irmão?

— Você tem irmão, Matt? — Mabel pergunta, se inclinando entre a gente pra ver melhor. — Ele é um príncipe? — continua.

— Não, princesa. Ele é um vagabundo — Mattew responde, simples, como se Dylan não fosse nada. Solto uma risada. — Meus pais também vieram... junto de Christopher, Katherine e Kim. Sophie disse que estava chegando também... Isso ainda não é um problema, certo? Eu não consegui dizer não...

Meus pais riem e a gente sai do carro sem nem responder Mattew.

É claro que não é um problema.

Eu amo a sua família e eu tenho certeza de que os meus pais vão amá-los também.

— Dylan Thompson, veste essa camisa, garoto mal-educado. Olha os donos da casa chegando aí!

— Está tudo bem, senhora Thompson! — exclamo, me aproximando de Dylan. — Você andou malhando? — pergunto, beliscando a sua barriga e provocando-o.

— Por quê? Está gostando do que vê, cunhadinha?

Mattew aparece atrás de mim e dá um tapa na cabeça do seu irmão.

— Veste a camisa, idiota.

— ‘Tá, ‘tá... — resmunga. — *Chato*.

Pigarreio, vendo a minha mãe e o meu pai pararem a alguns passos da gente segurando a mão de Mabel.

— Mamãe, papai e Mabel, esse é Dylan, irmão de Mattew, e o Thompson do meio.

— Olá, senhor e senhora Johnson.— Dylan se aproxima, sorrindo de lado enquanto oferece a mão para a minha mãe e depois para o meu pai. Eu vejo Christopher revirar os olhos e seguro a risada. — Eu sou Dylan Thompson, o mais legal entre os três... garanto.

— Prazer conhecer você, rapaz — minha mãe retruca.

— É bom conhecer a família de Mattew.

Dylan sorri.

Ele olha para a minha irmã que está de olhos vidrados nele.

— Maddie... — Mabel me chama e eu me abaixo para escutá-la. — O Matt tem certeza de que ele não é mesmo um príncipe?

Gargalho, alto. Eu acho que nunca me diverti tanto assim em toda a minha vida.

— Mabel... — mamãe a repreende.

— Oi, pequena Johnson.

Dylan se abaixa para cumprimentar a minha irmã.

— Pequena Johnson, não. Eu sou uma princesa.

— Hein? — resmunga, franzindo o cenho.

— Princesa Mabel de Phoenix, Arizona.

Puta merda.

Eu amo tanto a minha irmã.

— Ah, é? — Dylan se endireita e então faz uma reverência. — Eu sou o príncipe Dylan de Washington, D.C., e é um prazer conhecer você, princesa.

— Como é que você é príncipe se o Matt não é?

Ela estreita o olhar na direção de Dylan, esperta.

— Ele é adotado, baixinha, mas não fala pra ninguém que eu te disse.

— Dylan, cai fora — Mattew rosna, aparentemente irritado.

Os pais de Mattew caminham em nossa direção com Christopher, Katherine e Kim vindo logo atrás.

— O meu filho ‘tá incomodando vocês? — Diane pergunta, como sempre educada. — Veste essa camisa, Dylan Thompson — o repreende entredentes. — Eu sinto muito, ele não bate muito bem da cabeça.

— Mãe, relaxa. Eu acabei de conhecer uma princesa, sabia?

Dylan fazendo Dylanzices.

— Eu sou Thomas Thompson, pai de Mattew. É um prazer finalmente conhecer os pais da namorada do meu filho.

Namorada?

Encaro Mattew e ele sorri, me puxando pela mão e me dando um abraço.

Eu não sabia que precisava dos Thompson aqui, na mudança dos meus pais, até ver Dylan sem camisa com as suas gracinhas.

EPÍLOGO

"O único lugar que eu chamo de lar, você é.
Toda esperança e sonho que eu já tive, você é.
Em outras vidas, sem sombra de dúvidas,
eu continuarei escolhendo você."

P.S. I LOVE YOU — *Paul Partohap*

MATTEW THOMPSON

Suando frio.

Por mais controlado que eu fosse, eu estava suando frio como nunca tinha acontecido antes.

Eu tenho uma Madison resmungona do meu lado, reclamando da minha demora atrás do volante para chegarmos até a casa dos seus pais, enquanto eu estou tentando repassar todo o plano em que tenho trabalho há muitas e muitas semanas. Estava tudo milimetricamente calculado, mas, de

alguma forma, todo o seu falatório estava fazendo os meus neurônios darem nó.

Imagina só se isso tudo não fosse para ser uma surpresa pra ela.

Já estava sendo complicado o suficiente esconder tudo de Madison, já que, puta merda, a gente não desgruda nem por um diazinho — *graças a Deus por isso, né?*

O negócio é havia chegado a hora.

Não, não.

Acho que a hora já tinha até passado, mas ela era paciente comigo.

Eu estava pronto pra fazer aquilo e honrar não só os meus sentimentos, mas também os sentimentos da mulher que fez e faz coisas comigo que nenhuma outra foi ou é capaz de fazer. Mesmo depois do “eu te amo” eu ainda me via um tanto inseguro quanto aos seus sentimentos e às respostas que eu precisava de Madison.

A insegurança de adolescente nunca passaria... não com ela.

Madison continuava fazendo de mim aquela bagunça completa que só ela tem o poder de colocar tudo no lugar. Eu simplesmente não conseguia mais viver sem ela e a verdade é que a falta de rótulos para nós dois estava começando a me irritar.

Sabe quando você quer gritar pro mundo inteiro que aquela pessoa é sua?

Sua namorada, sua noiva, sua esposa...?

Era o que eu queria fazer.

Não tínhamos o título oficial de namorados por causa da minha maldita insegurança, mas eu estava disposto a passar por cima desse primeiro título de uma vez e lutar pelo título de *seu homem*.

Direto e reto.

Mudo a rota, sorrindo com o plano que fiz com ajuda dos meus próprios sogros. Era agora ou nunca. E, claro, tinha que ser agora, porque eu não era mais um homem que lidaria com “nunca’s” na minha vida.

— Por que você está mudando o caminho?

Sua voz séria está dois tons mais baixa. Ela soa ameaçadora pra caralho, mas eu consigo entendê-la. Sua irritação me dá vontade de rir, só que eu seguro pra não acabar sendo agredido.

Madison está puta comigo por um grande motivo: hoje é aniversário de Mabel.

Nós passamos a semana inteira planejando um aniversário digno de princesa para a, obviamente, princesa Mabel, e hoje eu “resolvi” destruir todos os seus planos de ir coordenar o evento. Inventei mil e uma desculpas, pedi a sua ajuda até mesmo ajoelhado no chão, tudo pra Madison não sair de casa.

Era esse o plano e eu me esforcei por ele.

Tinha que dar certo.

— Eu mudei? — questiono, franzindo o cenho e me fazendo de desentendido.

Já é noite.

Sete e quinze, segundo o painel do meu carro.

— Mattew, eu juro que vou te matar! — grita no pé do meu ouvido. *Eu não posso rir, eu não posso rir, eu não posso rir...* — Por que você ‘tá fazendo isso tudo logo hoje? É sério? Logo no aniversário da Mabel? Você sabe como isso é importante pra ela e até mesmo pra mim! Mas que merda.

Avisto a casa.

— Amor, eu não estou f...

— Não me chama de amor — rosna em minha direção. É capaz de ela me morder a qualquer instante. — Eu não quero saber de mais nada. Só vai logo, idiota.

Encosto o carro em frente a casa branca.

— O que merda você está fazendo agora?

— Essa não é a casa que você comentou sobre quando passamos por aqui na chegada dos seus pais e de Mabel?

— O quê...?

— A porta ‘tá aberta, olha lá!

Aponto, soltando o meu cinto e o seu, escutando mais um grito atrás de mim quando eu saio e bato a porta do carro.

— Você enlouqueceu? — Madison pergunta atrás de mim. Ela tenta me puxar pelo braço, mas eu sigo até a porta sem dificuldade. — Mattew, caramba! Qual é o seu problema?

— A porta ‘tá aberta, amor.

— Eu já disse pra não me chamar disso — cospe. — Para de andar, cacete! Você vai entrar na casa? É literalmente um lugar desconhecido, uma propriedade de outra pessoa. Você não deveria saber disso como advogado?!

— Bom, mas se está aberta quer dizer que a gente pode entrar... — Dou de ombros. — É só pra dar uma olhadinha — paro de andar, olhando para um lado e para o outro, depois encaro Madison, que me encara como se eu estivesse louco pra caralho —, ‘tá vendo? Não tem ninguém... ninguém vai nos pegar aqui.

— A polícia vai nos pegar aqui, seu idi...

— É rápido, bebê.

— Não me chama de bebê também! — ralha.

— Eita, mas que mulher difícil. Eu vou te chamar de quê agora, hein?

— De nada. Não me chama de nada.

Madison cruza os braços.

Entro dentro da casa e olho para trás.

— Você não vem comigo?

— Pra ser presa? — zomba. — Vai você sozinho.

— Maddie...

— Não vou.

— Você vai me deixar ser preso sozinho? Pensei que o nosso lance era de “pra sempre” e “até que a morte nos separe”.

— A gente não é casado.

— É assim, então? — Silêncio. — Então ‘tá. Eu entro sozinho. Mas, se eu for preso, não quero visitas suas, ok?

Lhe dou as costas e avanço mais um passo.

Então outro...

E mais um...

Vai, Maddie...

Eu sei que você não vai me deixar entrar sozinho...

Sua mão segura a minha e eu seguro pela décima vez em menos de cinco minutos, o riso.

— Se a gente for preso, eu vou te odiar pelo resto da minha vida inteirinha.

Por que nós seríamos presos se estamos dentro da propriedade da *sua* família?

— Onde fica o interruptor dessa merda? — resmunga do meu lado. — Eu não tô vendo nada, Mattew. Mas que...

A sua voz é cortada pela luz.

Tudo fica iluminado, de repente, de uma hora para a outra. Nossos familiares, meus amigos, seus amigos... até mesmo Emma está aqui. Encaro a sala espaçosa pra caralho cheia dos rostos conhecidos e preenchida com a decoração que Maddie escolheu com Mabel para o aniversário da pequena.

Solto a sua mão, me afastando alguns pés e sorrindo.

Madison fica sem reação.

A sua carranca dá lugar a uma expressão surpresa que encara tudo e todos como se fizesse parte de um sonho, de um filme, de qualquer tipo de armação. Mas não era nada disso. Essa era a nova casa da sua família. A casa que, desde o dia que ela comentou no carro despretensiosamente, eu fui atrás para saber se o dono estava interessado em vender. Não, ele não estava, mas eu ofereci um pouco a mais de dinheiro do que ela realmente vale e o cara fechou negócio comigo.

O aniversário é de Mabel, mas até mesmo a pequena concordou em fazer aquela surpresa para sua irmã mais velha, dizendo que não se importaria em dividir o seu dia com Maddie contanto que ela dividisse o seu com ela.

E, falando na estrela da noite, ela finalmente aparece, correndo em nossa direção.

Mabel está vestida com alguma fantasia muito bem-feita de alguma princesa da Disney que eu não conheço.

Tudo que eu sei é que ela está muito fofa.

— O-O que está acontecendo aqui? — Madison indaga, me encarando de olhos vidrados.

Ela parece estar a um passo de chorar, como se a ficha não estivesse caindo.

— Você gostou, Maddie? — Mabel retruca, abraçando a irmã pela cintura. — Essa é a nossa casa nova. É enorme e ‘tá toda decorada de princesa!

A gente ri da animação da pequena.

Não adianta, Mabel chama atenção por onde quer que passe.

— Ela... Isso... é sério? — Seus olhos ainda estão em mim.

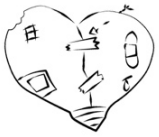
— Sim — concordo.

— Mas... como? Quando? Quando você fez isso... e eles? O meu pai... a minha mãe...

— A gente vai ter muito tempo pra falar sobre isso, dançarina.

Madison se aproxima de mim e me abraça pela cintura.

— Maddie, você quer que eu te mostre a nossa casa? — Mabel questiona a sua irmã, que ri e concorda nos meus braços. — Então, vem comigo.



— Estou aqui me perguntando se você conhece a palavra chamada “limite”...

Solto uma risada, abraçando Madison pela cintura enquanto nós apreciamos a visão privilegiada da varanda do seu quarto. O quintal vasto está cheio dos novos amigos de escola de Mabel, misturado com nossas famílias e amigos próximos.

A música infantil — *provavelmente de princesa* — preenche o ambiente enquanto as crianças estão correndo pra lá e pra cá, indo de um brinquedo para o outro e se divertindo como se não houvesse amanhã.

— Limite? Eu acho que nunca ouvi falar sobre isso. Você já?

— Matt, é sério.

— Eu também estou falando sério, amor. — Enfio o rosto na curva do seu pescoço. Inspiro o seu cheiro doce, sorrindo e beijando a sua pele num estalo. — Você gostou da casa?

— É claro que sim — retruca, manhosa. — A frente é tão parecida com a nossa casa de Phoenix...

— Eu também achei — murmuro.

— Você não precisava fazer isso, Mattew.

— É claro que eu precisava.

— Por que você é tão teimoso?

Sorrio de lado.

— Isso te incomoda? Pensei que já tivesse aceitado o meu jeito meio controlador...

— Não, não me incomoda, mas...

— Maddie, eu queria que hoje fosse um dia mais do que especial — começo a falar tudo que está dentro da minha cabeça. — Eu queria que a gente estivesse em um lugar especial, rodeado de pessoas especiais, em uma ocasião especial...

— Do que você está falando?

Ela me encara sobre o seu ombro.

— Eu estou falando de nós dois.

Madison franze o cenho.

— Nós dois?

— É — concordo. Suspiro, virando o seu corpo totalmente para mim. — Eu ando pensando muito em tudo desde que as coisas começaram a

acontecer entre a gente. Tipo, literalmente tudo... e, minha dançarina, a verdade é que eu não consigo mais me encontrar dentro de mim mesmo sem você. Pra todo canto que eu olho, eu vejo você... eu vejo você comigo de mãos dadas, eu vejo você me beijando, eu vejo a gente transando pra caralho — rimos — ..., eu vejo você dividindo a vida comigo, eu vejo você dividindo os seus medos comigo, eu vejo você construindo uma família comigo. — Seu sorriso meio que trava. — Eu me vejo sendo o seu namorado, Maddie. É o que eu sou. Mas eu também me vejo sendo o seu noivo e, em tempo recorde, o seu marido. Eu me vejo sendo a porra dos pais dos nossos filhos, e eu os quero tanto quanto eu quero você... Eu me vejo, Maddie, mas eu só me vejo com você do meu lado, não importa onde e como for, é só com você.

— *Mattew... o que... você...?*

Me abaixo em um joelho só, puxando do bolso do meu jeans a caixinha que eu tenho deixado guardada a sete chaves e abrindo.

Eu mesmo escolhi os anéis.

— Madison Johnson, minha Maddie, minha dançarina... meu amor... — respiro, tentando engolir o bolo que prega na minha garganta —, você quer casar comigo?

Os olhos castanhos que eu tanto amo se enchem de lágrimas mais uma vez.

Eu odeio ver suas lágrimas, mas eu amo ser o motivo delas quando são de felicidade.

— Isso é sério? — sussurra.

— Eu pareço estar brincando, amor?

Silêncio.

— S-Sim...?

— Você está me perguntando? — brinco.

— Sim, Mattew. Meu Deus? Sim, pelo amor de Deus, eu aceito..., sim, sim, sim...

Ela avança na minha direção, se inclinando e juntando os nossos lábios.

Porra.

Ela disse sim.

Ela disse sim mesmo.

Endireito o meu corpo, puxando-a pra cima num abraço apertado e a girando no ar.

— Caralho — murmuro, roçando as nossas bocas, sentindo tudo dentro de mim pegar fogo. — Você não sabe o quanto eu ensaiei isso...

Madison ri, chorando ali na minha frente.

Eu beijo as suas lágrimas e enxugo cada uma delas.

Com as mãos trêmulas, trocamos alianças e, nesse exato momento, eu já me sinto um homem casado. Como uma palavra pode fazer alguém tão feliz quanto um simples “sim” está me fazendo?

A próxima coisa que eu faço, é puxar Madison até o parapeito e gritar em alto e bom som, com todo fervor que rasga dentro de mim:

— *Ela disse sim, pessoal! Ela disse sim!*

FIM

CONTATO

Para qualquer informação sobre os livros que virão a seguir, entre em contato com as autoras nas redes sociais com apenas um *click*:

@autoraheavenrace

@lauraqueren19

E, por favor, não saia sem avaliar!

Seu *feedback* é importante.